

TIAGO MARTINS DOS SANTOS
SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA



**RELIGIÃO E COMÉRCIO SOB A
PERSPECTIVA CAPITALISTA NA
ERA PÓS-MODERNA**



TIAGO MARTINS DOS SANTOS
SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

**RELIGIÃO E COMÉRCIO SOB A
PERSPECTIVA CAPITALISTA NA
ERA PÓS-MODERNA**

2023 – Editora Unigala

www.unigala.com.br
editoraunigala@gmail.com

Autores

Tiago Martins dos Santos
Sérgio Rodrigues de Souza

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira
Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira
Imagens, Arte e Capa: Freepik/Uniesmero
Revisão: O Autor

Conselho Editorial

Ma. Tatianny Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237r Santos, Tiago Martins dos
Religião e Comércio sob a Perspectiva Capitalista na Era Pós-
Moderna / Tiago Martins dos Santos; Sérgio Rodrigues de
Souza. – Formiga (MG): Editora Unigala, 2023. 266 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-07-3

DOI: 10.5281/zenodo.7633970

1. Religião. 2. Comércio. 3. Perspectiva Capitalista. 4. Era Pós-
Moderna. I. Souza, Sérgio Rodrigues de. II. Título.

CDD: 291.23

CDU: 23

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.unigala.com.br

editoraunigala@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.unigala.com.br/>



**TIAGO MARTINS DOS SANTOS
SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA**

**RELIGIÃO E COMÉRCIO SOB A
PERSPECTIVA CAPITALISTA
NA ERA PÓS-MODERNA**

“A forma de se dirigir ao leitor pode ocorrer de várias maneiras. Há dois aspectos importantes a considerar: um didático e outro pedagógico. O didático vincula-se ao esforço que o autor do texto faz para torná-lo compreensível. Trabalha-se de tal maneira que todos os meios que favoreçam entendimento do leitor e a legibilidade do texto devem ser usados. Neste sentido, também se leva em conta possíveis objeções que poderia ocorrer por parte do leitor. Articulada à primeira, temos a função pedagógica, que visa uma identificação do leitor com as convicções que o autor expõe. O que se pretende é uma conversão do leitor, uma mudança em suas representações, com um discurso que para ele possa tornar-se significativo.”¹

¹ NUNES, Antônio Vidal. *Metodologia da pesquisa educacional* [recurso eletrônico]. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2018, p. 18.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
Dr.C. Sérgio Rodrigues de Souza	
NOTAS INICIAIS.....	11
1 CONCEPÇÕES ACERCA DO CAPITALISMO.....	27
2 A INEVITABILIDADE DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE.....	31
3 O RE-ENCANTAMENTO SOCIAL PELO MUNDO SACRO.....	75
4 O INTERESSE CRESCENTE DO MUNDO CORPORATIVO PELA RELIGIÃO.....	85
5 AS MUDANÇAS CORPORATIVAS EM FUNÇÃO DA RELIGIÃO.....	95
6 A RELIGIÃO DIANTE DO INTERESSE EXTERNO DA EMPRESA COMERCIAL.....	107
7 A MATERIALIZAÇÃO DA RELIGIÃO NA EMPRESA COMERCIAL.....	121
8 ÉTICA E SUAS CONCEPÇÕES.....	131
9 ÉTICA NOS NEGÓCIOS.....	159
10 ÉTICA E ECONOMIA.....	173
11 ÉTICA E RELAÇÕES HUMANAS.....	189

12 A ÉTICA SOB A DITADURA CAPITALISTA.....	195
13 RELIGIÃO E COMÉRCIO SOB A PERSPECTIVA CAPITALISTA NA ERA PÓS-MODERNA.....	203
CONCLUSÃO.....	233
REFERÊNCIAS.....	245

PREFÁCIO

O presente trabalho tem a intenção de discorrer sobre as mudanças mercadológicas advindas dos últimos tempos enquanto analisa a possibilidade de ingressos de empresas ocidentais em mercados protegidos pela fé. Estas mudanças de paradigmas fizeram com que as *holdings* incorporassem novos conhecimentos e novos conceitos sobre religiosidade e as suas formas de expressão nos meios comerciais, fazendo surgir um novo olhar e novas estratégias de *marketing* e formas de abordagens dos consumidores. Nasceram novas formas de se olhar a ética, a vida humana em sociedade, os caminhos para se alcançar o lucro e um nova conceituação para o mesmo.

Estas mudanças estruturais e ideológicas nos sistemas econômicos obedecem às revoluções que vem ocorrendo na estrutura psicológica de determinada parte população, senão nela toda. Em um primeiro momento, ainda na pré-história de cada comunidade, em particular, a geografia determina o que devem buscar e fazer a fim de sobreviverem; mas, com a evolução do pensamento crítico a educação passou a ser uma alavanca que funcionava em efeito reverso à ideologia capitalista e, com a criação do *Welfare state keynesiano* esta sofre um duro golpe na sua já frágil estrutura. De forma que a única estrutura que se manteve rígida ao longo dos anos, décadas, séculos e milênios foi a religião, principalmente nas regiões onde as condições geográficas não permitem ousadias e inovações que venham a por em risco a seguridade da população. Nestas localidades, a expressão cultural se faz muito forte, mas ela necessita de um suporte poderoso que refreie os efeitos da *psique* sobre o meio.

Com o intuito de adentrar estes novos mercados, as corporações necessitam adequar-se aos preceitos culturais

das populações, leis e religião, além de serem apoiados e suportados pelo discurso de maior poder sobre a mente das pessoas daquele espaço; nestes casos o sagrado é o expoente de maior expressão. Daí a explicação do porquê do interesse cada vez mais crescente das empresas sobre as religiões e seu interesse pelo mundo sacro. Este explica-se pela necessidade premente de sobrevivência; porque sem consumo não há porque haver produção e sem esta, o capitalismo corporativista subsiste.

Prof. Dr.C. Sérgio Rodrigues de Souza

NOTAS INICIAIS

As mudanças ocorridas nas estruturas sociais e principalmente nas condições climáticas aliadas ao aumento expressivo das populações, ocasionou necessidade de convivências entre povos que, em tempos passados não comungavam da mesma ideologia e preceitos morais, quer seja por ideologias² políticas, religiosas, o que trouxe como fator preponderante situações de possíveis negociações comerciais, ocasionando a possibilidade de um lado, de países produtores de gêneros de primeira necessidade, adentrar mercados antes protegidos e fechados e por outro, a necessidade destes mercados restritos abrirem suas portas para mercados que antes não eram vistos como possíveis parceiros comerciais.

O que ocorreu é que, esta abertura de mercados, em especial aqueles protegidos por uma fervorosa fé religiosa³

² “A ideologia é o conjunto de ideias fundamentais que caracteriza o pensamento de uma pessoa, de uma coletividade ou de uma época. Também se trata da doutrina filosófica centrada no estudo da origem das ideias. A ideologia tende a conservar ou a transformar o sistema social, econômico, político ou cultural existente. Conta com duas características principais: trata-se de uma representação da sociedade e apresenta um programa político. Ou seja, reflete sobre a forma como atua a sociedade no seu conjunto e, com base nisto, elabora um plano de ação para se aproximar e ir ao encontro daquilo que considera como sendo a sociedade ideal. A noção de ideologia assemelha-se à da cosmovisão, embora esta se refira, para além de a uma cultura inteira, a um indivíduo em particular (o que não é possível pela via da ideologia, já que não existe nenhuma ideologia que pertença a uma única pessoa). O termo ideologia foi criado por Destutt de Tracy para evocar a ciência que estuda as ideias e as relações entre os signos que as exprimem. Posteriormente, Karl Marx transformou a ideologia no conjunto de ideias cuja relação com a realidade é menos importante que o seu objetivo (evitar que os oprimidos percebam o seu estado de opressão). Por isso, Marx afirma que a ideologia dá origem a uma falsa consciência das condições materiais de existência do homem. Neste sentido, a ideologia é uma ferramenta de controlo social para despojar o ser humano da sua liberdade, tornando-o parte de uma massa manipulável” (CHAUÍ, 2000, p. 153).

³ A fé religiosa protege mercados porque as pessoas criam situações sobre os mesmos onde tudo que for contrário àquele modelo criado e cultuado por aquela comunidade é profano. Em sentido oposto, tudo o que for produzido dentro dos

não deu-se de maneira leviana, muito menos sem um planejamento técnico, nutricional, ético, religioso, social. Preocuparam-se, sobremaneira, em proteger suas heranças culturais e em especial os costumes de seus antepassados, especialmente aqueles, diretamente ligados aos hábitos alimentares.

A situação que atualmente ocorre no mundo comercial assemelha-se ao ocorrido quando da queda do mercado internacional, em 1453, provocado pela queda de Constantinopla⁴ que marcou, sobremaneira e simultaneamente, o fim de uma era histórica e o início de uma outra, totalmente desconhecida e repleta de situações inesperadas e inusitadas; muito mais exigente e propensa a fracassos e sucessos; em parte pela extensão do que haveria por vir e outra parte pelo comodismo e segurança que estavam sendo deixados para trás.

Bizâncio era, naquele momento, um centro comercial onde tudo acontecia; era a capital mundial do comércio, *per excellence*. Ali, as mercadorias, oriundos de diversas partes do Mediterrâneo eram expostas e postas à venda, trocados; porém, não se tinha a preocupação de se realizar atividades de *marketing* sobre os produtos ou sobre um determinado, em especial. Era o tipo de comercialização que pode-se chamar, tecnicamente, de *marketing* primitivo, isto é, os produtos estavam expostos, sempre à vista dos clientes em potencial; adquiria quem quisesse, de acordo com sua necessidade. Era um mercado estritamente, profano, não

preceitos daquele conjunto religioso, pode ser consumido sem medo; o que faz com que o consumo esteja ligado a superstições e crenças (Nota do autor).

⁴ A conquista da capital bizantina pelo Império Otomano marcou não apenas a destruição final do Império Romano do Oriente, como também a estratégica conquista crucial para o domínio otomano sobre o Mediterrâneo oriental e os Bálcãs. Até o momento de sua queda, era uma das cidades mais importantes no mundo. Localizada numa projeção de terra sobre o estreito de Bósforo em direção à Anatólia, funcionava como uma ponte para as rotas comerciais que ligavam a Europa à Ásia por terra (N.E.).

havia a menor preocupação em atender aos preceitos religiosos dos povos que ali habitavam.

Com o fim deste poderoso centro comercial, no ano de 1453, ocasionado pela ascensão ao poder pelos turcos otomanos, vários costumes de ordem religiosa acabaram agregados a esta cidade e, conseqüentemente a proibição do comércio de inumeráveis produtos condenados pelas leis islâmicas. Nasce, assim, em um primeiro momento, a necessidade de se descobrir outros centros de consumo onde fosse possível escoar os excedentes da produção européia, mas o germe da religião como determinante da economia de consumo já estava lançado; jamais, nem consumidores nem fornecedores olhariam o mercado da mesma forma; e assim começam as grandes aventuras que se chamaram *cruzadas* pelos historiadores, em busca de desbravamento do Oceano Pacífico e do Oceano Atlântico, o que levou à descoberta de outras nações e civilizações detentoras de costumes, estritamente, diferentes dos recém-chegados.

Nestas novas culturas os costumes eram por demais diferentes daqueles que chegavam e, para compreender e entender estas construções humanas fez-se necessário a observação acurada dos *mores*, dos ritos, dos mitos, das formas de ver e sentir, o que dá origem ao nascimento da Antropologia, uma ciência nascida no campo, através dos navegadores e seus relatos sobre o comportamento dos povos recém-achados.

Mas, estes relatos, apresentados pelos navegantes, se mostravam, de imediato, excêntricos por demais, e foram considerados como fantasiosos, a despeito, também, da mísera formação e qualificação intelectual dos navegadores relatores, o que acabou por dar lugar a um estudo mais aprofundado que buscava, em um primeiro instante, saber como este homem sobrevivia em meio à selva, semi-nu ou

completamente desprovido de roupas e o que comia, como vivia, que deuses adorava, entre outras coisas, vindo a dar origem à Sociologia, que, através dos padres começou a analisar a organização social e descobriram que, tal qual na Europa, no novo mundo a religião era o centro formador, organizador e agregador de tais comunidades. Com isto, tiveram, então, que conhecer, mais a fundo, a religião e os costumes destes povos, para a partir daí, infundir-lhes uma nova religião, infundir neles novos *mores*, agora os dos conquistadores. Ou seja, uma religião teve de ser suprimida para dar espaço a uma nova e, através dela, obter o consumo exasperado de produtos inúteis àqueles povos.

Segundo Eliade Mircea (1907-1986) “as descobertas geográficas dos séculos XV e XVI abriram novos horizontes ao conhecimento do homem religioso. As narrativas dos primeiros exploradores foram reunidas em “coletâneas de viagens” e obtiveram enorme sucesso entre os eruditos europeus.”⁵

Laplantine relata que “a imagem que o ocidental se fez da alteridade (e correlativamente de si mesmo) não parou, portanto, de oscilar entre os pólos de um verdadeiro movimento pendular. Pensou-se, de maneira alternada, que o selvagem: Era um monstro [*assustador*], um ‘animal com figura humana’ (Léry), a meio caminho entre a animalidade e a humanidade, mas também que os monstros éramos nós, sendo que ele tinha lições de humanidade a nos dar; levava uma existência infeliz e miserável, ou, pelo contrário, vivia num estado [*terno*] de beatitude, adquirindo sem esforços os produtos maravilhosos da natureza [*selvagem*], enquanto que o Ocidente era, por sua vez, obrigado a assumir as duras tarefas da indústria; era trabalhador e corajoso, ou essencialmente preguiçoso; não tinha alma e não acreditava

⁵ MIRCEA, Eliade. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 09.

em nenhum deus, ou era profundamente religioso; vivia num eterno pavor do sobrenatural, ou, ao inverso, na paz e na harmonia; era um anarquista sempre pronto a massacrar seus semelhantes, ou um comunista decidido a tudo compartilhar, até e inclusive suas próprias mulheres; era admiravelmente bonito, ou [*muito*] feio; era movido por uma impulsividade criminalmente congênita quando era legítimo temer, ou devia ser considerado como uma criança [*menor*] precisando de proteção; era um embrutecido sexual levando uma vida de orgia e devassidão permanente, ou, pelo contrário, um ser preso, obedecendo estritamente aos *tabus* e às proibições de seu grupo; era atrasado, estúpido e de uma simplicidade brutal, ou profundamente virtuoso e eminentemente complexo; era um animal, um ‘vegetal’ (de Pauw), uma ‘coisa’, um ‘objeto sem valor’ (Hegel), ou participava, pelo contrário, de uma humanidade da qual tinha tudo como aprender.”⁶

E devido a este efeito nocivo da religião européia sobre as culturas recém-achadas, enquanto a Igreja Católica lucrava com isto e a Coroa, também, viveram uma relação, relativamente, harmônica. Mas, no dado momento em que a Igreja toma as rédeas do Estado e a burguesia torna-se agressiva e contrária a esta, porque um novo deus surgia para ditar as regras: o dinheiro, a moeda cunhada. E, com a criação desta e sua produção em larga escala, fluindo para e pelas mãos da nova classe, o poder passou a ter uma mobilidade extrema, permitindo aos comerciantes a terem a religião como empecilho para seus avultados faturamentos, uma vez que esta pregava boas condições de trabalho, justiça e equidade.

⁶ LAPLANTINE, François. A Pré-História da Antropologia: a descoberta das diferenças pelos viajantes do século XVI e a dupla resposta ideológica dada daquela época até nossos dias. In: *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Mas, com o advento de duas guerras em proporções internacionais, em apenas um período de menos de meio século, dentro de um único século (o século XX) e a morte de Deus, anunciada por Frederico Nietzsche, e a morte do homem, anunciada por Michel Foucault, o ser humano perdeu seu foco e o século XX tornou-se o momento mais ateu da história da humanidade, sem contar que a Igreja não quis aderir ao *Welfarestate keynesiano* e neste embate de forças antagônicas e mudanças de paradigmas, a Religião volta a ter o seu *statu* e as empresas compreendem de uma vez que, isoladas desta, a ruína mercadológica poderá ser fato.

Com esta mudança de paradigma surge o *marketing* científico; porém, antes do nascimento deste novo modelo de propaganda houve o período do marketing canibalesco baseado na empurrotepia, que obrigava as pessoas a consumirem o que era oferecido, simplesmente porque um grupo havia decidido que aquilo era a melhor opção e ditava tais regras. Este tipo encarniçado de comércio era devido a um sistema de produção caótico que fazia grandes estoques e depois necessitava expurgar aquele fantasma a que preço fosse. Mas este período passou e trouxe consigo um novo valor agregado, agora imposto pelo cliente/consumidor. Este deixa de ser uma *tabula rasa*⁷ em que se ia depositando

⁷ *Tabula rasa* é uma expressão latina que significa literalmente "tábua raspada", e tem o sentido de "folha de papel em branco". A palavra *tabula*, neste caso, refere-se às tábuas cobertas com fina camada de cera, usadas na antiga Roma, para escrever, fazendo-se incisões sobre a cera com uma espécie de estilete. As incisões podiam ser apagadas, de modo que se pudesse escrever de novo sobre a *tabula rasa*, isto é, sobre a tábua raspada ou apagada. Como metáfora, o conceito de *tabula rasa* foi utilizado por Aristóteles (em oposição a Platão) e difundido principalmente por Alexandre de Afrodísias, para indicar uma condição em que a consciência é desprovida de qualquer conhecimento inato - tal como uma folha em branco, a ser preenchida. Já na Modernidade, o conceito será aplicado ao intelecto, na tese epistemológica que fundamenta o empirismo - vertente filosófica do século XVII, segundo a qual não existem ideias inatas, sendo que todo conhecimento se baseia em dados da experiência empírica. O argumento da *tabula rasa* foi usado pelo filósofo inglês John Locke (1632 - 1704), considerado como o protagonista do

todo o lixo industrial, transformando o próprio indivíduo em lixo, para ser alguém autônomo em suas próprias escolhas e determinado a definir um novo papel na era do consumo consciente, sustentável.

De frente com este novo modelo de cliente, as *holdings*⁸ tiveram que estudar formas de reconquistá-lo e uma maneira foi a humanização do ambiente corporativo, começando pela passagem do capital financeiro para o capital intelectual até chegar-se ao capital humano como maior bem de valor dentro das empresas. Aquelas que se voltaram para os mercados protegidos pela fé tiveram uma surpresa ao ver que mesmo os mercados internos querem estar agregados a corporações que possuem atitudes lícitas e comportamento ético, que preservem o meio ambiente, que ofereça qualidade de vida digna, não somente aos seus funcionários, como também aos seus fornecedores e consumidores/clientes finais, ou seja, que tenham ligação com todo o processo. E estes clientes querem consumir produtos de empresas que expressem uma fé em um ente superior. Com isto, as *holdings* descobriram que a religião é uma forte aliada passando de *marketing* a *merchandising* dos produtos.

Com relação aos mercados consumidores externos, eles estão, na atualidade, não apenas protegidos pela fé, como, também, por leis humanitárias severíssimas; logo, o

empirismo. Para ele, todas as pessoas nascem sem conhecimento algum (i.e., a mente é, inicialmente, como uma *folha em branco*), e todo o processo do conhecer, do saber e do agir é aprendido através da experiência. A partir do século XVII, o argumento da *tabula rasa* foi importante não apenas do ponto de vista da filosofia do conhecimento, ao contestar o inatismo de Descartes, mas também do ponto de vista da filosofia política, ao defender que, não havendo ideias inatas, todos os homens nascem iguais. Forneceu assim a base da crítica ao absolutismo e da contestação do poder como um direito divino ou como atributo inato.

⁸ *Holding* é uma sociedade gestora de participações sociais que administra conglomerados de um determinado grupo. Essa forma de sociedade é muito utilizada por mídias e grandes empresas, com o objetivo de melhorar a estrutura de capital, ou de criar e manter parceria com outras empresas (N.E.).

conhecimento profundo das necessidades comerciais de tais comunidades que, de aldeias globais tornaram-se aldeias culturais, é de vital importância a quem pretenda engendrar relações comerciais. O conhecimento dos preceitos culturais que permitiram-lhes sobreviver a incontáveis e infindáveis intempéries é *conditio sine qua non* para se traçar planos de trabalho e comercialização. Pois, sem o domínio teórico da cultura comercial parceira, sua filosofia, seus credos, é jogar com a sorte às avessas. Até mesmo os mercados ecléticos como o Brasil necessitam de estudos profundos sobre os dogmas religiosos que regem a cultura, como forma de abordar grupos mercadológicos internos mais tradicionais.

Blaise Pascal (1623-1662) relata que “nossa religião é sábia e louca. Sábia, porque é a mais sábia, mais fundada em milagres, profecias, etc... Louca, porque não são absolutamente estas coisas que nos trazem para ela; tudo isto serve, em verdade, para condenar os que se afastam, mas não para fazer crer os que nela estão.”⁹

A era do capital intelectual humano chegou e junto com a globalização veio o medo de perdas de identidade o que fez com que os grupos étnicos e religiosos fechassem-se ainda mais sobre suas culturas, com medo de perder suas identidades e conseqüentemente a proteção de seus manes. Isto trouxe junto uma nova mentalidade, sobre a inter-relação entre a religião e o comércio exterior, porque permitiu ao lado consumidor expressar o seu desejo como alguém dotado de razão e como detentor de uma vontade soberana. E as corporações tiveram e estão tendo que adaptar-se a esta nova situação mercadológica, ancorada, agora, na Psicologia, na Sociologia, na Antropologia e nas relações humanas em geral; porque o foco deixa de ser o

⁹ PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Porto alegre: Editora Globo/INL/MEC, 1973, p. 171.

produto, de modo exclusivo e passa a concentrar-se no cliente-consumidor.

O povo árabe, *v.g.*, é um exemplo claro que, devido à sua crença pode sobreviver a ainda tornar-se soberano em uma terra inóspita. A disciplina e o rigor fizeram deles quem são e chegaram a tal condição obedecendo a preceitos religiosos, logo, jamais abrirão mão deste conceito. E, “para compreender esses valores corretamente, é necessário conhecer as suas fontes religiosas, pois, como sabemos as culturas não-européias, quer orientais quer primitivas, ainda são alimentadas por um solo religioso rico. É por isso que acreditamos que a história das religiões está destinada a desempenhar um papel [*muito*] importante na vida cultural contemporânea.”¹⁰

Com o advento das religiões adentrando as *holdings*, nasce com grande força a ideia de um capital social, tal qual Marx tanto preconizava. De forma que não são apenas aos mercados protegidos pela fé *incontesti* que as corporações têm efetuado estudos e adaptações às suas leis; de uma maneira geral, as certificações internacionais já são passos largos em direção à construção de uma ética e uma moral mais voltada para o desenvolvimento intrínseco de ações mais humanísticas no binômio corporação-clientela.

Segundo Pascal “o homem, *p.e.*, tem relação com tudo que conhece. Necessita de espaço para contê-lo, de tempo para durar, de movimento para viver, de elementos para compô-lo, de calor e de alimento para nutri-lo, de ar para respirar; vê a luz, sente os corpos; em suma, tudo é incluído na sua aliança. [*No entanto*], Para conhecer o homem é necessário, pois, saber por que necessita de ar para subsistir; e, a fim de conhecer o ar, saber por onde se

¹⁰ MIRCEA, Eliade. *Origens - História e Sentido na Religião*. São Paulo: Edições 70, 1996, p. 13.

relaciona com a vida do homem, etc... A chama não subsiste sem o ar; logo, para conhecer uma é preciso conhecer o outro. E assim, dado que todas as coisas são causadas e causantes, ajudadas e coadjuvantes, mediatas e imediatas, e todas se mantêm mutuamente por um laço natural e imperceptível que liga entre si [*desde*] as mais afastadas e diferentes, parece-me impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, do mesmo modo que [*me*] é impossível conhecer o todo sem [*ter que*] conhecer, particularmente, as partes".¹¹

A religião e o comércio passaram nesta nova era de desenvolvimento do capital a ser avaliado nas possibilidades de relação de poder e alcance de processos futuros e harmonia em busca de um novo mercado que se expande, porém, mantêm-se protegido pela hegemonia da fé dos povos que os habitam.

A era pós-moderna, ou seja, a era que nasce após a revolução tecnológica é repleta de idiosincrasias; a maioria delas gerada pela globalização que, *a priori*, as expectativas eram de que viesse a homogeneizar o mundo todo para, em seguida, hibridizar todos os gostos, costumes, religiões e até a própria fé! Porém, ocorreu o contrário e as aldeias globais tornaram-se aldeias culturais dispostas a morrerem em prol de suas raízes históricas. E neste ínterim, o sagrado e o profano tornam-se [*ou revelam-se*] cada vez mais distintos em suas similaridades.

De maneira que o uso de estratégias religiosas como *marketing* e *merchandising* trouxe um pouco de humanismo para dentro das empresas, porque passou-se a conhecer o homem em suas particularidades, conforme o explanado por

¹¹ LAPLANTINE, François. A Pré-História da Antropologia: a descoberta das diferenças pelos viajantes do século XVI e a dupla resposta ideológica dada daquela época até nossos dias. In: *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Pascal; tornando-as, de certa forma, mais transparentes e mais científicas. Para o membro de países protegidos pela fé, trabalhar com uma organização que tenha preceitos religiosos é uma certeza de que não consumirá produtos que poderão suscitar a ira nos seus deuses e atrair castigos severos. Para o consumidor de comunidades ecléticas, como o Brasil, é uma garantia de que os produtos que irão para sua mesa são de origem idônea.

Para o Brasil buscar acesso à chamada sociedade do conhecimento e assim encontrar alternativas criativas e inovadoras para seus graves problemas estruturais, deverá investir adequadamente no desenvolvimento de pesquisas diversas, produzindo conhecimento e recursos humanos qualificados para que se possa, em um futuro próximo, contar com pesquisadores e com educadores capazes de construir e conviver em uma sociedade cada vez mais dinâmica e sequiosa de inovações e que atenda aos pré-requisitos básicos dos preceitos da sustentabilidade orgânico-cultural.

A importância desse trabalho traduz-se em uma preocupação crescente e atual quanto aos rumos que o Brasil tomará dentro do mundo onde a religião e as relações interpessoais mostram-se como disciplinas dos grandes negociadores e atores políticos, ou seja, torna-se, neste novo contexto fundamental entender como o país entrará no mundo da nova economia e da tecnologia da informação adequando-se os parâmetros educacionais e religiosos e aos percalços do realismo político atual; além disso, há escassez de material teórico relativos ao assunto; há uma ausência de referências literárias que problematizam o tema abordado neste livro.

Assim, o presente livro, resultado de profundo estudo investigativo, visa, ainda, abordar e identificar os diversos instrumentos básicos sobre como o paradigma espiritual

poderia influenciar em uma mudança organizacional, em função da religião, no planejamento estratégico¹², visando ao desenvolvimento de uma proposta ideológica de uma empresa, considerando que já existem mercados que se adequaram à religiosidade, mas tal iniciativa ainda se encontra, tão somente, a serviço do capital espoliativo. Tais mudanças efetuar-se-iam no plano gerencial-administrativo, atingindo as outras partes envolvidas de modo a criar um conjunto social de pensamentos focados em um único ponto reflexivo.

Por paradigma espiritual entende-se que pessoas que comunguem o mesmo credo unam-se em prol de uma busca daquilo que acreditam proporcionar-lhes conforto espiritual e defendam tal conceituação como algo a ser seguido porque traduz-se em uma verdade aceita por determinado conjunto de pessoas.

Visto deste ponto o sentido marxista em que a relação social de produção entre capital e trabalho e o papel que joga a mais-valia para o desenvolvimento das forças produtivas, o capital torna-se uma coisa material, isso enquanto uma forma social historicamente determinada.

O que se busca, por meio de tais abordagens, é desenvolver estratégias que privilegiem o desenvolvimento de relações intercambiais entre corporações comerciais e sociedades que encontram-se, na atualidade, ainda sob o jugo da fé incondicional, protegidos por leis religiosas. A questão que se levanta é de que forma pode haver acordos bi-laterais, que satisfaçam a ânsia de ambos e resguardem a ética e a moral das partes envolvidas, ou seja, que a

¹² Nesse sentido o planejamento torna-se o resultado tático da projeção do futuro, mas não se espera que ele resolva o quebra-cabeça estratégico para a empresa; trata-se de um quebra-cabeça dinâmico, cujas peças são encaixadas a cada dia, a cada mês e ano, e não montadas de uma só vez, na elaboração do chamado plano.

empresa tenha os seus ganhos comerciais diretos e o mercado consumidor tenha os seus preceitos religiosos protegidos e respeitados.

O problema central deste livro versa sobre como a religião influencia ou pode influenciar na gestão de negócios de empresas que necessitam atuar em mercados onde a influencia religiosa faz parte da cultura e administração *in company*.

A viabilidade deste estudo mostrou-se relevante pelo fato de que a abertura de mercado provocou também um estrangulamento nas oportunidades daqueles mercados considerados convencionais, deixando, assim, para as mentes criativas os de cunho religioso, que, para adentrá-los faz-se *mister* construir um amplo conhecimento de suas ideologias e prerrogativas.

Para isto, a pesquisa foi realizada numa perspectiva interdisciplinar, por meio do olhar de diferentes áreas, na interface entre as Ciências das Religiões e a Ciências Administrativas, a Antropologia, as Ciências Sociais, a Psicologia, buscando a produção de um material teórico (conhecimento) que possa contribuir para com os novos acadêmicos e ao mundo científico, de forma a humanizar os negócios em que há interferência das religiões, propor alternativas de câmbio entre as partes envolvidas, não deixando de lado o interesse pessoal em adquirir bagagem teórica acerca do tema abordado.

A hipótese defendida é a de que conhecendo as perspectivas e prerrogativas dos mercados (em potencial) protegidos pelas mais diversas culturas religiosas ortodoxas, torna-se possível criar e implantar estratégias de negociação que atenda a ambos os mercados sem ferir suas respectivas culturas e os interesses intrínsecos das partes envolvidas na negociação, possibilitando, assim, estreitar laços comerciais

e humanísticos e abrir novas perspectivas de comércio internacional.

A análise histórica da integração das religiões e dos negócios é uma atividade complexa que envolve uma série de variáveis endógenas e exógenas, todas extrapolando os conceitos de crescimento econômico e englobando também conjunturas culturais, políticas e sociais. Neste contexto de análise multidisciplinar e multilateral começam a configurar-se temas como: Inevitabilidade da Religião, Mercado, Negócios, Ética; Ética nos negócios.

Mostra-se de modo bastante natural que todas as organizações tenham que desenvolver, independentemente de seu porte, algum tipo de planejamento. No entanto, em vários casos, os planos estão presentes apenas na mente dos dirigentes que, na maioria das vezes ou são míopes, ou são ignorantes mesmo dos aspectos abrangentes relativos às construções histórico-culturais dos mercados em que atuam ou dos mercados potenciais de atuação e, em outros casos, os planejamentos estão escritos e formalizados.¹³

Almeida¹⁴ diz que as grandes empresas, mesmo que não tenham o planejamento estratégico formal, normalmente desenvolvem atividades ligadas ao processo, enquanto que as pequenas empresas dificilmente fazem uma reflexão estratégica e, quando o fazem, para surpresa do pequeno empresário, muitas vezes descobrem que com pequenas mudanças de rumo podem alterar, por completo, o que se obtém como resultado. Assim, conclui o autor que, o resultado da utilização do planejamento estratégico na pequena empresa é muito relevante. Fica, então, notório a importância da ética no desenvolvimento das organizações,

¹³ MEYER, S. B. O conceito de Análise Funcional. In: Delitti, M. (Org). *Sobre o Comportamento e Cognição*, Vol. 2. Santo André: Arbytes, 1997.

¹⁴ ALMEIDA, Martinho Isnard Ribeiro de. *Manual de Planejamento Estratégico*. São Paulo: Atlas, 2001.

da postura que as empresas adotam para terem uma conduta ética nos negócios e dos instrumentos de aplicação da ética nas empresas. Segundo Moreira¹⁵ o comportamento ético nos negócios é esperado e exigido pela sociedade, pois é a única forma de obtenção de lucro com respaldo moral.

Nash¹⁶ avalia que muitos empresários, de grandes corporações, vêm buscando resgatar os valores morais compreendidos pela conduta ética aplicada aos negócios: honestidade, justiça, respeito pelos outros, compromisso cumprido, confiabilidade, entre outros. A aplicação da ética nos negócios consiste num diferencial competitivo, que pode determinar a permanência, ou não, da empresa no mercado. Confiança e credibilidade serão os diferenciais nas relações de negócios no terceiro milênio.

Com a abrangência da atuação dos diversos meios de comunicação em massa e a necessidade crescente dos mercados protegidos por leis religiosas centenárias e até milenares se verem obrigados a abrirem suas portas ao mercado externo, considerando que suas fontes naturais de produção encontram-se esgotadas ou limitadas por fatores de ordens econômicas, geográficas, estruturais e humanas a oportunidade de ampliação das relações comerciais e humanístico-culturais apresenta-se como uma forma de as corporações mostrarem a estas comunidades que é possível realizar grandes acordos comerciais respeitando a fé local e para eles manterem-se dentro de seus preceitos ético-religiosos.

A proposta destas empresas é atender às demandas comerciais de povos que encontram-se em mercados que, originalmente, não negociavam com países estrangeiros por

¹⁵ MOREIRA, J. M. *A ética empresarial no Brasil*. São Paulo, Pioneira, 1999.

¹⁶ NASH, L. L. *Ética nas empresas: boas intenções à parte*. São Paulo, Makron Books, 1993.

causa de suas premissas religiosas. As principais barreiras a serem superadas são referentes aos quesitos sanitários e de costumes de alimentação (tipo de alimentos, tipo de produção, processos de industrialização).

As empresas pós-modernas buscam aliar-se ao sistema religioso com fins de ampliarem seus campos de atuação, enquanto que os mercados protegidos pela fé abriram suas portas ao sistema capitalista, negociando com este, a fim de manterem suas culturas longe do estigma da extinção, uma vez que suas respectivas capacidades de produções de gêneros alimentícios tornaram-se insuficientes para sustentarem uma população cada vez mais crescente.

Este livro tem a intenção de contribuir, por meio de suas propostas, para o resgate dos valores e princípios éticos e morais no sentido de orientar a conduta de profissionais e empresas, com vistas à humanização das relações nos negócios, que dependem de religiões para ampliar ou firmar o mercado de atuação das empresas.

CONCEPÇÕES ACERCA DO CAPITALISMO

O capitalismo é [*supostamente*] um amplo sistema econômico em que os meios de produção e distribuição são de propriedade privada e com fins lucrativos; decisões sobre oferta, demanda, preço, distribuição e investimentos não são feitos pelo governo, os lucros são distribuídos para os proprietários que investem em empresas e os salários são pagos aos trabalhadores por estas.¹⁷ O termo *capitalismo* foi criado e utilizado para identificar um tipo de sistema político-econômico existente na sociedade ocidental.

Alguns definem o capitalismo como um sistema onde todos os meios de produção são de propriedade privada, outros o definem como um sistema onde apenas a *maioria* dos meios de produção está em mãos privadas, enquanto outro grupo se refere a esta última definição como uma economia mista com tendência para o capitalismo.¹⁸

A existência da propriedade privada, que caracteriza a existência do Capitalismo implica o direito de controlar a propriedade, incluindo a determinação de como ela é usada, quem a usa, seja para vender ou alugar, e o direito à renda gerada pela propriedade. O capitalismo também se refere ao processo de acumulação de capital. Não há consenso sobre a definição exata do capitalismo, nem como o termo deve ser utilizado como categoria analítica. Há, no entanto, certa

¹⁷ DELLAGNEZZE, René. O estado de bem estar social, o estado neoliberal e a globalização no século XXI. Parte I: o estado clássico. *In: Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XV, n. 107, dez 2012.

¹⁸ Dentro destes conceitos tem-se a ideia de Estado Liberal, com participação mínima do Estado na economia; tem-se a idéia de Estado Produtor; Estado Regulador; e Estado misto, onde atua como um agente capaz de corrigir as falhas provocadas pelo mercado liberal (N. E.).

controvérsia na ideia de que a propriedade privada dos meios de produção, criação de produtos ou serviços com fins lucrativos em um mercado, preços e salários, são elementos característicos do capitalismo.

O capitalismo é a forma mais elevada de alienação do trabalho. Em nenhum sistema precedente houve uma exploração mais aberta – e, no entanto mascarada – do trabalho. Se, nos sistemas precedentes, a exploração do trabalho estava disfarçada em obrigações ou relações pessoais, no capitalismo ela está presente, nua e crua, na compra aberta da força de trabalho de uma pessoa pela outra. Porém, a ideologia que habita neste modo de produção, espantada com o trabalho não pago nos demais modos, oculta o trabalho não pago no próprio capitalismo. Ao contrário do que pensam alguns, entretanto, ele não é o produto da evolução natural de uma característica intrínseca à condição humana – a divisão do trabalho.¹⁹

Não há um país que seja completamente capitalista, que defenda consistentemente os princípios do sistema político dos direitos individuais. Há, no entanto, países que se aproximam muito deste ideal, e outros que não o vêem nem ao longe. Nos países mais livres, há setores da economia que são estritamente Capitalistas – em que por algum motivo o governo não interfere.

No mundo atual não existe nenhum país que seja completamente Capitalista. Na história, a nação que mais se aproximou deste sistema político-econômico foram os Estados Unidos da América, no século XIX. O que se encontra, na atualidade, no mundo ocidental são grandes economias mistas, em que os direitos de propriedade e liberdade individual são violados pelos governos [*e/ou por*

¹⁹ DELLAGNEZZE, René. O estado de bem estar social, o estado neoliberal e a globalização no século XXI. Parte I: o estado clássico. *In: Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XV, n. 107, dez 2012.

seus mecanismos de intervenção] em maior ou em menor grau.

Disto, infere-se que o Capitalismo não é um sistema. A existência de bancos, empresários, indústrias, dinheiro, trabalho assalariado, juros, nada disto precisa ser ou estar estabelecido pelo governo. Todas estas coisas surgem no Capitalismo, mas não são elas que fazem de uma economia capitalista. Não se pode caracterizar o Capitalismo por seus sintomas, pois não é possível estabelecer estas e outras instituições típicas do Capitalismo pela força governamental.

O Capitalismo só pode ser identificado por suas causas, ou seja, pelo sistema político que o origina. Em um dado contexto, se os agentes econômicos têm assegurados seus direitos individuais, então suas relações produtivas são capitalistas. Na medida em que seus direitos relacionados à vida, à propriedade e à liberdade são ameaçados, suas relações deixam de ser capitalistas.²⁰

²⁰ NASCIMENTO, Adriano; FIDÉLIS, Thays. Dignidade humana e direitos fundamentais: do estado liberal ao estado social de direito. In: RIBEIRO, Mara Rejane; RIBEIRO, Getúlio Couto (Orgs). *Educação em Direitos Humanos: Diálogos interdisciplinares*. Alagoas: EDUFAL, 2012.

II

A INEVITABILIDADE DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A religião é um fenômeno presente em todas as culturas e civilizações, de todos os tempos. As diferenças entre as várias religiões derivam da maneira como cada uma concebe o mundo superior e as relações entre ela e os homens. É a forma mais forte de manter os homens na linha equânime da desequilibrada situação social. Charles Darwin (1809-1882) chegou a afirmar que a fé [não a religião] pode ter sido a grande responsável pela sobrevivência da espécie humana.²¹

Para Sérgio Gregório, “religião é [simplesmente] a crença na existência de uma força superior considerada como criadora do Universo. Trata-se de uma experiência universal da humanidade, [sendo que] através da qual tenta-se compreender os mistérios que envolve o homem e o seu relacionamento com o Criador. [Entretanto] essa crença, sendo manifestada de diversas formas, torna duvidoso o significado etimológico da palavra ‘religião’. Alguns acham que ela deriva de reler, isto é, a atenta e cuidadosa observância dos rituais; outros acham que vem de reeleger, ou seja, opção básica de vida diante de sua meta última; outros ainda acham que procede de religar, ou seja, a vinculação do homem com sua origem e destino.”²²

A religião nasce no exato instante em que o homem vê-se totalmente perdido e sem um lugar na natureza e sem respostas aos seus questionamentos mais intrínsecos e que

²¹ REVISTA VEJA. *A fé e a humanidade*. São Paulo: Editora Abril, 2005. Edição n.º 1867.

²² GREGÓRIO, Sérgio Biagi. *Religião e Vivência Religiosa*. In: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/sergio-biagi/artigo-religiao.html>. Acesso em 01/03/2021, p. 06.

recusam a abandoná-lo. No início o pai tornava-se um deus tão logo morresse. Para ter seus conselhos, sua proteção e sua comiseração teve que criar artifícios que o ligavam ao olvidado de alguma forma, mas na verdade esta era uma religião, considerando que ambos já estiveram ligados em vida.

Mas, como tudo que quando nasce tem um propósito puro e com o tempo se deturpa, com a religião não foi diferente. Tornou-se com o tempo sarcástica, mesquinha, abusiva, tão logo as famílias adquiriram poder seus deuses subjugaram os outros transformando famílias inteiras em escravos, casamentos poligínicos e outras atrocidades.

Segundo Chico Xavier “a religião é o sentimento divino que prende o homem ao Criador. As religiões são organizações dos homens, falíveis e imperfeitas como eles próprios; dignas de todo o acatamento pelo sopro de inspiração superior que as faz surgir, são como gotas de orvalho celeste, misturadas com os elementos da terra em que caíram. Muitas delas, porém, estão desviadas do bom caminho pelo interesse criminoso e pela ambição lamentável dos seus expositores; mas, a verdade um dia brilhará para todos, sem necessitar da cooperação de nenhum homem.”²³

Na sabedoria oriental chinesa afirmava-se que o homem ao nascer é, por natureza, radicalmente bom. Nisto, todos são iguais; mas ocorre que, na prática, se diferenciam grandemente. Complementando este raciocínio, Rousseau, escreveu, em 1762, que “tudo é perfeito quando sai das mãos do criador da natureza, porém, tudo se degenera nas mãos do homem. Obriga a uma terra a que dê o que deve produzir outra, a que uma árvore dê um fruto diferente; mistura e confunde os climas, os elementos e as estações,

²³ XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel (Dissertações Mediúnicas)*, pelo Espírito Emmanuel. 9. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981, p. 37.

mutila [*castra*] seu cachorro, seu cavalo e seu escravo; o altera e desfigura por completo; ama a deformidade, o monstruoso; não quer nada como saiu da natureza, nem ao próprio homem, a quem submete a seu capricho, como as árvores de seu jardim. De outra forma, tudo seria pior, uma vez que nossa espécie não deseja ser formada por médias. No estado em que estão as coisas, um homem abandonado desde seu nascimento à sua própria sorte seria o mais desfigurado dos mortais; as preocupações, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais, nas que estamos submergidos, se apagariam no seu modo natural de ser e não colocaria nada em seu lugar que as substituíssem. Seria como um arbusto que, por azar, tenha vindo a nascer no meio do caminho e que os transeuntes, sacudindo-o em todas as direções, o matariam.”²⁴

Diferentemente do que a maioria das pessoas e mesmo dos cientistas crêem, o córtex humano não se desenvolveu para ser um aspecto de cognição superior, mas para ser vir como uma consciência ética. Segundo Eiseley, o homem nunca poderia ter atingido o seu alto nível cultural graças somente ao seu cérebro superior.

Quando o homem possuía tão somente o cérebro reptiliano ele fazia apenas três coisas em situações normais: *comer, dormir, reproduzir*. E somente uma em tempos difíceis: *fugir*. Mas, a natureza sabe-se lá por que, dotou esta criatura de um sistema límbico, que sentia emoções e estas emoções passaram a provocar no ser humano um sentimento estranho, mas era bom...

Assim, ele começou a se defender dos animais que lhe eram hostis, passou a dominar o seu medo e estes sentimentos foram tomando proporções de sarcasmo. O seu

²⁴ ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da Educação*. In: LIVRODOT.COM, 2004, p. 04.

novo poder lhe enchia o espírito de uma satisfação mórbida, uma sede que não tinha mais fim... Só para se ter uma ideia [*aproximada*] desta fúria, o homem de Neanderthal extinguiu o mamute em apenas mil anos. Perseguir a fera, ver o medo estampado em seus olhos, dava-lhe um prazer que chegava ao êxtase erótico, semelhante ao que era experimentado pelos torturadores de bruxas na Idade Média.²⁵

Quando se esgotou o estoque de feras para este ser, dominado por um desejo mórbido e avultado de sangue e prazer, perseguir, acuar e matar, ele se virou contra os seus iguais e começou uma guerra contra os seus próprios... Primeiro contra os mais fracos, as crianças, depois contra as mulheres... Para evitar a própria extinção, já que esta se tornaria inevitável, afinal, não se podia confiar mais em nenhum membro do seu próprio clã...; o cérebro criou uma superestrutura, com poderes ilimitados, o *córtex cerebral*, capaz de deter, até mesmo, a besta assassina que se desenvolveu na espírito humana, o que representou uma verdadeira revolução na história da humanidade [*para o senso comum, passou a chamar-se de consciência, Deus; para os psicanalistas, superego*].²⁶

Logo após o homem desenvolver o córtex, passou por um período, relativamente, longo de paz, o que o permitiu se agrupar em hordas cada vez maiores e, com isto até puderam erigir cidades, domesticar animais e plantas; as mulheres puderam desenvolver o orgasmo...; porém, a besta enjaulada se debatia incessantemente sob a pele deste novo ser e acabou por virar e destinar seu ódio contra o seu igual pelo motivo mais fútil: a satisfação pessoal...

Esta revolução causada pelo próprio cérebro se deve à necessidade de preservação da própria espécie. Mas,

²⁵ Cf. SOUZA, S. R. *A Ética e Suas Implicações na Formação da Condição Humana*. Mutum: Expresso Gráfica, 2012.

²⁶ Idem, 2012.

mesmo esta superestrutura se mostrou frágil contra o desejo exacerbado de satisfação a qualquer custo que havia nascido no homem. Para sobreviver ele faz mais uma nova revolução: “o homem se volta para o sobrenatural, para o inexplicável.” Esta nova reviravolta foi para unir o homem, já que este se encontrava totalmente sem confiança nos seus iguais e o único direito que ele conhecia era o do mais forte. Olhando sob esta ótica, faz sentido a afirmação de Darwin acerca de que a fé pode ter sido em maior ou menor grau uma das forças responsáveis pela conservação da espécie humana.

Já a partir da necessidade de se criar um equilíbrio entre os homens surgiu o macho-alfa que auto proclamou-se superior aos demais e criou leis severas para punir os infratores desta nova ordem. Este líder desenvolveu uma ética embasada na igualdade. Mas, nem mesmo assim, o instinto de morte foi contido, o que levou o ser humano como fim último pela manutenção da paz e da ordem e da sobrevivência da espécie partir para o sagrado!

Na concepção de Freud foi algum indivíduo, na urgência de seu anseio, levado a libertar-se do grupo e a assumir o papel de líder. Para ele, quem conseguiu isso foi o primeiro poeta épico e o progresso foi obtido em sua imaginação. Esse poeta disfarçou a verdade com mentiras consoantes com seu anseio: inventou o mito heróico.²⁷

Ele argumenta que, “a peculiaridade mais notável apresentada por um grupo psicológico é a seguinte: sejam quem forem os indivíduos que o compõem, por semelhantes ou dessemelhantes que sejam seu modo de vida, suas ocupações, seu caráter ou [*mesmo*] sua inteligência, o fato de haverem sido transformados num grupo coloca-os na

²⁷ FREUD, Sigmund (1925-1926). *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XVIII, p. 08.

posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro dele, [se] tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento. Há certas ideias e sentimentos que não surgem ou que não se transformam em atos, exceto no caso de indivíduos que formam um grupo. O grupo psicológico é um ser provisório, formado por elementos heterogêneos que por um momento se combinam, exatamente como as células que constituem um corpo vivo, formam, por sua reunião, um novo ser que apresenta características muito diferentes daquelas possuídas por cada uma das células [analizadas] isoladamente.”²⁸

Segundo Le Bon, para se fazer um juízo correto dos princípios éticos do grupo, há que levar em consideração o fato de que, quando indivíduos se reúnem num grupo, todas as suas inibições individuais caem e todos os instintos cruéis, brutais e destrutivos, que eles jaziam adormecidos, como relíquias de uma época primitiva, são despertados para encontrar gratificação livre. Mas, sob a influência da sugestão, os grupos também são capazes de elevadas realizações sob forma de abnegação, desprendimento e devoção a um ideal objetivado. Ao passo que com os indivíduos isolados o interesse pessoal é quase a única força motivadora que existe, nos grupos ele muito raramente é proeminente. É possível afirmar que um indivíduo tenha seus padrões morais elevados por um grupo. Ao passo que a capacidade intelectual de um grupo está sempre muito abaixo da de um indivíduo, sua conduta ética pode tanto

²⁸ LE BON, Gustave. *Psychologie du Socialisme*. Paris: Félix Alcan, 1920, p. 29. (Apud FREUD, Sigmund (1925-1926). *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 09. Vol. XVIII).

elevar-se muito acima da conduta deste último, quanto cair muito abaixo dela.

Um grupo, ainda, encontra-se muito sujeito ao poder verdadeiramente mágico das palavras, que podem evocar as mais formidáveis tempestades na mente grupal, sendo também capazes de apaziguá-las. A razão e os argumentos são incapazes de combater certas palavras e fórmulas. Elas são proferidas com solenidade na presença dos grupos e, assim que foram pronunciadas, uma expressão de respeito se torna visível em todos os semblantes e todas as cabeças se curvam. Por muitos, elas são consideradas como forças naturais ou como poderes sobrenaturais. A este respeito, vê-se o que os historiadores dizem sobre Péricles, que sua voz soava como trovão, ao invocar a proteção dos deuses. E, na tragédia de Sófocles, *Édipo Rei*, observamos como Édipo evoca a plenos pulmões toda a sorte de maldições para que recaia sobre o assassino de Laio.

De acordo com S. Freud²⁹, o próprio Le Bon estava pronto a admitir que, em certas circunstâncias, os princípios éticos de um grupo podem ser mais elevados que os dos indivíduos que o compõem, e que apenas as coletividades são capazes de um alto grau de desprendimento e devoção. Outros escritores aduzem o fato de que apenas a sociedade ou o coletivo tem poder suficiente para prescrever quaisquer padrões éticos para o indivíduo, enquanto que, via de regra, este fracassa, de uma maneira ou de outra, em mostrar-se à altura de suas elevadas exigências.

Radamanto, um dos três juízes infernais na cultura grega, rei da Etiópia, foi o criador da *Lex Talione* (Lei de talião, lei do igual), que pregava *um olho por um olho, um dente por um dente*, ou seja, o castigo será na mesma

²⁹ FREUD, Sigmund (1925-1926). *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 18. Vol. XVIII).

medida do crime cometido. Ele era um rei extremamente justo, o que nos leva a supor que esta lei foi criada como forma de frear o número de homicídios, que excedia o *tolerável*. E nem mesmo a iminência da morte fez os crimes diminuírem, pois mais tarde ele passa a se retirar para cavernas isoladas, com o intuito de prescrever novas leis e para o povo dizia que estas lhes foram ditadas pelo próprio Zeus.

Esse macho-alfa que se auto proclamou chefe de seu grupo passou a ser dono de um misterioso poder (que ainda hoje é muitas vezes popularmente descrito como 'magnetismo animal') e deve ser o mesmo poder encarado pelos povos primitivos como a fonte do tabu, o mesmo poder emanante dos reis e chefes de tribo e que torna perigoso o aproximar-se deles (*mana*), porque é precisamente a visão do chefe que é perigosa e insuportável para os povos primitivos, tal como, mais tarde, a da Divindade é para os mortais. O próprio Moisés teve de agir como intermediário entre seu povo e Javé, de vez que o povo não poderia suportar a visão divina, e quando retornou da presença de Deus seu rosto resplandecia: um pouco do *mana* lhe havia sido comunicado, tal como acontece com o intermediário entre os povos primitivos.

Para poder efetivar este nascimento do sagrado, criou um conjunto de histórias onde mostrava uma figura benfazeja e ao mesmo tempo iracunda, caso seu conjunto de regras e normas não fossem obedecidos à risca. A este conglomerado de leis sacras deu-se o nome de *ética* e ao seu cumprimento *conduta ética* e aos cidadãos que as respeitassem de *éticos*.

A partir daí, os líderes passaram a se retirar e a trazer novas leis, que combatessem as injustiças sociais. E os sacerdotes diziam ser estas leis ditadas pelos próprios deuses, e a sua clareza e justeza bem como adaptação aos

problemas sociais inerentes àquele exato momento era justificado pelo fato de estarem os deuses nos céus; logo, tudo viam e ouviam. O que ocorria na verdade é que todos os clamores do povo chegavam aos ouvidos do líder; logo, as leis eram feitas com base em conhecimentos empíricos do próprio legislador.

Wilde afirma que, “uma boa influência é coisa que não existe. Toda a influência é imoral, imoral sob o ponto de vista científico. Porque exercer a nossa influência sobre alguém é darmos a própria alma. Esse alguém deixa de pensar com os pensamentos que Lhe são inerentes, ou de se inflamar com as suas próprias paixões. As suas virtudes não Lhe são reais. Os seus pecados - se é que os pecados existem - são emprestados. Tal pessoa passa a ser o eco da música de outrem, o actor de um papel que não foi escrito para si. O objectivo da vida é o nosso desenvolvimento pessoal. Compreender perfeitamente a nossa natureza - é para isso que estamos cá neste mundo. Hoje as pessoas temem-se a si próprias. Esqueceram o mais nobre de todos os deveres: o dever que cada um tem para consigo mesmo. É certo que não deixam de ser caritativos. Dão de comer aos que têm fome e vestem os pobres. Mas as suas almas andam famintas e nuas. A coragem desapareceu da nossa raça. Ou talvez nunca a tivéssemos tido. [*Uma vez que*] o temor da sociedade, que é a base da moral, o temor de Deus, que é o segredo da religião - eis as duas coisas que nos governam.”³⁰

Wilde deixa bem claro que toda influência tem uma intenção subentendida em suas premissas, o que gera ideias de manipulações e controles. E prossegue, dizendo que “[...] se um homem devesse viver a sua vida em toda a

³⁰ WILDE, OSCAR. *O Retrato de Dorian Gray*. Lisboa (Portugal): Abril ControlJornal, 2000, p. 15.

plenitude, dar forma a todos os sentimentos, expressão a todos os pensamentos [*que o incomodam*], realidade a todos os sonhos, creio que o mundo ganharia um novo impulso de alegria que nos levaria a esquecer todos os males do [*terrível*] medievalismo e a regressar ao ideal helénico. Talvez mesmo a algo mais refinado e mais rico que o ideal helénico. Mas o mais ousado de todos nós teme-se a si mesmo. O selvagem mutilado que nós somos sobrevive tragicamente na auto-rejeição que frustra as nossas vidas. Somos punidos pelas nossas rejeições. Todo o impulso que esforçadamente asfixiamos fica a fermentar no nosso espírito, e envenena-nos. O corpo peca uma vez, e mais não precisa, pois a acção é [*ou se torna*] um processo de purificação. E nada fica, a não ser a lembrança de um prazer, ou o luxo de um pesar. Ceder a uma tentação é a única maneira de nos libertarmos [*verdadeiramente*] dela. Se lhe resistimos, a alma enlanguesce, adocece com as saudades de tudo o que a si mesma proíbe, e de desejo por tudo o que [*todas*] as suas leis monstruosas converteram em monstruosidade e [*em*] ilegalidade. Diz-se que as grandes realizações deste mundo ocorrem no cérebro. É também no cérebro, e só aí, que ocorrem os grandes erros do mundo.”³¹

Esta mesma riqueza de possibilidades a que estão submetidos os seres humanos; esta infinita flexibilidade de atos humanos, representa, também, um sério perigo para o próprio ser em questão. Numa sociedade em [*constante*] mudanças, que perde seus padrões de moralidade ou vê-se na contingência de substituí-los, a extraordinária capacidade humana pode favorecer o indivíduo exagerado, na tendência ao desenvolvimento das possibilidades e angariação do poder individual, pela utilização dos recursos racionais e

³¹ WILDE, OSCAR. *O Retrato de Dorian Gray*. Lisboa (Portugal): Abril ControlJornal, 2000, p. 15.

técnicos. A sociabilidade debilita-se, então, dando margens a lutas egoístas que, fatalmente, redundam em prejuízos da própria espécie que se vê ameaçada de, como forma última de sobrevivência, retornar à barbárie. Daí afirmar que a religião é *conditio sine qua non* para o equilíbrio das equações humanas. Na Grécia Clássica, toda vez que duas pessoas fechavam um negócio, a deusa Palas Atena era invocada para testemunhar e oferecer garantias de que estava havendo respeito e equidade na negociação.

William James³² considerava a religião como os sentimentos, atos e experiências dos homens individuais na sua solidão, enquanto se apreendem na relação no que quer que considerem como sendo o divino. A religião não é apenas um fenômeno individual, mas também um fenômeno social. A igreja, o povo escolhido (o povo judeu), o partido comunista, são exemplos de doutrinas que exigem não só uma fé individual, mas também adesão a um certo grupo social.

A palavra *religião* é oriunda do latim clássico *religare*, significando religação, com o divino, com o sagrado. É um conjunto de sistemas culturais e de crenças, além de visões de mundo, que estabelece os símbolos que relacionam a humanidade com a espiritualidade e os valores morais.

Segundo Maduro³³ o termo religião é “um vocábulo situado histórica, geográfica, cultural e demograficamente no seio de uma certa comunidade linguística e que é esta situação particular que dá o sentido ao vocábulo; um sentido rico, mas, no fundo, um sentido [*ainda*] complexo, variável, multívoco e [*muito*] confuso. É uma estrutura de discursos e práticas comuns a um grupo social referentes a algumas

³² William James (1842-1910). Um dos fundadores da psicologia moderna e importante filósofo ligado ao Pragmatismo.

³³ MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1983, p. 31.

forças (personificadas ou não, múltiplas ou unificadas) tidas pelos crentes com anteriores e superiores ao seu ambiente natural e social, frente às quais os crentes expressam certa dependência (criados, governados, protegidos, ameaçados etc.) e diante das quais se consideram obrigados a um certo comportamento em sociedade com seus 'semelhantes'".

Segundo Soares, Navarro & Ferreira³⁴ o capitalismo, subsidiado pela ciência moderna e pela tecnologia moderna, consolidou processos de desumanização da natureza e desnaturamento do homem, elaborados pelas etapas da construção da ciência moderna, baseada no racionalismo, isto é, produziu-se um processo dicotômico confirmando externalidades recíprocas entre o homem e a natureza, ou seja, o homem passou a ser entendido como ser excluído do conceito de natureza, estando acima desta, pela presunção de superioridade por sua propriedade racional, legitimando a degradação da natureza, como se a mesma devesse-lhe uma custódia, levando-a a ser percebida, de uma maneira profana e leviana, como fonte inesgotável dos mesmos recursos, uma vez que, considerava-se que a natureza possuía mecanismos e engrenagens, tal como as máquinas, que a capacitava a reproduzir-se eternamente de maneira homogênea. Na verdade passou a ser considerada como uma inimiga que deveria ser vencida a custos de pesados insumos e técnicas. E neste ínterim, seu semelhante, que se firma como um meio de fazer esta engrenagem funcionar desapidadamente, torna-se objeto de exploração e meio de maiores ganhos por uma minoria que não produz um nada.

Esta postura gera um estranho paradigma, em que o ser humano passa a ser interpretado e compreendido como

³⁴ SOARES, Bernardo Elias; NAVARRO, Marli Albuquerque; FERREIRA, Aldo Pacheco. Desenvolvimento Sustentado e Consciência Ambiental: natureza, sociedade e racionalidade. *Revista Ciências e Cognição*, vol.2, ano 1, 31 de julho, 2004, p.02.

coisa pensante, responsável único por manter a máquina em movimento, mas sem saber o que produz e para que produz, ou seja, tudo o que realiza não possui para ele, qualquer fim pragmático.

De acordo com E. Morin³⁵, “o paradigma efetua a seleção e a determinação da conceptualização [*dos temas*] e das operações lógicas. [*Junto com tudo isto*], designa as categorias fundamentais da inteligibilidade e [*também*] opera o controle de seu emprego. Assim, os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles. Desempenha um papel ao mesmo tempo subterrâneo e soberano em qualquer teoria, doutrina ou ideologia. O paradigma é inconsciente, mas irriga [*todo*] o pensamento consciente, [*de forma que*] controla-o e, neste sentido, é também supraconsciente. Instaura relações primordiais que constituem axiomas, determina conceitos, [*ao mesmo tempo em que*] comanda discursos, e/ou teorias.”

Para Eric Fromm, “o fenômeno religioso pode ser entendido como algo de que o ser humano [*literalmente*] não pode prescindir, um elemento natural de sua existência.” Admite, porém, que nem todas as religiões provocam o bem-estar do Homem, pois algumas, as que classifica como autoritárias, desfavorecem a evolução e o crescimento da Humanidade. “A religião que pode ser considerada como humanista estimula o aprimoramento de todas as instâncias racionais e fundamenta seus alicerces no ser humano e em seu potencial, conduzindo-o na seara do conhecimento de si mesmo, do outro e de seu lugar na esfera da criação. A religião saudável é aquela que ajuda a fortalecer o Homem em sua busca da realização pessoal. Enquanto no âmbito da instituição autoritária prevalecem o medo, a culpa e o

³⁵ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 25-26.

sofrimento, na esfera da humanista preponderam a [*mais autêntica*] felicidade, a fé no porvir e a realização.”³⁶

A finalidade da verdadeira religião conclui-se por ser aquela que satisfaz as necessidades espirituais do homem, enquanto lhe modera as necessidades materiais. Ela liberta-o dos laços e dos complexos psicológicos, sublima-lhe os instintos e as aspirações, e disciplina-lhe os desejos e o inteiro curso da sua vida, ensina-lhe os segredos da vida e a natureza do homem bem como a destringer entre o bem e o mal, e o justo do injusto; liberta a mente de dúvidas, reforça o caráter e procura corrigir o pensamento e as convicções do homem. Tudo isso se pode realizar só quando o homem respeita fielmente os deveres espirituais e as normas físicas introduzidas pela religião.

A verdadeira religião educa o homem e forma-o na esperança e na paciência, na felicidade e na honestidade, no amor bom e justo, na coragem e na perseverança, qualidades necessárias para o domínio da grande arte da viver. Defende o homem do medo e das perdas espirituais. Ela não existe para aterrorizar o homem, mas sim para o guiar; não é para o degradar, mas sim para elevar-lhe a natureza moral; não é para tirar as coisas úteis, nem para o sobrecarregar, nem para lhe oprimir as qualidades, mas sim para lhe abrir os tesouros inesgotáveis de pensamento são e de ação correta. Não é para limitar-lhes os horizontes, mas sim para o lançar no vasto horizonte da bondade e da verdade. Em resumo, a verdadeira religião busca formas de familiarizar o homem com Deus, assim como busca meios para que entre em harmonia consigo próprio e com o resto do universo. Esta não é de nenhuma maneira uma forma

³⁶ Erich Fromm citado INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro César. Educação e Espiritualidade. Quando, como e por quê? In: INCONTRI, Dora. *Educação e Espiritualidade – Interfaces e Perspectivas*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010, p. 81-82.

apressada de simplificação excessiva da função da religião, mas sim uma explicação do seu verdadeiro sentido.

Disto tudo, infere-se que a religião é inevitável na vida dos seres humanos porque, esta imprescindibilidade de que fala Fromm é uma necessidade inata que os mortais possuem de ajuda e apoio, uma forma de equilibrarem as forças da natureza, considerando que são desprovidos de tudo e dotados de superstição sobrenatural. Mas foi esta mesma força que manteve o homem fiel a seus preceitos e não permitiu maiores abusos por parte dos detentores do poder, entretanto, em alguns momentos, ela também foi usada como plataforma de manutenção do poder.

Fiodor Dostoiévski afirmou que, “basta destruir na humanidade a ideia de Deus; é por aí que devem começar, cegos que não compreendem coisa alguma! Quando a humanidade toda houver renegado Deus, (e estou certo de que essa época virá, paralelamente às épocas geológicas) então, ela mudará espontaneamente, bem como a antiga moral, e tudo se renovará. Os homens se reunirão para tomar da vida tudo que ela puder dar, tendo em vista apenas a felicidade e a alegria neste mundo. Um orgulho titânico, divino, elevará a alma do homem, que se transformará em homem-deus. Triunfando sobre a natureza graças à vontade e à ciência, o homem, com esse triunfo, gozará de uma volúpia tão elevada que substituirá para ele as antigas esperanças das volúpias celestes. Cada um saberá que é mortal, que nada ressuscitará, e aceitará a morte, calma e orgulhosamente, como [se fosse] um deus. O orgulho o fará compreender que não deve murmurar contra a brevidade da vida, e ele há de amar [todos os] seus irmãos sem nenhuma recompensa. O amor será apenas a satisfação de rápidos instantes, mas o simples sentimento de sua brevidade avivará a flama que outrora se concentrava na esperança dum amor eterno, um amor que irá além do túmulo. [...] É

permittedo a todo indivíduo que tenha consciência da verdade regularizar sua vida como bem entender, de acordo com os novos princípios. Neste sentido, tudo lhe é permitido [...]. Como Deus e a imortalidade não existem, é permitido ao homem novo tornar-se um homemdeus, seja ele o único no mundo a viver assim na Terra; e depois de atingir esse grau elevadíssimo, é-lhe permitido transpor, de coração leve, as fronteiras morais do homem escravo (...).”³⁷

Na concepção de Dostoievski seria Deus a ética que equilibra o Bem e o Mal e não exclusivamente o Bem em si mesmo? O que o autor quer colocar é que o homem deve sair de seu marasmo, de sua condição de agente passivo para uma condição ativa e sedutora perante a vida. Nestas palavras ele coloca que o ser humano respeita o seu igual por temor de um castigo superior ou por almejar uma vida pós-túmulo; e acaba, com isto, se privando da que possui *ipso facto*. Não se trata de Deus existir ou não. Trata-se, apenas de não se ter mais um herói que salve o homem de si mesmo; este mesmo homem teria que desenvolver uma ética embasada em valores orgânicos. E isto é um fardo por demais pesado para o ser humano carregar [*sozinho*].

Jean P. Sartre já vislumbra nesta fala a mola que daria impulso ao existencialismo. Segundo ele, “Dostoievski escreveu: ‘Se Deus não existisse, tudo seria permitido’. Aí se situa o ponto de partida do existencialismo, com efeito, tudo é permitido se Deus não existe. [*Mas*], fica o homem, por conseguinte, abandonado, já que não encontra em si, nem fora de si, uma possibilidade a que se apegue. Antes de mais nada, não há desculpas para ele. Se, com efeito, a existência precede a essência, não será nunca possível referir uma explicação a uma natureza humana dada e

³⁷ DOSTOIEVSKI, Feódor Mikhailóvitch. *Os Irmãos Karamázovi*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1955, p. 1118-1119. (3 vol.)

imutável; por outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento [*ficando vacante um objeto de identificação; 'conditio sine qua non' para a formação da moral humana*]. Assim, não temos nem atrás de nós nem, diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. É o que traduzirei [*aqui*] dizendo que o homem está [*intimamente*] condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio, e, no entanto, [*ainda*] livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.”³⁸

Na inexistência de um Criador, de um grande ser moral, o homem não se vê um degenerado, nem mesmo um abominável, mas sim um daqueles homem-deus aos quais tudo é possível, mas que não tem, ao mesmo tempo, o menor senso de plausibilidade, de discernimento e termina massacrado pela culpa. Na concepção de Sartre, o homem sem Deus é como um navio sem timoneiro.

Ao dizer ‘que tudo seria permitido’ caso Deus não existisse, Dostoievski levanta uma questão sobre a condição humana e não uma mera querela religiosa. Sua relevância se marca no campo da Antropologia Cultural, no campo da ética.

O autor era um anarquista, um niilista, para ser mais exato. Deus, pra ele, representava o sistema, simbolizando as leis, os costumes, a moral, a ética. Logo, não havendo-os não haveria opressão, o homem seria livre; a inexistência de Deus representava toda a ideologia do mundo anárquico pregado pelos *hippies*.

³⁸ SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril cultural, 1973, p. 15.

Na passagem onde o *Diabo* diz que 'já que *Deus* e a *Imortalidade* não existem' este novo homem tudo pode. Ou seja, o homem da moral, o escravo do sistema, este que vive para o *post mortem*, para o além-vida, para o além-túmulo, seria capaz, ou melhor, poderia viver para o hoje, para o seu *Ego*. Nada acontece na vida do homem pela vontade divina. A clínica psicanalítica com neuróticos tem mostrado que esta fala é para aliviar a culpa de ter tomado decisões erradas. Todo homem tem uma opção na vida; toda decisão é produto de uma opção pessoal [*inalienável e intransferível*].

Mas, sendo o homem excepcionalmente livre, com que autoridade algum poder pode proibi-lo de errar? Tudo que ocorre na vida é gerida pela vontade deliberada dos próprios humanos... Na Grécia, as Moiras eram deusas que habitavam acima dos deuses e estes eram submetidos à sua vontade soberana, inexorável e inapelável e em consequência os homens eram submetidos à vontade suprema dos deuses.

Com o cristianismo e a interpretação, *ad absurdum*, da passagem dos evangelhos que diz que nenhuma folha cairá das árvores sem que Deus assim o permita fez com que todos se curvassem à vontade inquestionável do Deus hebreu. Mas, os textos usam a palavra permissão e não desejo.

Eis uma questão bem complexa: 'se tudo de bom e de ruim que acontece na Terra é porque Deus assim o permite, então ele é cúmplice no processo. Se for porque ele assim o deseja, isto o faz um sarcástico, idêntico aos deuses primitivos. Uma mulher certa vez confidenciou que se fosse por sua vontade não teria nascido mulher, não teria se casado, não teria se tornado mãe. Das três situações, apenas o seu gênero sexual não dependeu de sua opção

pessoal. E, Nietzsche complementa dizendo que “todos os seres humanos são inocentes de sua existência!”³⁹

Deus é um símbolo totêmico e que representa o estrangulamento da liberdade humana. E o sucedâneo de Deus na Terra é o pai; logo é a morte simbólica deste que caracteriza a emancipação do filho, que se torna, a partir de então, um novo homem, dotado de poder para ser livre. Mas Spinoza ressalva que a noção de livre arbítrio dos seres humanos provêm do fato de ignorarem as forças secretas que os regem. Na miserável cultura ocidental judaico-cristã, baseada em valores medíocres, vazios de sentido, Deus é símbolo de repressão. Logo, se esta força repressora é banida ou se for transformada em um símbolo de permissão ou de motivação [*para o Bem e/ou para o Mal, e assim voltamos à infinita questão da liberdade individual como conditio sine qua non*], então tudo se torna valor, tudo passa a ser permitido. A sedução de poder realizar o que se bem quer sem nenhum empecilho é por demais aliciadora para uma criatura que veio dos prados, acostumado à vida nas vastas savanas.

Sartre afirmou que o homem é um ser condenado a ser livre. Sendo assim, ele é condenado, ou seja, está sujeitado a infringir os *códices legis* e a matar o seu símbolo totêmico, assumindo o seu lugar. À verdadeira liberdade humana subentende-se que se possa fazer o que quiser, mas, o homem só será, potencialmente, livre quando tiver a liberdade de decidir sobre o que não quer realizar, quando decidir sem a menor das pressões do seu meio.

Referente a isto, F. Nietzsche escreveu que, “nas épocas mais remotas da humanidade durante o período mais longo, houve um remorso bem diferente daquele de

³⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Escala, 2006, p. 84.

hoje. Nos dias de hoje o homem só sente responsável daquilo que quer e que faz, e o orgulho só deriva daquilo que tem em si: todos os nossos juristas partem deste sentimento de dignidade e de prazer próprio do indivíduo, como se a fonte do direito tivesse jorrado disso desde sempre. Ora, durante o período mais longo da humanidade, não houve nada mais terrível que sentir-se isolado. Ser só, sentir como isolado, não obedecer, não dominar, ser um indivíduo – não era então um prazer, mas uma punição: estava-se condenado a ser *indivíduo*. A liberdade de pensar era considerada como o desprazer por excelência. Enquanto nós sentimos a lei e a ordem como uma coação e um prejuízo, outrora se considerava o egoísmo como uma coisa penosa, como um verdadeiro mal. Ser si mesmo, avaliar-se a si mesmo de acordo com suas próprias medidas e pesos – era coisa que passava por inconveniente. Uma inclinação demonstrada neste sentido teria passado por loucura: pois toda miséria e todo temor estavam ligados à solidão. O *livre-arbítrio* era muito próximo da má consciência: quanto mais se agia de forma dependente, mais o instinto de rebanho, e não o sentido pessoal, se manifestava na ação, mais o indivíduo se considerava moral. Tudo o que prejudicava o rebanho, quer o indivíduo o tivesse querido ou não, lhe causava então [*profundos*] remorsos - e não somente a ele, mas também a seu vizinho ou mesmo a todo rebanho!”⁴⁰

O que dá poder ao pai é o discurso do qual ele é senhor. A lei é um fantasma; ela está contida no discurso, mas o poder está naquele que profere o discurso, porque ele recebeu este poder de um ente superior dotado de autoridade para tal. Logo, o filho só se torna poderoso em seu discurso, ou melhor, este só alcança poder, quando se

⁴⁰ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Escala, 2006, p. 124.

emancipa, ou seja, quando o discurso do pai confere-lhe tal poder.

Na concepção dostoievskiana, os humanos viveriam uma vida idílica, sem regras, o que reverberaria a passagem do homem da moral para o homem da ética suprema. Em contrapartida, Rousseau escreveu que se todos os homens fizessem o que bem entendem não haveria liberdade. “Se a Liberdade consistisse em [se *permitir*] fazer o que se quer, homem algum seria livre.”⁴¹

Mas, o homem que fora preconizado por Dostoievski não seria [*nem precisaria*] ser vigiado nem punido por uma força invisível onipresente, onipotente, onisciente. Nem faria valer seus valores em prol de uma vida maravilhosa no além-túmulo. Este homem estaria mais para o Zarathustra nietzschiano, para o dionisíaco; ele que não se negaria à vida, “eis a vida, então vamos à vida”, uma vez que ele é produto da ética.

Freud também afirmou que a verdadeira Psicanálise começa após a morte do pai. Mas, o escritor russo só quis afirmar que um mundo sem leis, regras, tradições, sem *mores* deixaria o homem em plena liberdade, pois poderia fazer tudo o que quisesse e não seria massacrado pelo pior de todos os males que assola a alma humana: a esperança.

Mas, o herói de Dostoievski resiste, simbolizando o homem normal que não quer responsabilidades, que quer continuar a responsabilizar tanto a Deus quanto ao Diabo pelas suas alegrias e mazelas [*em um regime de alternância e de acordo com a ocasião*].

Sartre relata, que quando os professores franceses tentaram constituir uma moral estritamente laica, disseram mais ou menos o seguinte: Deus é uma hipótese inútil e

⁴¹ ROUSSEAU, Jean Jacques [1762]. *Emílio ou da Educação*. In: LIVRODOT.COM, 2004.

dispendiosa; vamos suprimi-la: porém, é necessário – para que exista uma moral, uma sociedade, um mundo policiado – que certos valores sejam respeitados e considerados como existentes *a priori*; é preciso que seja obrigatório, *a priori*, ser honesto, não mentir, não bater na mulher, fazer filhos *etc.*, *etc.* Vamos, portanto, realizar uma pequena manobra que nos permitirá demonstrar que esses valores existem, apesar de tudo, inscritos num céu inteligível, se bem que, como vimos, Deus não exista. Por outras palavras, a inexistência de Deus não mudará nada; reencontramos as mesmas normas sociais de honestidade, de progresso, de humanismo. Termina que é extremamente incômodo que Deus não exista, pois, junto com ele, desaparece toda e quaisquer possibilidades de se encontrar valores num céu inteligível; não pode mais existir nenhum bem *a priori*, já que não existe uma consciência infinita e perfeita para pensá-lo; não está escrito em nenhum lugar que o bem existe, que devemos ser honestos, que não devemos mentir, já que nos colocamos precisamente num plano em que só existem homens.

Dostoievski disse que para o homem ser livre basta destruir, na humanidade, a idéia de Deus. Mas, não é Deus quem limita a liberdade humana; é a presença do outro. E este outro pode ser real tanto quanto surreal; porquanto os limites para a ação humana subsistam [*independentemente da existência física do outro*].

A frase célebre de Dostoievski *se Deus não existisse tudo seria permitido*, encaixa-se perfeitamente no esquema da experiência nazista. Hitler, meramente, declarou aos seus cientistas que eles poderiam fazer o que quisessem. Não haveria leis, nem ordens, nem proibições, nem sanções quaisquer que os punissem; ali, Deus existia, porém, ele se imiscuiu de sua autoridade; ou se quiser melhor situar no tempo, ele a delegou para o Führer que a delegou a seus

cientistas. “O vínculo social não é fácil de ser estabelecido entre seres humanos tão diversos, tão livres, [*e também*] tão inconstantes [*como são*]. Para dar-lhes regras comuns, para instituir decretos e fazer aceitar a obediência, para obrigar a paixão a ceder à razão, e a razão individual à razão pública, é certamente indispensável que exista algo mais forte que a força material, mais respeitável que o interesse, mais seguro que a teoria filosófica, mais imutável que uma convenção, algo, enfim, que exista igualmente no fundo de todos os corações e nestes se imponha com autoridade. E isto é a crença. Nada de mais poderoso existe sobre a alma. A crença é obra do nosso espírito, mas não encontramos neste a liberdade para modificá-lo a seu gosto. A crença é de nossa criação, fato que o ignoramos. É humana, e julgamo-la sobrenatural. É efeito do nosso poder, e é mais forte que nós. Está em nós, não nos deixa e nos fala a cada instante. Se nos manda obedecer, obedecemos; se nos indica deveres, submetemo-nos. O homem pode dominar a natureza, mas está sempre sujeito ao [*juízo do*] seu próprio pensamento.”⁴²

Este autor corrobora a tese de que o legislador teve necessidade de criar uma entidade supra poderosa a fim de manter o equilíbrio social. Sem ela, a humanidade não teria alcançado seu grau de evolução mais rústico, pois não teria vivido para tanto.

Para Nietzsche “o conceito de ‘DEUS’ foi arquitetado como ‘antítese’ ao de ‘vida’, tendo sido reunido nele, em terrível unidade, tudo o que havia de abjeto, de venenoso, de calunioso: todo o ódio mortal contra a vida. O conceito do ‘além’, do mundo verdadeiro, foi criado para desprezo do único mundo que existe... O conceito de ‘culpa’ foi inventado conjuntamente com o instrumento que o completa [*que o*

⁴² COULANGES, Fustel. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 143.

íntegra]; o conceito de livre-arbítrio, [*surgiu*] para confundir os instintos, para fazer da prevenção contra os instintos uma segunda natureza! No conceito de altruísmo, de renúncia de si mesmo, há verdadeiros signos de decadência: ser atraído pelo que causa prejuízo, não poder encontrar o que lhe seja útil, a destruição de si mesma elevada à virtude, o dever, a santidade, a divindade no homem! A lei da seleção foi crucificada pela oposição contra o homem altivo e são, contra o homem que afirma, contra o homem convicto, antemural do futuro, [*aquela que é*] artífice do ideal; este homem, doravante, será tido por mau...”⁴³

Diferentemente de Dostoievski, que supôs toda a existência de um mundo sem a existência de um Deus superior, Frederico Nietzsche afirmou, categoricamente, que *Deus está morto!* E disse ainda que os homens o haviam matado [*ou seja, o desejo dostoiévskiano foi realizado*].

O que ele coloca em pauta é que o homem perdeu o equilíbrio que o mantinha nos trilhos. Considera que o homem da ética passou para o jugo da moral decadente, começou a fazer guerras, escravizar seus iguais, mentir pelos motivos mais fúteis, estuprar, matar, perjurar...

Quando o homem começou a se sentir senhor de tudo começou a despertar e a dar asas à fera que trazia guardada em seu íntimo e, segundo Coulanges, tão logo a religião perdeu seu poder de juízo sobre o homem este se enveredou em guerra contra os seus vizinhos e quando se esgotaram os seus inimigos externos, ele se virou contra os seus concidadãos. “Se compararmos nossa maneira de viver com aquela da humanidade durante milhares de anos, constataremos que nós, homens de hoje, vivemos numa época muito imoral: o poder dos costumes enfraqueceu de

⁴³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Para Além do Bem E do Mal*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 124.

uma forma espantosa e muito perigosa! - Qual é o homem mais moral? *Em primeiro lugar*, aquele que cumpre a lei com mais frequência: por conseguinte, aquele que, semelhante ao brâmane, em toda a parte e em cada instante conserva a surpreendente e o sentido moral sutilizou e se elevou de tal modo que podemos muito bem dizer que se volatilizou. É por isso que nós, [*considerados como*] homens tardios, tão dificilmente penetramos nas [*funestas*] ideias fundamentais que presidiram a formação da moral e, se chegarmos a descobri-las, rejeitamos ainda em publicá-las, tanto nos parecem grosseiras! Tanto aparentam caluniar [*toda*] a moralidade! Veja-se, por exemplo, a *proposição principal*: a moralidade não é outra coisa (portanto, antes de tudo, nada mais) senão a obediência aos costumes, sejam eles quais forem; ora, os costumes são a maneira *tradicional* de agir e de avaliar. Em toda parte onde os costumes não mandam, não há moralidade; e quanto menos a vida é determinada pelos costumes, menor é o cerco da moralidade. O homem livre é imoral, porque em todas as coisas *quer* depender de si mesmo e não de uma tradição estabelecida: em todos os estados primitivos da humanidade, *mal* é [*sempre*] sinônimo de *individual*, de *livre*, de *arbitrário*, de *inabitual*, *imprevisto*, *imprevisível*. Nesses mesmos estados primitivos, sempre segundo a mesma avaliação: se uma ação é executada, *não* porque a tradição assim o exija, mas por outros motivos (por exemplo, por causa de sua utilidade individual) e mesmo pelas razões que outrora estabeleceram o costume, a ação é classificada como imoral e considerada como tal até mesmo por aquele que a executa: pois este não se inspirou na obediência para com a tradição. E o que é a tradição? Uma autoridade superior à qual se obedece, não porque ordene o *útil*, mas porque *ordena*. - Em que esse sentimento da tradição se distingue de um sentimento geral do medo? É o temor de uma inteligência superior que ordena, de um

poder incompreensível e indefinido, de alguma coisa que é mais que pessoal - há *superstição* nesse temor. - Na origem, toda a educação e os cuidados do corpo, o casamento, a medicina, a agricultura, a guerra, a palavra e o silêncio, as relações entre os homens e as relações com os deuses, pertenciam ao domínio da moralidade: esta exigia que prescrições fossem observadas, *sem pensar em si mesmo* como indivíduo. [*Desta forma*], nos tempos primitivos, tudo dependia, portanto, do costume e aquele que quisesse se elevar acima dos costumes devia tornar-se legislador, curandeiro e algo como um semi-deus: isto é, deveria *criar costumes* - coisa de seu ato - as nuvens divinas e as explosões da cólera divina se acumularam sobre [*toda*] a comunidade - mas ela considera, no entanto, acima de tudo, a culpabilidade do indivíduo como culpabilidade própria *dela* e suporta lei presente no espírito de tal maneira que inventa constantemente ocasiões de obedecer a essa [*mesma*] lei. *Em seguida*, aquele que cumpre a lei também nos casos mais difíceis. O mais moral é aquele que mais *sacrifica* aos costumes; mas, quais são [*de fato*] os maiores sacrifícios? Respondendo a esta sutil pergunta, chega-se a desenvolver várias morais distintas; contudo, a diferença [*mais*] essencial continua sendo aquela que separa [*toda*] a moralidade do cumprimento *mais freqüente* da moralidade do cumprimento *mais difícil*. Não nos enganemos acerca dos motivos dessa moral que exige como sinal de moralidade o cumprimento de um costume nos casos mais difíceis! A vitória sobre si próprio *não* é exigida por causa das conseqüências úteis que tem para o indivíduo, mas para que os costumes, a tradição apareçam como dominantes, apesar de todas as veleidades contrárias e todas as vantagens individuais: o indivíduo deve se sacrificar - assim o exige a moralidade dos costumes. Em compensação, esses [*mesmos*] moralistas que, semelhantes aos sucessores [*decrépitos*] de Sócrates,

recomendam ao indivíduo o domínio de si e a sobriedade, como suas *vantagens* mais específicas, como a chave mais pessoal de sua felicidade, esses moralistas constituem a exceção - e se vemos as coisas de outro modo é porque simplesmente fomos criados sob a influência deles: todos seguem uma via nova que [por fim] lhes vale a mais severa reprovação dos representantes da moralidade dos costumes - eles se excluem da comunidade, uma vez que são imorais, e são, na acepção mais profunda do termo, maus. Da mesma forma que um romano virtuoso de velha escola considerava como mau todo *cristão* que “aspirava, acima de tudo, à sua própria salvação”. - Em toda a parte onde existe comunidade e, por conseguinte, moralidade dos costumes, reina a idéia de que a punição pela violação dos costumes recai em primeiro lugar sobre a própria comunidade: esta pena é uma punição sobrenatural, cuja manifestação e limites são tão difíceis de captar para o espírito, que os analisa com um medo supersticioso. A comunidade pode obrigar o indivíduo a reparar, em relação a outro indivíduo ou à própria comunidade, o dano imediato que é a consequência de seu ato, pode igualmente exercer uma espécie de vingança sobre o indivíduo porque, por causa dele - como uma pretensa consequência sua punição como *sua própria* punição: *Os costumes estão relaxados*, assim geme a alma de cada um, “uma vez que tais atos se tornaram possíveis”. Toda ação individual, toda maneira de pensar individual fazem tremer; é totalmente impossível determinar o que os espíritos raros, escolhidos, originais tiveram de sofrer no curso dos tempos por serem assim sempre considerados como maus e perigosos, mais ainda, *por se terem sempre eles próprios [se] considerado assim*. Sob o domínio da moralidade dos costumes, toda [e qualquer] forma de originalidade tinha má consciência; o horizonte dos

melhores tornou-se ainda mais sombrio do que deveria ter sido.”⁴⁴

Na Antiguidade Clássica, era comum quando havia alguma desgraça, um insensato sair pelas ruas a gritar *onde está deus?* O que aconteceu com o nosso Deus que não nos ouve nem nos atende? Na *Ilíada*, Helena dirige suas preces a Athená, mas ela não os ouve. Então ela grita com a deusa, mas nada resolve [*a Deusa estava irritada com o crime de Paris*]. Ainda na Espanha em pleno século XVIII, era comum os fiéis quando nervosos com os seus deuses amarrá-los a traseiras de carroças e arrastá-los por uma via pública, xingá-los, apedrejá-los, insultá-los mostrando, assim sua insatisfação com o referido deus.

A frase de Nietzsche revela que a insatisfação era tamanha que ele nem acreditava que Deus estivesse vivo. Este ser estava não apenas irado com todos, estava morto mesmo e o deicídio havia sido praticado pelos próprios fiéis. Quando diz que haviam matado o Sol, se refere à fumaça das chaminés das indústrias que provocava mudanças na visão do horizonte, privando o céu do seu brilho, sempre ofuscado pela fumaça cinzenta e este se tornando, também, cada vez mais cinzento.

Esta frase foi responsável por incluir o filósofo no rol dos ateus declarados. Mas, seus críticos se esquecem que Nietzsche era cristão, educado para a carreira eclesial. Sua análise da tragédia grega demonstra o quanto a religiosidade estava arraigada em sua alma. Sua crítica a Sócrates se baseia no fato de que a partir dele a ética deixou de ser pessoal para se tornar uma moral social. E é aí que a crítica elaborada por ele se fundamenta. Numa moral social, baseada na contramão da reificação humana

⁴⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Escala, 2006, p. 23-26.

provocada pela revolução industrial que, ao invés de trazer felicidade e conforto ao homem trouxe foi mais desgraças e desolação. Se Raimon insiste em afirmar que, mesmo nas condições de vivência campesina, o homem trava uma guerra impiedosa e sem precedentes com a natureza, sujeito a derrotas sem fim, com a única diferença de que se trata de uma luta isolada e não exposta. Já a luta provocada pelo poderio imperial do capitalismo moderno ocorre em campo aberto e é exposta para todos; uma arena onde são massacrados todos os envolvidos, sempre expostos. E daí surge o questionamento do filósofo, afinal, para o homem poder realizar tudo aquilo que deseja, teria que ter eliminado [*na concepção nietzschiana*], e não apenas suprimido, o único obstáculo que poderia impedi-lo: sua consciência!

Para Heidegger “uma reflexão mais profunda poderia mostrar como nisto que Nietzsche chama *pessimismo da natureza* se consuma a rebelião do homem moderno no domínio incondicional da [*onipotente*] subjetividade dentro da subjetividade do ser. Por meio do pessimismo, em sua forma ambígua, os extremos se confrontam. Os extremos obtêm, como tais, a supremacia. Assim surge um estado no qual se aguçam as alternativas incondicionais até mover-se entre um este ou o outro. Inicia-se um ‘estado intermediário’ no qual se manifesta, por um lado, que a realização efetiva dos valores até agora superiores não se cumprem. O mundo parece vazio de valores. Por outro lado, em virtude desta conscientização, a visão esquadrihadora se orienta desde a fonte da nova instauração de valores, sem que o mundo recupere, assim, seu valor.”⁴⁵

As palavras de Heidegger remetem o ser humano a um ponto de fusão que não provoca o retorno ao ser, mas o

⁴⁵ Cf. HEIDEGGER, Martin. *La Frase de Nietzsche 'Dios Ha Muerto'*. Caminos de Bosque (Madrid), 1996, p. 10.

seu deslindamento, por completo. Ele continua afirmando que “o valor é valor na medida em que vale. Vale, na medida em que é disposto em prol daquilo que importa. Assim, é disposto por um enfocar e observar desde aquilo com o que tem que contar. O ponto de vista, a perspectiva, o círculo de visão significam aqui ser visto e [ter que] ver em um sentido determinado pelos gregos, ainda que tendo em conta a transformação sofrida pela ideia desde o significado de origem até a sua percepção. Ver é este representar que, desde Leibniz, é entendido expressamente sob o risco fundamental da aspiração (apetite).”⁴⁶

Quem diz *Deus está morto*, é o homem insensato, *i.e.*, o homem que não está preso à razão, nem de posse da mesma, o que o liberta de qualquer vinculação ao que quer que seja; não encontra-se vinculado à metafísica e sim a um sistema de valores moral que coloca o mundo em oposições dualistas entre o *certo* e o *errado*, a *verdade* e a *mentira*, entre outras que, de maneira ingênua, o homem até então, acreditava serem marcas inerentes à vida. O insensato, ou seja, aquele que não é sensível [*o louco*] que não se abduz ante à magia da vida, que a vê tal e qual esta apresenta-se-lhe... Só um sujeito assim seria capaz de ver a destruição de tudo e não ser corrompido pela propaganda ideológica do progresso e ainda não se acomodar com o conforto que este é capaz de promover-lhe.

Quem dá a sentença é um louco. O louco, aquele que vive alienado de sua realidade. A loucura é um estado de alienação social oprimente e deprimente, mas é um vácuo ao qual o sujeito é lançado e não há como sair. Ou seja, o louco vê a realidade comum de outro ponto, que pode ser do espaço, do além, de outro cosmo, de outro

⁴⁶ Cf. HEIDEGGER, Martin. *La Frase de Nietzsche 'Dios Ha Muerto'*. Caminos de Bosque (Madrid), 1996, p. 10.

ponto que não mais o convencional. Ele é o filósofo em sua autêntica demonstração, porque analisa a realidade de uma esfera extramoral. E a loucura tem seu próprio mundo, sua própria realidade, o que permite [ou faz] com que o seu possuidor [*uma vez possuído por ela*] veja a realidade não só de uma outra forma, como também de outro espaço, outro ângulo. Há um microcosmo interior que não transforma a realidade em ilusão; ele vê o que é, não o que se pretende que se veja. Ele não é capaz de dourar a realidade com o fim de torná-la mais amena. A verdade dura, sem a fantasia é, muitas vezes, intolerável. Vesti-la, dourá-la com a nossa fantasia é torná-la bela e acessível, menos agressiva e, portanto mais tolerável.

Este homem, o louco, é antes de tudo aquele que lança sobre a vida diferentes olhares e perspectivas, não estando interessado em encontrar nenhuma *verdade* ou *mentira*, pois sabe que a vida não comporta medidas [*não possui um métron*]. Desse modo, ele dança alegremente com várias melodias, busca ouvir os seus impulsos e o seu corpo, usa a razão e o conhecimento para o bem-viver e sabe que as leis da razão foram inventadas pelos próprios humanos. Assim, ele se vê diante do inaudito, *i.e.*, de um mundo e de uma vida que emanam uma multiplicidade de forças casuais da qual ele jamais poderá apreender em sua totalidade, e seu próprio corpo também entra nessa relação, de tal forma que os potenciais que se revelam no instante somente são apreendidos enquanto representações.

Ao analisar-se, dentro do contexto da época, a morte de Deus é um olhar de Frederico Nietzsche sobre a história, mostrando uma ruptura da teologia com o homem moderno que coloca a razão acima de tudo e de todas as coisas. Deve-se levar em conta que a crítica do filósofo não é a razão enquanto capacidade do homem, mas sim enquanto *objeto* de supremacia humana, *i.e.*, como se a razão fosse a

chave para todos os enigmas. Agindo desta forma, a ciência moderna se torna tão *dogmática* quanto o cristianismo [*que ela visava combater com tanta veemência*], na medida em que acredita que o mundo e os fenômenos carregam uma *verdade* inerente na qual o homem, debruçando-se através da razão, [*pré-supostamente*] passa a descobrir.

Assim expressa Nietzsche: “Nunca ouviram falar desse louco que acendia uma lanterna em pleno dia e desatava a correr pela praça pública gritando sem cessar: “Procuro Deus! Procuro Deus!” – como havia ali muitos daqueles que não acreditam em Deus, seu grito provocou grande riso. “Estava perdido?” – dizia um. “Será que se extraviou como uma criança?” – perguntava o outro. “Será que se escondeu?” “Tem medo de nós?” “Embarcou? Emigrou?” – Assim gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O louco saltou no meio deles e trespassou-os com o olhar. “Para onde foi Deus?!” – Exclamou – “É o que vou dizer. Nós o matamos – vocês e eu! Nós todos, nós somos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte? Que fizemos quando desprendemos esta terra da corrente que a ligava ao sol? Para onde vai agora? Para onde vamos nós? Longe de todos os sóis? Não estamos incessantemente caindo? Para diante, para trás, para o lado, para todos os lados? Haverá ainda um acima e um abaixo? Não estaremos errando como num nada [*existência*] infinito? O vazio não nos persegue com seu hálito? Não faz mais frio? Não vêem chegar a noite, sempre mais noite? Não será preciso acender os lampiões antes do meio dia? Não ouvimos nada ainda do barulho que fazem os coveiros que enterram Deus? [*Por acaso*], Não sentimos nada ainda da decomposição divina? – [*Pois*], Os deuses também se decompõem! Deus morreu! Deus continua morto! E fomos nós que o matamos! Como havemos de nos consolar, nós,

assassinos entre os assassinos? O que o mundo possuiu de mais sagrado e de mais poderoso até hoje sangrou sob nosso punhal – quem nos lavará desse sangue? Que água nos poderá purificar? Que expiações, que jogos sagrados seremos forçados a inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? [*Por acaso*], Não seremos forçados a nos tornarmos nós próprios deuses – mesmo que fosse simplesmente para parecermos dignos deles? Nunca houve ação mais grandiosa e aqueles que nascerem depois de nós pertencerão, por causa dela, a uma história mais elevada do que o foi alguma vez toda essa história.”⁴⁷

Nietzsche aborda, neste aforismo, a questão da devastação ambiental provocada pelas ações desmedidas dos seres humanos. O horizonte apagado se refere ao problema da fumaça das chaminés das indústrias que deixavam o céu plúmbeo, acabando com o espetáculo do sol e os prédios que começavam a serem erguidos, não permitindo mais uma visão ampla do horizonte, ou mesmo impedindo-a, por completo. Mas, para o capitalista industrial não interessava a cor do céu ou a visão do sol, sua visão estava voltada para o lucro. O frio [*cada vez mais intenso*], indicando as terríveis mudanças climáticas, devido à degradação da natureza; as noites [*cada vez mais escuras*], a perda da visão da luz das estrelas e das mesmas, ocasionado pela fumaça. O barulho dos coveiros *que enterram Deus*, significando o barulho das máquinas que *traziam o progresso*; mas que, para ele, aquilo era uma marcha fúnebre, pois via o homem de seu tempo cada vez mais se alienando.

Nesta mesma obra ele escreve um outro aforismo onde diz que “a caça ao ganho força o espírito a se esgotar

⁴⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2006, p. 129.

numa dissimulação sem trégua, numa ilusão permanente ou na preocupação de desmascarar o outro: a verdadeira virtude consiste agora em superar o vizinho”⁴⁸, ou seja, o outro já não era mais um outro, era um rival que deveria ser vencido a todo custo e preço.

A fome, a pobreza, a miséria, o desemprego levando os alemães a se entregarem aos instintos mais baixos [*como forma última de sobrevivência*] e uma minoria se alimentando da desgraça alheia feito corvos famintos para se enriquecer, tem o poder de provocar tal exasperação em um filósofo do quilate de Nietzsche.

A ética é um desfecho totalmente inconsciente. Havendo forças secretas que levam o homem a quebrar o equilíbrio social, há também aquelas que o obrigam a mantê-lo. Mas, um dia, o pai honesto e trabalhador se cansa de ver seus filhos chorando de fome; se cansa de ver os seus sonhos de poder proporcionar uma vida digna e honrada à sua esposa se esvaír como uma nuvem de fumaça frente a seus olhos. E, quando o medo de vê-los morrer por falta de cuidados médicos, a *perspectiva* de que venham a ter um futuro tão ou mais miserável que o seu, o medo de que suas filhas se entreguem à prostituição como *opção [única e última]* de sobrevivência; quando este pensamento o aterroriza de verdade, adentrar o caminho do mal é uma alternativa [*tão*] plausível que não haverá jamais remorso algum em seu ato, pois estará fazendo isto em prol dos seus dependentes; está lutando com o que lhe resta de forças para preservar a dignidade e a integridade dos seus. Com os recursos adquiridos ele agora pode até sonhar em ver seus filhos criados e vivendo com dignidade. O medo da morte ou do perigo não existe mais para este novo ser. E se

⁴⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2006, p. 190.

morrer, terá morrido por uma causa nobre... [*ainda que os meios não se mostrem nobres, os fins a que se destinam os justificam...*].

A expressão *Deus está morto* serve como base para toda a crítica expressionista à sociedade burguesa tanto para sua forma de vida estancada como para a crítica ao conceito de progresso. Ambas formas de vida, ainda que de diferente maneira, se sustentam sobre o ataúde de um deus morto que segue servindo como referência para os atos morais. Somente o abandono desta ideia do transcendente pode devolver ao homem seu caráter natural.

Logo, a expressão de Nietzsche faz referência à consciência humana e aos seus princípios; a um sentimento de alheamento humano quanto ao sofrimento do outro, como se este outro fosse nada mais que um peso, uma condição de entrave ao desenvolvimento da ciência. Mas não é apenas o outro que lhe dá ódio; é a sua imagem refletida neste outro que o faz odiá-lo, tão apaixonadamente. Esquecidos de que a espécie humana depende do olhar do outro, de ser reconhecida como gente, e quando diz que Deus está morto, é como se dissesse que a consciência humana está morta, e quem a matou? Todos, porque a consciência habita dentro de cada um, mergulhada nas trevas da alma onde é formado o desejo e a vontade e também o autodomínio. Desprovido deste controle interno, o ser humano se torna qualquer coisa menos ser racional, incapaz de sentir, pelo menos, a presença do outro; aliás, a desgraça do outro serve para lhe mostrar e reforçar o quanto Deus o ama e o quanto ele é feliz; porém, o contrário também produz o contrário. Os humanos, na concepção nietzschiana, haviam matado aquele Deus que amava a todos com equidade e na vacância dele, haviam adotado um que demonstrava seu amor a uns poucos à custa da miséria do resto.

O homem guarda, desde épocas remotas, um desejo ardente de habitar as cidades, porque os deuses habitavam e protegiam somente os habitantes destas, os cidadãos. Esta primeira revolução religiosa ou sacerdotal privou os habitantes campestres de seus deuses protetores. De igual forma, os humanos buscam, de maneira incessante, algum tipo de reconhecimento, daí se ter um fluxo muito violento de jovens saindo das zonas rurais para os grandes centros. Mas, ao chegarem nas urbes quanta decepção... Cadê o Deus onipotente que a todos protegiam contra todas as mazelas e agruras da vida?!

A frase nietzschiana causou um tremendo revolto nos ideólogos, pois um mundo sem a existência de um deus é impensável do ponto de vista que o caos seria instalado e este se tornaria ingovernável. O homem não conseguiria viver sem alguém a reconhecê-lo como um ser importante [*insignificante que é perante a natureza*], e, também, na concepção socrática, tão logo, tenha certeza de que não há ninguém a vigiá-lo se tornaria tão antiético quanto fosse possível ou quanto seu instinto destruidor, sua fome de morte, poder e ganância fossem capazes de lhe dar.

Mas, foi exatamente isto o que ocorreu na Alemanha de Nietzsche. A guerra franco-prussiana (1870-1871) foi capaz de expandir o território alemão, porém, incapaz de oferecer equilíbrio econômico ao contingente de miseráveis que dependiam da máquina estatal. Sem contar que as campanhas para atrair mão-de-obra para a indústria que nascia e crescia prometia o paraíso na terra e quando se via a realidade dura e brutal, os envolvidos se chafurdavam na mais profunda angústia e desolação, provocando a sua derrocada para os caminhos mais vis, condenado-os a uma sub-existência humana.

Não é de estranhar que um filósofo do quilate de Nietzsche tenha dito isto. Mas não há nada de antiético

nesta expressão. Se bem que a verdade, quando dita de maneira direta, nua e crua, sem um douramento, torna-se esdrúxula. “O intento de captar, sem ilusões, a verdade da referida sentença sobre a morte de Deus, é algo distinto a um reconhecimento da filosofia de Nietzsche. Se for esta nossa intenção, com esta afirmação não teríamos nenhum trabalho de pensar [*refletir*]. Só respeitamos a um pensador na medida em que pensamos. [E] Isto exige pensar todo o essencial pensado em seu pensamento.”⁴⁹

A filosofia é um campo intelectualizado, onde não se admite especulações, embora seja ela mesma uma ciência especulativa, por excelência; no entanto, não se permite, em seu interior, incursões de *achismos* no seio e ao longo do objeto analisado. Ela vive em busca da verdade científica, logo necessita conhecer o todo, em todas as suas partes intrínsecas e extrínsecas. Sem ter o conhecimento como suporte ela deixaria de ser um processo de busca e passaria a ser uma ciência dogmática, cristalizada em si mesma e sem chances de crescimento. Cabe, ao filósofo, uma análise completamente fria do que se faz *mister* e não se envolver na projeção.

Toda análise deve-se imiscuir de se embrenhar e/ou se envolver nos costumes e ideologias que envolvem o objeto analisado; *i.e.*, não pode estar ligado, de qualquer forma, ao sistema moral; com isto, se conclui que a filosofia deve sempre fazer suas prerrogativas a partir de um campo extramoral. Ela jamais pode ser maculada pela moral que envolve a sociedade. Ela deve criar e ter seus próprios preceitos éticos.

Por extramoral infere-se que o observador esteja distante do objeto observado, distância esta que lhe permita

⁴⁹ HEIDEGGER, Martin. *La Frase de Nietzsche 'Dios Ha Muerto'*. Caminos de Bosque (Madrid), 1996, p. 26.

ver com clareza, nitidez e objetividade. E assim é a filosofia nietzschiana. Estava sempre afastada o suficiente da cidade para perceber o quanto as torres se elevavam acima das casas. É um tipo de filosofia supraterrena.

Pode-se perceber o quanto a humanidade se afastou de seu processo religioso que, quando Nietzsche coloca esta questão, todos já partiram para condená-lo como um ateu convicto. A ideia concebida, em data longínqua, de um deus imortal, onisciente, onipotente, que amava a todos não poderia ser sucumbida por um filósofo doente da cabeça. Mas, o que ele questiona é realmente este amor, que se era tão incondicional, porque agora tem condições para existir, porque protege a um grupinho e a outro não? E as crianças, morrendo de fome, vítimas de agressões e torturas sem fim, trabalhadores escravizados em empregos sem perspectivas, adolescentes frustrados, idosos marginalizados, solitários e perdidos; ausentes quaisquer expectativas de um qualquer amanhã, até mesmo do mais negro... Carentes de um olhar, ainda que fosse o mais banal, ainda que fosse um olhar de ódio, mas que alguém as olhasse...; mas, [e] nem isto!

Quando as pessoas tomam a autoridade divina como única e suprema, de um modo automático deixam de auferir sentido e importância à autoridade humana, nem à pessoa humana e nem à condição humana. E é muito fácil para alguém, em meio a todo este terror, perder a cabeça e começar a questionar a existência e a postura de uma inteligência superior e, na esteira disto, depois de refletir e analisar o que acontece a sua volta, começar a negar sua existência. Antiético é todo o emaranhado que envolve a situação em si. A moral social estudada por Nietzsche se trata de um valor *ad hominis* introjetado neste via cultura, via educação. Como esta moral estava falida, produzia, no homem um efeito retardado de coisificação, fazendo-o negar sua consciência coletiva, sua alteridade, porque “se Deus,

como fundamento supra-sensível e [única] meta de todo o efetivamente real, está morto, se o mundo supra-sensível das idéias tem perdido toda força unificadora e sobre o todo toda força capaz de despertar e de construir, então já não subsiste nada a que o homem possa se assegurar e por que possa orientar-se. Por isso, se encontra no fragmento citado a pergunta: 'Não andamos através de uma inexistência infinita?'. [Assim], A fórmula 'Deus está morto' compreende a constatação [sumária] de que esta inexistência se estende [ad infinitum]".⁵⁰

Inexistência, na expressão nietzschiana, significa 'subvida, miséria'. O existir pressupõe o 'ex-sistere', o ser para fora. Se se seguir a mesma linha de raciocínio, a inexistência poderia presumir o contrário, a interiorização do homem, a sua volta para dentro; mas não é assim que funciona. A existência humana é uma equação de função quadrática; logo, a inexistência não é uma interiorização em busca do eu interior; é um processo de apatia, depressivo, o enclausuramento de si próprio dentro de um eu esmagado pelo sistema.

Este processo de inexistência humana determina a prisão do homem na ignorância, na impossibilidade de vir a ser, no não ser. Incapacitado de se libertar desta condição, vai se ensimesmando à força, até que vai se tornando amargo, mau, chegando a ocorrer em sua alma "a promessa obscura de um grande final, liberando o assassino mítico interior para expressar todas essas frustrações em uma catarse sangrenta e vingativa."⁵¹

Este homem sobre o qual Nietzsche lança culpa da cumplicidade no deicídio é um mero fantoche consumista do sistema, relegado a uma senzala confortável a qual apelidou

⁵⁰ HEIDEGGER, Martin. *La Frase de Nietzsche 'Dios Ha Muerto'*. Caminos de Bosque (Madrid), 1996, p. 06.

⁵¹ RAIMON, Eric. *O Mito do Homem Assassino*. São Paulo: Edusp, 2006.

de lar e agradece a Deus por tê-la [*enquanto outros nem isto possuem*] e diz estar feliz com isto e, assim, vai [*lentamente*] perdendo a razão, a emoção, a vontade e o próprio ser e a autonomia de ser. Sua vida não se altera; é uma sucessão infinita de tarefas as quais ele nem sabe que significado tem [*para si e para os outros*], de forma que este sujeito nunca forma uma obra. Ele se contenta com que lhe vêm [*ou que lhe põem*] à mão; nada lhe é proposto, é sempre imposto; sobrevive recolhido a um papel insignificante que lhe foi prescrito e segue pegando o repuxo das idéias dos que se salvaram do naufrágio [*intelectual*]. O seu paraíso é a inconsequência [*o não se incomodar e o não agir*], o que pressupõe o não pensar.

Para Nietzsche, este indivíduo que atua de modo patético é completamente antiético, pois apesar de contestar Sócrates em muitos aspectos, concorda com este quando diz que o maior bem para um homem é justamente falar todos os dias sobre a virtude e outros argumentos, raciocinar, examinando-se a si próprio e aos outros e, “que uma vida sem esse exame não é digna de ser vivida.”⁵²

Heidegger argumenta que, “enquanto entendermos a frase ‘Deus está morto’ única [*e exclusivamente*] como fórmula da falta de fé, a estaremos interpretando teológico-apologeticamente e renunciando ao que [*de fato*] interessa a Nietzsche, concretamente: a meditação que reflexiona sobre o que tem ocorrido já com a verdade do mundo supra-sensível e sua relação com a essência do ser humano.”⁵³

A frase de Nietzsche revela que a insatisfação era tamanha que ele nem acreditava que Deus estivesse [*mais*] vivo. Para ele este ser estava não apenas irado com todos,

⁵² PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret, 2004. Primeira Parte: Sócrates apresenta a sua defesa, p. 26.

⁵³ HEIDEGGER, Martin. *La Frase de Nietzsche ‘Dios Ha Muerto’*. Caminos de Bosque (Madrid), 1996, p. 07.

estava morto mesmo e o deicídio havia sido praticado pelos próprios fiéis. Quando diz que haviam matado o Sol, se refere à fumaça das chaminés que provocava mudanças na visão do horizonte, privando o céu do seu brilho azulado, sempre ofuscado pela fumaça cinzenta e este se tornando, também, cada vez mais plúmbeo e tóxico. Ele não via nem o estrangeiro nem o forasteiro sendo bem recebido e bem tratado na cidade, até muito pelo contrário; as negociações sempre baseadas na fraudulência; o meio ambiente sendo degradado a uma velocidade absurda, o mar, o ar, o Sol, o Céu, também, e em maior grau, a pessoa humana, sendo a cada dia mais desprovida de sua condição de imagem e semelhança de Deus e relegada à condição de coisa, recurso, simples *res cogitans*. “Desde certo ponto de vista, pode dizer-se que o ‘*deus otiosus*’ é o primeiro exemplo da «morte de Deus» freneticamente proclamada por Nietzsche. Um Deus Criador que se distancia do culto acaba por ser esquecido. O esquecimento de Deus, [assim] como sua transcendência absoluta, é uma expressão plástica de sua inatualidade religiosa ou, o que venha a ser o mesmo, que sua «morte». A desapareição do Ser Supremo não se traduz por um empobrecimento da vida religiosa. Pelo contrário, poderia dizer-se que as verdadeiras «religiões» aparecem *depois* de seu desaparecimento: os mitos mais ricos e mais dramáticos, os rituais mais extravagantes, os deuses e deusas de toda espécie, os antepassados, as máscaras e as sociedades secretas, os templos, os sacerdócios, etc., todo isto se encontra nas culturas que tenham superado o estágio da recolhida e à caça menor, e nas que o Ser Supremo [adorado] está ou bem ausente (esquecido?) ou bem profundamente confundido com outras figuras divinas, até o ponto de fazer-se irreconhecível. O ‘eclipse de Deus’ de que fala Martin Buber, o afastamento e o silêncio de Deus que obsessiona a alguns teólogos contemporâneos

não são fenômenos modernos. A 'transcendência' do Ser Supremo tem servido sempre de desculpa para [toda] a indiferença do homem a seu respeito. Mesmo quando se guarda dele uma recordação, o fato de que Deus de tão longe justifica toda classe de negligências, se não a total indiferença."⁵⁴

Nietzsche faz um retorno ao conceito de Heráclito que afirma 'que o homem é a medida de todas as coisas'. Para ele, Deus é a consciência Divina. Aquela que tudo observa, coordena e transforma.

Para Nietzsche, tanto Deus quanto os seus conceitos e significados são produtos culturais, construções artificiais. Eles surgem para refrear o instinto destruidor do homem, mas como efeito colateral inibe o espírito criador deste, e é aí que a crítica nietzschiana alcança seu ápice. Os valores deíficos são pertinentes à cultura e ao tempo que se analisa. Deus é universal porque existe em todas as culturas. Porém, seu conceito e seus preceitos são inerentes à cultura que se perscruta, de modo analítico, sujeito a interpretações modotemporais e antropológicas. "A alienação, generalizada e crescente da natureza viva, é em grande parte responsável

⁵⁴ *En lo original:* Desde cierto punto de vista, puede decirse que el *deus otiosus* es el primer ejemplo de la «muerte de Dios» frenéticamente proclamada por Nietzsche. Un Dios Creador que se aleja del culto acaba por ser olvidado. El olvido de Dios, como su trascendencia absoluta, es una expresión plástica de su inactualidad religiosa o, lo que viene a ser lo mismo, de su «muerte». La desaparición del Ser Supremo no se traduce por un empobrecimiento de la vida religiosa. Por el contrario, podría decirse que las verdaderas «religiones» aparecen después de su desaparición: los mitos más ricos y más dramáticos, los rituales más extravagantes, los dioses y diosas de toda especie, los Antepasados, las máscaras y las sociedades secretas, los templos, los sacerdocios, etc., todo esto se encuentra en las culturas que han superado el estadio de la recogida y la caza menor, y en las que el Ser Supremo está o bien ausente (¿olvidado?), o bien profundamente amalgamado con otras figuras divinas, hasta el punto de hacerse irreconocible. El «eclipse de Dios» de que habla Martin Buber, el alejamiento y el silencio de Dios que obsesiona a algunos teólogos contemporáneos no son fenómenos modernos. La «trascendencia» del Ser Supremo ha servido siempre de excusa para la indiferencia del hombre a su respecto. Incluso cuando se le guarda un recuerdo, el hecho de que Dios esté *tan lejano* justifica toda clase de negligencias, si no la total indiferencia (MIRCEA, 1962, p. 42-43).

pela volta à brutalidade que [*sempre*] constatamos no homem civilizado no âmbito estético e moral. Como despertar num adolescente o sentimento do respeito, se tudo é o que ele vê ao seu redor é obra humana, e, o que é mais grave, obra feia e banal? Para os que moram nas cidades até mesmo a vista de um céu estrelado é embaçada pelas emanções químicas que escurecem a atmosfera, ou encoberta pelos arranha céus.”⁵⁵

Para fazer os homens curvarem com mais respeito e menos questionamentos Deus passou a ser confundido com a cultura que o criou e que o sustenta, chegando mesmo a perder sua identidade tanto quanto a própria cultura que representa.

⁵⁵ LORENZ, Konrad. *Civilização e Pecado*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 12.

III

O RE-ENCANTAMENTO SOCIAL PELO MUNDO SACRO

A religião manteve o seu encanto sobre o homem enquanto ele dependia de Deus para tudo e precisava contar com o bom humor deste, para atendê-lo. Em Atenas, quando surgem os pensadores sofistas, a mudança nas formas de compreender a natureza e as coisas impuseram o primeiro golpe ao pensamento teísta. Alguns milênios mais tarde, a partir do momento em que a Revolução Industrial avança e o homem passa a compreender novas formas de produção e manuseio e, com este avanço intelectual, os modernos sistemas de produção se impuseram, este fetiche começou a ruir, pela segunda vez.

A partir da 2ª Guerra Mundial este encantamento se implode de vez. A bomba atômica colocou o destino do mundo a um clique de distância e a decisão da continuidade do gênero humano passou a ser privilégio de um único homem e de seu estado de humor. Nascia, aí, o ápice do antropocentrismo. Mas, a bomba que detonou Hiroshima e Nagasaki é um artefato tão único na história que até sua existência será questionada em um futuro tão próximo que deverá chegar a assustar os que conhecem a história.

Este assombro se mostra a julgar pelo valor do artefato e a gama de pessoas, diretamente envolvidas no projeto. Foram 300 cientistas em prol da bomba. Só para ter-se uma ideia aproximada, hoje, para se construir uma bomba do mesmo tamanho da que foi lançada sobre o Japão seriam necessários 5 trilhões de *dólar*s, ou seja, um fato impossível, financeiramente, para qualquer nação.

Mas, passou a haver um encantamento misturado com medo do seu igual. O mesmo homem que deveria ser

sacro para o seu irmão (na concepção de Sêneca) passou a ser o lobo que o caçava, perseguia, estuprava, matava e devorava (surge o conceito de *hominis hominis lupus*, ou seja, o homem é o lobo do homem). E, com a morte de Deus, anunciada por Frederico Nietzsche e o *deus otiosus*, preconizado por Eliade Mircea, o homem passou a estar entregue à sua própria sorte ou à sua própria condição de azar de ter nascido homem, *ipso facto*.

No século XIX, tanto o movimento científico como grupos socialistas falaram de uma agonia das expressões religiosas formais. Um coro de filósofos, cientistas e políticos apregoava, no alvorecer do século XX, que não haveria espaço para religiões formais ou para Deus no mundo do avanço científico que se anunciava.

Mas, um fato que poderia sequer ser imaginado veio a abalar as estruturas do homem do século XXI e devolvê-lo à sua condição de súdito. No dia 11 de setembro de 2001, um homem e um desejo, movido por sua fé, usando dois aviões comerciais derrubou as estruturas sobre as quais se afirmava a fé humana. Com todo o aparato ideológico, científico e cognitivo de que dispunha, a maior potência mundial viu ruir as duas maiores torres onde funcionava o maior centro comercial do mundo e milhares de vidas.

Não há forma de nenhuma nação proteger o seu povo pelas armas, pelo conhecimento alheio. Provou-se que o maior adversário do homem é o seu igual e que o caos virá pelas mãos de um mero mortal (como veio para muitos). A ameaça pareceu surgir de qualquer lugar, porque provinha de uma estrutura clandestina, da qual ninguém ou quase ninguém tinha ouvido falar até então.

Como forma única de não sucumbir ao medo que toma conta de todos, a saída é voltar a face para o sagrado. Eis aí o novo encantamento do homem pela religião, a busca pelo sagrado e sua união com ele.

A partir de uma manhã tranquila, aparentemente normal, como qualquer outra, a humanidade descobriu que tudo o que ela criou, de mais moderno e tecnológico, para defender-se, para sentir-se protegida e segura, ruiu como um castelo de cartas sacudido pelas mãos de uma criança. Osama Bin Laden entrou para a história como o indivíduo que infligiu o quinto golpe ao ego megalomaniaco da humanidade. Ou seja, tudo o que o homem cria é falho, tudo que é gerado fora de seu corpo não se sustenta por si só; é objeto pacífico de destruição por outro homem.

“Sigmund Freud em sua Introdução à Psicanálise (1916-1917), escreve que, com o passar dos séculos, a ciência infligiu ao egoísmo inocente da humanidade dois graves desmentidos. O primeiro ocorreu logo que ela, na pessoa de Copérnico, mostrou que a Terra, longe de ser o centro do universo, era apenas uma parcela insignificante do sistema cósmico, do qual podemos apenas imaginar a grandeza. O segundo desmentido foi imposto à humanidade pela pesquisa biológica (...), estabelecendo sua origem no reino animal e mostrando sua natureza animal indestrutível. Esta última revolução acontece em nossa época graças aos trabalhos [*intensos*] de Charles Darwin, de Wallace e de seus predecessores. Freud infligirá uma terceira humilhação à megalomania da humanidade, a seu [*soberbo*] narcisismo, demonstrando ao ego que ele nem mesmo é senhor em sua própria casa, que ele deve se contentar com informações raras e fragmentárias daquilo que se passa, além de sua consciência, em sua vida psíquica.”⁵⁶

Stephen Hawking deu um quarto golpe no ego humano ao afirmar que não só os humanos, mas toda a

⁵⁶ CONTINENZA, Barbara. Darwin: As Chaves da Vida. In: *Revista Scientific American*. Nº. 3. São Paulo: Editora Duetto, 2005, p. 08-09.

galáxia [*Via Láctea*] é periférica; ou seja, somos suburbanos no Universo.

E porque atacar logo aquele prédio?! O objetivo era provar que o deus que sustentava o ego humano podia cair junto com ele. O maior centro financeiro do mundo caiu e junto com ele toda a pompa de uma nação. E ao longo da história, toda vez que a humanidade afastou-se do sagrado, as forças ctônicas fizeram uso de artifícios para trazer os humanos para seus domínios, novamente, *i.e.*, voltar sua face para o sobrenatural.

O mito de Pandora, na mitologia grega Clássica ilustra bem este fato. Quando Pandora abre o vaso que continha todos os males, o faz como sendo um presente de Zeus ao irmão de Prometeu, Epimeteu, que significa *aquele que pensa depois*. Eram irmãos, o Id e o Ego. Prometeu significa *aquele que pensa antes, o prevenido*. Um único dom estava escondido no fundo do vaso: 'a esperança'. A musa tornou a fechar, rapidamente, a tampa, antes que ela pudesse escapar, e com isso ela ali ficou encerrada para sempre, pois esta era a vontade do pai dos deuses.

Pandora não foi um presente de Zeus para os homens; foi, na realidade, a sua vingança e de todos os outros deuses do Panteão Olímpico grego aos homens pelo fato de estes os terem banido ao esquecimento. Segundo Nietzsche, Zeus queria, com efeito, que o homem mesmo torturado por diversos outros males, não rejeitasse a vida, mas continuasse a se deixar torturar sempre de novo. Para isso dá ao homem a esperança: na verdade, ela é o pior dos males, pois prolonga os tormentos do homem. Fá-lo manter-se curvo sob a autoridade dos deuses e não olvidá-los.

Em 1957, a União Soviética lançou o Sputnik 1, o primeiro satélite artificial a entrar em órbita. Depois de uma semana foi a vez do Sputnik 2_ tripulado pela cadela Laika, que se tornou o primeiro ser vivo a ir para o espaço

(literalmente, pois o módulo que a transportou nunca mais retornou à Terra). O primeiro homem a chegar ao espaço também foi um soviético. Yuri Gagarin cruzou a atmosfera no dia 12 de abril de 1961, a bordo da cápsula Vostok 1. Sua viagem durou 108 minutos, durante os quais percorreu 40 mil quilômetros em volta da Terra. O astronauta russo Yuri Gagarin deu aos habitantes da Terra a primeira informação sobre o espaço: “A TERRA É UMA ESFERA AZUL.”

Quando Gagarin chegou à Terra [*supostamente*] ele afirmou: “Fui ao céu e não vi Deus!” E quanto poder teve esta fala vindo de alguém que acabava de desbravar o espaço sideral. A esperança dos que aqui ficaram acabava de sofrer outro golpe; mais uma vez. A julgar pelo que havia sido dito pouquíssimos anos antes, em meados da década de 1950 quando Francis Crick e James Watson descobriram a estrutura helicóide do DNA: “pensávamos que o nosso futuro estivesse nas estrelas, mas agora sabemos que a maior parte dele está dentro de nossos genes”, esta foi outra ode ao antropocentrismo exacerbado.

Três anos depois desta declaração chega ao mercado a pílula anticoncepcional. Em 18 de agosto de 1960, o gênero humano passava a ser senhor também de seu processo reprodutivo. Poderia usar o corpo das suas mulheres à revelia e estas, poderiam usá-lo [*agora*] com total *liberdade (sic)*.

Em 25 de maio de 1961, o presidente Kennedy apresenta aos norte-americanos, com o orgulho ferido, o *Projeto Apollo*, e este deveria levar o homem à Lua até o final da década de 1960: “*Se vamos vencer a batalha entre liberdade e tirania (...). Esta nação deve comprometer-se a, antes do fim da década, pousar um homem na Lua e trazê-lo de volta.*”

Em 1969, Neil Armstrong, ironicamente, torna-se o segundo homem a pisar na lua. O homem havia conquistado

a Lua, e realizado um feito grandioso ainda naquela década, como havia prometido o ex-presidente John Fitzgerald Kennedy. Mas, foi uma conquista vã para os americanos; em 1974, o presidente Nixon encerra o programa 'Homem na Lua' sob a alegação de que a ida do homem à lua não trouxera nenhum benefício à humanidade.

Carl Sagan revela que “a conquista da Lua não teve a ver com ciência nem mesmo com espaço. Teve a ver com confrontação ideológica e guerra nuclear, encobertos por eufemismos como liderança mundial e prestígio nacional.” Sagan, por ironia do destino ou mesmo a título de mera curiosidade, tornou-se um dos mais famosos participantes do projeto.

A partir do momento em que o poder do sacerdote cristão foi banido e o Diabo já não o obedece mais, um novo sacerdote se elegeu como *médico da alma* e passou, sob a rigorosa supervisão da máquina estatal a ditar os novos rumos da vida cotidiana, sob a extensa alegação de que dias melhores adviriam do seu esforço em prol de uma sociedade mais justa, mais humana, mais civilizada.

Não havia necessidade do homem voltar suas faces para o sagrado. A julgar pela velocidade com que superava suas limitações, dominaria o ar, a água e a Terra em tempo recorde. Havia este alcançado a máxima de Heráclito: ‘o homem é a medida de todas as coisas’. Estava limitado apenas pelo poder financeiro, aquisitivo; mas, até este parecia infinito ao sujeito do século XX. E, com a tendência de o Capitalismo dominar as pobres almas e transformá-las em anjos, ou seja, criaturas miseráveis sem o direito de errar, somado a isto veio a corrida espacial e o medo de uma terceira guerra mundial, sem falar que no período da guerra fria nunca se temeu e se falou tanto no fim do mundo como nesta época. Era a típica insegurança que ocorre nos anos pós-guerra; porém, ali se estava no meio de uma, com

direito a ETs e tudo o mais (os Et's eram os comunistas soviéticos); um palco [quase] perfeito para uma tragédia shakeasperiana; lógico que ela não veio a ocorrer, mas os Domadores de Feras Africanas (os psicólogos behavioristas) puderam colocar suas garras para fora sem o temor de serem reprimidos pela consciência coletiva (*sic*).

Em tempos de crise o homem teme olhar para os céus com a cabeça erguida, a não ser para suplicar. E o marco se dá desta forma, o homem com suas modernas criações não é capaz de proteger o seu semelhante de si mesmo. Enfim, o homem não é nada! Segundo Huxley “a maioria dos homens e mulheres leva uma vida tão sofredora em seus pontos mais baixos e tão monótona em suas eminências, tão pobre e limitada, que os desejos de fuga, os anseios para superar-se, ainda por uns breves momentos, estão e tem estado sempre entre os principais apetites da alma.”⁵⁷

Mas, a década de 1980 chegou e trouxe com ela a famigerada e temida AIDS. O homem teve de se curvar à ideia de que um inimigo invisível poderia destruí-lo qualquer que fosse sua etnia, religião, credo ou poder econômico. Começa aí, a curva decadente do antropocentrismo, com planos de volta a um deísmo mais maduro, mais flexível, mais humanístico.

O encantamento religioso provoca o êxtase moral no indivíduo e seu engajamento no mundo do sublime, ou seja, o sujeito sente-se seguro de si mesmo através da segurança alcançada por sua fé. Segundo M. Weber, o encantamento religioso desperta o êxtase moral no indivíduo e seu engajamento no mundo do sublime, ou seja, o sujeito sente-se seguro de si mesmo através da segurança alcançada

⁵⁷ HUXLEY, Aldous Leonard. *As Portas da Percepção*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 200, p. 26.

através de sua fé.⁵⁸ O sagrado, que o finito ser humano coloca lá em cima, para além do espaço e talvez para além do próprio tempo – baixa até o homem e este se eleva com ele. A divindade é algo que é a resposta, que dá a resposta, revela os mistérios encerrados na arca do tempo eterno. Não importa a forma que a divindade tenha ou que assuma, seja etérea ou perceptível, seja inimaginável ou palpável. Importa que se aproxime do homem, que seja um canal de comunicação com o infinito e com o imponderável. Não importa tampouco os meios de que se utiliza para tornar-se presente, para manifestar-se e revelar seus oráculos. Que o faça através dos elementos naturais, dos animais, dos seres inanimados, não importa, contanto que o faça.

Um fato marcante na história da humanidade deu-se em Roma, no ano de 205 a.C. Durante o auge da Guerra púnica entre a República Romana e Cartago. Os romanos, desorientados, terminam por apelar a sábios adivinhos que proferem seu oráculo: “Quando o inimigo estrangeiro tiver levado a guerra para terras itálicas, não poderá ser expulso e vencido senão depois que a Mãe Ideana tiver sido transportada de Pessinonte a Roma”. Imediatamente, uma delegação de cidadãos romanos de alto escalão viajou para Pessinonte, na Ásia Menor, onde o rei Átalo Ihes entrega uma pedra sagrada, o bétilo, que representa a Mãe Ideana na persona da Deusa Cibele. A pedra é embarcada e encaminhada a Roma, onde uma multidão imensa a espera, ansiosa por ver e acompanhar a deusa para sua nova morada, no Monte Palatino, onde celebrações de grande fasto Ihes são prestadas. No ano seguinte, Roma tem safras extraordinárias e consegue, finalmente, triunfar sobre os exércitos de Aníbal.

⁵⁸ WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2010.

Tem-se que verificar que, para estudar-se a evolução da sociedade humana, deve-se partir do exame empírico dos processos concretos da vida social dos povos. Os seres humanos não devem ser considerados num isolamento, mas dentro de um processo de evolução real, concreto, a que estão submetidos em determinadas condições. “Quando se descreve uma realidade [sociológica], a filosofia como ramo independente do conhecimento, deixa de existir. Separadas da história, estas abstrações não têm qualquer valor [real]. Servem apenas para facilitar o ordenamento histórico, não favorecendo, porém, um esquema [linear] de interpretação das épocas da história.”⁵⁹

O homem sob intensa pressão psicológica torna-se extremamente concreto, e mais, perdeu a ligação com o pai e mesmo o caminho para chegar até ele. Os cristãos, ao invés de oferecerem seus ombros oferecem os de Deus; um ser invisível que em nada irá contribuir para a cura do doente. Daí, pessoas sem rumo, ao entrar para uma religião, mudam radicalmente sua conduta e pregam aquele caminho aos quatro ventos, para logo em seguida estarem sem rumo e na sarjeta, perdidos...; e sem saberem a quem mais recorrer, retornam ao meio de onde saíram...

De acordo com Nietzsche, “somos no fundo ainda os mesmos homens que aqueles da época da Reforma; e como poderia ser de outra forma? Mas o fato de que há alguns meios que não nos permitimos mais para assegurar o triunfo de nossa opinião nos distingue dessa época e prova que pertencemos a uma civilização mais elevada. Aquele que ainda hoje, à maneira dos homens da Reforma, combate e derruba opiniões por suspeitas e explosões de raiva, trai claramente que teria queimado seus adversários

⁵⁹ MARX, Karl *apud* GOMES, Morgana. *A Vida e o Pensamento de Karl Marx*. São Paulo: Minuano, 2008, p. 33.

se tivesse vivido em outros tempos e que teria recorrido a todos os meios da Inquisição, se tivesse vivido como adversário da Reforma.”⁶⁰ Ou seja, os humanos são dotados de uma fé cega e valem-se até da maldade para preservá-la, sustentá-la. Quando contrariados em seus princípios dogmáticos fazem como eclesiásticos da era da Inquisição para protegerem sua fé. Mas, desde que começou a aparecer o excedente na história da produção humana o capitalismo passou a existir, mas o homem jamais deixou de buscar o sacro por necessidade própria, necessidade dele (intrínseca). “O homem sente-se desamparado, desvalido, insolitamente jogado no tempo e necessitado de um auxílio divino. Sente-se vida, embora não saiba o que realmente é a vida. Afigura-se como que produzido por um momento do tempo, procura inutilmente refletir-se no espelho da natureza finita, ressabiado de sua pouquidão e efemeridade, percebe-se como um mero instante que balança e flutua no berço do tempo e logo some, desaparece no mesmo eterno tempo que o gerou. A dúvida, o questionamento, a insensatez de seu desgarramento num universo repleto de paradoxos impele-o a clamar aos deuses.”⁶¹

O sagrado faz parte da sociedade e é aí que começa o reencantamento da mesma, porque ele consegue suprimir uma necessidade que o capital não consegue. O universo que este último cria, para o homem, é finito, abjeto, envolto em matéria incapaz de satisfazer a sua curiosidade, de fazer transcender a si mesmo, de oferecer-lhe a tão propalada segurança e um destino diferente ao que qualquer outro mortal possa obter.

⁶⁰ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Escala, 2006, p. 298.

⁶¹ MIORANZA, Ciro. O deus tempo. In: SIGNIER, Jean-François; THOMAZO, Renaud. *Sociedades Secretas*, Vol. I: Sociedades Secretas Religiosas. São Paulo: Larousse, 2008, p. 05.

IV

O INTERESSE CRESCENTE DO MUNDO CORPORATIVO PELA RELIGIÃO

As mudanças estruturais e ideológicas nos sistemas econômicos obedecem às revoluções e desejos intrínsecos de mudanças que ocorrem na estrutura psicológica de determinada população. Em um primeiro momento, ainda na pré-história de cada comunidade, em particular, a geografia determina o que devem buscar e fazer a fim de sobreviver.

O nomadismo foi, em um dado momento, ou por um período, a saída para se contornar este caos geográfico. Segundo Levi-Strauss⁶², o pensamento e a mentalidade humana obedecem às mesmas premissas em todo e qualquer lugar, sendo, portanto, uma estrutura única; porém, a pressão do meio aonde cada povo se abrigou obrigaram os diferentes povos a buscarem diferentes soluções para os mais variados problemas em épocas distintas entre si.

Tão logo estas soluções tornaram-se úteis fez-se necessário que as ligassem a algum fenômeno tangível, o que deu origem aos mitos, como uma maneira de explicar a situação e também para não esquecer o processo e aos poucos estes foram agregados à criaturas com poderes sobre-humanos (guerreiros divinizados). O próximo passo foi agregar tudo isto a um sistema global o que deu origem à cultura, ou sistema cultural, porque este englobava todo um conjunto extremamente complexo de pensamento, que tanto negava a necessidade de questionamento quanto impedia que tal ocorresse.

Para garantir a sobrevivência dos *mores* sociais, a cultura teve que criar um novo sistema, o religioso, que

⁶² Cf. LEVI-SATRUSS, Claude. *Mito e Significado*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

cuidaria de preparar os indivíduos para a vida pública, enquanto se fazia potente sobre sua vida privada. Não havia separação entre a vida pública e a privada e a religião cuidava de educar (endireitar) o indivíduo, doutrinando-o na nova ordem.

Mas, a partir do momento em que surge o dinheiro tudo se desequilibra e a religião começa a perder seu poder, ou seja, ela deixa de ter utilidade na manutenção do poder. Este, que antes era regido por aquele que detivesse o canal direto com os deuses, que podia comunicar-se com eles, agora é regido por quem detiver a maior fortuna em metais, em mulheres, em cabeças de gado. E pior, o poder, graças ao sistema cambial, tornara-se, assim, passível de trocar de mão, ou seja, perdeu sua rigidez, tornando-se volátil.

Mesmo o sistema liberal⁶³ mais rudimentar depende de um meio de propagação da sua ideologia. Por muito tempo, a religião serviu a este propósito, que, na surdina, minava o crescimento do capital alheio em prol de seu próprio, expandindo, desta forma, exponencialmente, sua própria corte e seu poder. Porém, com a chegada da *Revolução Industrial*, a educação torna-se o fetiche do meio corporativo. A academia tornou-se o Paraíso Perdido; o sonho de consumo de todo e qualquer cidadão. Até porque às escondidas ela promovia uma sutil mobilidade social e um poder de convencimento que arrastava opiniões inteiras. Parafraseando Van Loon “o dom da Razão em sua forma mais sublime está restrito a um mero punhado de homens e mulheres. Esses são os poucos que dirigem; os outros só

⁶³ *Liberalismo* pode ser definido como um conjunto de princípios e teorias políticas, que apresenta como ponto principal a defesa da liberdade política e econômica. Neste sentido, os liberais são contrários ao forte controle do Estado na economia e na vida das pessoas.

podem seguir. O resultado é uma procissão estranha e vacilante - dez mil criaturas sem rumo para cada pioneiro".⁶⁴

Eis porque o Liberalismo adota a educação como garota propaganda de seu aparato ideológico. Enquanto até a Alta Idade Média e início da Idade Contemporânea, era a religião quem determinava o que a população iria consumir, após a 2ª Revolução Industrial, mais especificamente, os professores e outros especialistas passaram a ditar a nova regra do consumismo individual; agora fundamentada em pesquisas científicas (*sic*).

Porém, com a evolução do pensamento crítico, a educação passou a ser uma alavanca que funcionava em efeito reverso à ideologia capitalista e, com a criação do *Welfare state keynesiano* ele sofre seu último golpe na sua já frágil estrutura. Isto porque com as propostas de auxílio governamental, começa-se a ter um equilíbrio em termos de consumo e qualidade deste.

A única estrutura que se manteve rígida ao longo dos anos, décadas, séculos e milênios foi a sagrada religião, principalmente nas regiões onde as condições geográficas não permitem ousadias e inovações que venham a por em risco a seguridade da população. Nestas localidades, a expressão cultural se faz muito forte, mas ela necessita de um suporte poderoso que refreie os efeitos da *psiqué* sobre o meio.

Para conseguir adentrar estes mercados *sui generis*, as corporações necessitam, primeiro, adequarem-se aos preceitos culturais das populações, leis e religião, além de serem apoiados e suportados pelo discurso de maior poder sobre a mente das pessoas daquele espaço; nestes casos o sagrado é o expoente de maior expressão. Daí a explicação

⁶⁴ VAN LOON, H. W. O Homem Sobreviverá? In: *Seleções do Rider's Digest*. Rio de Janeiro: Ypiranga, 1957, p. 120.

sobre o porquê do interesse cada vez mais crescente das empresas sobre as religiões e seu interesse pelo mundo sacro. Este pode ser explicado pela necessidade premente de sobrevivência; porque sem consumo de bens não há porque haver produção industrial e sem esta, o capitalismo corporativista subsiste.

Com o advento dos avanços na área da medicina e o desenvolvimento dos meios de produção agropecuários, os indivíduos passaram a ter uma longevidade maior, o que acarreta, como consequência, mais serviços básicos de atenção primária social e com a redução da mortalidade neo-natal e infantil, a população da Terra cresceu, de modo exponencial. Somando-se a isto tudo advém o fato de que o melhoramento genético em agricultura é muito lento e a demanda por alimentos para toda esta gama de pessoas e consumidores cresce muito mais rápido do que a produção primária dá conta de atender. Alia-se, ainda, a tudo isto, o aumento na fertilidade feminina e nas taxas de concepção o que provoca um desequilíbrio na balança de qualquer país. Outro fator que contribui, negativamente, é a extensa falta de cuidados contraceptivos, aliado ao aquecimento global provocando redução na quantidade de terras favoráveis à agricultura. Se existe a concepção de que “na história do homem, o aumento rápido da população [*humana*] tem sido considerado como sinal de vitalidade nacional, como base do poderio militar e político, como fonte de baixo custo de trabalho e como estímulo para o mercado interno e, “a estas velhas filosofias, adicionou-se uma que, para uma nova nação ter seu lugar ao sol, este seria assegurado se tivesse quem o povoasse.”⁶⁵

⁶⁵ STYCOS, J. M. *A Fertilidade Humana e a América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1969, p. 05.

No entanto, não se pode perder de vista que este povo deve ser muito bem alimentado e guarnecido dentro de preceitos socioeconômicos. De forma que, o que ora se chama de interesse crescente ou atração do mundo corporativo pela religião é uma maneira de aproximação com fins a atender a uma demanda por produtos de primeira necessidade. O cosmo religioso tende a afrouxar as suas tendências extremistas, enquanto o mundo corporativista liberal tende a se adaptar às exigências destes mercados, respaldando-se em suas políticas sacro-culturais.

Para que o justo equilíbrio seja alcançado faz-se *mister* que as corporações conheçam as peculiaridades inerentes a cada religião e seus dogmas responsável por tal e qual comunidade e adequar seu campo de produção às exigências colocadas por tais grupos. A aproximação das corporações ao meio sacro e em especial aos grupos religiosos é um meio para se atingir um fim.

Como afirma Kotler, ao se pretender conquistar um mercado específico, há que se ter claro, a ideia de que, “o ambiente geral é formado por seis componentes: ambiente demográfico, ambiente econômico, ambiente natural (meio ambiente), ambiente tecnológico, ambiente político-legal e ambiente sócio-cultural. Esses ambientes contêm forças que podem produzir um impacto [*muito*] importante sobre os participantes do ambiente de tarefa. [Todos os] Participantes do mercado devem prestar muita atenção nas tendências e nos acontecimentos desses ambientes e realizar ajustes oportunos em suas estratégias de *marketing*.”⁶⁶

Com a onda de pessimismo que vem assolando a humanidade nos últimos tempos, os homens têm-se voltado para o sacro e o discurso religioso volta a exercer um poder

⁶⁶ KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000, p. 37.

supremo mesmo em países onde a tradição religiosa já enfrenta forte declínio. E o liberalismo necessita estar arraigado a um veículo ideológico de poder para sustentar-se e mesmo infiltrar-se em mercados protegidos pela fé. A religião, em especial em locais onde a fé dita os costumes e suas vertentes, todo o produto a ser consumido por aquele grupo deve ser sacralizado. “A maioria das empresas pratica a orientação de vendas quando tem excesso de capacidade. Seu objetivo é vender aquilo que fabrica, em vez de fabricar aquilo que o mercado quer [*e está a fim de comprar*]. Em economias industriais modernas, a capacidade produtiva aumentou até o ponto em que a maioria dos mercados é de compradores (os compradores são predominantes), e os vendedores têm de correr atrás de clientes.”⁶⁷

Neste sentido, este tipo de orientação para vendas, fatalmente, são frágeis, tendo em vista o fato de que, na atualidade, os clientes serem cada vez mais informados com relação aos seus direitos e críticos com relação à qualidade, o que depõem contra a sua opinião pode, de maneira sutil ou venenosa, ser lançado ao vento como pragas das más línguas multiplicadas. Sem contar, ainda, que o liberalismo já se provou ineficaz no que tange a oferecer um suporte ideal para as condições de vida humana.

A religião detém o poder de abrir ou de fechar portas; o que ela torna sagrado faz-se sagrado. O poder do seu discurso é, infinitamente, poderoso e é isto o que encanta o universo corporativo, fazendo com que cresça seu interesse por este determinado campo. No universo corporativo, a busca incessante faz-se pelo lucro, se não imediato, ao menos no curto e no médio prazo. Todas as tendências mercadológicas que têm se efetuado na esfera global tem

⁶⁷ KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000, p. 40.

proporcionado aos empresários firmarem parcerias com todos os meios possíveis a fim de evitarem as recessões que andam bafejando a economia, nos últimos tempos.

A concorrência entre os mercados, a questão da qualidade quase toda igualável, preços equitantes, sobra apenas uma pequena gama de espaço para as corporações definirem seus campos de atuação. E nesta batalha até apelam para o sobrenatural, para o que encanta a mente das pessoas e as faz acreditar que além do lucro, as *holding's* estão imbuídas de bons sentimentos.

As empresas descobriram, nos últimos tempos que fé e consumo caminham juntos; e que os consumidores sentem-se em paz com suas respectivas consciências quando consomem produtos de uma corporação que devota seus sentimentos a um Ser Supremo. Mas, cada região terá o seu valor agregado ao seu deus doméstico. No caso do Ocidente Católico-Protestante, a luxúria pode representar um pecado capital, porém, é uma força poderosa que leva as pessoas a se desgastarem em vultosas somas em coisas supérfluas; e isto gera uma tremenda crise de consciência; porém, se esta empresa agrega valores cristãos, o *pathos*⁶⁸ do cliente é reduzido e ele pode, assim, gozar de um sono tranqüilo, mesmo tendo gastado uma vultosa soma em algo irrelevante até mesmo para sua vida.

Em países não católicos, como a Índia e o Oriente Médio, as empresas devem agregar os valores religiosos locais, ou seja, cada cultura terá o seu deus particular e adotar um deus forasteiro não será de bom alvitre para a

⁶⁸ *Pathos* é uma palavra grega que significa paixão, excesso, catástrofe, passagem, passividade, sofrimento e assujeitamento. O conceito filosófico foi cunhado por descartes para designar tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado (pelos filósofos) de *pathos*. E se o conceito está ligado a padecer, pois o que é passivo de um acontecimento padece deste mesmo. Portanto, não existe *pathos* senão na mobilidade, na imperfeição. **Fonte:** pt.wikipedia.org/wiki/Pathos. Acessada em 20/07/2013.

corporação nem será bem vista pelos aborígenes; logo, mesmo tendo um produto diferenciado, com alta qualidade e performance, o fracasso será inevitável. Outra coisa que as corporações desvendaram foi que, quando determinada empresa agrega valores religiosos, ela é mais bem vista comercialmente, porque os clientes tendem a acreditar que as pessoas envolvidas nos processos são dotadas de grande caráter ético; que não tem ganância, que não visam lucro (*sic*) e que realizam algum tipo de caridade; são pessoas pias, honestas, que tratam seus funcionários com dignidade, não sonegam impostos, cumprem com os rigores da lei.

O lucro, depois que a televisão revelou [*quase*] todas as discrepâncias entre as diversas classes e as misérias sociais espalhadas pelo mundo afora, tornou-se abjeto e motivo de asco. As pessoas querem crer, de alguma forma, que as corporações desenvolvem seus produtos e serviços para o bem-estar social e humano. E o único caminho para produzir esta crença ideológica nas pessoas é agregar a empresa ao mundo sacro, porque os clientes e a mídia cuidará bem de reforçar isto através de um *marketing* poderoso que aquela empresa pratica “a cultura da partilha [*i.e.*] a cultura da doação, mas não um doar contaminado pelo poder, pelo assistencialismo, pelo utilitarismo, pelo interesse privado, mas um doar gratuito no qual as relações humanas são vividas como dom e não esperam retribuição. Porém, há que se manifestar os conceitos de reciprocidade e as estruturas de comunhão. Uma gratuidade de valores e de dons pessoais e não somente materiais.”⁶⁹

A era pós-moderna é marcada pela intelectualização e pelo desencantamento do mundo, ou seja, por um longo

⁶⁹ Cf. ARAÚJO, Vera. Qual homem e qual sociedade para a Economia de Comunhão. Separata de: *ABBA – Revista da Cultura*. São Paulo: Cidade Nova. Nº 3, 2001, p. 39-48.

tempo, a religião deixou de dar o suporte necessário ao indivíduo sôfrego e decadente. Diante desta realidade, cabe ao indivíduo escolher se quer permanecer imerso na esfera religiosa (o que exige o sacrifício do intelecto) ou se prefere arcar com as consequências de uma visão científica do mundo, na qual não existe qualquer sentido último para a vida, o mundo e o indivíduo. No mundo desencantando, o indivíduo deve dedicar-se às tarefas do dia e assumir suas responsabilidades diante da vida: esta é a única forma de dar sentido à própria existência. Mas, as *holdings* têm buscado a conciliação entre o desenvolvimento econômico e a construção de uma imagem baseada na fé religiosa.

Em suma, o interesse das corporações pela religião vem crescendo porque as descobertas realizadas pelos cientistas sociais comportamentais tem mostrado que os clientes se empatizam com as marcas que trazem agregado a si valores sacros. A religião apresenta um segmento da teoria de Weber de que o espírito do capitalismo não é caracterizado pela busca desenfreada do prazer e pela busca do dinheiro por si mesmo, ou seja, o lucro pelo lucro. A sua ligação promove uma visão do corporativismo liberal entendido como uma ética de vida, uma orientação na qual o indivíduo vê a dedicação ao trabalho e a busca metódica da riqueza como um dever moral, mas até sítio ela mascara e cria a definição de que alcançou o poder pelo trabalho *árido* e constante.

V

AS MUDANÇAS CORPORATIVAS EM FUNÇÃO DA RELIGIÃO

A relação entre todas as corporações econômicas e a sociedade baseia-se num contrato social que evolui conforme acontece as mudanças sociais e as conseqüentes expectativas da sociedade. Através deste contrato, a sociedade legitima a existência da empresa, reconhecendo suas atividades e obrigações, bem como estabelecendo limites legais para sua atuação. A sociedade tem o direito de mudar suas expectativas sobre os negócios como instrumento da própria sociedade.

Com o advento ocorrido em 11 de setembro de 2001, no World Trade Center, em Nova York (USA), o Ocidente experimentou uma casta revitalização em sua perspectiva ideológica religiosa. Ao mesmo tempo em que as pessoas passaram adotar mais ferrenhamente uma fé para seguir, as empresas tiveram que mudar seu comportamento interno e externo, a fim de se manterem competitivas em um mercado cada vez mais globalizado e complicado.

Os novos rumos tomados na economia, motivados pelos diversos interesses mercadológicos, estes aliados às mudanças estruturais na conjuntura da biosfera terrestre, como aquecimento global, catástrofes, enchentes, entre outras, ocorrem ao mesmo tempo em que as pessoas passaram a adotar mais ferrenhamente uma fé para seguir, o que, de maneira bastante definida levou as empresas a mudarem seu comportamento interno e externo, a fim de manterem-se competitivas em um mercado cada vez mais globalizado e complicado. Um fator que provocou profundas mudanças nos paradigmas das corporações foi a crescente

descapitalização da economia mundial ocidental. Isto forçou as *holdings* ocidentais a procurarem nichos de mercado em ambientes nunca antes explorados, como Índia, Oriente Médio e Extremo Oriente.

Com isto tiveram que estudar os mercados nos quais desejavam ingressar e acabaram por descobrir que, nestes novos nichos, a cultura é tão poderosa que ela não se adapta a nada novo, cabendo à empresa interessada, criar mecanismos de adaptação que possam adequar-se aos seus preceitos antropológicos, sociológicos e axiológicos.

Com este processo, *sui generis*, da exploração e institucionalização dos preceitos religiosos adotados pelas corporações, descobriu-se o valor que está agregado à religião na mente do consumidor. Com isto, os empresários passaram a valorizar mais o ambiente de trabalho, a ter maior consideração pelos seus funcionários e até mesmo a investir horas de seu tempo cotidiano a estar em meio ao seu negócio, dando tapinhas nas costas de clientes e funcionários, desejando felicidades e outras coisas que, até bem pouco tempo, nem ao menos se imaginaria.

Um exemplo clássico tem sido o apresentador e empresário Sílvio Santos que tem aparecido fora dos bastidores do SBT, destituído de seu usual terno e gravata, em mangas de camisa em franca harmonia com seus funcionários e convidados. Em 2010, ele também desfilou em uma escola de Samba.

Sobre esta questão particular, ver-se que um homem (empresário) que adote uma determinada fé religiosa, em nenhum momento ele pensa em doutrinar seus funcionários; mas, pelo contrário, busca inteirar-se de suas construções axiológicas e a respeitá-las em sua essência. Estas são posturas que procuram mostrar o homem-empresário em harmonia com os consumidores e clientes de sua empresa; em trajes mais modestos e como a religião prega humildade

e bondade, estas tornam-se conceituações de *marketing* favoráveis aos interesses capitalistas.

Segundo Kotler, “para estimular o trabalho em equipe entre todos os departamentos, a empresa adota, além do marketing externo, o marketing interno. O marketing externo é direcionado às pessoas de fora da empresa. O marketing interno é a tarefa de contratar, treinar e motivar funcionários que desejam atender bem aos clientes. Na verdade, o marketing interno deve preceder ao marketing externo. Não faz o menor sentido prometer um excelente serviço antes que o quadro da empresa esteja preparado para fornecê-lo”.⁷⁰

Outro fator que se mostrou preponderante foi que, com as mudanças ocorridas no século XXI, a transformação no contrato social entre a sociedade e os negócios fez-se necessária e as organizações passaram então a entender que era preciso assumir responsabilidades a fim de atender às novas exigências e desta forma, começam a questionar seu posicionamento sobre isso. As dúvidas permeiam em distinguir quais são efetivamente as responsabilidades da empresa para com a sociedade e qual o limite da ação empresarial sobre estas. Surge, assim, a Responsabilidade Social Empresarial (RSE), que “é a forma de gestão que se define pela relação ética e transparente da empresa com todos os públicos com os quais se relaciona e pelo estabelecimento de metas empresariais compatíveis com o desenvolvimento sustentável da sociedade, preservando recursos ambientais e culturais para as gerações futuras, respeitando a diversidade e promovendo a redução das desigualdades sociais.”⁷¹

⁷⁰ KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000, p. 44.

⁷¹ INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL. Disponível em:

Neste novo contexto empresarial, ser socialmente responsável é prever e realizar ações da melhor forma possível, antecipando as conseqüências e o alcance de tais ações para o benefício de todos os seus públicos. É a Empresa cidadã contribuindo para elevação do ambiente social em que vive. “O crescente aumento da complexidade dos negócios, o avanço de novas tecnologias, o incremento da produtividade levou a um aumento significativo da competitividade entre as empresas e, desta forma, elas tendem a investir mais em processos de gestão de forma a obter [maiores] diferenciais competitivos. Para as empresas, a responsabilidade social pode ser vista como uma estratégia a mais para manter ou aumentar sua rentabilidade e potencializar o seu desenvolvimento.”⁷²

O conceito de responsabilidade social empresarial é muito complexo e dinâmico, com significados diferentes em contextos diversos e está relacionado a diferentes idéias. Para alguns, ele está associado à ideia de responsabilidade legal; para outros, pode significar mais um comportamento socialmente responsável no sentido ético; e, para outros ainda pode transes, incluindo os impactos diretos assim como os que afetam terceiros, o que envolve toda a cadeia produtiva e o ciclo de vida dos produtos.

Para Bertoncello e Chang Júnior, “a responsabilidade social desdobra-se em múltiplas exigências: relações de parceria entre clientes e fornecedores, produção com [maior] qualidade, satisfação dos usuários, contribuições para o desenvolvimento da comunidade [local]; investimentos em pesquisa tecnológica, conservação do meio ambiente,

www.ethos.org.br/desktopdefault.aspx?TabID=3344&Alias=Ethos&Lang=pt-BR. Acesso em 14/01/2013.

⁷² BERTONCELLO, Sílvio Luiz Tadeu; CHANG JÚNIOR, João. A importância da Responsabilidade Social Corporativa como fator de diferenciação. São Paulo: FACOM - n° 17 - 1º semestre de 2007, p. 70.

participação de funcionários nos resultados e nas decisões das empresas, respeito aos direitos dos cidadãos, não discriminação dos gêneros, raças, idades, etnias, religiões, ocupações, preferências sexuais, investimentos [*integrados*] em segurança do trabalho e [*também*] em desenvolvimento profissional.”⁷³

Para Porter “esta estratégia [*competitiva*] consiste em basicamente desenvolver as atividades de uma empresa, buscando agregar valor aos seus produtos e serviços”⁷⁴ e, desta forma, a empresa desenvolve uma oferta única no âmbito de todo o mercado, oferecendo produtos e serviços com atributos distintos e valorizados pelos clientes.

Segundo o Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, “*Responsabilidade Social Corporativa é [ou pode ser compreendida como sendo] o comprometimento permanente dos empresários de adotar um comportamento ético e [assim poder] contribuir para o desenvolvimento econômico, melhorando simultaneamente a qualidade de vida de seus empregados e de suas famílias, da comunidade local e da sociedade como um todo*”.⁷⁵

Na concepção de Ashley, “responsabilidade social pode ser definida como o compromisso [*real*] que uma organização deve ter para com a sociedade, expresso por meio de atos e atitudes que a afetem positivamente, [...] agindo proativamente e coerentemente no que tange a seu papel específico na sociedade e a sua prestação de contas para com ela. A organização [...] assume obrigações de caráter moral, além das estabelecidas em lei, mesmo que

⁷³ BERTONCELLO, Sílvio Luiz Tadeu; CHANG JÚNIOR, João. A importância da Responsabilidade Social Corporativa como fator de diferenciação. São Paulo: FACOM - nº 17 - 1º semestre de 2007, p. 70.

⁷⁴ PORTER, Michael E. *Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1986, p. 12.

⁷⁵ MELO NETO, Francisco, FROES, César. *Responsabilidade Social & Cidadania Empresarial*. São Paulo: Ed. Qualitymark, 1999, p. 87.

não diretamente vinculadas a suas atividades, mas que possam contribuir para o desenvolvimento sustentável dos povos.”⁷⁶

Na concepção do Banco Mundial “a responsabilidade social empresarial é o compromisso de contribuir para o desenvolvimento econômico sustentável trabalhando em conjunto com os empregados, suas famílias, a comunidade local e a sociedade em geral para melhorar sua qualidade de vida de forma que seja bom tanto para as empresas como para o desenvolvimento”.⁷⁷

Kotler complementa esta fala dizendo que, “uma empresa inteligente cria um alto nível de satisfação de funcionários, que leva a um esforço maior, que leva a produtos e atendimento de melhor qualidade, que criam maior satisfação de clientes, que leva a negócios mais regulares, que levam a maiores taxas de crescimento e lucro, que levam a um alto nível de satisfação de acionistas, que leva a mais investimentos e assim por diante. Esse é o círculo virtuoso que significa lucros e crescimento.”⁷⁸

Toda estratégia é uma escolha e como tal apresenta vantagens e desvantagens associadas. A estratégia de diferenciação envolve alguns riscos. O primeiro deles é a imitação pura e simples por parte dos concorrentes e o segundo existe quando a empresa não conseguir expor para o mercado o valor diferenciado que desenvolveu em suas atividades, portanto, o custo de diferenciação é maior que a lealdade do mercado em relação à empresa.

Outra atitude das corporações, de modo específico, com relação às religiões é a utilização dos símbolos locais

⁷⁶ ASHELY P. A. (coord.). *Ética e Responsabilidade Social nos Negócios*. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 98.

⁷⁷ Cf. www.worldbank.org.

⁷⁸ KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000, p. 63.

que representem deuses e amuletos em seus espaços de trabalho. Isto ajuda o cliente a se identificar com a sua fé e sentir-se seguro e confortável naquele ambiente. Uma estratégia também muito usada é não expor produtos que são considerados proibidos ou profanos nas culturais locais, *p.e.*, em um país de fé islâmica a empresa não comercializa carne suína nem peixes sem escamas. Da mesma forma, não se preconiza vender carne de jumento [*equus asinnus*] na região sudeste brasileira, o que já seria tolerável na região nordeste ou carne de cachorro em um país católico, enquanto que, na China esta ideia seria bem aceita pelos chineses; ou vender carne de 'vaca' na Índia seria decretar falência e até pena de morte. Da mesma forma que expulsar este animal de dentro da loja.

Os religiosos do Islam criaram a linha Halal⁷⁹, *v.g.*, que, só consome produtos que são submetidas ao contexto do *Corão* e da *sunna*⁸⁰ (tradição e orientação do profeta

⁷⁹ *Halal* significa lícito; é o mesmo que permitido, autorizado (permitido ao consumo humano, legal). Alimentos Halal são aquelas cujo consumo é permitido por Deus. No Sagrado Alcorão, Deus ordena aos muçulmanos e a toda a humanidade a comer apenas alimentos Halal. *Halal* também é a base de tudo que é lícito, na política, no social, nos atos praticados (conduta), na justiça, nas vestimentas, nas finanças, etc., é o resultado de um sistema de produção que busca criar mecanismos que contribuam com a saúde humana, criando equilíbrio sustentável em todo seu processo. Portanto, Halal é muito mais que um produto sendo elaborado com matéria prima Halal. É o resultado de um sistema de produção que busca criar mecanismos que contribuam com a saúde humana, criando equilíbrio sustentável em todo seu processo.

⁸⁰ A palavra árabe *Suna* significa 'caminho trilhado', e logo, *sunna do profeta* significa os caminhos trilhados pelo profeta, ou aquilo que é normalmente conhecido como *Tradições do Profeta*. Terminologicamente, a palavra "Suna" significa também os feitos, dizeres e aprovações do Profeta Muhammad durante os seus 23 anos de profeta, e isto significa que tudo o que ele disse, fez ou aprovou durante o seu tempo como profeta e mensageiro de Deus é considerado uma suna, e os muçulmanos têm de seguir e praticar as suas tradições. Os registros validados (a hadith) desse "caminho", constituem um exemplo moral para os muçulmanos. *Sunnah*, deste modo, é a segunda fonte da lei islâmica após o sagrado Alcorão. O sagrado Alcorão para os muçulmanos é a palavra de Allah (Deus), e a *Sunnah* passa a ser os meios pelo que o profeta Muhammad aplicou e ensinou o Islam, para e com seus companheiros, sendo estas informações compiladas e armazenadas em muitos livros, os mais importantes sendo: Sahih Bukhari, Sahih Muslim, Sunan An-Nasai, Sunan Attirmidhi, Sunan Ibn Majah, e Sunan Abu Daud,

Maomé). Segundo Dib Tarrass⁸¹ “nós nos alimentamos diariamente de produtos com ingredientes que se escondem em nomes de difícil interpretação. Devemos solicitar dos fabricantes a real composição dos alimentos, assim como, a discriminação de sua fonte de origem. Dentre esses produtos estão biscoitos, queijos, imbutidos, doces etc., que podem conter inúmeros ingredientes [*que são considerados*] ilícitos: desde derivados de suíno, até cabelo humano, insetos, álcool etc. Existem produtos, que ao olhar dos consumidores, são considerados lícitos. Isso é um erro gravíssimo, uma vez que um produto *halal* pode [*vir a*] ser contaminado por outro *haram*⁸², dependendo do ingrediente

que perfazem um corpo de lei islâmica e directivas divinas para muçulmanos em todo o mundo.

⁸¹ TARRASS, Dib Ahmad El. *Halal vai muito além do Abate (2009)*. In: <http://www.cibalhalal.com.br/br/halal-consumidor/materias.html>. Acessado em 23/12/2011.

⁸² **Haram** é o mesmo que ilícito, proibido, impuro, ilegal. Alimentos e bebidas Haram são absolutamente proibidos por Deus. Comer Haram é proibido para todos os muçulmanos. Na surata 5º versículo 3º, reza: “Está-vos vedado: a carniça, o sangue, a carne de suíno e tudo o que tenha sido sacrificado com a invocação de outro nome que não seja deus”. *Suratas* são versículos do Alcorão que tratam da questão da alimentação.

Animais proibidos: Porco e cachorros e seus semelhantes; animais que possuem longas presas (dentes), tais como tigres, elefantes, macacos, etc.; pássaros predadores como o águia, falcão, etc; animais pestilentos como ratos, centopéias, escorpiões e semelhantes; criaturas ou insetos que são consideradas repulsivas como as moscas, vermes, lesmas, baratas etc.; répteis como crocodilos, cobras, etc.; animais e aves que se alimentam de carniça.

Alimentos e insumos proibidos: Carne de suíno e seus derivados (gelatinas, culturas de fermentação, queratina, etc.); animais abatidos de forma imprópria ou mortos antes do abate; animais abatidos com invocação de outro nome que não seja de Deus; nenhuma forma de sangue e seus derivados; gelatina de origem bovina que por sua vez não foram abatidos conforme a jurisprudência Islâmica; alimentos industrializados que contenham ingredientes elaborados com etanol; bebidas alcoólicas; corante (ácido carminico, cochililha); coalho e fermento de origem animal que por sua vez não foram abatidos conforme jurisprudência Islâmica; leveduras de cervejarias; L-Citeína extraída de cabelo humano; L-Citeína de penas de aves que por sua vez não foram abatidos conforme jurisprudência Islâmica; aromas que utilizam o álcool (etanol) e gordura animal (Suíno) como solvente ou transportador; soro de leite proveniente de laticínios que utilizam

utilizado. Em nossa visão, todos os alimentos e produtos industrializados são considerados *Mashbooh* (duvidosos) até que se possa comprovar que sua origem e processo, consistem em alimentos *halal* ou *haram*. Os mecanismos, que formam o sistema *halal*, envolvem desde a cadeia produtiva até o resultado final e seguem requisitos básicos, como o manejo consciente da terra e meio ambiente, que incluem o uso de agrotóxico legal, tratamento de efluentes, higiene funcional, equipamentos, processamento [realizado] com produtos *halal*, armazenamento etc. Essas exigências trazem um grande impacto positivo a todos. O consumidor obtém alimentos mais saudáveis e os fabricantes ganham mais clientes com maior potencial de compra.”

Aqui no Brasil, corporação de Conceito *Halal* Brasil é aquela que: Abate os animais com humanismo e respeito seguindo a Sharia⁸³; produz alimentos industrializados e produtos com matéria prima 100% *Halal* conforme rege a jurisprudência Islâmica; fabrica alimentos e produtos que não afetam a saúde humana; introduz as Boas praticas de Fabricação em seu processo fabril; introduz a Análise de Pontos de Perigo de Controle Crítico (APPCC), (HACCP) em seu processo fabril; ser uma empresa cidadã, destinar parte de seus lucros para algum tipo de benefício social e do meio ambiente.

De acordo com Kotler, a necessidade das empresas é definir o que, exatamente, elas objetivam, e conhecer a fundo estes mercados se suas exigências mais profundas. No caso supracitado, a corporação deve seguir todo um

coalho animal; molho de soja fermentado (líquido e pó); embalagens plásticas biodegradáveis que utilizam gelatina suína.

⁸³ **Sharia:** A charia, chariá, xaria ou xariá (em árabe شريعة), também grafada *sharia*, *shariah*, *shari'a* ou *syariah*, é o nome que se dá ao código de leis do islamismo. Em várias sociedades islâmicas, ao contrário da maioria das sociedades ocidentais dos nossos tempos, não há separação entre a religião e o direito, todas as leis sendo religiosas e baseadas ou nas escrituras sagradas ou nas opiniões de líderes religiosos.

aparato que atenda às exigências da fé islâmica. A questão nutricional é colocada sempre em segundo plano, estando em evidência, a aceitação fiel dos produtos pela palavra sagrada.

Desta forma, “os profissionais [*atuantes na área*] de *marketing* desempenham vários papéis ao ajudar a empresa a definir e entregar bens e serviços de alta qualidade a clientes-alvo. Primeiro, é deles a maior responsabilidade pela correta identificação das necessidades e exigências dos clientes. Segundo, eles devem comunicar as [*principais*] expectativas de clientes aos projetistas de produtos de maneira apropriada. Terceiro, eles devem assegurar que os pedidos dos clientes sejam atendidos corretamente e dentro do prazo. Quarto, eles devem verificar se os clientes receberam instruções, treinamento e assistência técnica adequados à utilização do produto. Quinto, eles devem manter contato [*constante*] com os clientes após a venda para assegurar que estejam e permaneçam satisfeitos. Sexto, eles devem coletar idéias de clientes para melhorias de produtos e serviços e transmiti-las aos departamentos adequados na empresa. O crescimento por diversificação tem sentido quando existem boas oportunidades além dos negócios atuais.”⁸⁴

Entendendo, desta fala, que a ação de diversificar os negócios é fonte de sobrevivência para as empresas. Para tanto, a sua imagem deve estar ligada a uma gama de produtos, que atraia a atenção dos clientes e permita sanar suas devidas necessidades de consumo, reais.

Uma empresa está diante de uma boa oportunidade quando tem a composição de forças necessária para ser bem-sucedida em um setor que se mostre atraente. “Há três

⁸⁴ KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000, pp. 80-95

tipos de diversificação. No primeiro deles, seria possível procurar novos produtos, com semelhanças tecnológicas e/ou de mercado com as linhas existentes – mesmo que esses novos produtos interessem a um grupo diferente de clientes (estratégia de diversificação concêntrica). [...] No segundo tipo de diversificação, a empresa poderia procurar novos produtos que interessassem aos clientes, mesmo que não tenham relação tecnológica com a atual linha (estratégia de diversificação horizontal). Por último, a empresa poderia procurar novos negócios sem relação com a tecnologia, com os produtos ou com os mercados atuais (estratégia de diversificação conglomerada), como a produção de [alguns] aplicativos ou agendas. A empresa, além de desenvolver novos negócios, precisa enxugar, encolher ou [até] mesmo abandonar negócios antigos, exauridos, de modo a liberar recurso e reduzir [seus] custos. Negócios fracos exigem demasiada atenção gerencial. Os gerentes devem manter o foco em novas oportunidades de crescimento sem gastar energia e recursos na tentativa de salvar [os] negócios agonizantes.”⁸⁵

Muito comum também, é ver os donos e gerentes das empresas participando de missas, celebrações e cultos em igrejas, mesquitas e/ou em praça pública. As empresas costumam associar frases religiosas nas embalagens de seus produtos, logomarcas ou slogans de propagandas e mensagens de fins de ano. De forma que as *holdings* têm se adaptado ao universo religioso a fim de ganhar a confiança do clientes e até mesmo fidelizá-los.

A Responsabilidade Social Empresarial é o mais perto que as empresas chegarão de agregar valores sacros. E esta mudança de paradigma já se consubstancia como

⁸⁵ KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000, pp. 96-97.

uma grande inversão de papéis na sociedade pós-moderna. As corporações estão muito preocupadas com sua imagem. Segundo Kotler, a imagem pode estar agregada a valor e, “valor entregue ao cliente é a diferença entre o valor total para o cliente e o custo total para o cliente. O valor total para o cliente é o conjunto de benefícios que os clientes esperam de um determinado produto ou serviço. O custo total para o cliente é o conjunto de custo em que os consumidores esperam incorrer para avaliar, obter, utilizar e descartar um produto ou serviço.”⁸⁶

Quando se aborda a questão das mudanças nas *holdings* com relação á religião, está-se a buscar um justo equilíbrio para o tempestuoso momento histórico que a humanidade atravessa. Dentro desta visão Kotler aborda e ressalta que, “a proposta de calor de uma empresa é muito mais do que se posicionar em um único atributo; é uma declaração sobre a experiência resultante que os clientes obterão com a oferta e seu relacionamento [*direto*] com o fornecedor. A marca deverá representar uma promessa relativa à experiência total resultante que os clientes podem esperar. Se a promessa será ou não cumprida, depende da capacidade da empresa em gerir seu sistema de entrega de valor. O sistema de entrega de valor inclui todas as experiências de comunicação e canais que o cliente terá a caminho da obtenção da oferta.”⁸⁷

Com isto, tem-se que as novas corporações que agregarem estes valores tenderão a sobreviver e conquistar mercados e ampliá-los, caso contrário, estarão sujeitas a derrocadas infinitas e ao ostracismo público.

⁸⁶ KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000, p. 56.

⁸⁷ KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000, p. 59.

VI

A RELIGIÃO DIANTE DO INTERESSE EXTERNO DA EMPRESA COMERCIAL

A religião é uma das mais importantes manifestações culturais, existente em todas as culturas. Pode-se atribuir a causa primordial para o surgimento da religiosidade o fato de os seres humanos serem dotados de consciência. Consciência de si mesmos, de que são *sapiens*, diferentes dos outros seres da natureza e de outras instâncias independentes de si e de suas ações humanas, das quais também tem-se consciência. *Por exemplo*, tem consciência da natureza, que apresenta regularidades, coisas úteis e nocivas, boas e também ameaçadoras. O homem tende, naturalmente, a se apossar das realidades externas e independentes; mas, a percepção de que elas possam ser destrutivas e de que delas devemos fugir leva a crer que existam poderes muito superiores ao humano com os quais podem se comunicar de maneira direta. Assim, nasce a crença na(s) divindade(s).

A religião representa um vínculo. Do latim *religio*, formada pelo prefixo *re*, que significa de novo, e o verbo *ligare*, que tem o sentido de unir, ligar, a religião pode ser entendida como o vínculo entre o mundo profano e o mundo sagrado, estando as divindades na natureza ou em um mundo separado desta. Em muitas religiões, esse vínculo se estabelece entre os descendentes e os antepassados, na qual se acredita que os ancestrais guiados pelas divindades fundaram o espaço coletivo.

No século XXI, há novos híbridos entre religião e empresa, territórios supostamente bem separados. São os empreendimentos religiosos que são governados por *leis* do

mercado e que empregam marketing e ampla otimização de resultados.

Usar a expressão híbrido é um tanto esdrúxula, porque isto soaria como um ato de arrogância, de afronta aos deuses. Mas, o que houve foi que as empresas perceberam que a dicotomia homem-empresa não haveria de ser um *continuum ad aeternum*. O funcionário possui uma vida para além da empresa que o acompanha em todos os instantes de existência, quer dentro quer fora da instituição. As *holdings* buscam lucro, isto é fato. Mas para que este se consolide, há que ter um justo equilíbrio entre as partes envolvidas: o fornecedor e o consumidor e entre ambos está o empregado, que faz o balanço entre estas partes.

Neste novo cenário comercial, o principal objetivo da Administração deve ser o de assegurar o máximo de prosperidade ao patrão e, ao mesmo tempo, o máximo de prosperidade ao empregado, tentando criar um equilíbrio entre as partes, antes litigantes e com interesses divergentes. Assim que, o princípio da máxima prosperidade para o patrão acompanhada da máxima prosperidade para o empregado devem ser os dois fins principais deste novo modelo de Administração, sendo desnecessário demonstrá-lo. Para que isto se transforme em realidade deve haver uma identidade de interesses entre empregados e empregadores.⁸⁸

Com a introdução do capital e, por esta expressão, faça-se compreendido, o interesse no lucro, como resultado do investimento, surgiu o conceito de *Homo economicus*, ou *homem econômico*; conceito segundo o qual o homem é um ser racional, perfeitamente informado e centrado em si próprio, um ser que deseja apropriar-se da riqueza, evita

⁸⁸ CHIAVENATO, Idalberto. *Teoria Geral da Administração*. São Paulo: McGrawhill, 2007.

trabalho desnecessário e tem a capacidade de decidir de forma a atingir esses objetivos. O homem econômico é, portanto, um ser idealizado, utilizado em muitas teorias econômicas. Este conceito surgiu nas teorias econômicas no Século XIX e inícios do século XX.

Nos últimos tempos, tem cada vez mais sido posto em causa, nomeadamente por causa e através de inúmeras experiências oriundas do campo da psico-sociologia, que mostram que o comportamento do *Homo sapiens* diverge significativamente daquele previsto pelos pressupostos de um homem econômico. Para os economistas, o *Homo oeconomicus*⁸⁹ reflete o desejo por dois únicos interesses: o consumo e a capacidade produtiva. Pode-se acrescentar a este conjunto o lucro. Logo, esta forma do pensamento, poderia ser reduzida a um único critério: consumo.

Ao analisar a história do pensamento econômico é perceptível a predominância de correntes filosóficas, desde a busca pelo bem estar até a separação entre *pobres* e *nobres*, com a razão central estando situada em torno dos interesses pessoais. Dentre os fundamentos do pensamento econômico, também estariam critérios como a racionalidade, a geração do conhecimento, a capacidade pela realização de previsões e as leis da utilidade marginal, ou seja, para a obtenção do lucro.⁹⁰

⁸⁹ O conceito de *Homo Economicus* é um postulado da racionalidade que é caracterizado pelo triunfo dos economistas que encontraram nele, a semelhança dos biólogos no Darwinismo, uma teoria do comportamento coerente. nada mais é do que um pedaço de ser humano, um fragmento, um resto, a sua parcela que apenas produz e consome, segundo "leis" deduzidas da observação, cujo único critério de verdade apoiava-se na evidência.

⁹⁰ SCHUMPETER, Joseph A. *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S.A., 1961.

As novas ideias trazidas pela Escola de Relações Humanas⁹¹ apresentam uma perspectiva inovadora para a recuperação das empresas de acordo com as preocupações de seus dirigentes e, assim, começa a tratar de forma mais complexa os seres humanos. É aqui que tem espaço as propostas religiosas voltadas para as empresas que visam descobrir formas inovadoras de ingressar em novos nichos de mercados.

Essas teorias criaram novas perspectivas para a administração, visto que buscavam conhecer as atividades e sentimentos dos trabalhadores e estudar a formação de grupos. Até então, o trabalhador era tratado pela Teoria Clássica de uma forma muito mecânica, era o homem-boi. Com os novos estudos, o foco mudou e, do *Homo oeconomicus* o trabalhador passou a ser visto como *homo socialis*. As três principais características desses modelos são: O ser humano não pode ser reduzido a um ser cujo comportamento pode ser interpretado de maneira simples e mecânica; o homem é, a um só tempo, guiado pelo sistema social e pelas demandas de ordem biológica; todos os homens possuem necessidades intrínsecas de segurança, afeto, aprovação social, prestígio e de auto-realização;

⁹¹ A Teoria das Relações Humanas surgiu nos estados unidos como consequência imediata das conclusões obtidas na Experiência em Hawthorne, desenvolvida por Elton Mayo e seus colaboradores. Foi basicamente um movimento de reação e de oposição à Teoria Clássica da Administração. A origem da Teoria das Relações Humanas são:

1- A necessidade de humanizar e democratizar a administração, libertando-a dos conceitos rígidos e mecanicistas da Teoria Clássica e adequando-a aos novos padrões de vida do povo americano.

2- O desenvolvimento das chamadas ciências humanas, principalmente a psicologia e a sociologia.

3- As idéias da filosofia pragmática de John Dewey e da Psicologia Dinâmica de Kurt Lewin foram capitais para o humanismo na administração.

4 - As conclusões da Experiência em Hawthorne, desenvolvida entre 1927 e 1932, sob a coordenação de Elton Mayo. SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S.A, 1961.

conforme foi representado pela teoria das Motivações de Maslow (1970).



Fonte: <http://www.gueb.org/motivacion/La-Piramide-de-Maslow>.

A interpretação da pirâmide proporciona o código de sua teoria intrínseca: Um ser humano tende a satisfazer suas necessidades primárias (mais baixas na pirâmide de Maslow), antes de buscar as do mais alto nível. *V.g.*, uma pessoa não procura ter satisfeitas suas necessidades de segurança (por exemplo, evitar os perigos do ambiente) se não tem cobertas suas necessidades fisiológicas, como comida, bebida, ar, etc.

Os degraus da pirâmide de Maslow (1970) são:

Necessidades fisiológicas: As necessidades fisiológicas são satisfeitas mediante comida, bebidas, sono, refúgio, ar fresco, uma temperatura apropriada, etc... Se todas as necessidades humanas deixam de ser satisfeitas então as necessidades fisiológicas se transformam na prioridade mais alta. Se oferecerem a um humano soluções para duas necessidades como a necessidade de amor e a fome, é mais provável que o humano escolha primeiro a segunda necessidade (a que vá aliviar-lhe da fome). Como resultado, todos os outros desejos e capacidades passam a um plano secundário.

Necessidades de segurança: Quando as necessidades fisiológicas são satisfeitas então o ser humano se volta para as necessidades de segurança. A segurança se transforma no objetivo de principal prioridade sobre os outros. Uma sociedade tende a proporcionar esta segurança a seus membros. Exemplos recentes dessa perda de segurança incluem a Somália e o Afeganistão. Às vezes, a necessidade de segurança ultrapassa a necessidade de satisfação fácil das necessidades fisiológicas, como passou, por exemplo, os residentes de Kosovo, que escolheram deixar uma área insegura para buscar uma área segura, contando com o risco de ter maiores dificuldades para obter comida. Em caso de perigo agudo a segurança passa a frente até mesmo das necessidades fisiológicas.

Necessidades de amor, Necessidades sociais: Devemos ressaltar que não é possível fazer equivaler o sexo com o amor. Mesmo que o amor pode se expressar como parte componente da saúde e do deleite sexual, a sexualidade pode, em momentos diversos, ser considerada só na sua base fisiológica. Com referências às necessidades sociais,

incluem-se, o reconhecimento social, o qual sem ele, o homem sente-se como incapaz, alijado e excluído do mundo que o circunda.

Necessidades de estima, Necessidade de Ego: Isto se refere à valorização de um mesmo outorgado por outras pessoas.

Necessidades do ser, Necessidades de Autoestima: É a necessidade instintiva de um ser humano de fazer o máximo que pode dar de si, suas habilidades únicas. Maslow o descreve desta forma: “Um músico deve fazer música, um pintor, pintar, um poeta, escrever, se quer estar em paz consigo mesmo. Um homem (ou mulher) deve ser o que pode chegar a ser. Enquanto as anteriores necessidades podem ser completamente satisfeitas, esta necessidade é uma força impelente, contínua.”

Maslow oferece vários códigos a serem interpretados no âmbito da motivação. Se se quiser motivar as pessoas que tem-se ao redor deve-se buscar que necessidades têm satisfeitas e tentar facilitar a consecução do degrau superior imediatamente. E é a partir de então que começa-se a pensar na participação dos funcionários na tomada de decisão e na disponibilização das informações acerca da empresa na qual trabalhavam. Foram sendo compreendidos aspectos ligados à afetividade humana e percebeu-se os limites no controle burocrático por parte das organizações como forma de regulamentação social.

Visto que o cavalheirismo, a nobreza, a fidelidade, o patriotismo, o senso de solidariedade, são valores que parece terem sido banidos (se não proibidos) na sociedade atual, se bem que, cada vez mais as pessoas percebem a importância fundamental dos mesmos para a sobrevivência da sociedade, desde que esta deseje uma vida mais

saudável e que valha a pena! E esta sociedade melhor, conseguir-se-á por meio de uma educação integrada e de uma convivência que possa ensinar valores; ensinar aos envolvidos que felicidade não vem unicamente com dinheiro, que existem outras coisas que proporcionam felicidade e não custam nada... é preciso também que se ponha um freio nesse consumismo desenfreado que torna o mundo um lixão como se isso fizesse as pessoas felizes, até o ponto em que o próprio ser humano parece ter se entregado como objeto de consumo ultimamente... precisa-se de empresas mais humanistas... que trabalhe o humano, e não somente ensine como comunicar, calcular, e aplicar ciências na vida e vender problemas aos restante do mundo e lucro e conforto á meia dúzia... é preciso que se lembre que o regime escravagista acabou... e que o mundo moderno valoriza o que é belo e o que é dinâmico. E por dinamismo, entende-se tratar o ser humano em sua totalidade individual.

As empresas sempre aboliram as religiões por verem nelas um determinado tipo de movimento anarquista. Mas com as mudanças nas estruturas e paradigmas sociais operou-se uma nova visão e esta passou a ser vista como aliada na construção da personalidade de um novo homem, agora mais adaptado e cômico de si mesmo.

Robson Cavalcanti, abordando a respeito da teologia da prosperidade defende que “a teologia da prosperidade é a versão religiosa do neoliberalismo [...] é uma teologia de resultados para cristãos ricos e cristãos pobres. Os ricos se sentem ‘abençoados’ os pobres buscam a ‘benção’ para si e seus familiares. [...] Os cristãos ricos são anestesiados e os cristãos pobres têm a ‘cabeça feita como ricos a caminho...’ [...] Igrejas neopentecostais fazem da prosperidade uma doutrina eclesial. Ainda mais, a vida espiritual é uma transação financeira com o céu: quanto maior a oferta, maior

a benção [...] a teologia da prosperidade tem funcionado melhor na Califórnia do que no Piauí...”⁹²

Fruto lídimo da modernidade é o individualismo. Repetidamente chamado de *ideologia da modernidade*. Esse individualismo provocou enjôo, desgosto, náusea de tanto ficar-se preso a si mesmo. E como ele girava em torno, sobretudo, de bens materiais, a falta de sentido foi ainda maior com o conseqüente vazio existencial. Fragmenta-se a identidade das pessoas que sofrem o colapso do significado das coisas, a banalização, o estreitamento ou a perda total do sentido da vida e da existência. Vêem-se tentadas ao narcisismo, ao hedonismo, ao relativismo moral subjetivista, permissividade. Dobram-se sobre si mesmos, alienando-se dos problemas e das preocupações religiosas, políticos ou históricas, que lhes transcendem o Eu. Resumindo esta reflexão sobre a face obscura do individualismo, Taylor citado por J. Libânio conclui: “Em outros termos, a face sombria do individualismo deve-se a um dobrar-se sobre si mesmo, que banaliza e encurta nossas vidas, que empobrece o sentido e nos afasta do cuidado dos outros e da sociedade.”⁹³ Está aberto o espaço para a entrada do fluxo religioso.

O individualismo contemporâneo tem uma face que casa diretamente com a dimensão religiosa. O anterior gestou-a por oposição. Este o faz diretamente. Na pós-modernidade, o individualismo se manifesta na preocupação com o próprio prazer, gozo, realização pessoal afetiva, amorosa. Poucas expressões são tão reveladoras desse clima como dizer: *Faço aquilo que gosto*. Considera-se autenticidade precisamente o ato de fazer coincidir as

⁹² CAVALCANTI, Robson. *Uma benção chamada Sexo*. 9. Ed. São Paulo: ABU Editora, 2009, p. 120-121.

⁹³ Cf. LIBÂNIO, João Batista. *O Paradoxo do Fenômeno Religioso no Início do Milênio*. Rio de Janeiro: Revista Perspectiva Teológica 34, 2002.

próprias escolhas, ações, práticas, conduta com a satisfação individual. É tão evidente esse traço da pós-modernidade que nem precisa de comprovação. Mesmo assim, basta citar a pesquisa feita nos 10 países mais ricos da Europa que apontou como o maior valor a *própria pessoa* que busca sua auto-satisfação. As ofertas religiosas do momento presente visam diretamente a satisfazer as necessidades imediatas das pessoas. Respondem perfeitamente ao individualismo do prazer.

Ao tratar do fenômeno religioso, entram em jogo três grupos semânticos próximos, mas não idênticos. Nomeamos religião, religiosidade e fé. Sob o termo de religião, entende-se aqui a dimensão institucional e organizada do campo religioso marcado através de espaços, tempos, ritos, símbolos, doutrinas, liturgias, autoridades, práticas, costume e tradições, comunidades, mitos, artes etc.

Hervieu-Léger⁹⁴ vê entre todos esses elementos da religião, a tradição e a comunidade, como decisivos. Tudo isso para ligar o ser humano com o mundo divino do mistério, da Transcendência. O termo religiosidade com seus afiliados espiritualidade, mística, sentimento, piedade e outros denota a dimensão do ser humano de abertura para o mistério, a sua inclinação para as realidades religiosas. As religiões buscam alimentá-la com seus produtos. Numa linguagem grotesca, comercial, elas disputamos fregueses, oferecendo-lhes a mercadoria que mais os atrai e satisfaz.

A fé, no sentido estrito, refere-se a uma Palavra (de Deus) revelada. É a acolhida inquestionável e indubitável de uma interpelação transcendente, mediada pela Revelação, pela autocomunicação de Deus na história, atestada por testemunhas fidedignas.

⁹⁴ DANIELLE HERVIEU-LÉGER dedica-se à investigação dos rituais contemporâneos, com especial ênfase na questão da gestão ritual da morte e nas práticas públicas de luto das sociedades modernas (N.E.).

Os homens são postos em contato direto com as divindades através da religião. Para garantir que o laço e a organização se mantenham e sejam sempre propícias são criados os ritos. Um rito é uma simbologia criada com gestos determinados, com palavras determinadas, com objetos determinados, com pessoas e emoções determinados que proporciona a ligação entre os humanos e as divindades. Sua eficácia dependerá da repetição minuciosa e exata do rito, tal como praticado pela primeira vez, porque nela os gestos e as palavras, enfim, os elementos dos ritos, foram orientados pelos próprios deuses. Assim que, o rito é uma rememoração perene, abolindo a distância entre passado e presente.

Ao longo dos séculos, a religião foi alvo de diversas críticas. Começando pelas religiões politeístas, muitos foram os filósofos que declararam como absurdo a existência de vários deuses, especialmente o antropomorfismo. Epicuro e Lucrecio disseram ser a religião uma fabulação ilusória, superstição, nascida do medo da morte e da natureza. Espinosa explicou que o homem, a seu ver, movido pelo medo e pela esperança, não confia em si mesmo nem nos conhecimentos racionais para evitar males e atrair o bem. Julgam assim, que os males advêm de forças sobrenaturais e passam a acreditar nelas. Para Espinosa, essa é a superstição, que os homens alimentam com a criação da religião, e esta, através do poder teológico-político, *i.e.*, uma política conduzida pelos detentores do poder religioso, faz os homens crerem que a política não foi instituída pelos homens, mas sim revelada a alguns por Deus, conseguindo assim convencer os homens que esses poucos possuem o direito divino sobre o resto do povo.

Feuerbach⁹⁵ (1804-1872) classificou a religião como forma de alienação⁹⁶. Para ele, os humanos criam os deuses e lhes dão as forças e os poderes que os próprios homens desejam possuir. Fazendo criadores da realidade; passam depois a elegê-los como governantes da sociedade. Dessa maneira, de geração a geração, os homens, via de regra, vão se esquecendo de que foram eles que criaram e deram poderes aos deuses, e invertendo sua posição com eles, passam a acreditar-se criados por eles. Cada vez mais distantes dos humanos, os deuses começam a exigir cultos, ritos e obediência dos homens. A alienação dos homens, para Feuerbach, é justamente esse processo, no qual o homem se identifica como criação de sua criação, sem ter a consciência disso. A dominação da criatura (deuses) sobre seus criadores (homens) é a alienação.⁹⁷

Mas, para entender por que os homens seguem as religiões, é preciso analisar algumas de suas finalidades: Proteger os homens contra os seus medos intrínsecos propiciados pela natureza, dando-lhes força para combatê-los; dar uma explicação ao homem sobre as suas origens, a origem do mundo, da vida; oferecer consolo nos momentos de agonia e dor, explicando os motivos da dor; garantir respeito às normas, às regras, aos valores estabelecidos pela sociedade; oferecer esperança de vida após a morte. As religiões de salvação, como cristianismo, judaísmo e islamismo prometem aos homens libertá-los do sofrimento terreno, perdoadando-lhes pela falta originária, enviando um

⁹⁵ Filósofo e antropólogo alemão.

⁹⁶ A alienação religiosa segue-se dentro de uma teoria teológica buscando a razão e a essência do homem no mundo, mas o homem é essencialmente antropológico na característica humana, pois adquire sentimentos e sensibilidade. É desta forma que Feuerbach observa a alienação decorrente em cada indivíduo que busca uma relação substancial entre Homem e Deus (FEUERBACH).

⁹⁷ CHAUÍ, Marilena de Souza. *Convite à Filosofia*. 13. Ed. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

salvador, que, sacrificando-se pelos homens, garantem-lhes a imortalidade e a reconciliação com Deus.

A religião, na maioria das culturas, foi criada para dar explicações plausíveis aos homens, sobre suas origens, sobre a origem do mundo, oferecendo causas e efeitos, relações entre os seres, valores morais, mas também base para o poder político. Assim, toda sociedade possuiria uma mesma e única visão de mundo, que concordariam quanto à origem, o destino, e a missão de todos. Com o surgimento do pensamento racional, ou *logos*, houve uma ruptura com o *mythos*, representante da religião. Assim, a cultura ocidental passa a contemplar a religião não mais como a única forma de ver o mundo, e sim como uma das maneiras de buscar explicações e previsões. A Filosofia e as demais Ciências elaboram explicações e interpretações fundamentadas em princípios completamente diferentes da religião.

As culturas que se mantiveram mais tradicionais, no sentido de não questionar sua religião mesmo em contato do pensamento lógico e estruturado, abriram oportunidades de negócios lucrativos para empresas de outras nações, que têm se adaptado e aperfeiçoado às suas exigências e práticas. É dentro de uma perspectiva mais ampla de compreensão de religiosidade (em relação ao conceito de religião) e de psicologização da religião que, talvez, se possa entender porque espiritualidade parece estar sendo considerada, fundamentalmente, como a procura mais dada por valores, por conexões, por vivências, que transcendam a materialidade. Uma postura de vida que buscaria sentido, significado para o estar no mundo (família, trabalho) e equilíbrio entre as diversas esferas da vida (racional, afetiva, social).

Essa espiritualidade tende a ser enfatizada em uma dimensão, mais ligada a significados típicos das Novas Religiosidades (autoaperfeiçoamento, autodesenvolvimento,

auto-crescimento), a valores de uma postura humanista diante do mundo (amor, respeito ao próximo, fraternidade, ecologia), do que à religião institucionalizada.

As religiões adentram as *holdings* na tentativa de levar equilíbrio ao objeto que compõem estas empresas. Nenhum indivíduo pode ser pensado de forma separada de sua espiritualidade. E, na atualidade, com o surgimento dos novos conceitos de humanismo, os valores humanos estão imbricados nas fórmulas empresariais, como responsabilidade social, respeito à individualidade, coerência entre ter e ser e outros atributos.

De forma que a religião passou a ser um termômetro que registra até que nível está havendo comprometimento das entidades empresariais com seus funcionários e isto serve como uma forma de *marketing* para assegurar sua entrada em mercados exigentes como são os localizados em países europeus e orientais.

VII

A MATERIALIZAÇÃO DA RELIGIÃO NA EMPRESA COMERCIAL⁹⁸

A religião adentrou as empresas comerciais, através de símbolos, imagens, mas, principalmente pelas atitudes das pessoas envolvidas. As novas atitudes das corporações dão mostras de que um novo sentimento toma conta das *holdings* nesta virada de milênio, trazendo um ambiente mais confortável, mais dinâmico e mais aberto, mais flexível, menos carregado de ganância e ambições desmedidas.

Ao buscar uma forma de maior aproximação com os seus clientes, os consultores propuseram que os ambientes empresariais se tornassem algo mais espiritualizados, mais harmoniosos e não é difícil ver os funcionários de grandes redes de supermercados em rodas de orações antes de começarem os seus trabalhos diários e mesmo outros, apresentarem padres e pastores a passear durante suas atividades laborais.

A ideia é efetivar um comportamento ético no longo prazo nas organizações e para isto seriam necessários vários elementos combinados. Isto porque é impossível desvincular o ser humano de seu processo histórico-cultural, sendo o primeiro que vivemos na era da língua escrita; segundo é necessário prepara o sujeito uma vez que ninguém nasce educado e 'se' educa no vazio; terceiro porque a educação plena [só] se faz pelo exemplo. Ou seja, a materialização da religião nas empresas comerciais,

⁹⁸ Por *Materialização da Religião na Empresa Comercial* entenda-se que a religião sempre teve como um de seus principais dogmas a condenação do lucro e do capital e as empresas sempre a temeram e a seu discurso. Logo, sempre a evitou em seu meio. E, de repente incorpora não só os preceitos canônicos religiosos como a abraça de maneira *in contesti*, fazendo dela parte de suas principais ideologias (o autor).

começam pela re-educação de suas visões, antes focadas no lucro máximo, para uma atual, mais humanística, focada agora nas pessoas envolvidas nos processos de produção e na felicidade destas pessoas. Uma drástica mudança de paradigmas, mas que, com as mudanças nas perspectivas e nos mercados vem-se operando com resultados tangíveis. Para tanto, faz-se imprescindível que as gerências tenham um cadastro individual de clientes a fim de que possam atendê-los em suas peculiaridades. Todos os clientes de uma empresa possuem direito a um atendimento distinto; todavia, exigem um atendimento personalizado, conforme suas necessidades e da própria empresa, considerando que cada um possui suas particularidades e desejam que sejam atendidas e/ou consideradas.

De modo geral, pode-se dizer que todas as religiões surgem para atingir o propósito de cuidar das necessidades espirituais de sua comunidade e, à medida que cresce, a organização eclesiástica vai se tornando mais complexa, pois precisa servir bem não apenas ao número original de fiéis, mas aos vários grupos de interesse que se formam em torno dela.

Kotler⁹⁹ defende a ideia de que uma organização social deve incorporar aos seus quadros um profissional de marketing, nas esferas de decisão, e que teria as seguintes atribuições principais: Identificar os mercados em que a organização atua ou que poderá atuar, os seus diversos públicos-alvos e os respectivos segmentos; pesquisar, analisar e conhecer os comportamentos, as atitudes e práticas dos segmentos populacionais que se pretende atingir; estabelecer o posicionamento que se pretende que o conceito ou causa social promovida tenha na mente dos

⁹⁹ KOTLER, Philip. *Marketing para organizações que não visam o lucro*. São Paulo: Atlas, 1978.

vários públicos-alvos; definir, criar, propor e desenvolver os produtos sociais necessários para se obter as mudanças comportamentais pretendidas; estabelecer o marketing mix da organização (Produtos, Preços, Promoção, Pontos de Distribuição, Públicos-Alvos e Pessoal).

Aliada a esta onda religiosa que vem adentrando as empresas comerciais surgiu o *marketing* social. Todo cliente quer consumir produtos que agrade ao seu Deus pessoal. Nenhum deles quer estar de mal com sua consciência. Wasek afirma que “*Marketing Social* é o emprego do planejamento de mercado, estratégia, análise e técnicas gerenciais tradicionais e inovadoras para garantir o bem-estar do indivíduo e da sociedade. E, privilegiando o cliente, ele conclui que é um programa público do ponto-de-vista do consumidor. Embora tenham muitas aplicações. Segundo o autor, as técnicas do marketing social são mais poderosas quando incorporadas ao processo de elaboração de intervenções na saúde pública.”¹⁰⁰

A sociedade brasileira passa por um processo de grande mudança e reconhece que somente o Estado é insuficiente para solucionar os problemas sociais, fazendo com que um número grande de pessoas físicas e jurídicas reflitam sobre a importância de cada um na sociedade. E as *holdings* perceberam que levando para dentro delas as personificações ligadas ao aspecto religioso poderiam angariar a entrada em mercados complexos e fechados como os internacionais, especialmente os protegidos pela fé islâmica.

As empresas [*ainda estão sob forte tendência de*] entender por *marketing* social um proveitoso oportunismo; algumas acreditam que basta desenvolver algum projeto

¹⁰⁰ WASEK, G. *Aplicações do Marketing Social na Saúde Pública: Uma Perspectiva de Marketing*. Rio de Janeiro: Curso de marketing social, 1996, p. 51.

filantrópico para serem percebidas como marcas cidadãs ou uma empresa responsável socialmente. Engano, uma vez que marca-cidadã ou empresa responsável socialmente é a aquela que expressa a sua responsabilidade social de forma contínua, contribuindo para a melhoria das condições de vida social, não podendo assim, em hipótese alguma, ser encarado como modismo passageiro.

A motivação precisa ser legítima, intimamente ligada aos valores internos (missão e visão) da empresa e ao desejo sincero de beneficiar a sociedade. Ações sociais duradouras, bem planejadas com base na responsabilidade social e ética, comunicadas de forma adequada, trazem frutos duradouros. O mais é irresponsabilidade social. Com base na responsabilidade social aliada ao princípio da ética, o *Marketing* social representa uma excelente ferramenta mercadológica, pois através dessa ferramenta se consegue mudar o comportamento por parte da sociedade de forma a melhorar o bem-estar comum de todos.

O conceito de *empresa cidadã*¹⁰¹ está deixando de ser uma filosofia que conduz à prática freqüente de ações socialmente responsáveis, tornando-se um dever. Hoje, uma organização para ser responsável, do ponto de vista social, deve analisar seu papel com referência a seus empregados, fornecedores, clientes e consumidores e também com o governo, a sociedade e o meio ambiente. Por outro lado, uma das consequências positivas para a empresa que tem uma conduta socialmente responsável é o retorno positivo

¹⁰¹ Para Uma empresa ser considerada uma *Empresa Cidadã* ela tem que incorporar em suas práticas o Desenvolvimento Sustentável. [...] leva em conta os preceitos da Responsabilidade Social prega o comprometimento com o desenvolvimento profissional e valorização dos funcionários; produz respeitando o meio ambiente; pesquisa novas tecnologias com o objetivo de produzir bens e serviços ecologicamente corretos; está comprometida com os clientes e consumidores; tem parcerias sólidas com seus fornecedores; tem em seus valores e crenças os pilares maiores de sua existência; busca resultados financeiros como uma forma de perpetuação do negócio (PEREIRA, 2005, p. 03).

do público, que muitas vezes se traduz em lucro, mas que nem sempre acontece em curto prazo.

Os resultados, também analisados, sob o ponto de vista institucional, geralmente são satisfatórios e em muitos casos contribuem para melhorar o desempenho nas vendas. As campanhas de *marketing* social dão credibilidade ao nome da empresa junto aos seus clientes e fornecedores, somente quando a base da campanha estiver fundamentada com a responsabilidade social corporativa e ética. São sempre pontos positivos que surgem após os efeitos. Tanto para a sociedade quanto para a companhia, quebrando assim, paradigmas comportamentais.

Se o objetivo do chamado *marketing* social é tão e tão somente aumentar a lucratividade ou divulgar a empresa, este não é, efetivamente, o verdadeiro marketing social, entretanto, quando por decorrência e não por causa, a lucratividade ou a própria divulgação da empresa sofrer acréscimos, pode-se ter a certeza de que o marketing social está sendo bem direcionado.

Segundo Antunes¹⁰² um desafio da globalização está na mão-de-obra especializada, nas trocas e intercâmbios de informações, nas novas aspirações. A empregabilidade tem outro caráter, em que neste novo modelo transfere-se para o individual a responsabilidade pela inserção profissional das pessoas. Antes, o mercado determinava o emprego em diferentes níveis de qualificação. Com a globalização entra em pauta a qualificação, as habilidades, disposição, atitudes dos indivíduos. Buscam-se mais virtudes individuais e mais qualificação e assim, alguns conseguem e muitos outros não conseguem empregar-se.

¹⁰² ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P.; FRIGOTTOG. (Orgs.) *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Segundo Alves “o caráter ideológico da sociedade capitalista, contraditoriamente, induz o direcionamento da empresa ao interesse social, pois está vinculado com a necessária manutenção do próprio sistema. O fundamento econômico da empresa busca garantir a obtenção de adequada taxa interna de retorno do empreendimento, com ênfase em perspectivas tanto internas quanto externas. A gestão profissional da empresa contribui para mudança de cultura interna e de foco quanto os objetivos empresariais, em clara elevação, de capacitação de gerenciamento da organização em contexto social globalizado. O ordenamento institucional da sociedade moderna envolve a construção de modernos mecanismos de controles sociais, legais ou não, relativos às manifestações em mundo mais democrático que restringe as ações empresariais. E os valores sociais do homem trazem contribuição e evolução da consciência humana reflexiva, efetivando, assim, mudanças aos padrões comportamentais da sociedade que passam a considerar o valor da ética.”¹⁰³

O conceito de espiritualidade vai além do que é legal em suas responsabilidades, pensa-se na sociedade que receberá o impacto do resultado das ações; no tratamento humano e também no respeito com o ajudante preso e seus familiares; na realização profissional dos funcionários das empresas durante a execução do seu serviço, na satisfação dos consumidores com produto executado; na transparência de todo este contexto intrínseco. Todas as demandas dos atores envolvidos são consideradas e dialogadas.

Segundo Libânio, fenômeno tão amplo não pode ser entendido e/ou compreendido a partir de um único ângulo.

¹⁰³ ALVES, Elvisney Aparecido. Dimensões da responsabilidade social da empresa: um a abordagem desenvolvida a partir da visão de Bowen. *RAUSP - Revista de Administração da USP*. São Paulo: FEA/USP, vol. 38, n. 1 jan./fev./mar., 2003, pp. 44-5.

Cada saber oferece sua contribuição. Percorrendo a sua pluralidade conseguimos mais luz. O fenômeno significa um tríplice movimento. A religião situa-se no coração da cultura, da sociedade. É-lhe o próprio coração. Ora, o coração depende do funcionamento de todo o organismo. Uma infecção cutânea altera-lhe o ritmo. Assim, as inflamações ou os estímulos vindos do contexto econômico, político e cultural da sociedade afetam diretamente o coração da religião. Movimento de dependência da religião em face ao contexto social.¹⁰⁴

Os vieses ideológicos e as preferências individuais de caráter epistemológico levam os indivíduos a valorizarem mais um movimento do que outro. As análises socioculturais preferem ler a religião sob o impacto do contexto social. Os teólogos têm maior sensibilidade para a originalidade da religião e seu impacto sobre a sociedade.

As reações que se mostram possíveis, e, em alguns casos, já acontecidas, da religião diante da situação atual têm sido diversas. Identificamos algumas de maneira breve. A religião assume diretamente o sistema neoliberal.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Cf. LIBANIO, João Batista. *O Paradoxo do Fenômeno Religioso no Início do Milênio*. Rio de Janeiro: Persp. Teol. 34, 2002.

¹⁰⁵ *Neoliberalismo* é um sistema econômico que prega uma intervenção mínima do estado na economia, deixando o mercado se auto-regular com total liberdade. Defende a instituição de um sistema de governo onde o indivíduo tem mais importância do que o Estado, sob a argumentação de que quanto menor a participação do Estado na economia, maior é o poder dos indivíduos e mais rapidamente a sociedade pode se desenvolver e progredir, buscando um Bem-Estar Social. Esse tipo de pensamento pode ser representado pela privatização e pelo livre comércio. A utilização do prefixo “Neo”, refere-se menos à uma nova corrente do Liberalismo e mais a uma utilização e aplicação dos preceitos liberais, existente em um contexto histórico diverso à sua elaboração. Portanto, não se trata de uma nova versão do Liberalismo, mas sim de uma visão moderna daquelas idéias. Liberalismo este que, por sua vez, surgiu a partir de pensamentos iluministas e defendia a maximização da liberdade individual mediante o exercício dos direitos e da lei, a individualidade e liberdade, mostrando uma sociedade caracterizada pela livre iniciativa integrada num contexto definido. No Neoliberalismo é o mercado que dita as regras e conduz a produção. Por exemplo: as empresas não produzem apenas pela necessidade e sim após uma consulta ao mercado, verificando a análise custo-benefício e atenta a possibilidades exteriores.

Torna-se sua coluna vertebral, sua religião. Posição de identificação deste.

A religião assimila a cultura pós-moderna, sem tomar nenhuma posição crítica explícita em face ao sistema econômico: nem aceitação, nem rejeição. Simplesmente conforma-se à nova cultura. Restringe-se a alimentar-se do clima religioso reinante e alimentá-lo. Termina indiretamente favorecendo o sistema neoliberal. Posição de adaptação cultural. Ela, sem rejeitar o sistema neoliberal, a cultura moderna e pós-moderna, mas também sem capitular diante dessa realidade, encontra uma posição positiva, crítica e propositiva. Aí está seu futuro. Ao fazê-lo, reforça sua identidade institucional e a partir dela discerne a realidade exterior, ora rejeitando, ora aceitando. As considerações seguintes detêm-se nesse cenário.

As pessoas reprimidas explodem em dado momento. Realidades recalçadas eclodem. A modernidade ocidental tecnológica, secularizada, atéia, recalcou o lado religioso. E eis que pessoas que viveram esse longo e intenso inverno secularizado aspiram a uma primavera religiosa florida. Cansaram-se do silêncio imposto pela racionalidade e vibram com o frescor novo que as experiências religiosas podem auferir.

A materialidade da religião dentro das empresas deu-se de uma forma bastante complexa e não simplesmente através de imagens e símbolos. Houve uma incorporação de ações de cunho social voltadas a atender a uma gama de exigências oriundas de um novo tipo de consumidor, agora muito mais imbuído de uma aura de religiosidade e de valores sublimes. E as empresas, de igual forma tem

O Poder da publicidade na sociedade de consumo é um grande aliado da política Neoliberal.

buscado tratar as diversas formas de expressão religiosa como algo capaz de agregar valores aos seus produtos e marcas. Descobriram que lucro é consequência de um agregado de fatores que confluem para tornar a vida das pessoas algo melhor do que se espera e não propriamente satisfazer uma necessidade premente do indivíduo. Nesta perspectiva, são envolvidos desde os fornecedores de matérias-primas até os consumidores finais e a destinação dos resíduos produzidos neste caminho, ou seja, a religião materializou-se, nas empresas comerciais com a roupagem de responsabilidade social sustentável, com vistas não apenas a deixar um mundo melhor para as gerações que virão, mas de igual forma com tendências a deixar homens melhores para este mesmo planeta ideal que preconiza.

VIII

A ÉTICA E SUAS CONCEPÇÕES

O que vem a ser a ética? Para alguns é um conjunto de valores morais desenvolvidos por cada cultura, de forma a reger os princípios de cada sociedade. E não poderia ser de outra forma. A ética está presente em todas as raças. Ela é um conjunto de regras, princípios ou maneira de pensar e expressar. Ética é uma palavra de origem grega com duas traduções [possíveis]: costume e propriedade de caráter.

O que exatamente quer dizer ética? Segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico, significa “o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de [um] modo absoluto.”¹⁰⁶

Etimologicamente, a palavra ética (*ethos*) é uma transliteração de dois vocábulos gregos: *ηθος* (*ethos*) que significa morada do homem, morada do animal: covil, caverna, *ηθος* que dá o sentido de abrigo protetor, o homem encontra um estilo de vida e de ação no espaço do mundo. Acostuma-se com sua morada. Daí vem o costume, mas esta morada torna-se objeto passífico de perfectibilidade, de aperfeiçoamento. O outro vocábulo *εθος* (*ethos*) significa comportamento que resulta de um repetir os mesmos atos - uma constante que manifesta o costume, o ato do indivíduo - tem-se aí o hábito. Tanto costumes, quanto hábitos são construídos.

Estes dois vocábulos levam-nos a perceber que o espaço ético humano instaura-se no reino da contingência [i.e., naquilo possível, naquilo que pode ser necessário, ou

¹⁰⁶ Cf. Dicionário Aurélio Eletrônico, 2004.

naquilo que se apresenta livre e imprevisível, porque dá-se dentro de possibilidades e probabilidades]; enquanto que, a natureza está no domínio da necessidade, porque ela é necessidade dada, sempre a sucessão do mesmo.

Saber distinguir entre o que é certo e o que é errado é de suma relevância. Alguns homens agem dentro das normas da lei, outros não. Com base neste comentário, podemos concluir que agir eticamente, é respeitar as regras sociais, tal qual Aristóteles definiu em seu livro *A Política*.

Para Aristóteles, ética e política são práticas, que se definem pela ação. Agindo eticamente é que adquire a prática da virtude. Educando com correção é que nos tornamos educadores. Além disso, educar supõe a *mimesis*; imitação de ações exemplares. Para ele, “segundo o caráter, as pessoas são tais ou tais, mas é segundo as ações que são felizes ou o contrário. Portanto, as personagens não agem para imitar os caracteres, mas adquirem os caracteres graças às ações. Assim, as ações e a fábula constituem a finalidade da tragédia, e, em tudo, a finalidade é o que mais importa.”¹⁰⁷

Enquanto o homem estava perdido em uma horda primitiva não havia o porquê de se ter regras tão rígidas para reger sua vida. Valia o poder do mais forte. Quando advinha a escassez de comida, fato muito comum, as crianças eram as primeiras a serem sacrificadas a fim de saciar a fome do grupo, seguidas pelas mulheres. Esta era a ética do grupo. Esta era a lei. A “Lei da Sobrevivência!”

Gustav Le Bon afirmou que os humanos são seres gregários, sociais. Assim sendo, por que há necessidade de normas de convivência?

Immanuel Kant responde a este questionamento dizendo que “não somos seres morais apenas. Também

¹⁰⁷ ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 25.

somos seres naturais, submetidos à causalidade necessária da Natureza. Nosso corpo e nossa psique são feitos de apetites, impulsos, desejos e paixões. Nossos sentimentos, nossas emoções e nossos comportamentos são a parte da Natureza [*selvagem*] em nós, exercendo domínio sobre nós, submetendo-se à causalidade natural inexorável. Quem se submete a eles não pode possuir a autonomia ética. A Natureza nos impele a agir por interesse. Este é a forma natural do egoísmo que nos leva a usar coisas e pessoas como meios e [*como*] instrumentos para o que desejamos [*manipulação obsessiva*]. Além disso, o interesse nos faz viver na ilusão de que somos [*seres*] livres e racionais por realizarmos [*diversas*] ações que julgamos [*antes*] terem sido decididas livremente por nós, quando, na verdade, são um impulso cego determinado pela causalidade natural. Agir por interesse é agir determinado por motivações físicas, psíquicas, vitais, à maneira dos animais. Visto que apetites, impulsos, desejos, tendências, comportamentos naturais costumam ser muito mais fortes do que a razão, a razão prática e a verdadeira liberdade precisam dobrar nossa parte natural e impor-nos nosso ser moral. Elas o fazem obrigando-nos a passar das motivações do interesse para o dever. Para sermos livres, precisamos ser obrigados pelo dever de sermos livres.”¹⁰⁸

Kant quer pretende afirmar que o se humano só se torna um ser ético quando consegue seguir os preceitos morais, sem dele se vangloriar para sua elevação da auto-estima e promoção de uma auto-imagem que poderia, em verdade, estar escondendo uma fera imoral, hipócrita e irracional. Sócrates já dizia que tão logo os humanos tenham condições de burlarem a lei, eles o fazem sem a

¹⁰⁸ CHAUI, Marilena de Souza. *Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2000, p. 171.

menor consideração. Afinal, desde a mais tenra idade são expostos a este tipo de comportamento e atitudes.

“Em relação a todas as faculdades que nos vêm por natureza recebemos primeiro a potencialidade, e, somente mais tarde exibimos a atividade (isto é claro no caso dos sentidos, [*considerando*], pois, não foi por ver repetidamente ou repetidamente ouvir que adquirimos estes sentidos; ao contrário, já os tínhamos antes de começar a usufruí-los, e não passamos a tê-los por usufruí-los); quanto às várias formas de excelência moral, todavia, adquirimo-las por havê-las efetivamente praticado, tal como fazemos com as artes. As coisas que temos de aprender antes de fazer, aprendemo-las fazendo-as - v.g., os homens se tornam construtores construindo, e se tornam citaristas tocando cítara; da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos justos, moderados agindo moderadamente, e corajosos agindo corajosamente. Essa asserção é confirmada pelo que acontece nas cidades, pois os legisladores formam os cidadãos habituando-os a fazerem o bem; esta é a intenção de todos os legisladores; os que não a põem corretamente em prática falham em seu objetivo.”¹⁰⁹

O excerto acima confirma a perspectiva aristotélica da virtude como uma faculdade prática; uma razão prática, esta na medida em que não depende, necessariamente, de conhecimento teórico; mas, que é construída pelo hábito, pela ação propositadamente exercitada e repetida, mediante uma faculdade já posta, em potência, no caráter do homem. O comportamento seria, pois, o grande fator distintivo da ética; o modo de agir perante os outros, perante si próprio, perante os que são próximos, perante a Humanidade.

Conceitos podem assumir distintas formas de serem expressos e, também, compreendidos; mas, na concepção

¹⁰⁹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 35-36.

de Levi-Strauss, o comportamento humano segue padrões universalizados, isto porque, na concepção deste autor, “provavelmente, uma das muitas conclusões que se podem extrair da investigação antropológica é [a de] que a mente humana, apesar das diferenças culturais entre as diversas facções da Humanidade, é em toda a parte uma e a mesma coisa, com as mesmas capacidades [*intelectuais*]. Creio que esta afirmação é aceite por todos. Não julgo que as culturas [*de todos os tempos*] tenham tentado, sistemática ou metodicamente, diferenciarem-se umas das outras. A verdade é que durante centenas de milhares de anos a Humanidade não era [*muito*] numerosa na Terra e os pequenos grupos existentes viviam isolados, de modo que nada espanta que cada um [*destes povos primitivos*] tenha desenvolvido as suas próprias características, tornando-se diferentes uns dos outros. Mas isso não era uma finalidade sentida pelos grupos. Foi apenas o mero resultado das condições que prevaleceram durante um período [*da história*] bastante dilatado. Chegados a este ponto, não queria pensassem que isto é um perigo ou que estas diferenças deveriam ser eliminadas. Na realidade, as diferenças são extremamente fecundas. O progresso só se verificou a partir das diferenças [*e o que assistimos é a escola tentando standardizar os alunos como produtos em série produzidos nas fábricas*]. Atualmente, o desafio reside naquilo que poderíamos chamar a super-comunicação – ou seja, a tendência para saber exatamente, num determinado ponto do mundo, o que se passa nas restantes partes do Globo. Para que uma cultura seja realmente ela mesma e esteja apta para produzir algo de original, a cultura e os seus membros têm de estar convencidos da sua originalidade e, em certa medida, mesmo da sua superioridade sobre os outros; é somente em condições de sub-comunicação que ela pode produzir algo. Hoje em dia estamos ameaçados pela perspectiva [*nefasta*]

de sermos apenas consumidores, indivíduos capazes de consumir seja o que for que venha de qualquer ponto do mundo e de qualquer cultura, mas desprovidos de qualquer grau [*por menor que seja*] de originalidade [*individual e coletiva*]. Podemos, entretanto, facilmente conceber uma época futura em que haja apenas uma cultura e uma civilização em toda a superfície da Terra. Não creio que isto venha a acontecer, porque estão sempre surgindo diversas tendências contraditórias – por um lado, em direção à homogeneidade e, [*felizmente*] por outro, a favor de novas diferenciações. Quanto mais homogênea se tornar uma civilização, tanto mais visíveis se tornarão as linhas internas de separação; e o que se ganhou a um nível perde-se imediatamente no outro. Esta é uma crença pessoal, e não tenho provas claras que assegurem o funcionamento desta dialética. Mas, na realidade, não consigo entender como é que a Humanidade poderá viver [*em algum momento*] sem algum tipo de diversidade interna [*orgânica*].”¹¹⁰

De acordo com Levi-Strauss e com base no conceito de que toda ética irá se fundamentar em uma necessidade premente, a diversidade entre as culturas se deu pelo fato de que cada uma delas desenvolveu seu sistema político-social a partir de necessidades interrelacionadas a seus respectivos tempos e espaços.

Este autor levanta aí uma questão muito delicada quando evoca que foi a diferença entre os povos que os garantiram a sobrevivência e permitiram-lhes se tornarem fortes. E, na atualidade, as sociedades caminham para a igualdade, para uma situação a-histórica [*aliás, condição inevitável para a perda de identidade*]. E esta definição do papel humano se caracteriza pelo discurso vazio de que não

¹¹⁰ LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p. 22-23.

pode haver fronteiras entre os homens. Esquecem-se de que são estas fronteiras que permitem ao ser humano se auto-analisar e na tentativa [*quase sempre frustrada*] de superá-las, acaba por descobrir que intermediando todo este [*complexo*] processo está o outro, aquele que possui uma identidade; é um ser... dotado de razão e vontade próprias [*que devem ser respeitadas e preservadas*].

A conduta ética humana e a melhor maneira de usá-la dependeria da sociedade com a qual o indivíduo em sua fase de formação interagisse. A família e a escola são instituições que influenciam de maneira decisiva a formação ética das crianças. A família propicia à criança as suas experiências iniciais e, por isso mesmo, as mais importantes e marcantes. São bem elucidativas as experiências com crianças em orfanatos e hospitais, em que ficou evidenciado que crianças mal amadas, rejeitadas, inseguras apresentam comportamentos de apatia, alheamento, deficiência motora e intelectual generalizada. Tais crianças negligenciadas comportam-se como se tivessem totalmente inadequadas para com a vida, algo como se viver fosse muito difícil ou praticamente impossível para elas.

Assim, os primeiros sentimentos de adequação ou inadequação são determinados pelo tipo de relacionamento afetivo estabelecido entre as crianças e sua família ou com o substituto desta. Os pais, mães, irmãos, parentes e, mais tarde, a vizinhança e a escola propiciarão as primeiras estimulações sociais que, de forma direta e/ou indireta, também influenciarão o desenvolvimento social da criança. Assim, experiências positivas e autodefinições positivas gerarão, na criança, sentimento de segurança e adequação e, experiências negativas, frustrações, negligências gerarão, na criança, sentimento de inadequação e insegurança, o que poderá levá-la a cometer atos ilícitos, com a finalidade

ou de se afirmar socialmente ou para dar vazão a seus impulsos reprimidos.

Segundo Vygotsky, no processo de desenvolvimento, a criança começa a aprender usando as mesmas formas de comportamento que outras pessoas inicialmente usaram em relação a ela¹¹¹, isto porque, desde os primeiros dias de vida, as atividades da criança adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, refratadas através de seu ambiente humano, que a auxilia entender seus objetivos. Daí se infere que o exemplo não é a melhor forma de se educar... é a única!

Disto, se conclui que a ética não está no homem, mas no conjunto de regras que rege a sociedade, ou seja, não é um valor de equilíbrio *ad hominis*, mas um valor com propósitos de equidade social. Portanto, seria equivocado dizer a alguém que seja ético. Sensato seria dizer *respeite as normas*; pois, sendo um conceito puramente pessoal, está sujeita a diversas oscilações sociais, temporais, étnicas e geográficas.

Freud defendeu que os fatos ocorridos na primeira infância é que deixarão marcas indeléveis. Konrad Lorentz vem corroborar esta teoria com um experimento que se tornaria clássico. Lorentz fez chocar dois grupos de ovos de gansa; o primeiro pela mãe natural, o segundo por uma chocadeira, de modo que ele foi o primeiro ser vivo com que os filhotes deste segundo grupo tiveram contato. Depois observou que reunindo os dois grupos num só, os gansinhos tendiam a seguir a mãe, mas separavam-se dela em situações de perigo, os primeiros buscando abrigo junto a ela, e os segundos junto a ele. Assim, ele demonstrava experimentalmente algo que a Psicanálise já descobrira por

¹¹¹ VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

meio da clínica: as experiências precoces deixam sua marca.

A ética é transmitida por meio da ação, dos exemplos práticos e não [somente] através de discursos demagógicos. Corrupção, agressões a direitos humanos, ofensas ao meio ambiente e qualquer outra transgressão a valores não acontecem porque valores não estão presentes, mas porque as condições objetivas em que se dá a atividade humana (institucional ou empresarial) propiciam a oportunidade para que ocorram. Da mesma forma estes fatos nos mostra que o homem não tem se tornado [ou melhor, não tem sido educado para ser] um ser autônomo, senhor de seu tempo e de seu eu, afinal, a ocasião faz o furto..., o ladrão já estava pronto...

Ficar interrogando *o que é ética*, como se ao deter o conhecimento é como viver tentando solucionar o problema de saber quem veio primeiro, se o ovo, se a galinha. A pergunta que não se pode calar é 'o porquê' da ética existir e para quê ela existe, qual a sua real finalidade para a vida.

A confusão que acontece entre as palavras Moral e Ética existe há muitos séculos. A própria etimologia destes termos gera confusão, sendo que Ética vem do grego *ethos* que significa modo de ser, comportamento e Moral tem sua origem no latim, que vem de *mores*, significando costumes. Daí dar significado aos aforismos nietzschianos onde se diz que o moral dos povos os ocidentais é *moral de rebanho*. Conclui-se, a partir desta visão hermenêutica que ele quer dizer que, o povo ocidental tem costume de rebanho, de seguir cegamente um líder, sem questionar seus axiomas.

Esta confusão pode ser resolvida a partir do simples esclarecimento dos dois termos, sendo que Moral é um conjunto de normas que regula o comportamento do homem em sociedade, e tais normas são adquiridas pela educação, pela tradição e pelo cotidiano. Pode-se definir Moral como a

ciência dos costumes, sendo algo anterior ao surgimento da própria sociedade. A Moral tem caráter obrigatório.

Já a palavra *Ética*, se define como um conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive, garantindo, outrossim, o bem-estar social, ou seja, *Ética* é a forma que o homem deve se comportar no seu meio social [*para que possa ser aceito pelos seus iguais*].

A Moral sempre existiu, pois todo ser humano possui a consciência Moral que o leva a distinguir o bem do mal [*no contexto em que se vive*]. Surgindo realmente quando o homem passou a fazer parte de agrupamentos, *i.e.*, surgiu nas sociedades primitivas, nas primeiras tribos.

O estudo sistemático da *Ética* teria surgido com Sócrates, pois se exige maior grau de cultura. Ela investiga e explica as normas morais, pois leva o homem a agir não só por tradição, educação ou hábito, mas principalmente por convicção e inteligência. Ela é teórica e reflexiva, enquanto a Moral é, eminentemente, prática. Uma completa a outra, havendo um inter-relacionamento entre ambas, pois na ação humana, o conhecer e o agir se mostram indissociáveis. Os indivíduos se deparam com a necessidade de organizar o comportamento por normas que julgam mais apropriadas ou mais dignas de ser cumpridas. Tais normas são aceitas como obrigatórias, e desta forma, as pessoas compreendem que têm o dever de agir desta ou daquela maneira. Porém, o comportamento é o resultado de normas já estabelecidas, não sendo, desta forma, uma decisão natural, considerando que todo comportamento sofrerá um julgamento.

A ciência determina o que é e não o que deve ser. Foi através do iluminismo que se chegou ao triunfo da razão. Todos os escritores ficaram otimistas com o futuro da ciência. Advinda de um saneamento da sociedade graças a difusão das luzes da razão. Um quadro dramático que

perpetua em nosso mundo foi a tragédia de Hiroshima e Nagasaki, deixaram os cientistas desprezados, por não acreditar que a técnica pode garantir a felicidade humana. Muito menos a segurança a dos povos. E serviu em muito para aumentar a sua insegurança com relação aos seus líderes.

A. Einstein disse que, “nós, cientistas, cujo trágico destino tem sido ajudar a fabricar os mais hediondos e eficazes métodos de aniquilação, devemos considerar nossa missão, fazer tudo em que estiver em nosso poder para evitar que essas armas sejam usadas para propósitos brutais. Que missão seria mais importante para nós? Que finalidade social estaria [assim] mais próxima de nossos corações?”¹¹²

Mas, por qual motivo um cientista deve se preocupar com ética e seus conceitos e aplicações práticas? Sua preocupação deve estar acima de tudo com o avanço dos conhecimentos advindos de seus engenhos... A forma como eles serão empregados é problema de quem detém o poder. O desdobramento científico não pode ser interrompido por causa do mau uso das suas descobertas e avanços. E, o que impediria um cientista de clonar um ser humano? Na verdade, nada! Mas o que o impede é o seu senso religioso arraigado no seu senso cultural, o medo de que Deus o castigue, nada mais. Pura superstição. Mas, o pior dano da religião se dá sobre as crianças. A idade escolar é sete anos. Até os oito anos, acredita-se que esteja concentrado 80% de toda a capacidade cognitiva para aprendizagem do ser humano... Mas, as crianças são privadas do saber científico, não sendo, em hipótese alguma, privadas do saber mítico, do saber religioso, do saber tradicional... Eça

¹¹² EINSTEIN, Albert. *Escritos da maturidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 74.

de Queiroz questiona por qual motivo se obriga, ainda, as crianças a frequentarem escola e educação formal, afinal, “quando se manifestam no pequeno os primeiros sintomas de razão, quando se torna necessário que ele tenha, para o distinguir dos animais, uma noção de si mesmo e do Universo, então entra-lhe a Igreja em casa e explica-lhe tudo! Tudo! Tão completamente, que um gaiato de seis anos que não sabe ainda o *bê-á-bá* tem uma ciência mais vasta, mais certa, que as reais academias combinadas de Londres, Berlim e Paris! O velhaco não hesita um momento para dizer como se fez o Universo e os seus sistemas planetários; como apareceu na Terra a criação; como se sucederam as raças; como passaram as revoluções geológicas do globo; como se formaram as línguas; como se inventou a escrita... Sabe tudo: possui completa e imutável a regra para dirigir todas as ações e formar todos os juízos; tem mesmo a certeza de todos os mistérios; ainda que seja míope como uma toupeira vê o que se passa na profundidade dos céus e no interior do globo; conhece, como se não tivesse feito senão assistir a esse espetáculo, o que lhe há de suceder depois de morrer... Não há problema na descida... E quando a Igreja tem feito deste marmanjo tal maravilha de saber, manda-o então para ler... O que eu pergunto é: para quê?”¹¹³

Watson dizia que bastava dar-lhe uma criança até os oito anos de idade e depois tentar ensinar a ela o que quisesse que qualquer um fracassaria. E assim se deu na Alemanha de 1861 quando o ensino primário se tornou obrigatório e a Igreja assumiu este encargo. O ideal que se procurava era ensinar o básico da gramática e da aritmética

¹¹³ QUEIROZ, Eça de. *O crime do Padre Amaro*. São Paulo: Escala, 2007, p. 359-360.

e da submissão total a Deus e ao Kaiser. Uma bela e insidiosa medida...

Um dos mais belos contos da Antiguidade Clássica é o mito de Hércules na encruzilhada. Este duplo caminho significava escolher entre o Caminho do Bem e o caminho do Mal. Ele estava livre..., assim como qualquer mortal, porém, Hércules, quando atingiu a idade de dezoito anos, era o homem mais forte e mais belo da Grécia. Era chegado o momento em que teria que decidir se empregaria sua força para o bem ou para o mal.

Hércules deixou pastores e rebanhos, mudou-se para uma região distante e pensava na carreira que seguiria. E não é apenas Heracles que se encontra entre dois caminhos. Todo ser humano, em algum momento de sua vida, se vê indeciso entre estas duas estradas. As ofertas são imutáveis..., as escolhas é que são pessoais; são elas que determinarão quem o neófito será ou deixará de ser. Ele estava indeciso porque como ele era muito forte poderia ser caçador [*que para a época significava ser uma espécie de ladrão*].

Quando é aceitável que os líderes usem os seus poderes, muitas das vezes, auferidos a eles, de maneira legítima, para cruzar a linha invisível da existência que pode terminar por transformá-los em déspotas sobre os seus companheiros? “É parte do amor o conjunto de atitudes que denominamos civilidade ou educação: se gostamos de morar onde moramos (ou simplesmente não temos outro aonde ir), não vamos brigar com os vizinhos; vamos ao contrário, tentar ser amáveis com eles. A mesma coisa no trânsito. Se gostamos de chegar vivos em casa, tentaremos

ser amáveis com os demais motoristas e não arriscar acidentes imprevisíveis.”¹¹⁴

Se se inferir nesta reflexão, pode-se observar que a ética rege o homem sempre no desejo de ser feliz, de ser aceito, e este, segundo Aristóteles, só é feliz vivendo em sociedade; logo, pode-se concluir que o homem ao respeitar estas regras básicas de convivência é um ser feliz. Ao quebrá-las se tornará um ser infeliz, considerando que ao fazê-lo deverá ser excluído do convívio social. Disto, conclui-se que o exercício pleno da ética é o princípio básico da felicidade humana.

Na concepção de Eduard Hyde, personagem fictício de Stevenson, esta felicidade é uma atitude cínica, forçada, imposta. Em franca harmonia com o pensamento de Mr. Hyde está o pensamento de Sócrates. Para este o ser humano só pratica a justiça contra a própria vontade e pela incapacidade de cometer a injustiça, pois não poderia fazer nada melhor do que imaginar o seguinte. Segundo ele, basta que se dê ao homem de bem e ao iníquo igual poder de fazer o que quiserem e os sigam para ver onde a paixão os vai conduzir.

Sócrates diz que ao dar a ambos poderes infinitos “surpreenderemos o homem de bem tomando o mesmo caminho que o iníquo, levado pelo desejo de ter sempre mais, desejo que toda natureza persegue como um bem, mas que a lei sujeita, à força, ao respeito e à igualdade. O melhor meio de lhes dar o poder de que falo é lhes emprestar o privilégio que, dizem, Giges, o antepassado do Rei da Lídia, possuiu outrora. Giges era um pastor a serviço do rei que reinava então na Lídia. (...) tendo-se reunido os pastores como de costume para fazer ao rei o seu relatório

¹¹⁴ IZQUIERDO, Ivan. *Córtex Cerebral, Amor e Equilíbrio*. [Apostila ofertada pela professora Luiza Helena Pio Caselli durante o curso de Pós-graduação em Psicopedagogia, Supervisão e Orientação Escolar, em Mutum – MG], 2007.

mensal sobre o estado dos rebanhos, Giges veio à assembléia, trazendo no dedo o seu anel. Tendo tomado o lugar entre os pastores, girou, por acaso, o anel de tal modo que a pedra ficou do lado de dentro de sua mão e, imediatamente, ele se tornou invisível para os seus vizinhos, e falava-se dele como se tivesse partido, o que o encheu de espanto. Girando de novo o seu anel, virou a pedra para fora e imediatamente tornou a ficar visível. Atônito com o efeito, ele repetiu a experiência para ver se o anel realmente tinha esse poder, e constatou que, virando a pedra para dentro, tornava-se invisível; para fora, visível. Tendo essa certeza, fez-se incluir entre os pastores que seriam enviados até o rei como representantes. Foi ao palácio, seqüestrou a rainha e atacou e matou o rei; em seguida, apoderou-se do trono. Suponhamos, agora, que haja dois anéis como esse; coloquemos um no dedo do homem justo e outro no do injusto. Segundo o que tudo indica, não encontraremos em nenhum dos dois uma força de caráter suficientemente forte para permanecerem fiéis à justiça e resistirem à tentação de se apoderar do bem que quisessem, já que poderiam, impunemente, pegar no mercado o que quisessem, e fazer o que bem entendessem em qualquer lugar, como se fossem deuses entre os homens, pois não seriam punidos por nada que viessem a fazer. Penso que, quanto a isso, nada distinguiria o homem justo do injusto, e os dois tenderiam para o mesmo fim, e poderíamos ver nisso uma grande prova de que não se é justo por escolha, mas por imposição, e não é a justiça como um bem individual, pois sempre que julgamos poder ser injustos, não o deixamos de ser. Todos os homens, com efeito, crêem que a injustiça lhes é muito mais vantajosa individualmente do que a justiça, e têm razão para acreditar nisso, se nos referimos àquele que é partidário da doutrina que exponho. De fato, se um homem que tivesse tal poder não consentisse nunca em praticar

uma injustiça e em apoderar-se de um bem de outrem, seria considerado por aqueles que estivessem a par do segredo como o mais infeliz e o mais insensato [*louco*] dos homens. Nem por isso deixariam de elogiar, em público, a sua virtude, mas com o intento de se enganarem mutuamente, no temor de sofrerem, eles mesmos, alguma injustiça.”¹¹⁵

Os seres humanos são suficientemente dóceis, maleáveis e *éticos* para que muitos homens possam ser, eventualmente ensinados a matar, apoiar a matança ou consentir a consumir tal ato sob o comando de um macho alfa, dissociando-se completamente da responsabilidade pelo ato. O pecado original humano não é nenhuma vontade de assassinar - é a obediência.

Equivaleria a obediência a servir como um autômato, o que geralmente se chama de ser uma *vaca de presépio*. Fica-se ali, parado, sem nem ao menos saber o motivo do porquê de estar ali. A experiência de Stanley Milgram provou que, quando sob o comando de um líder antiético o ser humano é capaz de fazer coisas que jamais faria em condições de ausência de pressão. Mas, existe o outro lado da experiência, o da passividade incondicional, o do não questionamento, simplesmente porque um superior ordenou.

Quanto às conclusões acerca do experimento de Milgram¹¹⁶, este o resumiria ao escrever, que “os aspectos legais e filosóficos da obediência [*legítima*] são de enorme importância, porém dizem [*ainda*] muito pouco sobre como a maioria das pessoas se comportam em situações concretas. Montei um simples experimento na Universidade de Yale para provar quanta dor infringiria um cidadão comum a outra

¹¹⁵ PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1997, p. 42-43.

¹¹⁶ A *Experiência de Milgram* foi uma experiência científica desenvolvida e realizada pelo psicólogo Stanley Milgram. Pretendeu inquirir de que forma é que os indivíduos observados tendem a obedecer às autoridades, mesmo que estas contradigam o bom-senso individual. A experiência pretendia inicialmente explicar os crimes inumanos do tempo do Nazismo.

simplesmente porque lhe pediam para um experimento científico. A férrea autoridade se imposta aos fortes imperativos morais dos sujeitos (participantes) de causar danos a outros e, com os gritos das vítimas ecoando nos ouvidos dos sujeitos (participantes), a autoridade subjogava com a maior frequência. A extrema boa vontade dos adultos de aceitar quase qualquer requerimento ordenado por uma autoridade constitui o principal descobrimento do estudo.”¹¹⁷

A frase célebre de F. Dostoievski “se Deus não existisse tudo seria permitido”¹¹⁸, se encaixa perfeitamente no esquema da experiência nazista. Adolf Hitler meramente declarou aos seus cientistas que eles poderiam fazer o que quisessem. Não haveria leis, nem ordens, nem proibições, nem sanções quaisquer que os punissem; ali, Deus existia, porém, ele se imiscuiu de sua autoridade; ou se quiser melhor situar no tempo, ele a delegou para seus anjos. Estes cientistas, simplesmente obedeceram a seus instintos.

Certa vez um cientista escreveu que se Adão e Eva possuíssem a força e a coragem de Martinho Lutero e Joana D’arc, eles não teriam sucumbido ao mal. Dá vontade de rir da expressão de fervor em prol destes dois delinquentes históricos e ilustres. É mais fácil acreditar que estes dois teriam incendiado o Éden caso não fossem expulsos. É preciso dizer que ambos foram cassados e condenados à morte, porque eram obedientes ou porque representavam modelos vivos de virtude? Ambos são um belo exemplo de conduta ética (*sic*).

Outro experimento clássico que demonstrou que o ser humano perde todo seu senso ético, determinado pela situação em que se encontra é o de Phillip Zimbardo. Bastou

¹¹⁷ Cf. MILGRAM, Stanley. *Obediência à autoridade*. São Paulo: Francisco Alves, 1983.

¹¹⁸ Cf. DOSTOIEVSKI, Feódor Mikhailóvitch. *Os Irmãos Karamázovi*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1955.

que o Dr. Zimbardo dele plenos poderes a seus alunos para que se transformassem em verdadeiros monstros, capazes de todos os tipos de *desmésure*.

Analisando a história de Adão e Eva, percebe-se que Eva foi punida por causa de sua desobediência. Adão pelo seu medo (in) consciente da solidão. O espírito divino que este sentia a acompanhá-lo deixou de existir. O herói passa de uma lógica concreta para uma lógica abstrata. Deus deixou de oferecer segurança a Adão. Os longos dias a caminhar sozinho, perdido por aquela imensidão já não fazia sentido para o jovem que havia sentido o calor humano a aquecê-lo nas noites frias; as perguntas sendo respondidas; lógico que a falta de amor e segurança leva o homem a mais completa insanidade. A dúvida se deus-pai o amasse ainda perturbava o homem agora liberto do seu paraíso. A solução encontrada pela Igreja na Idade Média para acalmar os ânimos foi a de dar qualidades sobre-humanas a um Deus e entre elas foi o da ética e do compromisso inalienável de estar sempre à disposição da vontade volúvel dos humores humanos. Houve aqui uma inversão dos valores regados pelas religiões anteriores ao cristianismo romano. Não está escrito em nenhum auto que *fidelidade tenha qualquer ligação 'direta' com ética*.

Na atualidade, não há como falar em ética de maneira aberta. A literatura, que, em tempos modernos se tornou a língua oficial dos ideólogos, sabe florear os mais árdios espinhos, transforma um assunto crítico e pesado em algo que diverte e encanta e ainda educa, mostrando que um soberano simplesmente, por deter tal e qual poder pode transformar seu planeta inteiro em um ringue com o propósito de disfarçar a miséria de seu povo às expensas de lutas ignominiosas.

Enquanto os indivíduos estão assistindo a esses combates sangrentos esquecem a fome, a guerra, a miséria,

a prostituição, as doenças e ainda adoram eu líder pelo fato de ele lhes proporcionar estes momentos de entretenimento. Isto geralmente ocorre em países totalitários, em meio a crises não tanto físicas quanto ideológicas.

No longametragem *O Sobrevivente*, estrelado por Arnold Schwazzenegger, mostra esta trama, onde um líder autoritário consegue manipular as massas através da televisão. Ele oferece um entretenimento carrasco onde as pessoas se iludem quanto à sua autoridade e autonomia, escolhendo os carrascos que irão lutar contra os tiranos que estão promovendo massacres e destruições em massa, minando as estruturas de segurança da nação. E esta diversão bizarra os aliena de toda a miséria humana e social que os cercam e oprimem. São desde cedo robotizados a acreditar que os *maus* devem ser punidos e os bons devem sempre vencer. Mas, o resultado de toda a operação é o nível supra elevado de adrenalina que ocorre nas reuniões grupais. Essa adrenalina se torna tão alta que chega mesmo a criar uma sensação falsa de esquecimento de algumas necessidades básicas. E, nestas lutas sangrentas há, por parte da massa, um processo duplo de identificação e antagonismo. Identificação (entendido como amor) com o agressor e antagonismo (ódio) com relação ao mais fraco. A identificação com o herói simboliza o que eles queriam ser e o ódio contra o massacrado revela o que eles odeiam em si mesmos. Por este motivo se felicitarem com a morte do fraco, que é como se o seu desejo de ser melhor destruísse o que lhes é sina de humilhação e há ódio contra o vencedor caso este não mate o derrotado. O sintoma é como se estas pessoas saíssem de casa para ir ao ringue para ver seu *Ego* matar o seu *Id*. Ali naqueles instantes, o herói simboliza tudo de bom: 'a comida, o repouso, a segurança, o sexo.' E o fracote que é humilhado e morto, simboliza tudo que é desprezível e ruim: 'a fome, a miséria, a dor, a humilhação,

a morte! Este se torna o motivo de que quando o guerreiro derrota rapidamente seus adversários e tanto ele quanto seus espectadores ficarem irados. As pestes que os assolavam na vida real não eram derrotadas em questão de segundos de tempo. Eles uivavam, choravam, sofriam na luta desigual e impiedosa contra estes rivais... para ao final sobreviverem para lutar um outro dia... da mesma maneira que o guerreiro que lutava dias a fio na arena e vencida. Ele não queria mais lutar, mas não havia saída e no dia seguinte estava lá novamente. O desejo de não mais lutar significava que queria morrer, assim toda aquela panacéia acabaria! Da mesma forma que o povo... A fome e as desgraças eram tantas que eles desejavam que a morte os levasse, mas ela zombava de todos, do povo e do guerreiro, e, o instinto de sobrevivência falava mais alto e outra vez estavam lá a se iludirem e a simbolizarem a morte de seus suplícios. Ou outro grupo a fim de insurgir contra seus líderes promovem a desmoralização de todo o grupo frente à população, provocando seu enfraquecimento para facilitar o golpe. Mostra até que ponto a ganância levas as pessoas. A vida perde todo o seu valor quando o poder está em jogo.

O mundo do *ethos*, da ética, começa a surgir, no mundo antigo, segundo o modelo do cosmos ou da ordem da natureza (modelo do cosmos = cosmocêntrico). Esta ética inicial concebida no modelo cósmico presidiu os primeiros ensaios pré-socráticos de uma ciência do *ethos*.

O termo ética refere-se aos padrões de conduta moral, *i.e.*, padrões de comportamentos relativos aos cidadãos. O conceito de Ética não é unívoco. Resulta da cultura dos povos, porém sabemos que nem tudo que é tradicional é moral. Mas, o que é jurídico, político pertencem ao significado do termo ético. Isso não implica dizer que normas morais, normas de tratos sociais, normas religiosas,

normas jurídicas ou políticas não se distinguem; apenas confirmam sua origem comum.

A ética não se aplica somente à vida, em si. Com os adventos da moderna sociedade, a ampliação do conceito de homem e cidadão, os avanços técnico-científicos, a comunidade teve que ampliar os conceitos sobre valores e valorações. Não cabe mais ao homem, de maneira isolada, decidir sobre o certo e o errado e direcionar o seu grupo; cabe ao grupo ser ouvido; a decisão deve ser orgânica.

“A ética, de maneira geral, lida com [várias] questões relacionadas aos conceitos morais e ao estabelecimento de padrões de conduta socialmente adequados. Desse modo, a ética se aplica diferentemente entre os países de acordo com sua cultura [particular] e se altera com o tempo, devido à percepção diferenciada de valores, o que geralmente é impulsionado pelo acúmulo de conhecimento e pelo avanço científico e tecnológico.”¹¹⁹

Devido às mudanças no contexto social busca-se a aplicação da ética nas mais variadas e mais controvertidas questões sociais. Situações surgidas na era contemporânea, como igualdade e discriminação de raças, sexo, capacidade, aborto, pesquisas genéticas, a eutanásia, experiência com embriões, responsabilidade para com o meio ambiente, violência política e desobediência civil, tratamento dos refugiados, etc. São problemas éticos relevantes uma vez que hodiernamente depara-se com eles, portanto exigindo uma postura ética racional.

A ‘ética é o que transforma a espécie humana em seres humanos...’ Quando é outorgado a alguém alguma autoridade ou poder, isto sob nenhuma hipótese quer dizer que o contemplado seja melhor que os seus subordinados

¹¹⁹ BORÉM, Aluizio; SANTOS, Fabrício Rodrigues dos. *Biotechnologia Simplificada*. 2. Ed. Viçosa: Editora UFV, 2002. Cap. 15: Bioética, p. 209.

ou eleitores. Diz apenas que as pessoas que o elevaram àquela condição o consideram como alguém apto a exercer aquele encargo e capaz de suportar com mais sabedoria as armadilhas advindas do poder. Um dos mais belos mitos da Antiguidade Clássica é o conto de *Hércules na encruzilhada*, onde narra o herói, dividido entre dois caminhos: 'o da Virtude e o da Preguiça!' Este duplo caminho significava escolher entre o Caminho do Bem e o caminho do Mal. Ele estava livre, assim como qualquer mortal, porém, Hércules, quando atingiu a idade de dezoito anos, era o homem mais forte e mais belo da Grécia. Era chegado o momento em que teria que decidir se empregaria sua força para o bem ou para o mal.

Ética é o juiz das morais, uma vez que é formada no inconsciente humano, o que a torna, assim, uma espécie de legislação do comportamento Moral individual, funcionando como uma *Cama de Procrusto*, procurando ajustar o homem à sua justa medida. E, a complexidade aumenta porque sendo o homem livre, está livre para acatar seus princípios, bem como para ignorá-los.

A ética e a moral estão intimamente ligadas; mas, se distinguem entre si. Todo Contexto jurídico formal nasce da sociedade, da inter-relação humana, da conduta, que motiva a formulação de normas, com intenção de regular a vida do indivíduo e pacificar os conflitos sociais. Nenhuma relação jurídica, não tem fundamento, se esta não estiver de acordo com o direito, fundamentada sobre um princípio moral, protegida pela ética.

A ética é uma tradição milenar, que se estendeu pela história e acampa na sociedade, em qualquer época, classe ou raça. É a base de tudo em tudo, pois é ela que educa [*seria melhor dizer que impõe limites aos seres humanos e considerando que o verbo educar quer dizer, ad literans, endireitar o que é torto*] e fornece as diretrizes diante dos

acontecimentos e fatos que vivenciam em suas vidas pessoais, familiares e principalmente profissionais.

A aprendizagem e a busca por uma cidadania ativa e responsável, reclamada pela sociedade do novo século, depende muito da qualidade relacional e emocional que a sociedade conseguir imprimir nas dinâmicas de participação ao nível da vida na perspectiva de uma existência total. No entanto, e importa lembrá-lo, esse não é um fator único e exclusivo. Quando radicalizada, a retórica da participação pode, perversamente, derivar numa ideologia obscura de responsabilização subordinada a lógicas alheias ao ideal que anunciam. Por esse motivo também, o grande desafio ético que é colocado, concretamente, na atualidade, passa por saber equilibrar todo o respeito pela singularidade dos contextos e pela irredutibilidade própria do enigma humano com a salvaguarda das leis sociais comuns requeridas pelos imperativos de justiça e de solidariedade.

Para se alcançar um mundo com valores, não basta invocar valores como dignidade, liberdade, solidariedade e justiça, como se de simples slogans se tratasse. Não basta advogar o ideal de uma sociedade humanista e democrática; é necessário também cuidar da qualidade ética das mediações institucionais que garantem a sua viabilização. Neste sentido, e porque é a humanidade do homem que tem-se como referência direta, os *quês* e os *porquês* da organização social deverão ser articulados numa rede de sentido assente, obrigatoriamente, na primordialidade do *quem*.

Desde que o homem assumiu uma forma grupal que passou a ter necessidade de leis que o regessem e a seu comportamento. A sensação de liberdade que experimentou por milênios não poderia ser esquecida e suprimida em poucos tempos. Todos os povos traçaram metas e definiram rumos para sua nova condição de agregado. O primado da

razão, porém, gerou a infelicidade neste no ser, já que, viver em sociedade implica em renunciar ao aqui e agora, ao momentâneo, ao transitório, ao precário, aos desejos em função de um ascetismo intelectual fundado na busca da verdade. Como consequência da cisão entre pensamento e existência surge um tipo de homem doente, “esse homem abstrato, [*que é*] guiado sem mitos, a educação abstrata, os costumes abstratos, o direito abstrato, o Estado abstrato.”¹²⁰

A ética é algo que se forma no subterrâneo da alma humana. Só os humanos possuem tal característica, porque pensam. Mas, a questão é muito ambígua para o pensador comum. Como que algo que se forma nas regiões mais recônditas e obscuras do espírito humana necessitaria de uma consciência para existir ou mesmo para vir a existir?

A ética é um freio humano contra os impulsos destrutivos. O homem deseja manter-se vivo, a todo custo, tem necessidade de ser reconhecido, possui ambições que, para alcançá-las não mediria o menor dos esforços, mas como deseja ser aceito como um igual em seu meio, se vê obrigado a respeitar as sanções sociais impostas pela cultura. Sendo assim, o Id cria uma situação de conforto para si próprio, ou seja, mascara seus próprios desejos de forma a satisfazê-los sem danos para sua imagem egóica.

A ética deixou de ser objeto de estudo exclusivo da Filosofia a partir do momento em que começa a se embrenhar em outras áreas do saber humano. À medida que os humanos começaram a tomar o poder, começou-se a haver necessidade de uma força que racionalizasse este novo modo de ser, poder e agir.

Mas, o que leva um sujeito a respeitar regras que o coíbem e lhe oprimem, privando-o de satisfações superiores às alcançadas pelo pleno exercício de sua cidadania?

¹²⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2007, p. 135.

Segundo Aristóteles, ético é aquele que respeita as leis do Estado. Para ele “os homens tornam-se bons e virtuosos devido a três fatores, e estes são a natureza, o hábito e a razão. Ora, a razão e a inteligência são os fins de nossa natureza. Por isso é necessário preparar-lhes a formação e o cultivo dos hábitos. Já se disse de que natureza devem ser os futuros cidadãos [...]. O resto é obra da educação. Realmente toda arte e educação esforçam-se por completar o que falta à natureza. Ninguém porá em dúvida que ao legislador incumbe, sobretudo, o cuidado da educação... Pois, o costume adequado a cada constituição sói defendê-lo e, no começo, fundá-lo também... E sempre o costume melhor é causa de melhor constituição... (e) como o fim de todo Estado é único, torna-se evidente que deve haver uma só e mesma educação para todos, e que o cuidado e a vigilância desta devem ser públicos e não privados... É claro, então, que compete às leis regular a educação e torná-la pública.”¹²¹

De forma mais ou menos assumida, a ética está presente nos diferentes documentos que traduzem o rumo de cada organização e nos seus modos concretos de viver a tarefa sociabilitária. Compreende-se, desta forma, que a finalidade da mesma é permitir aos homens viverem em harmonia.

De acordo com Paul Ricoeur, uma proposta ética constitui-se de três momentos: a perspectiva ética, a norma moral e a sabedoria prática. A vida ética ganha precedência em relação à moral, mas da complementação entre elas nasce uma viva dialética entre essas duas faces do agir humano. Uma frase bem resume o programa do autor: a perspectiva ética consiste em viver bem *com* e *para* os outros em instituições justas.

¹²¹ ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Escala, 2007, p. 241.

O homem é um ser moral e todas as comunidades humanas sempre necessitaram criar sistemas de valor e normas morais para possibilitar a convivência social porque os seres humanos são criaturas não determinadas pela natureza ou pelo destino. É no processo de conquista da liberdade e do seu ser, que se descobre a diferença entre o ser e o dever ser, a vontade de construir um futuro diferente e melhor do que o presente. Porém, para esta construção não basta boas intenções, necessita-se, também de um controle sobre os efeitos não intencionais das ações e o conhecimento de que o questionamento moral pressupõe um conflito entre interesse individual e o da coletividade.

Todas as sociedades necessitaram criar um código de valores que deveriam ser obedecidos sob pena severa de castigo iminente. Isto para que tivessem seus direitos garantidos os fracos, os velhos, as crianças e as mulheres. Cada lei foi inerente a seu tempo, cultura e espaços, em particular, mas todas traziam em seus âmagos a mesma vontade de preservar a vida em sociedade e evitar o risco iminente da extinção.

Primeiro o indivíduo cria as regras para comandar o grupo, depois o grupo as incorpora e estas passam a reger os indivíduos. De forma que por meio de seus membros possuem crenças acerca do que se elege ou do que se prefere justificadamente.

O pré-requisito para o surgimento das regras morais é a preexistência de condições sociais tais que as tornem necessárias, ou seja, a finalidade delas é combater um determinado tipo de comportamento social que é ou está ou poderá vir a ser nocivo à sobrevivência da espécie. Este último aspecto é que faz com que algumas regras morais desenvolvam-se sem a menor função. E ademais "(...) o instinto perverso é no homem mais poderoso que o bom... e o temor e a força têm maior império sobre ele que a razão...

Todos os homens 'desejam' o domínio e nenhum renunciará à opressão se puder exercê-la. Todos ou quase todos estão dispostos a sacrificar os direitos dos demais em prol de seus próprios interesses. Quem são os que se sujeitam a estas bestas devoradoras que chamamos homens? Na gênese das sociedades está a força brutal e desenfreada..."¹²²

Os seres humanos enquanto viveram solitários e livres pelas savanas não dependiam de nenhum código complexo de conduta; não havia o outro e não havendo-o não há limites, *além daqueles, naturalmente, já impostos pela natureza*; porém, a partir do momento em que outros se unem, formando pequenos bandos, a vida começa a tornar-se complexa e eles passam a necessitarem de limites; necessidade imposta a partir da presença do outro. "Há oitenta mil anos o cérebro tinha 2/3 do seu tamanho atual e as poucas comunidades existentes viviam em completo isolamento. Com o desenvolvimento de sua inteligência, o *Homo sapiens* há cerca de quarenta mil anos, passou a fazer ferramentas de pedra para auxiliá-lo na caça e na pesca. A invenção da ferramenta foi a primeira realização intelectual do homem. Colocou-lhe às mãos dispositivos ativos e agressivos para enfrentar os desafios da vida cotidiana. Ferramentas, técnicas e linguagem foram o 'equipamento espiritual' com que partiu para conquistar o mundo. As ferramentas [*que foram*] concebidas por seu cérebro, capacitaram-no a dominar e a transformar seu ambiente natural, e se tornaram um requisito básico para todo desenvolvimento cultural futuro. Inclusive seu desejo insano de dominação!"¹²³

¹²² JOLY, Maurice. *Diálogo em el infierno entre Maquiavelo y Montesquieu* (1864). In: LIBROdot.com, 2012, p. 06.

¹²³ KATZENSTEIN, Úrsula. *A Origem do Livro: da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente*. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 42-43.

O homem não se sente feliz vivendo em sociedade. Ele se sente seguro... E esta segurança é traduzida pela sua consciência como um estado de felicidade, porque lhe permite ter uma garantia de que seu DNA 'poderá' vir a ser perpetuado.

IX

ÉTICA NOS NEGÓCIOS

A ética pode ser definida como a reflexão acerca dos valores e critérios que determinam a escolha de uma conduta considerada correta. Ao escolher uma conduta que se considera a melhor, é papel da ética clarificar os valores que determinaram essa escolha. A finalidade da escolha ética é promover o bem comum, o que pode ser resumido em três alvos: não prejudicar ninguém, não deixar que ninguém o prejudique e não se prejudicar.

Segundo Nunes¹²⁴ o conceito de ética nos negócios (ou ética na gestão) surge estritamente relacionado com o conceito de responsabilidade social das organizações. A ética pode ser considerada como um conjunto de valores e regras sociais que distinguem o que é certo do que é errado, ou seja, indicam quando um comportamento é socialmente aceitável ou não. Por outras palavras, uma atuação ética significa não mais do que respeitar os princípios morais da sociedade. Estes princípios morais constituem regras gerais de comportamento de grande importância para a sociedade que não podem ser estabelecidas ou modificadas pelas decisões de indivíduos isoladamente ou pelos poderes instituídos. No plano empresarial, a ética tem a ver com a tomada de decisões de gestão, isto é, quais as escolhas efetuadas pelos gestores face a uma pluralidade de opções, tendo como plano de fundo a moralidade. Uma conduta ética só é possível se cada um dos intervenientes atuar nesse sentido, particularmente não colocando os seus

¹²⁴ NUNES, Paulo. *Conceito de Ética nos Negócios*. Disponível em www.knoow.net/cienceconempri/gestao/eticanosnegocios.htm. Acessado em 24/12/2012.

interesses pessoais à frente dos interesses da organização e da sociedade o que será facilitado a partir do momento em que os gestores se aperceberem de essa conduta também proporciona rentabilidade e ganhos financeiros.

Segundo Patrus “não é raro que a ética nos negócios seja comparada com *espelhos para elevador*, como fazem Llano e Zagal, autores de um livro sobre o tema. Contam eles que, em um luxuoso prédio comercial, os usuários se queixavam continuamente da lentidão dos elevadores. Quando se estava a ponto de trocar todo o maquinário por um melhor, mais moderno e mais caro, surgiu a idéia de se colocarem espelhos no *hall* onde se aguarda o elevador. As pessoas começam a se ver, o tempo se ocupa e se elimina a sensação de espera. De acordo com a metáfora, a ética estaria sendo introduzida nas empresas muito mais para tranquilizar as consciências [*dos empresários*] do que para promover aperfeiçoamentos morais.”¹²⁵

O mais simples dizer, com a total inocência ‘negócios são negócios, amigos à parte’ já deixa margens para se acreditar que ética e negócios não caminham de mãos dadas.

Na Antiguidade Clássica, quando dois homens iriam fechar um negócio, ambos invocavam um deus como testemunha para garantir que estava havendo honestidade de ambas as partes, ou seja, nem um nem outro estavam a lesarem-se. Na atualidade, invoca-se um deus para ter-se maior poder de convencimento sobre o infeliz consumidor que se deseja surrupiar em uma negociata.

¹²⁵ PATRUS, Roberto. *A ÉTICA nos negócios e nas organizações da sociedade civil*. Disponível em: www.responsabilidadedesocial.com/article/article_view.php?id=415. Acessado em 24/12/2012.

Na Atenas Clássica, a deusa Palas Athená passou a presidir aos comércios, ao lado de Hermes Trimegisto, para que as negociações fossem justas e perfeitas. Na Pérsia, o Código Hamurábico funcionava como um documento que tratava da ética nas negociações entre as partes, a fim de manter a equidade. *V.g.*, em seu artigo 125 ele reza que “se alguém dá em depósito os seus bens e aí por infração ou roubo os seus bens se perdem com os do proprietário da casa, o dono desta, que suporta o peso da negligência, deverá indenizar tudo que lhe foi consignado em depósito e que ele deixou perder.” Não é raro, na atualidade, assistir a bancos e empresas falirem e deixarem seus clientes à deriva.

Ética nos negócios é a ética praticada por homens de negócios, que na definição de Baumhart “é qualquer pessoa que participa no trabalho de planejamento, organização e direção com o objetivo de fornecer bens ou serviços que lhes dêem um lucro.”¹²⁶ O autor redefine o conceito: “A ética dos negócios constitui um vastíssimo tópico abrangendo uma multidão de cisões, de práticas e de diretrizes empresariais.”¹²⁷

Segundo Srour, merecem a reflexão e o eventual questionamento das empresas acerca de práticas como: a) sonegação fiscal; b) danos causados ao meio ambiente; c) espionagem industrial ou econômica; d) furtos de matérias-primas, equipamentos e mercadorias por funcionários; e) uso de informações privilegiadas; f) propinas para obter contratos; g) falsificação de medicamentos, de alimentos ou de roupas de *griffe*; h) lavagem de dinheiro proveniente de operações ilegais; i) exploração do trabalho infantil; j) falsificação de documentos; k) gratificações pagas a juízes,

¹²⁶ BAUMHART, Raymond. *Ética em Negócios*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1971, p. 35.

¹²⁷ *Ibid.*

fiscais e policiais; l) evasões de divisas; m) calote em dívidas.”¹²⁸

Segundo o mesmo autor, a *desumanização dos negócios*, que ocorre ao colocar os lucros acima das pessoas, e a obstinação de ganhar dinheiro a qualquer preço, obscurece muitas virtudes nos negócios, “Há, porém, uma tão grande distância entre o modo como se vive e o modo como se deveria viver, que aquele que em detrimento do que se faz privêlegia o que se deveria fazer mais aprende a cair em desgraça que a preservar a sua própria pessoa. Ora, um homem que de profissão queira fazer-se permanentemente bom não poderá evitar a sua ruína, cercado de tantos que bons não são. Assim, é necessário que um príncipe que deseja manter-se príncipe aprender a não usar (apenas) a bondade, praticando-a ou não de acordo com as injunções.”¹²⁹

Bem, o que não se pode deixar iludir é que um empresário com alma de larápio, mesmo com código de ética na sua mesa ou na sua cabeça continuará sendo um larápio. Vale fazer uma analogia com a lenda africana do sapo e do Escorpião.

Certa vez, um escorpião aproximou-se de um sapo que estava na beira de um rio. O escorpião vinha fazer um pedido: “Sapinho, você poderia me carregar até a outra margem deste rio tão largo?” O sapo respondeu: “Só se eu fosse tolo! Você vai me picar, eu vou ficar paralizado e vou afundar.” Disse o escorpião: “Isso é ridículo! Se eu o picasse, ambos afundaríamos.” Confiando na lógica do escorpião, o sapo concordou e levou o escorpião nas costas, enquanto nadava para atravessar o rio. No meio do

¹²⁸ SROUR, Robert H. *Fundamentos de Ética Empresarial*: Posturas responsáveis nos negócios, na política e nas relações pessoais. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p. 24.

¹²⁹ Maquiavel, Nicolas. *O Príncipe*. São Paulo: Martin Claret, 2006, pp. 87-88.

rio, o escorpião cravou seu ferrão no sapo. Atingido pelo veneno, e já começando a afundar, o sapo voltou-se para o escorpião e perguntou: “Por quê? Por quê?” E o escorpião respondeu: “Por que sou um escorpião e essa é a minha natureza.”

Uma negociação implica, diretamente, em um acordo entre duas partes distintas. Alguém deseja algo e outro dispõe a oferecer este objeto almejado. E a imagem de um bom negociador deve ser a daquela pessoa que explora o máximo de cada oportunidade e consegue até o último centavo em suas negociações com clientes e fornecedores? Ou aquele que se coloca em uma posição dura, que nunca cede espaço em uma negociação?

Quando, em meio a uma ação de negócios, não se considera as necessidades e objetivos da outra parte, corre-se o risco de estar destruindo um bom relacionamento e ter maiores complicações no longo prazo. Uma negociação, na qual somente um lado venha a ganhar, é uma negociação mal-sucedida. Para ambas as partes.

Com isto não está a se abordar o tema somente no sentido de manter a ética nos negócios. É uma questão de benefícios de longo prazo para a empresa, construção de parcerias e bons relacionamentos, e redução do risco. Aquela pequena porcentagem adicional que se conseguiu apertando um fornecedor até o limite provavelmente será cobrada com altos juros quando se precisar dele.

Um bom negociador é aquele que consegue um ótimo resultado para sua empresa, até o limite em que a outra parte também tenha benefícios. Este equilíbrio é a grande dificuldade das negociações. Um grande diferencial para atingir este objetivo é a informação. Quem tem mais dados sobre a situação e as necessidades da outra parte, assim como suas próprias restrições e objetivos, estará em vantagem na negociação.

Antes de negociar, deve-se pesquisar o quanto puder sobre o que seu cliente ou fornecedor procura. Pesquise seu mercado, os padrões de preço da concorrência, a situação financeira da empresa e a relação que eles têm com os seus concorrentes. Ao iniciar a negociação use os primeiros momentos para cobrir as lacunas de sua informação, e para sentir as intenções da outra parte. Isto lhe ajudará a definir a estratégia que aplicará no restante da negociação.

Não tenha medo de perguntar: “O que você gostaria de obter como resultado desta negociação?”. Esta pergunta raramente é feita; mas, é necessária para quebrar uma negociação tensa, e dar um claro sinal ao outro que você está procurando um resultado ganha-ganha.

Esta estratégia é eficiente, porque reduz o risco de seu posicionamento (uma vez que está baseado em fatos pesquisados e não *achismo*). Além disso, muitas vezes a negociação pode ficar concentrada em um único ponto (por exemplo, preço), enquanto o que seu cliente ou fornecedor realmente quer é outra vantagem (por exemplo, prazo de pagamento). Muitas vezes, sua empresa pode ceder em uma área que o outro deseja para atingir seu objetivo principal na negociação.

O que se preconiza é que quando se estiver em uma posição vantajosa em uma negociação, deve aproveitar a oportunidade não só para obter um bom resultado de curto prazo, mas também para construir fortes relacionamentos e fortalecer parcerias que lhe serão favoráveis no longo prazo. É justo que as trocas ocorridas sejam equitantes em valores e honestidade.

Na Grécia, este princípio era sagrado. Hoje, nas corporações (na maioria) prevalece o conceito espartano: ‘não seja pegol!’, ou seja, o código de ética das empresas assemelha-se mais e tem mesmo a função de um manual de etiqueta elaborado por cientistas sociais de alto nível

intelectual, onde está escrito como enganar, surrupiar, lograr o cliente, vendendo-lhe produtos os quais jamais terá qualquer utilidade em sua vida.

Nas entrevistas de emprego a fins de contratações, valoriza-se o espírito de rapinagem, a alma de jiboia, aquela capaz de engolir tudo sem nem ao menos mastigar. Não há como preconizar a vida empresarial tendo por base, tão somente, dois pesos duas medidas. Há quer ter uma justa medida, um *métron, uma Cama de Procrusto*. Não se admite como ética a empresa que vive sob o lema: 'faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço'. Até mesmo porque uma corporação é vista pela sociedade através da imagem que as pessoas que a compõe refletem e irradiam e quando não se questiona estes paradigmas e dogmas corporativos, corre-se o risco de reproduzir a cultura dominante e reinante naquele espaço, igual aos macacos da lenda narrada por Rubem Alves.

Segundo ele, um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula, em cujo centro colocou uma escada e, no topo da escada, um cacho de bananas. Quando um macaco subia a escada para apanhar as bananas, os cientistas lançavam um jato forte de água fria nos que estavam no chão. Depois de certo tempo, quando um macaco ia subir a escada para pegar as bananas, os outros o agrediam de forma a inibi-lo em sua intenção de pegar as bananas. Dessa forma, após algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada, apesar da tentação das bananas. Então, os cientistas substituíram um dos cinco macacos por um outro macaco. A primeira coisa que este fez foi subir a escada, dela sendo rapidamente retirado pelos outros, que o agrediram. Depois de algumas *surras*, o novo integrante do grupo *desistiu* das bananas. Um segundo macaco foi substituído, e o mesmo ocorreu, tendo o primeiro macaco substituído também participado da agressão ao novato.

Dessa forma foram substituídos o terceiro, o quarto e o quinto macacos. Os cientistas ficaram, então, com um grupo de cinco macacos que, mesmo nunca tendo experimentado o banho frio, não tentaram pegar as bananas e não deixaram que qualquer um tentasse. Se fosse possível perguntar a algum dos macacos por que batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria: “– Não sei, as coisas sempre foram assim por aqui...”.

Para Ahner “um negócio trata dos detalhes, da luta cotidiana para fazer uma coisa muito específica com um grupo de pessoas que talvez mal se conheçam, para um cliente que talvez esteja longe e que tenha pelo menos alguma ideia do que quer, e por uma quantia determinada. É confuso, cheio de aproximações, quando não verdadeiros erros, e crivado de ambiguidades e de todo tipo de motivos variados. O problema surge quando se considera que o negócio é *apenas* isso. Nesse caso, negócios são *apenas negócios*, movidos pelas *forças motivadoras do mercado*, pela *concorrência* e pela *lucratividade do resultado líquido*. o negocio precisa ser considerado, antes de tudo, atividade básica que tem lugar dentro da comunidade humana maior. Como atividade humana, ele é – por esse fato – atividade moral que se espalha por tudo o que o negocio faz, a tal ponto que, para ser bem sucedido, com o decorrer do tempo o negócio precisa ser ético. Os negócios são uma ciência humana que sofre por ser reduzida a uma ciência empírica. Como ciência empírica, estão limitados a um conjunto de procedimentos irracionais que, se seguidos servilmente, produzirão lucros. Entretanto, se os negócios são, de fato, uma ciência humana, então a ética dos negócios é mais premente e mais complexa. Nesta versão a ética precisa lidar com a série completa de valores, motivos e propósitos a medida que são expostos em todos os processos e praticas de gestão da comunidade de negócios. Por essa

razão e preciso abordar todas as dinâmicas que contribuem para o sucesso dos negócios.”¹³⁰

Para a dicotomia ética-negócios não há razão que justifique sua existência. A formação da condição humana do indivíduo exige que se aplique regras sociais aos valores pessoais. James Frazer interrogava se o homem é uma criatura dotada de razão, porque havia a necessidade de se criar códigos severos para fazê-lo caminha dentro de limites aceitáveis. “Ao acreditar que a felicidade está fora de nós, estamos relegando a outrem a [mera] responsabilidade e a possibilidade de que está dentro de nós, daí a origem das insatisfações emocionais, do sofrimento [sempre constante]. O sistema capitalista contribui para disseminação desses falsos ideais, padrões estéticos escravizadores que nos impedem de pensar.”¹³¹

Segundo Dourado, “a Ética é o alicerce fundamental e indispensável para o sucesso e [para] a perenidade dos negócios. Além disto, tem que ser a prioridade *número 1* de qualquer colaborador, executivo e empresário, ou seja, a condução dos negócios de maneira honesta, íntegra e justa tem que estar no DNA da empresa e assim, se a empresa for ética ela será - de maneira natural - socialmente responsável e ecologicamente correta, desta forma, estará trilhando o caminho da tão falada, perseguida e necessária Sustentabilidade.”¹³² E aponta *algumas das vantagens de empresas éticas*, tais como: “Desenvolvem relações de confiança mais estáveis e lucrativas com seus clientes, sejam internos ou externos; criam um ambiente de trabalho saudável e conseqüentemente mais produtivo; tornam

¹³⁰ AHNER, Gene. *Ética nos negócios*. São Paulo: Paulinas, 2009.

¹³¹ SCHMIDT, Cassiane. *Capitalismo x consumismo: Preenchendo vazios*. Disponível em recantodasletras.com. acessado em 24/12/2012.

¹³² DOURADO, Rodolfo Maciel [2009]. *Ética nos negócios*. Disponível em: www.administradores.com.br/informe-se/.../etica-nos-negocios/2740. Acessado em 24/12/2012.

positivas as experiências de compra ou venda nas transações comerciais; aumenta a confiança e reciprocidade; empresas com padrões éticos têm menos problemas de furtos, sabotagem, discriminações e de depredação das instalações; minimizam riscos de escândalos que destroem carreiras e companhias.”¹³³ E conclui, afirmando que, “em negociações comerciais, o grande negócio é ser ético. Embora o comportamento antiético possa levar as vendas imediatas, isso só acontece em curto prazo. Com o tempo, pessoas que costumam ter esse tipo de comportamento antiético vêm sua reputação sofrer as conseqüências. Por outro lado, pessoas que costumemente comportam-se de acordo com os mais elevados padrões éticos vêm suas reputações subirem. Uma reputação favorável fará [*muito*] mais pela criação de vendas e sucesso duradouro do que qualquer comportamento antiético.”¹³⁴

A dimensão da responsabilidade da empresa com a ética implica na noção de que toda ação da *holding* afeta pessoas ou grupos sociais, ou seja, os públicos com os quais se relaciona. A responsabilidade implica prever os resultados das ações. No mundo dos negócios, um dos resultados que se espera das ações de uma organização é o lucro, ou, no caso das organizações do terceiro setor, o retorno financeiro para a manutenção e ampliação das suas atividades. Na atualidade, essa finalidade econômica é compartilhada pela finalidade social (promoção de melhorias sociais para empregados e comunidade, principalmente) e pela finalidade ambiental (preservação do meio-ambiente e respeito pelas futuras gerações). A dimensão auferida à responsabilidade reúne o tripé econômico-social-ambiental

¹³³ DOURADO, Rodolfo Maciel [2009]. Ética nos negócios. Disponível em: www.administradores.com.br/informe-se/.../etica-nos-negocios/2740. Acessado em 24/12/2012.

¹³⁴ *Ibid.*

da sustentabilidade, não só da organização, mas do mundo em que vivemos.

A dimensão da convicção implica a adoção de valores de humanidade que, de algum modo, limitam a busca dos resultados estrategicamente planejados. Nem todos os caminhos são válidos para cumprir as metas estabelecidas. Uma organização ética preocupa-se com os resultados, sem dúvidas, mas sabe o que não deve fazer para realizá-los. Nesse sentido, a ética da convicção é um limite para a ambição da empresa ou da organização da sociedade civil. Esse limite só se realiza se a empresa debate os meios para o alcance dos seus fins. Um código de ética empresarial deve ser acompanhado de reflexão e formação contínuos, a fim de que a organização crie a sua forma ética de fazer negócio.

A dimensão da virtude é a disposição firme e constante para a prática do bem. As decisões de uma organização são decisões de pessoas. Lideranças éticas promovem o hábito de fazer a coisa certa em cada processo decisório, o que exige coragem, virtude.

Paiva lista sete princípios para a ética nos negócios:

1. *Inspire confiança:* Os clientes querem fazer negócios com empresas nas quais podem confiar. Quando a confiança está na cultura de uma companhia, é uma garantia de seu caráter, habilidades, forças e honestidade.

2. *Mantenha uma mente aberta:* Para a melhoria contínua de uma companhia, seu líder deve estar aberto a novas idéias. Ele deve sempre pedir a opinião e as idéias de seus clientes e de sua equipe para que a organização continue crescendo.

3. *Cumpra com suas obrigações:* Independente das circunstâncias, faça tudo em seu alcance para ganhar a confiança de seus clientes, especialmente se houve algum problema em um projeto ou negociação anterior. Recupere-se de negócios perdidos honrando todos os seus compromissos e obrigações.

4. *Tenha documentos claros:* Avalie novamente todo o material da empresa, incluindo publicidade, folhetos e outros documentos externos de negócios, garantido que sejam claros, precisos e profissionais. Mais importante ainda, garanta que eles não levem a más interpretações.

5. *Envolve-se com sua comunidade:* Mantenha-se envolvido com assuntos e atividades relacionados a sua comunidade, mostrando que seu negócio contribui responsavelmente com a comunidade.

6. *Tenha um bom controle contábil:* Tenha um controle prático da contabilidade e dos registros da empresa, não somente como um meio de conhecer melhor o progresso de sua companhia, mas também como recurso para prever e evitar atividades “questionáveis”.

7. *Seja respeitoso:* Trate os outros com todo o respeito que merecem. Independente das diferenças, posições, títulos, idade ou outros tipos de distinções, sempre tenha uma postura profissional respeitosa e cordial.¹³⁵

Segundo Schimidt, estamos nos acostumando a achar normal o que é comum, a violência, a fome, o descaso

¹³⁵ PAIVA, Luiz de. *7 Princípios para a Ética nos Negócios*. [2006] Disponível em ogereente.com/congestionado/.../7-principios-para-a-etica-nos-negoci... Acessado em 24/12/2012

em relação ao próximo, muitas vezes bem próximo.¹³⁶ Tudo caiu nas armadilhas da normose, do não tenho nada a ver com isso, a empurroterapia; talvez, seja esse o maior dano causado pelo Capitalismo; a consciência egoísta impressa no comportamento humano.

A ética de uma organização não se reduz à ética da responsabilidade, pois os resultados nem sempre justificam a violação de princípios éticos. Não se reduz, também, a uma ética da convicção, pois a defesa de valores legítimos pode ter consequências que invalidam a sua intenção. Não se pode desprezar o impacto das decisões em cada um dos públicos da empresa, o que seria pura irresponsabilidade. Desconsiderar os resultados das ações no processo de tomada de decisão não é apenas ingenuidade, é má gestão. Uma ética da virtude também não se basta para a formulação de uma ética organizacional. Crer que pessoas virtuosas formam uma organização virtuosa é um exemplo de falácia da composição, classicamente ilustrada pela seguinte proposição: se todas as peças de uma máquina são leves, logo a máquina é leve. A empresa é mais do que as pessoas que a integram. Ela é a soma de processos, tecnologias, culturas e pessoas.

Quando do naufrágio do navio baleeiro Essex¹³⁷, ocorrido em 1820, muito da catástrofe que se seguiu poderia ter sido evitada caso os proprietários não tivessem vindo, há tempos, reduzindo as rações da tripulação e não realizando as devidas reformas em seus navios com fins, unicamente de avultar mais e mais lucros. O naufrágio foi um acaso isolado e inexplicado, mas o canibalismo daí sucedido teve

¹³⁶ SCHMIDT, Cassiane. *Capitalismo x consumismo*: Preenchendo vazios. [2008] Disponível em recantodasletras.com. Acessado em 24/12/2012.

¹³⁷ O Essex foi um navio baleeiro que naufragou em 20 de novembro de 1820 após o ataque de um cachalote. A história deste naufrágio foi contada por Nathaniel Philbrick no livro *No Coração do Mar* e também serviu de inspiração para que Herman Melville escrevesse a famosa obra literária *Moby Dick*.

suas causas em limitações de comida nas embarcações. “Os donos dos baleeiros com muita frequência se mostram negligentes quando se trata de suprir de víveres os navios de sua propriedade; confiam no capitão para reduzir a tripulação de acordo com medida de seus recursos, com que os ricos proprietários economizam alguns poucos *dólar*s, ao passo que os pobres marinheiros que trabalham pesado têm de suportar a fome.”¹³⁸

Enfim, desde o negócio mais simples até o mais sofisticado, que envolve grandes somas e muitas pessoas deve-se ter em mente que uma conduta ética faz-se *mister*, a fim de que os processos de negociação entre as partes não venham a irradiar incoerências. E as empresas que respeitam as normas éticas têm continuado a crescer e desenvolver seu capital, de uma forma madura e inteligente. Respeitar os aspectos legais e humanísticos dentro das corporações não afetam seu desempenho como se cria até bem pouco tempo e alguns cientistas teimam em afirmar.

¹³⁸ PHILBRICK, Nathaniel. **No Coração do Mar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.44.

X

ÉTICA E ECONOMIA

A economia é uma ciência como todas as outras, com responsabilidades sobre desenvolvimento e bem-estar social, considerando que seja ela a alavanca que move o mundo e as pessoas em direção ao progresso. E como toda ciência tem seus desafios, sendo o primeiro dos desafios na economia o de classificar objetivamente algo muito subjetivo nos indivíduos humanos: a fronteira entre a necessidade e o desejo. O ser humano tem desejos ilimitados e recursos limitados para satisfazer-se. E a lei do mercado segue uma lógica bem determinada: o recurso que tem maior procura torna-se mais valioso porque se esgota mais facilmente. E, tornando-se escasso, nasce com ele um valor o qual em verdade na estava agregado ao mesmo, ou seja, sua posse, passa, simplesmente a conferir *statu* ao possuidor. Não acrescenta nada ao seu dono.

A ética é uma característica inerente a toda ação humana e, por esta razão, é um elemento vital na produção da realidade social. Todo homem possui um senso ético, uma espécie de *consciência moral*, estando constantemente avaliando e julgando suas ações para saber se são boas ou más, certas ou erradas, justas ou injustas. Existem sempre comportamentos humanos classificáveis sob a ótica do certo e errado, do bem e do mal. Embora relacionadas com o agir individual, essas classificações sempre têm relação com as matrizes culturais que ainda prevalecem em determinadas sociedades e contextos históricos. Elas estão relacionadas à opção, ao desejo íntimo de realizar a vida, mantendo com os outros relações justas e aceitáveis. Via de regra, estão fundamentadas nas ideias de bem e virtude, enquanto

valores perseguidos por todo ser humano e cujo alcance se traduz numa existência plena e feliz. Seu campo de atuação ultrapassa os limites simples da filosofia e inúmeros outros pesquisadores do conhecimento dedicam-se ao seu estudo.

Como toda ciência de cunho humano, a economia deve estar sujeita e submetida a valores éticos. Portanto, a necessidade da reflexão ética na economia é justamente aliar os valores imprescindíveis, que muitas vezes são atropelados pela lógica do mercado, às necessidades da produção e do consumo, ajudando a definir o que pode ou não pode ser sacrificado nesse sistema. Valores como justiça social e direitos humanos não podem ser deixados de lado. Porém, a reflexão não pode perder-se em ideais vagos e muitas vezes impraticáveis num campo tão prático. É preciso ter critérios de justiça, mas com realismo, para não acabar levando toda uma população ao empobrecimento, surtindo efeito contrário à distribuição de renda desejável. Todo tipo de ação nesse campo pode trazer uma reação indesejável. Para aqueles que crêem que o mercado se autorregula, a miséria e a fome ao redor do mundo e as parcas distribuições de renda em países emergentes tem demonstrado que, ausente a intervenção de organismos externos para controlarem este caos a população de menor poder aquisitivo já estaria morta ou em vias de uma miséria tão degradante que, como saída teriam que se rebaixar aos instintos mais baixos ou dar cabo de seus próprios filhos para não sucumbirem a um mal maior.

Cabe, no entanto, indagações a respeito dos valores que regem a economia e seus rumos. Sabe-se que vivemos em um mundo de muitas transformações, de globalização, com suas consequências advindas a partir de otimização do processo produtivo, com novas tecnologias que substituem o trabalho humano e com o aumento progressivo de uma massa de desempregados. As empresas grandes engolem

as pequenas e, em nome da sobrevivência, a concorrência precisa diminuir os custos, cortar empregos, automatizar e colocar um produto similar no mercado.

A rapidez dessas transformações sociológicas não foi acompanhada por uma reflexão ética capaz de propor um modelo econômico alternativo que não abrisse mão dos direitos trabalhistas, como vem ocorrendo. Assim, patrões não querem mais arcar com os custos de um trabalhador garantidos na Constituição, simplesmente, por considerarem muito onerosos. Os trabalhadores, por sua vez, para não perderem o emprego submetem-se a contratos que limitam seus direitos. Ao mesmo tempo, o processo de globalização favorece as grandes empresas, enfraquece a atuação dos sindicatos e criam concentração de renda. É isso que vemos na atual crise mundial: reportagens sobre a diminuição da produção, sobre a taxa de desemprego, enquetes sobre a possibilidade de redução da carga horária de trabalho com consequentes reduções salariais.

Dentro deste campo, o papel da ética na economia é alertar para o sacrifício da maior parcela da população mundial nessa lógica utilitarista e propor um modelo mais ecológico, sustentável, ou seja, da interdependência de todos os seres no planeta. Ética na economia exige a convocação de todos os governantes e condutores da economia a rever se os benefícios do progresso chegam à maior parcela da população e convencer que só será possível a vida para todos os seres humanos se a lógica da justiça e da vida prevalecer.

Segundo Rocha, a conduta econômica deve ser ética é evidente e inquestionável.¹³⁹ Todos desejam e necessitam que seja assim. Mas..., quando ante a realidade sócio-

¹³⁹ ROCHA, Alfonso Botero. *Ética e Economia*. [2012] Disponível em: seemysooul.blogspot.com/.../etica-e-daquelas-coisas-que-todo-mund... Acessado em 14/12/12.

econômica em que o êxito se alcança geralmente atuando de forma anti-ética, anti-social e anti-humana, ao se indagar se é possível aplicar os valores éticos nesta realidade, a resposta é geralmente negativa. Até se aceita que seria desejável, mas que não é, de forma alguma, factível. Acostuma-se a pensar que vantagens e proveitos só se obtém por conta da exploração dos outros, do engano, do disfarce, da especulação, do suborno, da especulação e da chantagem. Quando se diz, vulgarmente, de uma pessoa que é pobre, porém honrada, o que no fundo se está dizendo é que por ser honrada não pode ser rica. Um humorista católico inglês dizia que a riqueza de muitos dos seus amigos e conhecidos não era o resultado de sua capacidade, talento ou habilidade para os negócios senão que da quantidade impensável de pecados mortais que haviam cometido para obter suas riquezas. Para ele, “a conduta econômica de quem produz bens e serviços ou investe capital financeiro para que outros produzam é uma conduta de um ser humano e deve ter três características essenciais: uma ética, outra humana e outra social.

PRIMEIRA: Deve ser ética porque toda a conduta econômica é, em última análise, o resultado de um ato de decisão pessoal, de uma escolha entre o que é bom, mau, melhor ou pior para si e para os outros. Até naquilo que parece estritamente técnico e nada relacionado com moral, como, por exemplo, a fixação de um determinado preço, é um vasto campo da ética. Assim, fixado um custo de produção, ainda resta uma área de decisão pessoal sobre a quantidade do produto almejado, do rendimento esperado. Esta decisão é injusta se o produtor aproveita a escassez do produto ou a necessidade do consumidor e fixa um preço alto que exige do consumidor ou usuário enorme sacrifício para pagá-lo ou o impede de adquirir o bem necessário ou o

serviço requerido. Esse resultado prejudicial, que pode chegar a por em risco a própria vida das pessoas, é uma consequência anti-ética de um sujeito econômico de obter um exagerado percentual de lucro. É contrária à ética toda a decisão econômica de produzir produtos de má qualidade ou de fazer publicidade mentirosa ou de estabelecer sistemas usurários de crédito, pois se lesa a honradez, a honestidade e a verdade. E, ainda mais, no plano da ética cristã, tais decisões são claramente pecaminosas, abjetas e dolosas violações da lei essencial do amor ao próximo.

SEGUNDA: Deve ser humana, porque é uma pessoa humana que a leva a termo e são pessoas humanas que necessitam que se realize. Portanto, deve ser subordinada às necessidades e possibilidades concretas do homem. Não pode desconhecer nem a dignidade humana e nem a igualdade essencial das pessoas. Não pode trair nem a solidariedade e nem a fraternidade. Nela, não pode ser buscada a vantagem própria às custas dos sacrifícios dos demais. É humana a conduta do produtor, industrialista, comerciante, quando tem em conta as necessidades sociais do trabalhador e do consumidor. Quando o estimula, o alenta, o identifica, o orienta e quando corresponde às suas expectativas éticas, tratando-o com justiça, com equidade e sem burla.

TERCEIRA: Deve ser social porque a atividade econômica se realiza no grupo social em que incide, sobre cujo desenvolvimento e bem-estar influi decisivamente e ao qual deve servir por um imperativo de justiça social. As vantagens que um indivíduo ou empresa obtêm de suas operações é consequência de que, na sociedade em que atuam, têm encontrado muitos trabalhadores, consumidores e fornecedores, sem os quais ele não existiria... Ignorar ou

minimizar os prejuízos infligidos ao grupo pelo abuso de preços ou baixa qualidade dos produtos, pela ineficácia dos serviços ou pelo descumprimento de contratos é condenável eticamente, como falta de solidariedade, um censurável egoísmo, má fé e indevido aproveitamento de posição econômica, técnica ou financeira privilegiadas.” E conclui dizendo que, “a atividade econômica é apenas uma parte da atividade social total desenvolvida por todos os cidadãos e coordenada pelo Estado (...) para alcançar o bem-estar das pessoas. Ela cria condições materiais que juntamente com as culturais, morais e espirituais integram o Bem Comum. Para tanto, tal atividade está subordinada no seu exercício a esse Bem Comum para o qual todos contribuem e no qual todos devem participar.”¹⁴⁰

A economia não pode ignorar a ética, pois ela não a limita, somente impõe algumas *regras* as quais devem e podem ser seguidas sem que isto possa prejudicar, ou prejudicando menos, ambos os lados. A ética em toda a sua conduta econômica é o resultado de um ato da decisão, de uma escolha entre o que é bom, mau, melhor ou pior para si e para os outros, até onde parece estritamente técnico e nada relacionado com a moral, como, por exemplo, a fixação de um determinado preço. Assim, fixado um custo de produção, ainda resta uma decisão sobre a quantidade do produto almejado e do rendimento esperado. Esta decisão é injusta se o produtor aproveita a escassez do produto ou a necessidade do consumidor e fixa um preço alto que exige do consumidor enorme sacrifício para pagá-lo ou o impede de adquirir o bem necessário. Esse resultado prejudicial, que pode chegar a por em risco a própria vida das pessoas, é uma consequência anti-ética de obter um

¹⁴⁰ ROCHA, Alfonso Botero. *Ética e Economia*. [2012] Disponível em: seemysooul.blogspot.com/.../etica-e-daquelas-coisas-que-todo-mund... Acessado em 14/12/12.

exagerado percentual de lucro. É contrária à ética toda a decisão econômica de produzir produtos de má qualidade ou de fazer publicidade mentirosa.

A economia é uma ciência social que estuda a produção, distribuição e consumo de bens e serviços. O termo *economia* vem do grego *oikos* (casa) e *nomos* (costume ou lei) ou também gerir, administrar: daí o sentido semântico *regras da casa* ou *administração da casa*.

Uma das definições que captura muito da ciência econômica moderna é a de Lionel Robbins¹⁴¹, em um ensaio de 1932: “a ciência que estuda as formas de comportamento humano resultantes da relação existente entre as ilimitadas necessidades a satisfazer e os recursos que, embora escassos, se prestam a usos alternativos.” Estando, na equação, ausentes dois elementos, a *escassez dos recursos* e a *possibilidade de fazer usos alternativos desses recursos*, não haverá problema econômico. A disciplina assim definida envolve, portanto o estudo das escolhas uma vez que são afetadas por incentivos e recursos.

Um dos usos da economia é explicar como as economias ou como os sistemas econômicos funcionam e quais são as relações entre os agentes econômicos na sociedade em geral. Métodos de análise econômica têm sido cada vez mais aplicados em campos de estudo que envolvem pessoas que tomam decisões em um contexto social, como incidência e ocorrência de crime, educação, família, saúde, direito, política, religião, instituições sociais, guerra, *etc.*

Num mundo que passa por profundas mudanças de paradigmas e em uma sociedade que necessita, com urgência, inserir no seu dia-a-dia novas práticas relativas a

¹⁴¹ ROBBINS, Lionel. *An Essay on the Nature and Significance of Economic Science*. [1932] London: Macmillan and Co., Limited, [s.d.].

essas mudanças, especialmente no âmbito do planejamento da produção e das formas de consumo, o uso descontrolado da natureza, tudo isto gerou uma grave crise que vem colocando em risco a própria humanidade. A posição do homem na natureza tornou-se dual ao longo da história da civilização. Ao mesmo tempo em que é parte integrante do meio ambiente, e dele dependente, também o homem passou a nele interferir de modo a conquistar cada vez mais condições para aumentar sua qualidade de vida, passando assim a transformar a natureza, degradá-la e fabricar a ilusão de que é independente da mesma.

Segundo Chacon toda crise traz em si, de forma dialética, a sua própria solução.¹⁴² À medida que se entende melhor as causas e consequências do mau uso dos recursos, do desrespeito à vida, se compreende que o homem é, ao mesmo tempo, o causador e um dos mais prejudicados pelo desequilíbrio por ele gerado, também, de certa forma, vão sendo descobertas as soluções para os impasses. Todo o planeta é sujeito a uma crise, o que afeta a vida de cada pessoa, de uma maneira ou de outra, já que todos os fenômenos e seres estão interligados em um imenso sistema de suporte que garante a vida do homem. A compreensão dessa premissa é a base de todas as mudanças que começam a acontecer. As ciências começam a se reestruturar para lidar com os novos cenários forjados. “Com essa verdadeira mudança de paradigma, alguns fatores ganham importância no mundo globalizado, ao mesmo tempo em que outros [*elementos*], simultânea e quase simetricamente, têm sua importância reduzida. Nesse sentido, ganham importância no mundo globalizado: a estabilidade e a previsibilidade macroeconômicas; [*todo*] o

¹⁴² CHACON, Suely Salgueiro. *Crise e oportunidade*: para compreender o papel do economista diante dos novos paradigmas. Disponível in: <http://www.cofecon.org.br>. Acessado em 05/06/10.

investimento em capital humano, entendido não apenas no seu componente cognitivo, necessário para interagir com as novas tecnologias, mas também no que diz respeito à ética e à confiabilidade interpessoal. Por outro lado, perdem importância no mundo globalizado: a noção de Estado nacional soberano; a mão-de-obra barata e os recursos naturais abundantes como fatores de competitividade e atração de investimento direto estrangeiro; e a auto-suficiência econômica como objetivo nacional.¹⁴³

A revolução na esfera das comunicações promove a globalização e representa um avanço para a integração das nações. Apresenta, entretanto, como contrapartida, desafios e riscos. A mídia passa a ser detentora da opinião, pois manipula os telespectadores e forja, de acordo com os seus interesses, a opinião popular que interessa. Quando o acesso à informação se torna um fim e não um meio, a pessoa se empobrece em aquisição tanto de conhecimento e ciência, que só é possível adquirir pelo estudo, quanto na procura e conquista da sabedoria, que é um saber em profundidade, essencial, alcançado pela reflexão e muito distante do simples acúmulo de dados (informações). Vai-se percebendo sempre mais uma intensa inversão dos valores essenciais, o homem torna-se mero objeto de produção e de consumo.

O primeiro dos desafios na economia é classificar objetivamente algo muito subjetivo nas pessoas humanas: a fronteira entre a necessidade e o desejo. O ser humano tem desejos ilimitados e recursos limitados para satisfazer-se. E a lei do mercado segue uma lógica bem determinada: o recurso que tem maior procura torna-se mais valioso porque se esgota mais facilmente. Ao mesmo tempo, já se sabe de

¹⁴³ MACHADO, Luiz. *Ética e globalização*. [2006] Disponível em: <http://www.cofecon.org.br>. Acessado em 03/02/10.

antemão ser impossível saciar um desejo ilimitado, sendo necessário criar prioridades e definir quais áreas podem ou não ser sacrificadas para a satisfação de um maior número de pessoas. Nesse ponto, é importante definir quais os valores nortearão as opções. Se o critério será ético ou econômico.

A economia não se faz e não se pratica alijada de toda ordem de valores. Existem limites a serem respeitados pela dimensão do econômico, assim como princípios, regras e fins a atingir. O próprio texto constitucional incorpora essa preocupação ao apresentar uma pauta de relações entre a economia (e a ideia de lucro) e diversos outros princípios, tais como: a soberania nacional; a propriedade privada; a função social da propriedade; a livre concorrência; a defesa do consumidor; a defesa do meio ambiente; a redução das desigualdades regionais; a busca do pleno emprego; o tratamento favorecido para as empresas de pequeno porte constituídas sob leis brasileiras e que tenham suas sede e administração no país. Em outras palavras, isso significa que se pode, por exemplo, sacrificar a eficiência e o lucro máximo em prol de um maior número de trabalhadores. Ou, em uma opção utilitarista, alcançar o lucro máximo em detrimento dos trabalhadores. A necessidade da reflexão ética na economia é justamente a de encontrar meios de aliar os valores imprescindíveis, que muitas vezes são atropelados pela lógica do mercado, às necessidades da produção e do consumo, ajudando a definir o que pode ou não pode ser sacrificado nesse sistema. Valores como justiça social e direitos humanos não podem ser deixados de lado.

Uma corporação é formada por pessoas; e são elas que refletem a saúde da instituição, que a fazem serem mais ou menos e não o inverso. A Empresa-Vampiro já não tem mais espaço em um mercado que busca valorizar o ser

humano em si como um ser do devir, do vir a ser. A satisfação dos funcionários é um termômetro que marca o grau de sucesso de uma empresa. E ademais, estes devem se comprometer com o equilíbrio pessoal e social dos seus parceiros.

Cabe, no entanto, indagações a respeito dos valores que regem a economia e seus rumos. Sabe-se que vivemos em um mundo de muitas transformações, de globalização, com suas consequências advindas a partir da otimização do processo produtivo, com novas tecnologias que substituem o trabalho humano e com o aumento progressivo de uma massa de desempregados. As empresas grandes engolem as pequenas e, em nome da sobrevivência, a concorrência precisa diminuir os custos, cortar empregos, automatizar e colocar um produto similar no mercado.

Ética na economia exige a convocação de todos os governantes e condutores da economia a rever se os benefícios do progresso chegam à maior parcela da população e convencer que só será possível a vida para todos os seres humanos se a lógica da justiça e da vida prevalecer.

Após a eclosão de uma grande crise é generalizada a preocupação com as questões éticas. A discussão sobre a natureza do capitalismo, os valores a que apela e que proporcionam sucesso e sobrevivência, é ainda muito inconclusiva. A percepção que se apresenta, como válida, é que o negócio implica alguma fuga à verdade inconveniente, ocultação e ilusão, egoísmo, ganância e exploração.

O ser humano é um ser de expectativas, de alegrias, político, econômico; logo eleger uma responsabilidade como a mais importante sobre todas as outras que influenciam sua conduta de vida é ilógico. Evidentemente que, em algum dado momento histórico uma ou outra irá se sobressair, mas

este fato não anula as demais nem as diminui em relevância junto ao contexto social.

Como consequência avinda desta visão unilateral, o capitalismo é sempre visto como a sobrevivência do mais apto e do mais forte, sendo, pois natural que os mais fracos sofram todas as sequelas da sua própria incapacidade e insucesso, sob a forma de falências, de desemprego, de discriminação, etc. Neste contexto, as empresas teriam a responsabilidade de auxiliar o Estado a compensar os excluídos do sucesso, através de ações voluntárias de apoio social, de filantropia, atribuindo assim uma parte dos seus lucros a causas populares, obtendo em troca vantagens reputacionais tanto junto de potenciais clientes como junto dos trabalhadores. Outra importante motivação para realçar o envolvimento das empresas nestas ações, de caráter filantrópico, seria a manutenção da paz social.

A globalização foi sempre alvo de suspeita de não ser nada mais que uma excelente oportunidade para novos colonizadores fazerem lucrativos negócios com as antigas colônias e para as antigas colônias [*que nunca saíram de tal condição*] uma excelente oportunidade de negociar com outros que não as suas antigas potências coloniais. Nesse quadro a deslocalização da produção para os países em desenvolvimento traz múltiplas vantagens. Por um lado, permitia produzir barato e, através do controle das marcas, continuar a vender caro, mantendo o grosso do valor acrescentado nas economias dos países do Norte. Por outro lado, ficam livres do aparelho industrial poluidor e das respectivas massas operárias.

Enquanto que a economia funciona na base *do que é*, a ética funciona na base *do que deveria ser*. Torna-se necessário então, estabelecer uma relação entre estes dois pólos. Embora a maioria dos economistas admita que os valores éticos permeiam a economia de bem estar e a

política econômica, eles prosseguem com alguma confiança na crença de que o seu trabalho no que respeita ao âmbito da aplicação pura da teoria econômica é eticamente neutra. Adam Smith admite que a maioria das pessoas, na maioria do tempo procedem de acordo com a lei moral institucionalizada no tempo e espaço onde se encontram. Não é unicamente pela exatidão que os economistas devem prestar atenção às evidências de que as ações humanas são conduzidas por preocupações e não somente pelos seus interesses, mas também porque existem severas consequências econômicas. O interesse próprio torna-nos competitivos, mas não é suficiente em prol do bem comum. Empurrado ao seu extremo lógico, o interesse próprio e individual sugere que geralmente este seria uma forma para o indivíduo se evadir às regras pelas quais outros se guiam.

Em condições de interdependência e informação imperfeita, a racionalização do interesse próprio acaba por ser constrangida por um código moral interno. O que impede os indivíduos de agirem unicamente de acordo com os seus interesses? Uma resposta seria que a tendência que temos para maximizar o nosso bem-estar material às custas dos demais é inibida por uma característica profunda e bastante impregnada consciência de valores morais.

A ética em economia viria com a missão de formar um Capital Intelectual que preconiza-se por ser um capital não financeiro que representa o hiato [*existente*] oculto entre o valor de mercado e o valor contábil. O que o torna, neste caso, a soma do Capital Humano e do Capital Estrutural de uma empresa. É uma estrutura que se compõe pelo 'Capital humano' composto pelo conhecimento, expertise, poder de inovação e habilidade dos empregados, além dos valores, cultura e a filosofia da empresa; pelo 'Capital estrutural' que inclui equipamentos de informática, softwares, banco de dados, patentes, marcas registradas e tudo o mais que

apóia a produtividade dos empregados e o pelo 'Capital de clientes' que envolve o relacionamento com clientes e tudo o mais que agregue valor para os clientes da organização.

Não se pode imiscuir da ética na economia porque, com a criação da responsabilidade social empresarial, cabe às empresas zelarem pela conduta moral de suas atividades no que tange a produzir bens de consumo duráveis e que resulte em felicidade para os consumidores. Não se imagina apenas questões *ad valorem* que beneficie um pequeno grupo em prol da decadência de todo o restante.

Os mercados consumidores que são protegidos pela fé procuram formar junto às empresas uma forma de *cultura organizacional*, *i.e.*, é um conjunto de hábitos e crenças estabelecidos através de normas, valores, atitudes e expectativas compartilhados por todos os membros dentro de uma organização. Refere-se ao sistema de significados compartilhados por todos os membros e que distingue uma organização das demais. Constitui o modo institucionalizado de pensar e de agir que existe em uma organização. A essência da cultura de uma empresa é expressa pela maneira como ela faz seus negócios, a maneira como ela trata seus clientes e funcionários, o grau de autonomia ou liberdade que existe em suas unidades ou escritórios e o grau de lealdade expresso por seus funcionários com relação à empresa. A cultura organizacional representa, *in strictu*, as percepções dos dirigentes e funcionários da organização e reflete a mentalidade que predomina na organização.

O *welfarestate*, assim como a ética que é aplicada à economia veio como um contragolpe no darwinismo social. Lei de mercado alguma é autocontrolável, até porque elas são manipuladas por pessoas. E, as novas ondas de desenvolvimento econômicos não desejam mais abusos. Os consumidores estão querendo saber de que forma as leis

mercadológicas são regidas e comandadas. De forma que neutralidade em economia é uma lenda. E, sendo comércio, um complexo de operações efetuadas entre produtor e consumidor, exercidas de forma habitual, visando ao lucro, com o propósito de realizar, de promover ou de facilitar a circulação de produtos da natureza e da indústria, na forma da lei, há que ter conceitos de valores intermediando estas operações, caso contrário, o final seria exploração, *ad absurdum*, de um grupo majoritário em prol da manutenção da ostentação da riqueza de um grupo minoritário. E, na atualidade, valoriza-se as *holdings* que estão preocupadas em deixar um mundo melhor para as futuras gerações, em deixar criaturas melhores para o planeta.

A questão financeira é provisória..., funciona no curto prazo; mas, é algo que pode vir a ser revogada pela jurisprudência que se julgar acima da Lei e da Justiça. Deve-se lutar por uma conscientização ética plena do indivíduo, enquanto agente no processo de mudança social e buscar lideranças éticas.

XI

ÉTICA E RELAÇÕES HUMANAS

Uma empresa ou entidade tem que ser percebida com um elemento ativo do contexto social (cultural, político, econômico, *etc.*) e esse fato remete a compromissos e/ou responsabilidades que elas (empresa ou entidade) devam ter com a sociedade como um todo. O conceito de ética empresarial ou organizacional (ou ainda de ética nos negócios) tem a ver com este processo de inserção. A empresa ou entidade deve se fazer presente de forma transparente e buscando contribuir, de forma evolutiva, para o desenvolvimento comunitário, praticando a cidadania e a responsabilidade social. Se atentam contra a cidadania, ferem a ética empresarial. Do mesmo modo, a ética social se pratica internamente, recrutando, formando profissionais e executivos que compartilham desta filosofia, privilegiando a diversidade e o pluralismo, relacionando-se de maneira democrática com os diversos públicos, adotando o consumo responsável, respeitando as diversas diferenças individuais, cultivando a liberdade de expressão e a lisura nas relações comerciais. A ética social é um atributo indispensável para as organizações que querem manter-se vivas no mercado e a sociedade está cada vez mais alerta para os desvios de conduta das organizações.

A ética não é um valor acrescentado, mas intrínseco da atividade econômica e empresarial, pois esta atrai para si uma grande quantidade de fatores humanos e os seres humanos conferem ao que realizam, inevitavelmente, uma dimensão ética. A empresa, enquanto instituição capaz de tomar decisões e como conjunto de relações humanas com uma finalidade determinada, já tem, desde seu início uma

dimensão ética. Uma ética empresarial não consiste somente no conhecimento da ética, mas na sua prática. E este praticar concretiza-se no campo comum da atuação diária e não apenas em ocasiões principais ou excepcionais geradoras de conflitos de consciência. Ser ético não significa conduzir-se, eticamente, quando for conveniente, mas o tempo todo.

Muitos empresários reclamam da falta de ética nas empresas, tais como depois que fazem um bom funcionário este vai embora atraído pela concorrência. É preciso analisar se a empresa está tratando seus funcionários da forma como eles merecem ser tratados. E, da mesma forma que a empresa gastou tempo e dinheiro na formação de um profissional este, por sua vez, também investiu tempo e dinheiro para aprender. É uma relação dialética. E, sendo dialética, da mesma maneira que ele for tratado, é a forma como irá responder. É a lei da ação e reação. Dentro do 'processo' empresarial cada investimento deve ser tratado como tal. Porém, o ser humano é um ser dotado de algo além e que, paradoxalmente, necessita de algo mais, algo como afeto, atenção, respeito; o erro deve ser punido, não o infrator; este deve ser trabalhado de forma que não venha mais a errar e caso o faça, não o omita, o que viria a ser pior que o próprio erro em si.

O prof. Marins conta que certa vez entrevistava um consultor para a sua empresa. Terminada a entrevista, ele muito satisfeito com o perfil do profissional, partiram para uma conversa informal, ao que o consultor começou a contar histórias de sua antiga empresa onde trabalhara. No mesmo instante ele disse ao consultor que não o contrataria porque ele não era ético. "Da mesma forma que o senhor está contando histórias de sua antiga empresa para mim, irá contar sobre a minha aos outros no dia em que dela sair."

A ética empresarial deve ser um valor agregado ao espírito da organização que assegura sua sobrevivência, sua reputação e, conseqüentemente, seus bons resultados. As organizações estão percebendo a imensa necessidade de utilizar a ética, para que o *público* tenha uma melhor imagem do *slogan* divulgado, que permitirá, ou não, um crescimento da relação entre funcionários e clientes.

Desta forma, torna-se relevante ter consciência de que toda a sociedade vai se beneficiar através da ética aplicada dentro da empresa, bem como os clientes, os fornecedores, os sócios, os funcionários, o governo... Se a empresa agir dentro dos padrões éticos, ela só tende a crescer, desde a sua estrutura em si, como aqueles que a compõem.

Os valores éticos são um conjunto de ações éticas que auxiliam gerentes e funcionários a tomar decisões de acordo com os princípios da organização. Quando bem implementado, os valores éticos tendem a especificar a maneira como a empresa administrará os negócios e consolidar relações com fornecedores, clientes e outras pessoas envolvidas.

O Código de ética é um instrumento criado para orientar o desempenho de empresas em suas ações e na interação com seu diversificado público consumidor e fornecedor. Para a concretização deste relacionamento, é necessário que a empresa desenvolva o conteúdo do seu código de ética com clareza e objetividade, facilitando a compreensão dos seus funcionários.

Se cada empresa elaborasse seu próprio código, especificando sua estrutura organizacional, a atuação dos seus profissionais e colaboradores poderia orientar-se através do mesmo. O sucesso da empresa depende das pessoas que a compõe, pois são elas que transformam os objetivos, as metas, os projetos e até mesmo a ética em

realidade. Por isso, é importante o comprometimento do indivíduo com o código de ética.

Dessa forma, foi eleito o conceito Responsabilidade Social Empresarial, uma vez que o termo Responsabilidade Social nas Empresas poderia sugerir apenas as ações sociais internas, aquelas destinadas aos funcionários e que visassem à criação de um ambiente de trabalho mais saudável, um maior bem-estar interno que favorecesse a produtividade e a satisfação de funcionários, parceiros, clientes e empregadores. A expressão *Responsabilidade Social das Empresas* sugere a inversão de seus encargos para com a sociedade de uma maneira mais externa e paradoxalmente restrita, ou seja, através do cumprimento de leis e de deveres que apenas viessem reparar danos sociais e ambientais causados por sua atividade no local de instalação.

Uma corporação é formada por pessoas; e são elas que refletem a saúde da instituição, que a fazem serem mais ou menos e não o inverso. A Empresa-Vampiro já não tem mais espaço em um mercado que busca valorizar o ser humano em si como um ser do devir, do vir a ser. A satisfação dos funcionários é um termômetro que marca o grau de sucesso de uma empresa. E ademais, estes devem se comprometer com o equilíbrio [*inter*]pessoal dos seus parceiros.

Na abordagem utilitarista, o indivíduo colaborador é tratado como um autômato, um inválido, nada mais que uma figura perniciosa e viciosa que só e tão somente oferece perigo à corporação. Já na abordagem da moral e dos direitos, que significa uma abordagem deontológica, este é um parceiro, um sujeito, alguém capaz de ser mais e contribuir para o crescimento do grupo, enquanto tal. Logo, esta abordagem é a melhor para os gerentes seguirem, pois ela promove o esclarecimento do sujeito, ou seja, aceita-o

com suas limitações ao mesmo tempo em que o prepara para uma relação dialética corporativa.

XII

A ÉTICA SOB A DITADURA CAPITALISTA

No sistema capitalista a ética baseia-se mais ou menos em alguns conceitos, algo como, o ser humano vale quanto pesa; o funcionário vale quanto produz; os fins justificam os meios; o valor humano é proporcional ao tamanho da sua conta bancária corrente..., demonstrando que no sistema capitalista, o único sentimento comum é a *inveja*.

Está relacionada à separação que existe entre a amizade e negócios ligado a famosa frase *Business is Business*, negócio é negócio, ou amigos, amigos, negócios à parte. Estão ligados não somente à separação, mas a subordinação dos valores, como a amizade à racionalidade econômica. Quando a amizade entra em conflito com o interesse econômico, é esse que prevalece em prejuízo ao primeiro. Nas sociedades tradicionais, não havia essa pretensa separação. A economia era vista como um meio para a reprodução da vida, ou seja, as pessoas trabalhavam para viver, e não viviam para trabalhar. Ética e atividades econômicas eram inseparáveis, principalmente se levarmos em conta que nas sociedades, pré-industriais era muito difícil alguém sobreviver isolado de uma comunidade familiar ou de amigos.

Ao contrário da sociedade tradicional, a sociedade moderna capitalista de hoje, passou a ser um fim em si mesma. As pessoas não trabalham mais para viver, mas vivem para trabalhar e ganhar dinheiro, prevalece o ter em lugar do ser.

Segundo Adam Smith, o funcionamento desimpedido da *sociedade comercial* não depende de que cada homem

seja benevolente, mas, ao contrário, permite que eles usufruam de um nível de riqueza e bem-estar que torna possível que cada um exercite a benevolência, ao mesmo tempo em que elimina o risco das situações moralmente degradantes associadas à pobreza.

Mas, não é bem assim que funciona. A sociedade capitalista atual não tolera a concorrência, não suporta a idéia do [*possível*] sucesso alheio, que enxergam como desvalorização de si. Trata-se aqui de um modelo de crescimento humano centrado na visão do homem como um indivíduo fechado em si mesmo e em suas aspirações, no mercado como instância básica de coordenação da vida social e no lucro como fins últimos da vida societária. Ele conduz a um progresso material gigantesco ligado a uma também gigantesca degradação da condição de dignidade do ser humano uma vez que mercantiliza [*para não dizer que 'prostitui'*] o ser humano em suas diferentes dimensões e o convence a se submeter a este processo como sendo algo natural. Nesta concepção [*eticamente inaceitável*], é tudo o que se contrapõe à acumulação e à expansão do capital, em uma visão hegemônica nos contextos sócio-culturais. Em última instância, esta concepção pressupõe uma nova articulação ao sentido da vida humana: produzir e consumir ilimitadamente todo tipo de bem material, portanto, acumulação de bens materiais e maximização do consumo, o que significa uma redução da vida humana à dimensão material que, em última análise, significa a negação do reconhecimento efetivo da dignidade humana. Desta forma, um materialismo radical rege as relações entre pessoas e povos.

A palavra competição que tem a mesma origem de competência e, conseqüentemente, o mesmo significado, na literatura clássica se tornou objeto de valor tal e qual para um competidor ganhar, o outro tem que perder.

A bordo do *Titanic*, transatlântico que naufragou em 1912, viajavam centenas de milionários, incluindo quatro das dez maiores fortunas do mundo à época, e nenhuma delas sobreviveu. Eram homens muito ricos mas que não pagaram com dinheiro a sua sobrevivência, isto é, não pagaram com dinheiro o lugar no bote salva-vidas. Há testemunhos pungentes de sobreviventes (do naufrágio do *Titanic*) que nos mostram que aqueles homens levaram até ao fim o lema: as mulheres e as crianças primeiro. Como só havia botes para as mulheres e para as crianças, os homens acabaram por naufragar e morrer. hoje em dia, se fosse possível, nenhum dos capitalistas que se conhece faria outra coisa senão mandar uma mulher e uma criança pela borda fora, para conseguir salvar-se.

Aqueles milionários que naufragaram no *Titanic* não tinham problema com o que viria a ser. Naqueles tempos, a propriedade não passava de uma mão a outra com tamanha facilidade quanto nos tempos atuais. A mobilidade social ainda era uma utopia durkhiemiana. Fato diferente do capitalismo moderno que vive assombrado pelo fantasma do esquecimento. E não só por este como tem todo e qualquer vizinho como um inimigo em potencial. “A caça ao ganho força o espírito a se esgotar numa dissimulação sem trégua, numa ilusão permanente ou na [pretensa] preocupação de desmascarar o outro: a verdadeira virtude consiste agora em superar o vizinho.”¹⁴⁴

A era capitalista pós-moderna valoriza aquele que gera mais bens para o sistema. Não interessa os meios usados, o que vale é o fim em si: o lucro. Assim, incentivam, na população, o consumo obsessivo, o não-questionamento, ou seja, a ordem é apenas consumir para, assim, favorecer

¹⁴⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2006, p. 190.

o progresso... Este que jamais chega [*pelo menos, para os pobres miseráveis que são os grandes consumidores!*]. Prometem sonhos, como promoções, carreira que nunca se concretizam. O que sobra é um bando de famigerados movidos por uma esperança vazia de que sairão daquela condição de sub-existência e se esquecem de que a vida se desenrola em uma via sem volta. E este infeliz ainda se alegra de seu trabalho escravagista, que não lhe dá folga nem de um momento. Aliás, lhe inculcam, na mente que o descanso é vergonhoso e de tal maneira este animal se vê oprimido pelo trabalho estafante que já não sabe mais viver sem ele; já não sente mais prazer nas diversões e vê a dos outros como uma coisa odiosa e relapsa [*que deve ser criticada, combatida e repudiada*].

Até o pensar foi bestializado e prostituído; segundo Nietzsche “a meditação perdeu toda a dignidade de sua forma; ridicularizou-se o cerimonial e a atitude solene daquele que reflete e não se toleraria um homem sábio ao velho estilo. Pensamos depressa, pensamos pelo caminho, em plena marcha, no meio de negócios de toda espécie, mesmo quando se trate de pensar nas coisas mais sérias; basta-nos apenas um pouco de preparação e até mesmo pouco silêncio: - é como se nossa cabeça contivesse uma máquina em movimento [*sempre*] constante que continuasse trabalhando mesmo nas condições mais impróprias para o pensamento. Outrora quando alguém queria pensar – era realmente uma coisa excepcional! – era visto tornar-se mais calmo e preparar sua idéia: contraía o rosto como se fosse para uma oração e parava de caminhar; alguns ficavam até mesmo imóveis durante horas - apoiados numa só ou nas duas pernas – na rua, quando o pensamento “vinha”. Isto era chamado “pensar!”¹⁴⁵ E Konrad Lorenz corrobora esta

¹⁴⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2006, pp. 44-45.

fala acrescentando que, “sob a pressão dessa concorrência entre homens, àquilo que é bom para toda a humanidade, e mesmo que é útil e bom para cada um, [ao longo do tempo] perdeu-se completamente de vista. A esmagadora maioria de nossos contemporâneos só dá importância ao sucesso, àquilo que permite vencer os outros, na dolorosa obrigação de exceder. Todos os meios para fingir essa finalidade aparecem, falsamente, como um valor em si. Podemos dizer que o erro desastroso do “utilitarismo” consiste em confundir o meio com o fim. A princípio, o dinheiro era um meio, como prova a expressão corrente: “Ele tem meios.” Mas hoje em dia quantos são capazes de entender que o dinheiro em si não é um valor? O mesmo acontece com o tempo; ‘Time is Money’ significa que aqueles que dão valor ao dinheiro, prezam da mesma forma, cada [mínimo] segundo de tempo economizado.”¹⁴⁶

A necessidade de lucros do sistema cresce num ritmo exponencial. A ideia de que o outro pode ter mais deixa qualquer capitalista com insônia. Desde que o dinheiro passou a governar o mundo a coisa descambou. O poder, na atualidade troca de senhor com muita facilidade. A televisão detêm o poder do discurso que engloba a ‘*mass media*’, ao mesmo tempo em vários locais, o que leva os capitalistas da era pós-moderna a estarem sempre em busca de novidades para alimentar a crescente e constante necessidade desmedida de ilusão da grande massa.

Na perspectiva do capitalismo moderno, crianças são produtos (rotuláveis, manipuláveis) que podem ser forjados como produtos em série e não como pessoas dotadas de perspectivas próprias de vida. São, desde a mais tenra idade, des-ensinadas a gostar de tal e qual coisa e levados

¹⁴⁶ LORENZ, Konrad. *Civilização e Pecado*. São Paulo: Brasiliense, 1973, pp. 14-15.

a estímulos com tal e qual brinquedo [*desenvolvido, testado, aprovado*] e indicado por pedagogos que se auto referem como renomados e experimentados [*não se sabe em quem nem por quem*], para que a criança desenvolva melhor sua inteligência e interesse por uma determinada área.

Estes pais quando matriculam seus filhos em uma escola pública esperam tudo do governo e se tiverem que comprar o mínimo que seja de material vêem aquilo como gasto, porque, em suas concepções, a escola pública não tem poder para garantir um futuro ao seu filho; de forma que vê até a educação do filho neste sistema como um gasto [*sem retorno*].

Já quando matricula o filho na rede particular, a situação se inverte. Todo o material exigido é comprado com prazer, porque ali é um investimento de futuro. Se filho terá chances de vir a ser um jurista ou um médico. Se na rede pública seu filho tinha que ir à escola a pé, de bicicleta ou de ônibus; agora ele é levado de carro do ano; tudo isto porque não quer ser visto pelos amigos do seu filho como inferior aos pais destes. De forma que o que governa a alma destas feras é o eufemismo e a inveja.

Eles pagam o mínimo suficiente para o cara comer e viver [*melhor dizendo, sobreviver*]; de forma que a única coisa que seus funcionários alimentam em desmedida é a esperança de saírem desta vida sem perspectivas. Em reuniões com seus funcionários, os discursos são sempre recheados de ofensas e rebaixamentos aos subalternos e de exaltação a si mesmo e a qualidades pessoais. Sofrem de um complexo de inferioridade terrível, mascarado sob a expressão de superioridades egocêntricas. A ganância por dinheiro exprime doença mental grave

Há dois tipos de liderança, a imposta e a natural; uma representada pela ética, outra pela moral. A imposta, [*representada pela moral*] é aquela onde as pessoas se

vêm obrigadas a te seguir, afinal, és o líder, deténs o poder..., e a liderança natural, *[representada pela ética]* é aquela em que as pessoas seguem juntas com o líder, porque o objetivo é a felicidade, o sucesso do grupo.

Podemos dizer que a liderança natural é aquela baseada na ética social, conforme defende Izquierdo. E é esta que a sociedade atual deve voltar a encontrar. Aos poucos e sem nenhuma modéstia a humanidade tem-se aproximado de uma sociedade descorticada, do mundo reptiliano, onde vale a lei do mais forte ou do que tem mais (o lema é quem tem mais pode mais); deixa-se o morrer, doente, castiga-se o velho como se a velhice fosse um crime; pais batem nos filhos até a morte, como se estes fossem culpados pelos seus fracassos pessoais; exploram-se as crianças *[no tráfico, na prostituição, no crime organizado, no trabalho escravo]*, vizinhos chacinam vizinhos. O ódio e não o amor é tema de campanha política; o conhecimento é tudo. A mídia anestesiada faz esforços para perder a memória de nosso passado coletivo e com ela, toda noção de quem somos e, principalmente, de todo o sacrifício que a espécie humana já empreendeu para atingir este grau de desenvolvimento intelectual, cognitivo, social.

XIII

RELIGIÃO E COMÉRCIO SOB A PERSPECTIVA CAPITALISTA NA ERA PÓS-MODERNA

Comércio pode ser entendida como uma atividade humana destinada a colocar em circulação toda a riqueza existente, aumentando-lhe a utilidade. O comércio pode ser realizado entre países-nações, o que se chama de comércio exterior. Nesse caso, o país se organiza para importar e exportar. Exportar é quando um produto ou bem é vendido para fora do país e importar consiste na entrada de um produto estrangeiro no país. O comércio atacadista vende produtos em grandes quantidades visando atender a donos de mercados que recebem descontos maiores por ainda revenderem a mercadoria, enquanto que o varejista vende produtos unitários e visa aos consumidores finais para o próprio consumo do produto.¹⁴⁷

A maioria dos economistas aceita a teoria de que o comércio beneficia ambos os parceiros, porque se um não fosse beneficiado ele não participaria da troca, e rejeitam a noção de que toda a troca tem implícita a exploração de uma das partes envolvidas. O comércio entre locais, existe principalmente porque há diferenças no custo de produção de determinados produto comerciável em locais diferentes. Como tal, uma troca aos preços de mercado entre dois locais beneficia a ambos.

As exportações permitem a venda de produtos para qualquer país do mundo, seja perto ou distante, ou seja, para que a exportação obtenha sucesso, ela pouco depende do desenvolvimento mercantil no qual seu sítio de envio está localizado; tal fato propicia o distanciamento econômico de

¹⁴⁷ CRETELLA JÚNIOR, José. *Curso de direito administrativo*. Imprensa: Rio de Janeiro, Forense, 2006.

pontos que geograficamente são próximos, elevando as possibilidades de disparidade de renda e diferenças sociais. Além disto, às vezes os melhores produtos de um país ou território são preferencialmente direcionados à exportação, assim restando produtos de qualidade pior. Isso ocorre devido ao poder de compra dos clientes no exterior. Se o preço nacional for semelhante ao encontrado no exterior, esse fenômeno não costuma ocorrer.

As empresas estão tendo outras visões do todo, afinal, uma visão significativa do processo antecede um sucesso significativo. A visão é o resultado dos sonhos em ação. A humanidade, depois de um avanço desmedido que pouca coisa agregou ao seu [já] decrépito e decadente estado de espírito, volta-se para o sobrenatural como forma de encontrar um justo equilíbrio para uma vida, cada vez mais marcadas por injustiças e desequilíbrios. Ela tem retornado a um estágio mais primitivo de sua história, onde os deuses eram sempre convocados a participar das mais importantes decisões. Na Roma Clássica, não se realizava nenhum movimento sem pedir a proteção divina; a religião estava presente e todos os eventos públicos e privados. Foi só com o Iluminismo¹⁴⁸ e, posteriormente, com a Revolução Industrial¹⁴⁹ que ocorreu esta cisão entre o homem e o sagrado. Mas eis que este elo volta a se reencontrar sob a necessidade de unir o ser humano ao seu criador. E o caminho escolhido para este fim foi a religião. E isto, porque desde a Antiguidade Clássica que a justiça e a verdade

¹⁴⁸ O *Iluminismo* ou *Esclarecimento* foi um movimento cultural da elite intelectual europeia do século XVIII que procurou mobilizar o poder da razão, a fim de reformar a sociedade e o conhecimento herdado da tradição medieval. Promoveu o intercâmbio intelectual e foi contra a intolerância e os abusos da Igreja e do Estado.

¹⁴⁹ *Revolução Industrial* foi a transição para novos processos de manufatura no período entre 1760 a algum momento entre 1820 e 1840. A Revolução Industrial marca um divisor de águas na história e quase todos os aspectos da vida cotidiana da época foram influenciados de alguma forma por esse processo.

eram marcadas pela presença da religião. Era ela quem determinava quando, onde e com qual povo ir-se-ia negociar.

O liberalismo¹⁵⁰ opera sob a filosofia de que o melhor governo é o que governa menos. Mas as regiões onde a religião exerceu seu poder de forma incontestável tem uma história particular que, sem ela, já teriam sucumbido a um mal maior. Casos como o da Índia, onde a religião criou um sistema de castas que provocou mais cisões que uniões não podem ser levados em conta na hora de uma defesa sobre a relevância das religiões na manutenção da ordem e da conservação das sociedades que delas dependem. De igual forma foi o caso do Haiti que, entregue às próprias leis de regulação do mercado, vive até hoje na mais absoluta miséria.

Os países árabes são um bom exemplo onde a permanência da religião fez com que estas civilizações superassem um inimigo muito feroz e impiedoso, que é o deserto e seus efeitos contra os quais pouco ou nada se pode fazer. A escassez de comida, a racionalidade de água, a baixa estimativa de vida, aliada a uma guerra constante de interesses levaria os povos do deserto a um fim com prazo fixo. A religião veio dar esperanças a estas pessoas; um certo tipo de seguridade.

As tentativas de alargar mercados para consumo dos produtos da nova era de consumo mundial têm esbarrado em barreiras ideológicas e mesmo religiosas como ocorre nos países árabes. A julgar pela imensidão do mercado, em potencial, muitas empresas comerciais têm empreendido

¹⁵⁰ Liberalismo pode ser definido como um conjunto de princípios e teorias políticas, que apresenta como ponto principal a defesa da liberdade política e econômica. Neste sentido, os liberais são contrários ao forte controle do Estado na economia e na vida das pessoas. **Fonte:** COELHO, Ricardo Corrêa. *Estado, governo e mercado*. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília]: CAPES: UAB, 2009.

esforços para se adaptarem a estas economias e às suas regras sociais, com o fim de poderem abocanhar uma parte deste mercado em franca expansão. “O homem foi impellido à ideia religiosa e à adoração de um ou mais deuses pelo terror que lhe inspiravam certos poderes desconhecidos, occultos, superiores a elle, e pela noção de que a sua faculdade de conhecimento, o seu poder e a durabilidade da sua vida eram limitados. Hão de concordar que é difícil extrhair-se algo lógico e coerente do conjunto das diversas Moraes religiosas.”¹⁵¹

A cultura tem o papel preponderante de proteger o indivíduo e conservar o aspecto social. E, quando ela se torna impotente frente ao seu árduo trabalho acaba por ter que se desdobrar para outra área que é a religião. Esta se agrega à fé, e tanto a cultura quanto a fé, acabam por se fundir de tal forma que torna-se [quase] impossível dissociá-las. “A ethnographia nos ensina que, com o tempo, os povos transformam inconscientes costumes profanos em partes integrantes da sua religião, já porque lhes atribuam origem divina, já porque os elevem à categoria de mandamentos dos deuses, já porque os liguem a outros dogmas ou os combinem com o culto.”¹⁵²

Um exemplo clássico disto é a cultura árabe e seu costume de não comer carne de suínos. No início, o legislador a proibiu com fins higiênicos. A ideia era evitar que, sob um calor escaldante, o consumo de gorduras provocasse um surto de desintéria que pudesse levar a todos à morte, por desidratação. O que se deve observar é que, no início, a proibição estivesse ligada somente aos soldados, uma vez que estes estavam sempre envolvidos

¹⁵¹ FOREL, August. *A Questão sexual*. 2. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928, pp. 425-453.

¹⁵² FOREL, August. *A Questão sexual*. 2. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928, pp. 425-453.

em condições, extremamente, severas e à medida que dominavam outros povos, impunham este costume aos dominados, sob o pretexto de estarem eles impedidos de consumirem tal alimento; logo, os povos vencidos deveriam obedecer a esta sanção. E, desta forma, em um tempo, relativamente curto, toda uma vasta região já se encontrava sob o novo regime.

Quanto à religião, do latim *religione*, a palavra possivelmente se prende ao verbo *religare*, ação de ligar. Religião pode, assim, ser definida como o conjunto das atitudes e atos pelos quais o homem se prende, se liga ao divino ou manifesta sua dependência em relação a seres invisíveis tidos como sobrenaturais. Tomando-se o vocábulo num sentido mais estrito, pode-se dizer que a religião para os antigos é a re-atualização e a ritualização do mito.

Os hebreus a fim de consolidarem o hábito de não consumirem carne suína valem-se do mito de que Jesus de Nazaré expulsou os demônios do corpo de um homem possesso e fê-los entrar em uma vara de porcos. Acontece que os porcos já eram animais amaldiçoados, devido à precaução que o legislador havia tomado para preservar a saúde de seu povo. Na época das cruzadas, os cristãos ao invadirem o Oriente não tiveram esta observância e a catástrofe foi geral. “Ignorando as leis alimentares dos povos que já viviam há anos naquele clima, enchiam-se de carnes de porco assada ou salgada e se embebedavam da manhã até a noite. O resultado foi que, às epidemias normais em voga, acrescentaram-se outras ainda mais devastadoras.”¹⁵³

Como a guerra era de caráter religioso, ou seja, de deus contra deus, os legisladores muçulmanos, a fim de justificarem a sua vitória e vendo que a causa da derrocada

¹⁵³ FO, Jacopo; TOMAT, Sérgio; MARLUCELLI, Laura. *O livro Negro do Cristianismo: Dois Mil Anos de Crimes em Nome de Deus*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2011, p. 16.

do adversário era a simples inobservância deste detalhe, começaram a pregar que o deus muçulmano abençoou os guerreiros mouros com a sabedoria de não consumir carne de porco e assim foram contemplados com a vitória sobre os infiéis. Já os profanos foram punidos por consumirem este tipo de alimento.

Levi-Strauss considera que as diferentes formas de culturas e seus hábitos foram adquiridos pela força das condições geográficas e que, quanto mais adversas se mostraram, mais evoluídos se tornaram os povos, no âmbito intelectual. Considerando este pensamento, uma forma de pensar incrustado na sociedade, não desapareceria de qualquer forma nem poderia ser vencida, meramente pelo desejo de que o outro absorva um produto o qual não existe em sua memória cultural. “Durante centenas de milhares de anos a humanidade não era numerosa na Terra e os pequenos grupos existentes viviam isolados, de modo que nada espanta que cada um tenha desenvolvido as suas próprias características, tornando-se diferentes uns dos outros. Mas isso não era uma finalidade sentida pelos grupos. Foi apenas o mero resultado das condições que prevaleceram durante um período bastante dilatado.”¹⁵⁴

De forma que, um aspecto higiênico, ligado à saúde pública e às condições climáticas torna-se absorvido pela religião e, devido ao fato de esta e a cultura estarem indissociavelmente impregnadas, o costume passa a ser da ordem da fé. Desta forma, qualquer intervenção nos hábitos cotidianos destes povos tem-se como limites de um lado a cultura e a fé; do outro, também. E, por fim, uma coisa que venha a ferir a cultura afeta a fé e vice-versa. Neste aspecto, a religião torna-se, aos poucos, tão poderosa que em um

¹⁵⁴ LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p. 22.

tempo, relativamente curto, passa a dominar todos os aspectos da vida social (leis, costumes, vestuários, gastroalimentares, e outros). Os hábitos de consumo tornam-se determinados pelas leis religiosas e em hipótese alguma podem ser contrariados, sob pena de suscitar a divina ira. O infrator incorreria em *hybris*.

Hýbris é excesso, desmedida, transgressão. Significa também impetuosidade, violência, orgulho, arrogância. No dicionário Liddell e Scott,¹⁵⁵ a primeira definição de *hýbris* é “violência temerária que resulta do orgulho pela força ou pelo poder que se possui”. Outra fonte da *hýbris* é a paixão. Em alguns contextos, pode ser traduzida por luxúria e lascívia. O orgulho parece estar na gênese da *hýbris*. Ele surge por incompreensão do que seja a condição humana. De acordo com a piedade grega, os homens não teriam razões para a arrogância, pois, como ressaltou Píndaro, nada somos além do *sonho de uma sombra* e o bem que podemos ter vem dos deuses.

Como contraposição à *hýbris*, no que diz respeito à moderação, encontramos o termo *sophrosýne*. Trata-se de um substantivo com a mesma raiz do verbo *sophonéo* que significa ter a mente sã; ser temperante, adquirir moderação. Daí também o adjetivo *sóphron*, prudente, moderado, aquele que tem controle sobre os apetites e desejos. Esse grupo de palavras é formado a partir do termo *sáos*, ‘são, salvo’, e de *phrén*, substantivo cujo significado vai desde *diafragma* até *coração* como o lugar das paixões, dos sentimentos e apetites corporais. Também designa a *mente* como sede das percepções e pensamentos. Enfim, *sophrosýne* é, literalmente, o estado de integridade e saúde da mente e pode ser interpretada como um estado de moderação, prudência, justa medida, autocontrole, temperança.

¹⁵⁵ H. G. Liddell and R. Scott, *Greek- English Lexicon*, p. 1841.

A *hýbris*, dentro da visão mítica, é uma espécie de ofensa aos deuses: atos, palavras ou mesmo pensamentos por meio dos quais o homem, que é mortal, esquece sua natureza e limitações, compete com os deuses e procura adquirir seus atributos, provocando a hostilidade divina. Ela está na vanglória e nas condutas excessivas, contrárias ao espírito de Delfos. A *hýbris* gera necessidade de reparação dos limites transgredidos, que se manifesta como punição divina.

Uma empresa comercial que deseje travar comércio com uma comunidade deste tipo deve estar atenta a atender às exigências do mercado-cliente, de forma que jamais ele (fornecedor) irá efetuar uma venda. O consumidor é que irá, sempre, efetuar uma compra.

O mundo transcendente dos deuses e dos heróis é, religiosamente acessível e re-atualizável, isto exatamente porque o homem das culturas primitivas não aceita a condição de irreversibilidade do tempo: o rito abole o tempo profano, cronológico, é linear e, por isso mesmo, irreversível (pode-se *comemorar* uma data histórica, mas não fazê-la voltar no tempo), o tempo mítico, ritualizado, é circular, voltando sempre sobre si mesmo. É precisamente essa reversibilidade que liberta o homem do peso do tempo morto, dando-lhe a segurança de que ele é capaz de abolir o passado, de recomeçar sua vida e recriar seu mundo. O profano é tempo da vida; o sagrado, o *tempo* da eternidade.

Nenhuma tradição consegue se manter por tempo indeterminado e o poder do legislador é proporcional ao seu prestígio, e com a queda deste, evaporam-se os costumes. A fim de manter o poder e o prestígio e ainda conservar a população isenta de perigos os quais ela, *per si*, não evitaria, este apela para um ser supraterrâneo.

Os hábitos de uma população, quer seja de ordem cultural, religiosa, filosófica, tem suas raízes em épocas

bastante remotas, quando Estado e religião formavam um único bloco; aliás o primeiro estava contido no segundo. Mas, todas apresentam o cunho de proteção e conservação da espécie. As condições geográficas, inerentes a cada povo, forçaram-lhes a desenvolver um sistema ideal de vida que, sem o mesmo, significaria a mais completa extinção do grupo.

Negociadores que ignoram esta questão vivem sob o lema: *depois de mim o dilúvio*. O homem é uma criatura indigente. Sem uma força de coação, parte para o lado que melhor lhe aprouver, ou seja, a satisfação de seus instintos. Para respeitar a uma sanção qualquer ele necessita de um motivo, e este motivo deve, ainda, estar ligado a alguma lenda e ao sagrado. E a abstenção de consumir carne de porco surge no povo do deserto em um tempo em que a medicina era realizada pelo sacerdote; ou seja, a religião governava tudo. O padre tinha autoridade místico-religiosa, não clínica-médico-científica, ainda que fosse dotado de tal conhecimento empírico-erudito.

As primeiras vítimas de uma desidratação seriam as crianças e, para estes povos, o seu maior bem eram elas. Com uma estimativa de vida, extremamente curta, quando comparada com a atual; cercados por inimigos ferozes; logo, a perda de um rebento significava ou uma procriadora a menos ou um soldado a menos e isto poderia implicar em escravidão, no médio e no longo prazo. E, escravidão significaria a extinção de todo o costume social, de todos os valores cultivados e da própria fé.

Por este motivo, os legisladores protegerem com tamanha força seus costumes, vindo a sacralizá-los a fim de evitar que caíam no desuso e no descaso, pondo em risco a existência de toda a comunidade.

Para se ingressar como fornecedor de produtos alimentícios nestes mercados, necessita-se conhecer o que

eles realmente desejam consumir sem que isto suscite a divina ira. Deve-se ter em conta que a cultura a que se destina não é obsoleta; é apenas sobrevivente de uma luta desigual contra dois titãs: o deserto e o calor.

As empresas comerciais que desejam ingressar nestes mercados devem, em primeiro plano conhecer a formação da fé e a antropologia destes povos. Não se rompe uma cultura baseada em preceitos de bem-estar social, boas maneiras e sentimentos pios carregados de ideologias e boas intenções.

Os povos com uma tradição cultural religiosa extrema não conhecem outra força além da fé pura e cega. Um sujeito bem intencionado que queira acabar com a fome na Índia, ou na China, seria em pouco tempo linchado porque os oráculos diriam que ele está passando por sobre a vontade do deus protetor e este sabe o tamanho da dor que deve causar a seu povo. “O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver, não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas com pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque ‘revelam’ algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere*.”¹⁵⁶

E o problema torna-se muito complexo porque o capitalista não enxerga outra força titânica além do lucro imediatista e desmedido. O que tem-se aí são duas forças antagônicas lutando quando poderiam estar unindo forças e

¹⁵⁶ MIRCEA, Eliade. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 14.

ganhando em vários terrenos. “(...) O homem religioso se esforça por manter se o máximo de tempo possível num universo sagrado e, conseqüentemente, como se apresenta sua experiência total da vida em relação à experiência do homem privado de sentimento religioso, do homem que vive, ou deseja viver, num mundo dessacralizado. É preciso dizer, desde já, que o mundo profano na sua totalidade, o Cosmos totalmente dessacralizado, é uma descoberta recente na história do espírito humano. Em consequência de que modificações do [seu] comportamento espiritual, o homem moderno dessacralizou seu mundo e [a partir disto] assumiu uma existência profana. Para o nosso propósito basta constatar que a dessacralização caracteriza a experiência total do homem não religioso das sociedades modernas, o qual, por essa razão, sente uma dificuldade cada vez maior em reencontrar as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas.”¹⁵⁷

Todo povo tem necessidade de provar as origens sobrenaturais de seus costumes. As funções sociais a que prendem os deuses de eras primitivas e, em especial onde a natureza é muito mais uma madrasta que uma mãe para os povos e a hegemonia não se exime de extremos e abusos estes conceitos persistirão por toda a história humana.

Entre os hindus, o costume de não consumir carne de vaca tem suas origens na dominação árabe. Quando este povo dominou a Índia, um dos pedidos feitos a eles foi que permitissem que continuassem a cultuar seus deuses naturais. Os árabes permitiram com a condição de que agregassem ao seu panteão a vaca e se imiscuissem de consumir sua carne.

¹⁵⁷ MIRCEA, Eliade. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 15.

De modo que a aceitação desta condição consagrou sua liberdade religiosa, preservando sua cultura milenar. Este conceito mantém-se por ser um valor sagrado aos povos e na mesma medida em que se baseia este conceito outros somam-se em alto valor agregado ao aspecto cultural dos povos de forma que o ocidental capitalista jamais se dará conta das forças ocultas que regem a doutrina dos mercados considerados religiosos.

Em muitas destas regiões é de igual forma irônico esperar que uma nação cresça onde não existe esperança, onde não exista segurança, onde um pai tem de se tornar um inimigo público a fim de garantir o mínimo de dignidade a sua família; onde o futuro é tão incerto quanto os números que serão sorteados na mega-sena da semana que vem. Pedir a um homem deste que alimente sonhos, que faça planos é como pedir a alguém que está passando fome que coma menos, a fim de poder economizar... E aí se disser que estas pessoas que já não tem nada com que se sustentar têm ainda muitos filhos, que se eles economizassem em meninos teriam como sobreviver, poderei lhes afirmar que quanto mais inseguro se sente o homem quanto à conservação de seus genes mais ele irá proliferar. À medida que se melhora a vida econômica dos cidadãos mais eles tendem a ter menos descendentes. O efeito inverso produz o contrário. As relações são inversamente proporcionais. Quando houve a Revolução Industrial, houve um contingente assustador de pessoas saindo do campo e vindo para as cidades. Muitos teóricos consideram-na como a *prima causa* do êxodo rural. Ledo engano. O que ela fez foi criar uma necessidade de mão-de-obra que justificava a migração destas pessoas. O que era até então proibido passou a ser permitido. Porém, se a natureza já era hostil ao homem lá no campo, agora na selva de pedra, a coisa piorou e não foi a falta de educação e/ou cultura que o fez

produzir muitos filhos. É a falta de visão de um futuro para si, a incerteza de perdurar mais um dia; diria até mesmo a *incerteza de um amanhã completo*, que o faz perpetuar desmedidamente.

Em um discurso pelo rádio, em 1938, dirigindo-se ao povo americano Franklin D. Roosevelt disse: ‘A democracia desapareceu em algumas grandes nações não porque o povo fosse contra a democracia, mas porque havia ficado cansado do desemprego e insegurança, de ver os filhos com fome, enquanto permanecia impotente face à confusão e fraqueza de governos falhos de liderança. Por último, em desespero, escolheram sacrificar a liberdade e a esperança de obter algo para comer. Nós, na América, sabemos que nossas instituições democráticas podem ser preservadas e postas a funcionar. Mas, para que possamos preservá-las, temos (...) que provar que a ação prática do governo democrático é igual à tarefa de proteger a segurança do povo... O povo da América concorda em defender suas liberdades a qualquer preço e a primeira linha de defesa repousa na proteção da segurança econômica.’¹⁵⁸

Em 1961, [*ou seja, 23 anos depois*] John Kennedy afirmou “que a humanidade foi capaz de criar uma revolução na medicina que lhe proporcionou um significativo aumento na expectativa de vida, mas ela foi incapaz de proporcionar uma revolução na economia que a sustentasse com dignidade.”¹⁵⁹

Ianni vai dizer que, “revolucionam-se os modos de vida e as culturas nativos nas mais longínquas regiões. Os bárbaros são obrigados a civilizar-se, assumindo a barbárie do capital. Os povos fetichistas, panteístas, sem história, que viviam mergulhados no estado de natureza [*bruta*], são

¹⁵⁸ Roosevelt, 1938.

¹⁵⁹ KENNEDY, John Fitzgerald. [s.l.], 1961.

obrigados a assimilar o monoteísmo bíblico, a diligência do trabalho que produz mercadoria e lucro, a disciplina exigida pela criação da mais-valia, a religião do capital. Está em marcha a revolução burguesa em escala mundial. Ao mesmo tempo, por dentro e por fora dessa revolução, desenvolvem-se [novas] revoluções nativistas, nacionalistas, sociais, populares, socialistas. Uma espécie de revolta desesperada contra a missão civilizatória do capital.”¹⁶⁰

As mudanças que ocorreram na economia mundial em nada afetou as perspectivas destas comunidades. O que as fez se abrirem aos novos mercados fornecedores foi a sua incapacidade de produzir alimentos em quantidade e qualidade para nutrir o seu povo. Mas, de igual forma não podiam deixara a livre escolha para os indivíduos e nem a oferta por conta do mercado capitalista. Isto porque este não está nem aí para a saúde da população, vive sob o lema: depois de mim o dilúvio; fato contrário à religião que traz arraigada em si a responsabilidade de manter a ordem entre os fieis; devendo mesmo zelar pela manutenção de sua saúde, não apenas espiritual como física. O povo, também, se deixado à sua própria escolha em muito pouco tempo deixará o sistema de saúde em frangalhos. Comerão o que acharem mais agradável aos olhos e não ao seu sistema individual de saúde e, a obesidade, hipertensão, problemas cardíacos e outras desgraças afins levarão toda a população ao caos completo.

Para evitar tamanha miséria, a religião se impõe e o indivíduo acaba consumindo produtos que são guiados pela sua fé. Ou seja, ela determina que os produtos tenham tal e tal nível de gordura, de fibras e outras fontes protéicas e aminoácidos que não prejudicam a saúde em condições de

¹⁶⁰ IANNI, Octávio. A Sociologia e o Mundo Moderno. In: *Tempo Social. Rev. Social*. São Paulo: USP, Volume 1(1), 1988, p. 04.

clima árido. E com o advento das modernas tecnologias de análise de alimentos, fica mais fácil para as comunidades religiosas controlarem isto bem de perto e com tremendo rigor. E o capitalismo moderno, adotado pelas *holdings* tem que adaptar-se a esta nova ideologia. É o nascimento do capitalismo social preconizado e idealizado por Marx. Um sistema capitalista sustentável, que não destrói e ainda pelo contrário ajuda a construir uma sociedade que sobreviva às intempéries da natureza.

Segundo Vasconcelos, “empresas que descobriram que investir [*fundos e intelecto*] em responsabilidade social, em desenvolvimento sustentável, segundo o princípio do *triple bottom line* (foco no econômico, no social e no ambiental) é urgente e necessário para a sua sobrevivência e da humanidade e, além de tudo, gera retorno financeiro. São empresas como o WalMart, a Natura e a Catterpillar, entre outras, que fazem parte do Relatório Anual da Revista Exame de Sustentabilidade e das Melhores Empresas para se trabalhar no Brasil. Descobriram o ciclo virtuoso da sustentabilidade: empresa que valoriza seus empregados e respeita o meio-ambiente e a comunidade onde está inserida aumenta sua produtividade e tem como retorno alta lucratividade. Esta lucratividade socialmente bem dividida aumenta o poder aquisitivo da população que, por sua vez, compra mais, gerando mais lucratividade, formando assim um ciclo onde, no final, todos saem ganhando.”¹⁶¹

E, quando a presença da fé religiosa faz manter o equilíbrio, deve-se ter em mente que de outra forma não haveria o esperado apoio de outras instituições. As buscas por lucros imediatos acaba por fazer com que muitas empresas desconsiderem o papel dos indivíduos neste

¹⁶¹ VASCONCELOS, Júlio César. CAPITALISMO SOCIAL. In: Caesarius Consultoria Organizacional, janeiro de 2009.

esquema. Agem como o dono da galinha dos ovos de ouro. Portanto, a cultura de cada povo teve a sua origem e tem a sua manutenção com base em situações históricas que, sem ela a sobrevivência a estaria ameaçada. Elementos intangíveis são incrementados a fim de manter a ordem e a paz. Para que as tenham qualidade de vida e longevidade, com saúde, como por exemplo, comunidades de pobreza elevadas causam custos mais elevados ao governo em tratamentos médicos e maiores taxas de seguro médico. Estas mesmas comunidades apresentam altas taxas de obesidade, doenças e outras aflições. Isto porque os pobres têm pouco acesso a cuidados básicos, comunidades empobrecidas usam cuidados médicos de emergência a taxas desproporcionalmente, altas. Complicações médicas tendem a tornar-se mais graves devido à saúde precária geral em comunidades carentes. Estes custos, em última análise, são repassados na forma de taxas mais elevadas de seguros e impostos mais altos. Crianças em situação de pobreza de alta escala recebem um nível de educação não-comercializáveis. Estas crianças, vulneráveis, são, deste modo essencialmente, retiradas da economia do capital produtivo e tornam-se passivos econômicos.

Nas regiões onde religião e Estado formam um único bloco, o comércio e a religião assumem uma unidade de respeito a um terceiro elemento: o indivíduo. Não é o dinheiro de uma nação que faz sua riqueza ou seus bens acumulados, é o seu capital social, o capital humano inserido neste mesmo contingente. E a proteção de uma comunidade nasce da ideia de que sozinha ela estaria à mercê de forças intangíveis que não perderiam o menor tempo em exauri-la ao extremo de suas forças. E a religião é uma doutrina que tem a função de guardar as pessoas de situações adversas. No caso deste trabalho de pesquisa a intenção é averiguar até que ponto ela tem participação na

formação de uma identidade econômica que apóie as nações em sua derrocada contra as adversidades das grandes mudanças do mercado.

“Diante do Liberalismo econômico e do Capitalismo selvagem, do Marxismo e do Comunismo e das demais economias estatais e, sobretudo, devido às questões sociais ligadas aos trabalhadores, como: salário; tempo de serviço; aposentadoria e desemprego e os problemas sociais mais abrangentes como a pobreza, a fome e a miséria, a educação, a moradia e a saúde, a Igreja Católica, *v.g.*, precisou elaborar sua Doutrina Social através das Encíclicas dos Papas, e reunir o laicato na Ação Católica, através do método Ver, Julgar e Agir, e dos demais Movimentos Sociais ou Entidades sócio-caritativas e educativas que surgiram já no final do século XIX e também nas Pastorais Sociais e Comunidades Eclesiais de Base, e nos Pronunciamentos das Conferências Episcopais, recentemente. Devido à modernidade, com suas teorias e práticas de confronto ou de consenso no campo social, a Igreja Católica se sentiu no dever de construir um ensinamento social em função de ações efetivas de transformação política. Também, os teólogos com acertos e erros, haja vista a *Teologia da Revolução e da Libertação*, procuraram dar sua contribuição ao pensamento e à prática, em sintonia com as Ciências Políticas e Sociais. De modo geral, as demais Igrejas elaboraram uma Teologia da práxis e igualmente exerceram e realizam uma ação social expressiva em favor dos pobres. Neste campo, a maioria das Igrejas exerce um papel de conscientização e de denúncia de irregularidades contra a dignidade humana.”¹⁶²

¹⁶² HOMEM, Dom Edson de Castro. A Religião na Modernidade: Algumas Funções Históricas e Sócio-Políticas. In: “Seminário sobre a Religião”, realizado na Escola Superior de Guerra, no período de 21 a 24 de novembro de 2005.

A modernidade não é unívoca. Nem é tão racional como se apregoa, pois no acirramento das paixões produziu guerras mundiais e o extermínio de populações e de etnias. Por isso, o pensamento crítico é sempre uma reconquista da razão que a modernidade recorda. Com efeito, ela tem o mérito de nos ter ajudado a valorizar a razão e a considerar seus limites. Se o projeto for levado a sério, inibe as polarizações que motivam ações persecutórias contra a Religião, as diferenças e as minorias. Soa como tautologia, mas a razão precisa ser a instância crítica de si própria. Se quiser permanecer no âmbito da razão comunicativa, segundo a expressão de Habermas, aquela que se deixa interpelar e solicitar pela alteridade, conforme Levinas. Do ponto de vista católico, a tautologia é superada quando a razão se deixa também criticar pela fé, tendo como suposto não a fé fideísta, mas aquela que é conduzida pela inteligência. “Enfim, sabemos que a modernidade, sem a qual não teríamos a nova ciência e tecnologia, projetou e sedimentou a democracia conjugada com a liberdade. Provou-nos que é possível, ao menos no Ocidente, experimentarmos a convivência pacífica em meio às diferenças também religiosas, desde que as instâncias e as instituições e as garantias individuais sejam preservadas pelo estado de Direito. Aliás, não existe Democracia sem essas garantias. Quando isto ocorre, a Religião não tem só uma função ética que inspira ou motiva comportamentos pessoais e sociais.”¹⁶³

Na sociedade pós-secular, o Estado democrático de Direito tornou-se laico, entendido este termo em sentido amplo e não só religioso, de modo que deve exercer uma forte neutralidade em relação às concepções abrangentes

¹⁶³ HOMEM, Dom Edson de Castro. A Religião na Modernidade: Algumas Funções Históricas e Sócio-Políticas. In: “Seminário sobre a Religião”, realizado na Escola Superior de Guerra, no período de 21 a 24 de novembro de 2005.

sobre a realidade presentes no mundo da vida. Somente exercendo tal neutralidade é que se pode conseguir justiça política na esfera pública que, em sociedades democráticas, exige a plena e igual participação de todos os cidadãos, independentemente de suas idéias amplas sobre a realidade.

Mas, está pressuposto que a religião é um tipo de conhecimento que não apresenta razões práticas para seus posicionamentos; mas, que viu-se forçada a isso pela tendência de secularização. Em sociedades secularizadas, as religiões são submetidas a constante pressão para incluir em sua forma de vida a reflexividade epistêmica da racionalidade e do pluralismo de cosmovisões. Tal pressão é inevitável no ambiente do mundo-da-vida, mas ao se pensar na participação de pessoas religiosas na esfera pública, deve-se reconhecer que o Estado liberal não deve transformar a separação institucional obrigatória entre a religião e a política (sic!) em uma indevida carga mental e psicológica, que não pode ser exigida de seus cidadãos religiosos. Por suposto, o Estado deve esperar que eles reconheçam o princípio de que o exercício do poder estatal se exerce com neutralidade no tocante às cosmovisões. Todo cidadão deve saber e aceitar que só contam as razões seculares para além do umbral institucional que separa a esfera pública informal dos parlamentos, dos tribunais, dos ministérios e das administrações.

Segundo Habermas citado por Zabatiero, “o Estado liberal tem interesse em que se permita o livre acesso das vozes religiosas tanto na esfera público-política como na participação política das organizações religiosas. O Estado não pode desalentar os crentes e as comunidades religiosas de tal modo que se abstenham de manifestar-se como tais também de modo político, pois não pode saber se, em caso contrário, a sociedade secular não se estaria desconectando

e privando de importantes reservas para a criação de sentido.”¹⁶⁴

Toda religião é, originariamente, “imagem do mundo” (uma “doutrina abrangente”), também no sentido de que reivindica a autoridade de estruturar uma forma de vida no seu todo. Essa reivindicação de monopólio interpretativo e de configuração da vida em todos os seus aspectos a religião teve de abandonar, sob as circunstâncias da secularização do saber, da neutralização do poder estatal e da liberdade religiosa generalizada. Fé não pode ser entendida como o oposto de conhecimento, pois mesmo no caso de sua prática em religiões que ‘reivindicam autoridade para estruturar uma forma de vida em seu conjunto’, ela não é obstáculo para outras vias de produção de conhecimento.

Nas sociedades modernas, a religião se tornou uma questão puramente privada, reduzida à esfera do indivíduo e, mesmo nela, com pouca ou nenhuma capacidade de orientar a conduta. Mas, não se pode generalizar esta dimensão da religião, pois há as regiões onde esta exercer um controle muito austero sobre a economia e o comércio.

Segundo Kotler, “os clientes estão exigindo cada vez mais qualidade e serviço superiores, além de alguma customização. Eles percebem menos diferenças reais entre produtos e mostram menos fidelidade a marcas. Eles também podem obter muitas informações sobre produtos por meio da Internet e de outras fontes, o que permite que comprem de maneira mais racional. Os clientes estão mostrando maior sensibilidade em relação ao preço em sua busca por valor.”¹⁶⁵

¹⁶⁴ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. A religião e a esfera pública. *Cadernos de Ética e Filosofia Política* 12, 1/2008. [S.l.]

¹⁶⁵ KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000, p. 48.

E a preocupação dos mercados protegidos pela fé, hoje, é com a procedência dos produtos e a garantia das certificações, que assegurem a origem, forma de abate e processamento segundo as leis islâmicas. Uma certificadora deve ter equipe completa, treinada, com engenheiros de alimentos, engenheiros químicos e especialistas no sistema *halal* exigido pela religião islâmica, desde o abate ao processamento e embalagem que garantam a segurança alimentar. O próximo passo será a rastreabilidade, quando o consumidor vai saber exatamente onde o alimento foi produzido e quem certificou.

Tomando por base as palavras supracitadas de Kotler pode-se afirmar que os mercados atuais não são mais locais; as comunidades religiosas tiveram que adequar-se a um novo paradigma que foi o do aumento expressivo da população aliada à escassez de produção de alimentos; mas, não quiseram abrir mãos de seus mais arraigados princípios dogmáticos, que, nos casos expostos acima tem a intenção de proteger a saúde física das comunidades envolvidas. Para ele, “em um cenário global em rápida alteração, a empresa [*comercial*] deve monitorar seis forças importantes: a demográfica, a econômica, a natural, a tecnológica, a político-legal e a sociocultural. Essas forças serão descritas separadamente, embora os profissionais de marketing devam prestar atenção a suas interações causais, porque elas preparam o palco para novas oportunidades – e também para novas ameaças. O explosivo crescimento populacional (força demográfica), por exemplo, leva ao esgotamento mais rápido de recursos e a níveis mais elevados de poluição (ambiente natural), o que faz os consumidores exigirem mais leis (força político-legal). As restrições estimulam a produção de novos produtos e soluções tecnológicas (força tecnológica) que, se forem

acessíveis (força econômica), podem mudar atitudes e comportamento (força sociocultural).”¹⁶⁶

A religião controlou todos os sistemas comerciais em todas as épocas até o aparecimento do dinheiro em forma de moeda cunhada. A partir daí ela começa a perder seu poderio como entidade todo-poderosa e assim torna-se coadjuvante em um processo de transformação social. Para alguns, a religião deixa de ser útil a partir do momento em que já não detém poder para controlar as forças exógenas ao homem, ou seja, este já estaria condenado a dar rumos próprios ao seu destino.

Mas, mesmo com toda esta mega estrutura não se perdeu de vista que a religião com as novas mudanças na economia e com a confiabilidade abalada nos governos e a deficiência do sistema capitalista em corrigir lacunas deixadas por abusos de poder, a religião volta ao cenário principal na tentativa de equilibrar as forças e manter a ordem cosmogônica. Desta vez não mais como a ditadora de regras absolutas, mas como interventora na manutenção de uma proposta que vai além.

As regras de comércio nestes setores obedecem a princípios de equivalência onde a primazia da saúde da população está em primeiro lugar. Da mesma forma que o sistema capitalista cede de um alado a fim de conquistar clientes em potencial, a religião cede do outro para buscar uma justa medida equitente entre a fé e o comércio. Isto é o que Kotler chama de nicho de mercado atraente, ou seja, porque, “Um nicho atraente tem as seguintes características: os clientes têm um conjunto de necessidades distintas; os clientes concordam em pagar um preço mais alto à empresa que melhor suprir essas necessidades; o nicho não costuma

¹⁶⁶ KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000, p. 162.

atrair outros concorrentes, e o nicho gera receitas por meio da especialização e tem potencial para crescer e gerar lucros maiores.”¹⁶⁷

De forma que as religiões, principalmente as que tendem a proteger seus povos e seus mercados deixaram de ver as economias ocidentais como nocivas e destrutivas, profanas, imundas para agregarem-se a elas na busca de soluções para seus problemas sociais, sendo o maior deles a necessidade de alimentos.

Compreende-se que nenhuma das partes cedeu para qualquer outra, apenas resolveram seus dissensos, cada qual respeitando os limites alheios visando, uma ao lucro, a outra a satisfação de uma necessidade premente. E desta convergência de ideias nasce os conceitos de capitalismo e religião sustentáveis, aqueles que edificam, que constroem personalidades marcantes com suas marcas gerando um marketing positivo, que é a atração de pessoas e empresas sérias e idôneas para o seu meio.

Sem a presença da religião, as empresas comerciais jamais atingiriam os mercados fechados e protegidos pela fé. Isto porque foi ela quem, de alguma forma estranha aos ocidentais quem protegeu as pessoas de um inimigo natural por tanto tempo e agora protegem de um inimigo artificial, ainda mais poderoso: a ganância desmedida do sistema capitalista. De forma que o novo olhar mercadológico está focado não especificamente no mercado em si e *per si*, mas, sobre as exigências destas comunidades sobre as suas liberdades de consumo e em como atendê-las, conforme suas demandas de consumo e buscando formas de oferecer qualidade de vida e perspectivas de futuro a estas nações.

¹⁶⁷ KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000, p. 279.

A estratégia empresarial é um conjunto de ações predeterminadas que serve como caminho alternativo para um planejamento efetivo da organização, possibilitando a esta o direcionamento para os resultados previamente estabelecidos e acompanhando eventuais distorções de maneira a provocar correções, via um efeito sinérgico que corresponde ao final, no alcance dos objetivos. A intuição pura é descartada, como hipótese que não abrange todas as possibilidades. As alternativas estratégicas de uma empresa são muitas e, atualmente, não se adota uma única, como ação válida. Obviamente, Internacionalizar está associado como estratégia à saída de um país de uma empresa com o forte desejo de expandir seus negócios. A saída deve ser entendida no sentido de ampliar seus negócios e ampliar as suas fronteiras para além de onde elas se situam num determinado momento. Ao internacionalizar, entre outras formas, pode-se paralelamente associar-se a terceiros (como os concorrentes), ou incorporar um terceiro, ou tentar o novo mercado com um novo produto/serviço.¹⁶⁸

Dentro deste conceito a busca de expansão para novos mercados ocorre quando o mercado doméstico já não suporta mais avanços. Com essa saturação do mercado doméstico a empresa se vê impossibilitada de crescimento. A relevância desse estudo está na verificação de que as empresas começavam suas operações no exterior via países mais periféricos ao país de origem da empresa e a ocorrência de expansão para regiões mais distantes era feita de maneira gradual. Este estudo também apresentou que as exportações eram o principal meio de entrada em novos mercados consumidores e o investimento direto no exterior raramente era utilizado como estratégia inicial.

¹⁶⁸ MAÑAS, Antonio Vico. Administrar negócios internacionais: fatores contextuais e impactos sobre as organizações. *Revista de Administração da Fatea*, v. 2, n. 2, p. 61-67, jan./dez., 2009.

As empresas se internacionalizam de forma gradual e sequencialmente. O que ocorre é que as empresas aumentam o seu grau de envolvimento nos mercados estrangeiros enquanto vão adquirindo conhecimento sobre ele. Esta cadeia é composta por estágios de alguma maneira evolutivos. É necessário, em um primeiro instante que as empresas conheçam as necessidades dos mercados nos quais desejam ingressar e interpretar estas mesmas novas informações. Outro ponto de grande relevância é a consideração da distância psíquica que procura considerar as diferenças culturais, níveis estruturais apresentados de desenvolvimento, de educação intelectual, idioma falado, linguagem de negócios, sistema político em vigor e vínculos existentes entre o país de origem e o mercado estrangeiro.

Para os negócios internacionais, o produto ou o serviço, a comunicação, o preço, a comercialização e a distribuição compõem um conjunto de partes importantes da sua estratégia. A estratégia escolhida e adotada, sempre é o resultado da análise feita sobre os próprios: produto, serviço, processo de produção, da tecnologia disponível, de sua posição concorrencial e das barreiras que enfrentará no mercado. Naturalmente, as barreiras são associadas a fatores econômicos e concorrenciais. É um fato que elas têm peso muito forte sobre os passos da implantação de uma aventura em mercados estrangeiros. Mas há outros aspectos que precisam ser conhecidos e administrados para garantir que a empreitada tenha sucesso.

Para facilitar, diminuindo o impacto dos custos da implantação, aumentar o conhecimento do mercado e da cultura do novo local, muitas organizações têm optado por alianças estratégicas ou fusões. Fazendo esses contratos de parceria elas sinalizam para sinergias de gestão, de marketing ou de operação e, com isto, lhes permite fabricar e distribuir toda ou parte dos produtos, comercializando-os.

O processo de traçar um perfil dos riscos oferece aos gestores uma estrutura para a consideração de três tipos distintos de riscos que podem ser associados, de imediato, à internacionalização. É preciso ter acesso a fontes de risco de mercado, de tecnologia e organizacional. As possíveis fontes de risco de mercado estão relacionadas com o tamanho e escopo desse mercado, com a definição da base da clientela, com o conhecimento das necessidades da clientela, canais prévios de distribuição, ambiente regulador, regimes de propriedade intelectual e posição e reação dos concorrentes. Quanto às fontes de risco de tecnologia, entende-se estarem relacionadas com a viabilidade técnica, os padrões incertos, os perigos físicos, a confiabilidade do produto/serviço, com o suprimento de novos materiais e a possibilidade de processamento/transformação. A relação com as fontes de risco organizacional, tem de ser ajustadas com a adequação às capacidades e competências, o custo, a velocidade da mudança organizacional, a dependência de nova organização e/ou de parceiros externos, bem como com a qualidade e disponibilidade de pessoal e o ritmo de gasto em oposição ao caixa disponível e ao capital. O gestor estará, se já não está, em um jogo diferente. Os problemas que, frequentemente, confundem os administradores de qualquer nível hierárquico de uma empresa encontram-se enraizados nas incertezas, nos sinais ambíguos de mercado e nas estruturas competitivas embrionárias.

Uma série de instrumentos e de perspectivas novas está surgindo e cada gestor pode criar ainda novas e isto deverá auxiliar a cada um deles a atuar de acordo com essas novas regras. Entre mudanças no pensamento e na prática do que os administradores precisam fazer, podem ser incluídos:

a) contexto organizacional mais fluído;

- b) formulação de estratégia mais robusta e adaptável;
- c) alocação de recursos em etapas;
- d) exploração do mercado;
- e) desenvolvimento de tecnologia adaptável.¹⁶⁹

O novo olhar empreendedor e organizacional deve interagir com o ambiente externo, aprendendo a lidar com a grande incerteza e com a imensa complexidade; conseguir acompanhar a velocidade acelerada e as conseqüentes mudanças e desenvolver novas competências, levando em conta que uma inovação descontínua pode aumentar ou destruir competências existentes.

O desafio nas organizações a partir do ingresso em mercados protegidos pela fé envolve o foco na estrutura em rede, cujo grande teor é a inovação. A finalidade central é aumentar o valor agregado dentro do grupo, criando novos bens e serviços e/ou concebendo métodos capazes de permitir a redução de custos e ao aprimoramento da eficiência. Os componentes de um grupo podem, ainda, tentar negociar uma determinada parte do valor total criado pelo grupo, mas, o êxito deste grupo exige que todos os participantes recebam uma compensação que considerem satisfatória como retorno pela sua contribuição para o sucesso do grupo como um todo. A rede só é implementada, quando realmente ela envolve uma análise dinâmica, deixando de ser estática. Os questionamentos gerenciais deverão ter as melhores respostas, que como conseqüência mudarão com o tempo e gerarão mudança.

¹⁶⁹ MAÑAS, Antonio Vico. Administrar negócios internacionais: fatores contextuais e impactos sobre as organizações. *Revista de Administração da Fatea*, v. 2, n. 2, p. 61-67, jan./dez., 2009.

Essa estrutura no que se refere ao processo de produção terá colaboração contínua. Fazendo analogia com o jogo, pode-se afirmar que a organização terá grupos de trabalho, onde todos os seus componentes estarão do mesmo lado. É preciso fazer um esforço para que exista dependência de cada componente do grupo na criatividade deste grupo como um todo. A formação desta rede deve ser entendida como híbrida, pois deverá ter um organizador central, o que a torna em *não rede*. Haverá, na elaboração do sistema, uma concentração de poder da tomada de decisão, numa organização, que estará próxima ao centro da rede.

Ninguém separadamente, na rede, poderá atingir êxito por si. Cada coordenador contará com uma rede de relacionamentos. A rede de relacionamentos é finita, pois há empresas que não se enquadram no relacionamento direto. São entendidas como individuais. Elas na prática serão a ponta da rede, estarão, ao final da trama participando do êxito compartilhado e, portanto, criando uma dependência mútua contínua permanente, por mais distanciada que esteja do coordenador central. Mais do que um fluxo unidirecional de componentes ou materiais parcialmente completados, a natureza dos relacionamentos envolve o fluxo inverso que trata de decisões a respeito dos objetivos e procedimentos de pesquisa, desenvolvimento e marketing e, com grande frequência, a assistência financeira necessária para o cumprimento desses objetivos e procedimentos. A dependência, enquanto fluxo, vai correr sempre em várias direções.

A dispersão geográfica é um elemento importante da rede. Forças poderosas têm servido de estímulo para a Internacionalização das estratégias empresariais, incluindo acordos e alianças internacionais que tem reduzido barreiras comerciais, liberalizado o amplo investimento estrangeiro e

protegido a propriedade intelectual, isto junto com novas tecnologias de caráter inovador, inclusive com a quebra das fronteiras, via redes de comunicação e de informação. O predomínio da visão empresarial no último século foi a da suposição implícita de que a prosperidade das empresas depende exclusivamente da maneira como sua gestão organiza internamente os recursos e as capacidades à sua disposição. Há a suposição também de que as transações externas das empresas sejam exógenas, e não endógenas, à sua carteira de ativos e habilidades, e ainda, à maneira com que esses ativos e habilidades são combinados uns com os outros para criar vantagens de valor agregado adicionais. As empresas tinham ainda neste último século, uma visão hierárquica de que elas reagiriam basicamente ao fracasso endêmico e estrutural, adotando estratégias do tipo *saída*, como a retração e o desinvestimento, em vez de adotar estratégias de *afirmação*, que permitem a expansão com o amplo desenvolvimento, como aquelas discriminadas anteriormente (internacionalização, inovação, parceria *etc.*).

De forma que adentrar mercados protegidos pela fé requer estratégias, não apenas de puro *marketing*, como de responsabilidade social empresarial. A nova visão destas *holdings* frente a este cenário de abertura que se desvela em direção ao futuro, tem feito as corporações aliarem-se a propostas de visão humanísticas se envolverem em estudos antropológicos, sociológicos, todos estes sobre hábitos e costumes sobre estes povos e também sobre as mudanças de hábitos nas comunidades locais. Surge, assim, uma nova visão sobre o mercado, com as empresas focando não somente o lucro físico, tangível, mas de igual forma, a satisfação de seus funcionários e clientes como forma de lucro real. E isto acaba por ser uma materialização sólida da religião dentro do universo corporativo, o que desperta o

encantamento e a atração de novos clientes para os produtos que tiverem agregados os nomes das empresas.

CONCLUSÃO

As primeiras civilizações humanas se construíram próximas às regiões vulcânicas devido ao calor necessário para germinação das sementes, ou seja, o interesse estava ligado à existência e à sobrevivência. Outras formaram-se próximas a regiões salinas, como foi o caso de Sodoma e Gomorra que estavam próximas a ambas. E havia, ainda outras regiões que ficavam próximas às costas marítimas, sujeitas aos humores da natureza e a várias intempéries. E uma destas mudanças temporais foi o aquecimento global que, em um primeiro momento foi uma coisa vista como presente dos deuses, um sonho, porque permitiu ampliar as áreas agropastoris, mas que, com o avanço do tempo e técnicas defasadas este sonho acabou por revelar-se um terrível pesadelo, pois as regiões antes conhecidas por sua alta fertilidade transformaram-se em desertos inóspitas e escaldantes.

E, aliada a esta mudança na natureza está a questão agora empresarial, porque não havia como simplesmente mudar e levar tudo. A propriedade tinha custos e bens que não poderiam ser transferidos sem perdas consideráveis por parte do proprietário.

A fim de resolver tal problema valeu-se da perícia e do conhecimento do legislador, a fim de evitar o caos total e a derrocada de seu povo que, sem a sua intervenção, entregues a si próprios e as suas próprias condições de misérias acabariam se extinguindo, ou se chafurdando em situação calamitosa em pouco tempo.

Porém, o poder do sacerdote era limitado porque, em primeiro estava, assim como os seus seguidores, sujeito a temporalidades e à senilidade. Com a finalidade de superar este problema criou-se a sujeição a um ser atemporal e que existia antes mesmo do tempo e das mudanças exóticas

temporais; aliás este indivíduo era tão poderoso que ele regia o tempo e ordenava as mudanças.

Daí em diante toda sabedoria do rei era considerada divina e passível de ser transmitida a outrem que era escolhido entre uma família aristocrática e iniciado nos augustos mistérios da fé. Este escolhido havia se tornado o representante direto de Deus entre o povo; era através dele que a sumidade comunicava suas decisões a todos. E neste avanço, à medida que a conservação da saúde e da vida da população foi exigindo outros tipos de intervenções divinas elas foram sendo efetuadas. Um exemplo é a circuncisão entre os hebreus, que foi uma medida profilática criada com o intuito de proteger, não somente os homens de doenças infecciosas como também de evitar a transmissão destas e a contaminação das mulheres. As várias regras e castigos prescritos para um homem que tocasse em uma mulher durante seu período menstrual e no pós-parto, alegando estarem elas impuras, são igualmente medidas profilático-sanitárias, criadas com o intuito de proteger a vida e a saúde das mulheres. No período menstrual e no pós-parto as defesas orgânicas das mulheres estão extremamente fragilizadas e se um homem bronco, em meio ao deserto não as respeitaria caso não houvesse uma lei suprema que coibisse-os de tal ato, sob pena de morte. E o risco de estas mulheres virem a contraírem infecções e doenças vindo, posteriormente a falecerem eram muito alto. E uma vez sem elas não haveria a geração de novos rebentos e, sem crianças, conseqüentemente, a sociedade enfraqueceria, sobrando ou a escravidão ou a extinção completa.

A determinação de uma dieta baseada em alimentos pouco calóricos e de baixo teor de gorduras saturadas foi outra determinação com a finalidade de evitar mortes por desidratação e para promover um metabolismo mais rápido, com baixo consumo de energia e menos acúmulo de tecido

adiposo. Moisés passou 40 anos no deserto; logo teve oportunidade de ver muita coisa que o auxiliou a criar seu conjunto de leis acerca da alimentação adequada e da própria sobrevivência nas condições de vida oferecidas pelo deserto de forma que mantivesse seu povo 'seguro', mesmo em confronto direto com um inimigo impiedoso e que não dava tréguas, que era um calor desértico. De igual forma, Maomé foi ditando o *Corão* durante toda a sua vida e da mesma maneira que Hamurábi, foi delegando a Deus suas sábias observações e as suas conclusões a que chegava acerca da condição adequada de vida e sanidade de seu povo.

Desta forma, prescreveu uma dieta rica em proteínas e ácidos graxos e disse ao povo que Deus consagrou estes alimentos escolhidos como puros e, de outro lado, abominou outros, rotulando-os como impuros, criando mitos e sanções par quem desobedecesse. Um exemplo bem clássico é o fato de os árabes só comerem carne bovina da parte dianteira do animal. É devido a quantidade de gorduras e carboidratos solúveis disponíveis. De forma que um estudo sistemático foi engendrado pelos legisladores com a legítima finalidade última de oferecer segurança ao povo.

Quando da organização (*sic*) para invadir o Oriente pelos cristãos europeus nenhum cuidado neste sentido foi tomado e o deus Cristiano não protegeu os seus fiéis e boa parte dos soldados morreram de doenças infecciosas, desintéria, desidratação e outras moléstias. Os muçulmanos usaram isto como *merchandising* para fortalecer suas ideias religiosas sobre a alimentação e os cuidados proclamados pela fé islâmica. Porém, a causa *principalis* da derrocada foi a falta de observação de cuidados médico-sanitários, aliado a um estudo e compreensão da geografia.

Com os produtos de origem animal da linha *Halal*, toma-se os cuidados de abater o animal com a maior

rapidez possível, que, segundo os especialistas é para evitar o sofrimento dos mesmos, uma vez que o Deus deles abomina o sofrimento até mesmo dos animais indefesos. A explicação científica para isto é que quanto mais rápido se desenrola o processo de abate menor é o processo de acidificação da carne e da gordura, que se deteriora em primeiro plano, tornando-se, assim, nociva ao consumo humano. O fato de não poder ter sangue misturado ao produto é que este possui uma concentração elevadíssima de gordura saturada e que se acidifica e produz fungos em tempo recorde. Para o povo árabe que encontra-se sob temperaturas muito elevadas o menor risco deve ser evitado sob pena de por em risco toda a saúde da população.

Não há como educar um peão dentro deste processo de cientificidade. E muito menos controlar uma população inteira de modo a absterem-se de alguns produtos em prol de outros, alegando que é pelo seu bem-estar sanitário. Daí a suprema importância da religião neste processo lúdico de coerção do regime alimentar. Sem o poder coercitivo da religião seria impossível ao legislador manter seu povo sob regime tão severo e ainda controlar suas vontades usando tão pouca força bruta direta. Até porque ele é tão humano quanto os outros que ele deseja manter sob seu controle.

Mas, aconteceu um fato interessante que provocou um desequilíbrio neste sistema e com o qual o sacerdote não contava: o aumento desproporcional da população com relação à capacidade de produção de alimentos; e isto gerou uma necessidade premente de o Estado promover a complementação do *déficit* via importação de países que não comungam da mesma fé.

Nos países onde a religião exerce poder supremo, Estado e Religião confundem-se a tal ponto que torna-se [quase] impossível separá-los. Aliás, esta última é muito superior ao Estado, uma vez que nenhum Chefe de Estado

realiza qualquer coisa que, por ventura, venha a ofender a fé.

Deve-se considerar que a religião impôs a fé até mesmo ao soberano estatal. Este foi educado, desde mais tenra idade para obedecer ao poder de Deus e não ao poder humano. Logo, as conexões nascidas entre as diversas nações que se propuseram a negociar produtos, devem, antes de mais nada conhecerem a si mesmas e muito mais as culturas envolvidas.

As culturas religiosas não abrem mão de seus valores e seus dogmas enquanto que as culturas capitalistas tendem a 'negociar', a trapacear e a fraudar com o fim de atingirem seus objetivos. A era pós-moderna é uma era de extremos. As culturas que continuam protegidas pela fé tiveram que afrouxar seus sistemas de valores a fim de manterem seus súditos protegidos e as culturas que vivem sob o imperialismo das leis de livre mercado tiveram que adaptar-se e modificarem seus discursos frente às crises porque passou para que pudesse continuar fazendo parte do mundo que se descortina no século XXI. Já não se imagina mais uma situação onde o capitalismo possa ditar regras e ainda exercer poder supremo e corrigir falhas administrativas. Desde que o dinheiro tornou-se moeda, o poder transita de mão em mão com a mesma facilidade que com que as deixa.

Com o intuito de ganhar espaço mercadológico, as *holding's* passaram a buscar conhecimento aprofundado sobre os mercados possíveis e a ter domínio das culturas onde a fé é soberana. Sem este tipo de suporte não haveria como adentrar estes mercados protegidos, pois o bem que se guarda ali é precioso demais para ser deixado à *revelia*.

O liberalismo mostrou-se impotente frente a onda de crises que assolou o século XX; foi incapaz de proteger seus súditos da guerra, da fome, da miséria, da extorsão, da

pobreza e de outras mazelas que continuam a assolar a humanidade. Criou-se duas classes: a dos ricos e a dos pobres. E este temor impede que as sociedades tradicionais se afastem de suas perspectivas religiosas, o que fez com que, elas buscassem apoio no mundo capitalista, porém, mantendo suas linhas dogmáticas de ação e de poderio sagrado.

Quanto ao capitalismo teve que adaptar-se a uma nova realidade, a um tempo em que o poder não é mais determinado pelo que se tem, pois a volatilidade do mercado faz ricos e pobres em questão de um apertar de botão. Para adentrar nesta nova onda, foi necessário criar uma ética que se mostrasse capaz de reger os processos econômicos, as relações empresariais e ainda leis estatais que obrigassem as *holding's* a se enquadrarem neste novo sistema até que o próprio consumidor pudesse entender este seu poder na consumação desta proposta de negociação.

Não tendo mais para onde apelar os consumidores partem de volta para o sobrenatural e as organizações seguem este caminho. Os preceitos éticos pregados pelas empresas *sub judice* foram transmutados pelos *marketeiros* como ordenamentos sagrados, arautos de uma nova fé e uma nova visão do sistema econômico. O homem que era visto como o *Homus oeconomicus*, passa a ser visto como o *Homus socialis*; dotado de uma nova visão empresarial, tendo que reportar-se ao sagrado e ao infinito nas suas tomadas de decisão.

O poder é algo que é determinado pela condição dos regidos. Um administrador tem poder porque os seus subordinados têm algo, que lhes é valioso, para perder. No dia em que os súditos perderem os motivos que os fazem temerem o soberano, a sua força transforma-se em um nada. Logo, o poder do tirano é proporcional ao volume de coisas a perder pelos subalternos. Quanto mais, maior seu

poder; quanto menos, menor ele torna-se. No caso dos mercados consumidores modernos, tem-se que os clientes-consumidores tornaram-se peças-chave nos processos econômicos; são eles quem ditam as regras. E as empresas veem-se, obrigadas a respeitarem preceitos ético-morais e de sustentabilidade a fim de poderem manter-se no jogo das disputas comerciais.

Nas comunidades que persistem protegidas pela religião este preceito torna-se extremamente poderoso, afinal Deus é o ser supremo que detém o poder sobre a vida e a morte e nenhum fiel quer incorrer em *hybris* e despertar a fúria divina sobre sua nação. Portanto, basta que qualquer empresa resolva ferir os preceitos dogmático-religiosos destes povos para que seja alijado, para sempre, destes mercados.

Desta forma, as empresas que desejam ingressar nos mercados protegidos pela fé devem adequar-se aos conjuntos culturais que regem a ética, a economia, a fé, a política e ainda buscar conhecer os fatos históricos que arregimentaram e fundamentaram toda a construção e a manutenção destas nações com as quais anseia-se inserir comercialmente. Isto porque a cultura de um povo forma-se sobre bases muito sólidas e devido à condição a que o ser humano foi compelido pela natureza, não há força bruta que possa superá-la.

A busca por novos mercados consumidores tem levado as empresas a criarem mecanismos de estudos acerca do que envolve as comunidades espalhadas pelo globo e que até muito recentemente não faziam parte do rol de câmbio de muitas economias. De outra parte, as comunidades que mantinham-se estritamente fechadas ao livre comércio, vêem-se afetadas por problemas contra os quais não há como lutar e apelam para acordos comerciais com empresas que aceitem suas condições de valores.

Com as derrocadas dos vários sistemas artificiais criados na modernidade, as pessoas começaram a voltar-se para a religião que, também, é uma construção artificial, mas que consegue agregar as pessoas em torno de uma figura totêmica que representa o próprio poder, e, assim, o que pode *[ou deve]* ou não consumir é ditado por uma razão invisível que está não somente além do tempo e do espaço como também além da compreensão humana. E nenhum sistema econômico situa-se para além deste poder.

A nova conduta ética adotada pelas corporações na era pós-moderna vê-se diante de um novo dilema, que é respeitar os preceitos sociais inerentes a cada povo. Na era capitalista em que atravessou-se em que até os próprios indivíduos eram objetos passíveis de compra e venda e descarte, tornando-se, também, lixo, portanto, descartável, fez nascer uma reflexão em torno do qual o maior bem de uma nação é o seu capital pessoal, *i.e.*, seu povo. E o que faz girar a mola do liberalismo são os indivíduos, e fazê-los chafurdarem-se no lodo vicioso do consumismo inveterado é cair na mesma asneira do dono da galinha dos ovos de ouro, da fábula de Esopo.

Surge, então, uma proposta de um capitalismo social tal qual o preconizado nas teorias de Marx e tão combatido pela comunidade religiosa da época. Quando afirma-se que o pós-moderno é a era dos extremos é porque até a própria religião teve que adaptar-se ao homem preconizado para o século XXI. As religiões ocidentais odiavam pobres ; diziam que eram, por demais, ingratos não aceitando a condição que lhes determinada por Deus. Tanto a religião quanto o liberalismo tiveram que render-se às teorias do jovem economista inglês Maynard Keynes, que buscou criar um sistema que tornasse possível aliar os anseios pregados pelos grandes anarquistas da história e, neste grupo incluiu-se Jesus Cristo, Ghandi, Marx, entre outros e desta forma

amenizar a fobia dos grandes sistemas de exploração humanas como a Igreja e as monarquias e ainda viesse a evitar catástrofes humanas como a Guerra Civil Espanhola, *p.e.*

Na óptica capitalista pós-moderna, é imprescindível o agregamento de valores considerados sagrados em direção aos interesses comerciais. No Ocidente, aconteceu de ser o Estado seguido, primeiro, pela força depois pela razão pelas as empresas que tomaram a liberdade de trazer estes preceitos para dentro de suas paredes. Sob o esdrúxulo lema de que religião e comércio são coisas distintas, as doutrinas ocidentais puderam manter-se à distância desta revolução e na melhor das hipóteses, mantêm-se caladas.

Já nos países orientais é um pouco diferente. Para eles, a fé está acima de tudo e religião e estado imbricam-se na luta pela preservação da vida de todos os súditos. Desta forma, a necessidade de encontrar uma maneira essencial de conceder garantias de manutenção às suas nações, valeram-se de acordos que respeitam a vontade de usufruir de bens oferecidos pelo capital ocidental sem que, para isto, fosse preciso quebrar suas estruturas hegemônicas culturais que, durante infinitas gerações, mantiveram-lhes a salvo da extinção eminente.

O discurso gerado pela revolução industrial de que mais pessoas eram necessárias no mundo fez com que a medicina revolucionasse seus métodos e realizasse um verdadeiro prodígio, uma reviravolta na manutenção da vida. Mas esta mesma explosão de entusiasmo não atingiu nem a economia e nem o setor primário; e o que assistiu-se a seguir foi a exploração em massa de pessoas desvalidas e condenadas cada vez mais a viverem às margens do sistema social efetivo.

Nas eras clássicas, sempre que dois indivíduos iam negociar um deus era invocado como testemunha com a

finalidade de garantir que as partes envolvidas agiriam de forma justa e perfeita. A 'simples' evocação do deus para testemunhar a ação dava segurança aos envolvidos. E esta é a coisa que os seres humanos mais buscam em todas as instâncias de sua existência. A causa mais frequente de revoluções que ocorreram ao longo de toda a história da humanidade foram motivadas ou pela fome ou pelo medo dela. Isto porque, um homem faminto já não tem mais nada a perder, considerando que sua vida está ameaçada e em risco, de qualquer forma. E esta foi uma lição que o Oriente aprendeu bem, vivendo sob condições austeras; sua fé os salvou de incontáveis desastres, entre eles, a extinção, ou seja, preservou-lhes a vida.

O presidente do Irã falou em entrevista recente que o capitalismo ocidental dá seus últimos suspiros. Ele errou neste prognóstico; o que está a mudar é a forma de se fazer a economia ocidental; está a acontecer uma revolução silenciosa nos sistemas econômicos mundiais. Até a década de 1990 as famílias mediam seu *statu quo* pelo número de descendentes; era uma verdadeira sinfonia dos miseráveis. Após a ECO-92, em que se deixou bem claro as limitações do planeta Terra, as famílias começaram a reduzir-se drasticamente e, com isto, tornou-se possível uma qualidade de vida menos agressiva e, proporcionalmente, dentro de padrões mais sustentáveis.

Os governos declaram que quase todas as nações, na atualidade, produzem muito mais alimentos do que suas respectivas populações dão conta de consumir; mas o que ocorre é que a quase totalidade desta produção destina-se à indústria. Não fossem os ideólogos anarquistas do Ocidente e as religiões nos países orientais, a extinção do gênero humano seria fato iminente.

Levi-strauss traz para a discussão a questão da geografia influenciando a construção histórico-cultural dos

diversos povos espalhados pelo globo. Não se prende aí ao determinismo geográfico nem tampouco se desliza para o determinismo psicológico. Cada povo, isoladamente, teve suas motivações particulares, em épocas distintas, criando seus mitos fundadores, seus *tabus* e asseverando que persistiriam na perpetuação desta conduta. As mudanças e não situações corriqueiras nas diversas sociedades. Um perigo iminente os fizeram seguir uma trilha e mesmo as mudanças teóricas e estruturais não fizeram a menor diferença; porque os valores culturais arraigados são por demais poderosos para serem vencidos sem um esforço titânico. Descobriu-se que este não pode ser vencido, apenas conciliado e, para isto faz-se *mister* domínio da intelectualidade e conhecimento das razões alheias para fazer ou não fazer tal ou qual coisa. Como no caso dos árabes, a sua recusa em consumir alimentos profanos, dando total preferência para os permitidos pelos sagrados textos.

Sendo a cultura um conceito antropológico, cada indivíduo constrói dentro de si uma mega estrutura que só o poder do grupo é capaz de destruir. Ainda que 98% dos trabalhos cerebrais (como funções intelectuais superiores) aconteçam intrinsecamente, o restante é capaz de despertar experiências aterradoras capazes de frear os instintos mais ferozes e rebeldes. Isto porque as instâncias endógenas foram construídas a partir do mundo exterior e de suas motivações.

De modo que o capital pós-contemporâneo é uma construção do devir, do vir a ser e não, necessariamente, uma coisa já pronta que pode ser adaptada aos moldes da nova estrutura intelectual que surgiu nos últimos anos com o advento da globalização. Faz-se necessário conhecer as bases que motivam as comunidades isoladas ao redor do mundo e do porquê deste comportamento. Se antes a lei era

a do empurroterapia, agora é *conditio sine qua non* para se obter sucesso nas negociações que se respeite os desejos e os gostos dos consumidores, em potencial. E dentro deste novo paradigma surge a questão de ter-se domínio sobre os costumes e os axiomas religiosos destes, pois esta é uma força titânica que impera sobre todas as mentes e as motivações.

Aliada a esta nova compreensão do ser humano em seu *habitat* e os seus manes protetores, nasce um novo tipo de capitalismo, agora não apenas mais humanístico como também, mais científico, ou seja, aquele velho capitalismo, literalmente, selvagem, arcaico, pré-histórico teve que dar espaço a este novo modelo de gestão comercial. E a religião que, no passado foi um entrave ao desempenho das *holdings*, e de certa forma continua sendo, com a diferença de que com a criação de uma visão mais intelectualizada e com o foco na pessoa e não no que ela representa em termos de ganhos genéricos financeiros diretos, conclui-se que a religião continua sua marcha fiel aos preceitos milenares que geriram por todo este tempo, foi a forma de vê-la e percebê-la que sofreu transmutações ao longo do século XX.

De tudo isto, infere-se que conhecer a cultura alheia não é mais um luxo dado a antropólogos excêntricos e sim uma necessidade básica de desenvolvimento de grandes negócios entre as empresas fornecedoras de produtos de primeira necessidade e os povos que mantêm-se protegidos por uma fé soberana.

REFERÊNCIAS

A CONQUISTA E A PERDA DA LUA. *Galileu*. São Paulo: Editora Abril, fevereiro de 2003.

ABBAGNANO, Nicola. *Diccionario de Filosofia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

ABBUD, N. *et all. IV CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICOLOGIA JUNGUIANA*. Punta Del Este, Paraguai. 02 a 07 de setembro de 2006.

ALAIN (Émile Chartier). *Reflexões sobre a educação*. São Paulo: Saraiva, 1978.

ALMEIDA, Martinho Isnard Ribeiro de. *Manual de Planejamento Estratégico*. São Paulo: Atlas, 2001.

ALVES, Elvisney Aparecido. Dimensões da responsabilidade social da empresa: um a abordagem desenvolvida a partir da visão de Bowen. *RAUSP - Revista de Administração da USP*, São Paulo: FEA/USP, vol. 38, n. 1 jan./fev./mar., p.37-45, 2003.

ALVES, Rubem. *Conversas Com Quem Gosta de Ensinar*. 28ª Ed. São Paulo: Cortez, 1993.

AHNER, Gene. *Ética nos negócios*. São Paulo: Paulinas, 2009.

ANSOFF, H. I.; McDONNELL, E. *Implantando a administração estratégica*. São Paulo: Atlas, 1983.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 2. Ed. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

ARISTÓTELES. *A História dos Animais*. Lisboa (Portugal): Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Escala, 2007.

ARROW, Kenneth, J. and Hahn, F. H. *General Competitive Analysis*. San Francisco, CA: Holden-Day, 1971

ASHELY P. A. (coord.). *Ética e Responsabilidade Social nos Negócios*. São Paulo: Saraiva, 2002.

BARRA, Geraldo Magela *et al.* Associações de Interesse Privado em Canais de Distribuição de Produtos Diferenciados: a Promoção de Laços Sociais sob a Ótica da Economia dos Custos de Transação, da Teoria de Redes e do Capital Social. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO*. Salvador: Anais AnPAD, 2006. CD-ROM

BATMAN. *O Promotor e o Monstro*. Rio de Janeiro: DC Comics/Panini Comics, 2007.

BAUMHART, Raymond. *Ética em Negócios*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1971.

BENEDICT, R. F. *A Ciência do Costume*. São Paulo: EDUSP, 2006.

BERTIN, C. *A mulher em viena nos tempos de Freud*. Campinas: Papirus, 1990.

BERTONCELLO, Silvio Luiz Tadeu; CHANG JÚNIOR, João. *A importância da Responsabilidade Social Corporativa como fator de diferenciação*. São Paulo: FACOM - nº 17 - 1º semestre de 2007.

BETELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. 21. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BÍBLIA Sagrada. *Velho Testamento*. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. [Tradução de João Ferreira de Almeida].

BICALHO A. G. D. et al. Responsabilidade Social das Empresas e Comunicação. In: *Responsabilidade Social das Empresas: A Contribuição das Universidades*, v. II. São Paulo: Peirópolis. Instituto Ethos, 2003.

BITTAR, Carlos Alberto. *Os Direitos da Personalidade*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

BOBBIO, Norberto. *O positivismo jurídico: lições de Filosofia do Direito*. São Paulo: Ícone, 1995.

BORÉM, Aluízio; SANTOS, Fabrício Rodrigues dos. *Biotecnologia Simplificada*. 2. Ed. Viçosa: Editora UFV, 2002. Cap. 15: Bioética.

BOWEN, Howard R. *Responsabilidades Sociais do Homem de Negócios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

BRAATEN, C. E. & JENSON, R. W. (Ed.). *Dogmática cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1990. V.1.

BRASIL. *Constituição da República Federativa*. Brasília (DF). Promulgada em 5/10/1988.

BRANDENBURG, Laude Erandi. et. all. *Fenômeno Religioso e Metodologias*. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2009.

BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. 2. Ed. São Leopoldo: IEPG, 2002.

BORGES, M., Dall'agnol, D. e DUTRA, D. *Ética*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

BULLÓN, Alejandro. *Sinais de Esperança: Uma leitura surpreendente dos acontecimentos atuais*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

CAMARGO, Marculino. *Fundamentos da ética geral e profissional*. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAMURÇA, M. 2008. *Ciências Sociais e Ciências da Religião: Polêmicas e Interloquções*. São Paulo: Paulinas.

CARDOSO, Ruth C. L. Movimentos Sociais Urbanos: Balanço Crítico, *In: SORJ, B. & ALMEIDA, M. H. T. (orgs.). Sociedade e Política no Brasil pós-64*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

CARVALHO. Keynes, a instabilidade do capitalismo e a teoria dos ciclos econômicos. *In: Revista Pesquisa e Planejamento Econômico*, vol. 18 (3), dez/1988.

CAVALCANTI, Robson. *Uma benção chamada Sexo*. 9. Ed. São Paulo: ABU Editora, 2009.

CHACON, Suely Salgueiro. *Crise e oportunidade: para compreender o papel do economista diante dos novos paradigmas*. Disponível *in: <http://www.cofecon.org.br>*. Acessado em 05/06/10.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Convite à Filosofia*. 13. Ed. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

CHAVES, Lázaro Curvelo. O Código de Hamurábi. *In: LCC comunicações eletrônicas*, 2009. Acessado em 24.12.2011.

CIPRIANI, Roberto. ELETA, Paula e NESTI, Arnaldo (orgs). *Identidade e Mudança na Religiosidade Latino-America*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CORRÊA NETTO, P. A. *Os Sete Crimes de Édipo*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

COULANGES, Fustel. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

CRETELLA JÚNIOR, José. *Curso de direito administrativo*. Imprensa: Rio de Janeiro, Forense, 2006.

DAMÁSIO, João. Teoria econômica e a 'teoria do caos'. In: *ANPEC, XXI Encontro Nacional de Economia*. Belo Horizonte, Anais, v.2, 1993.

DAVIDSON, P. Reality and economic theory. In: *Journal of Post Keynesian Economics*, Summer 1996, Vol.18, n.4.

De Plácido e Silva. *Vocabulário Jurídico*. Rio de Janeiro: Forense, 2.003.

DIAS, José Aguiar. *Da Responsabilidade Civil*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1965.

DOSTOIEVSKI, Feódor Mikhailóvitch. *Os Irmãos Karamázovi*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1955. (3 vol.)

DOURADO, Rodolfo Maciel [2009]. *Ética nos negócios*. Disponível em: www.administradores.com.br/informe-se/.../etica-nos-negocios/2740. Acessado em 24/12/2011.

DRUMMOND, Arnaldo Fortes. *Morte do mercado: ensaio do agir econômico*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

DURKHEIM, Emile. *O Suicídio*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ENCICLOPÉDICA Delta Larousse. *Sociologia*. Rio de Janeiro: Delta Larousse, 1962.

EINSTEIN, Albert. *Escritos da maturidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

FEIJÓ, C. A. Decisões empresariais em uma economia monetária de produção. In: SICSÚ, J. *Macroeconomia moderna: Keynes e a economia contemporânea*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo 1999. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus.

FO, Jacopo; TOMAT, Sérgio; MARLUCELLI, Laura. *O livro Negro do Cristianismo: Dois Mil Anos de Crimes em Nome de Deus*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2011.

FOREL, August. *A Questão sexual*. 2. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928.

FRANCISCATO, Cristina Rodrigues. *Hýbris e Sophrosýne: transgressões e justa medida entre os gregos*. [S.n.t.]

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREUD, Sigmund (1925-1926). *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XVIII.

FREUD, Sigmund [1939]. *Moisés e o Monoteísmo*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XXIII.

FREUD, Sigmund. *Freud Por Ele Mesmo*. São Paulo: Martin Claret, [s.d.]

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 23. Ed. São Paulo, 1975.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIANNETTI, Eduardo. *Globalização, transição econômica e infra-estrutura no Brasil*. Texto preparado para o Seminário “Competitividade na infra-estrutura para o Século XXI”, promovido pelo Instituto de Engenharia, São Paulo, realizado em 24/09/96.

GOMES, Morgana. *A Vida e a Obra de Shakespeare*. São Paulo: Minuano, 2007.

GOMES, Morgana. *A Vida e o Pensamento de Karl Marx*. São Paulo: Minuano, 2008.

GORER, Geoffrey. A Psicanálise no Mundo. In: RYCROFT, C. (org.) *A Psicanálise Hoje: Rumos e Problemas*. São Paulo: Cultrix, 1969.

GÓRGIAS. *Elogio de Helena*. São Paulo: Edusp, 2007.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

HABERMAS, Jürgen. Fundamentos prepolíticos del estado democrático de derecho. In: *Entre naturalismo y religión*. Barcelona: Paidós, 2006.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2007.

HARPER, Douglas. *Economy Online Etymology Dictionary – Economy*. Disponível em:

<http://www.etymonline.com/index.php?term>. Página visitada em 11/02/10.

HEIDEGGER, Martin. *La Frase de Nietzsche 'Dios Ha Muerto'*. Caminos de Bosque (Madrid), 1996.

H. G. Liddell and R. Scott, *Greek- English Lexicon*, [s.d.] [s.l.].

HOMEM, Dom Edson de Castro. A Religião na Modernidade: Algumas Funções Históricas e Sócio-Políticas. In: "Seminário sobre a Religião", realizado na Escola Superior de Guerra, no período de 21 a 24 de novembro de 2005.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

HOMERO. *Ilíada*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

HUXLEY, Aldous Leonard. *Admirável Mundo Novo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005.

HUXLEY, Aldous Leonard. *Retorno ao Admirável Mundo Novo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005.

IANNI, Octávio. A Sociologia e o mundo moderno. In: *Tempo Social; Rev. Social*. São Paulo: USP, Volume 1(1).

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro César. Educação e Espiritualidade. Quando, como e por que? In: INCONTRI, Dora. *Educação e Espiritualidade: Interfaces e Perspectivas*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.

INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL. Disponível em: WWW.ethos.org.br/desktopdefault.aspx?TabID=3344&Alias=Ethos&Lang=pt-BR. Acesso em 14/4/2007.

IZQUIERDO, Ivan. *Córtex Cerebral, Amor e Equilíbrio*. [Apostila ofertada pela professora Luiza Helena Pio Caselli durante o curso de Pós-graduação em Psicopedagogia, Supervisão e Orientação Escolar, em Mutum – MG], 2007.

JAMES, William. *La voluntad de creer*. Traducion castellana Santos Rubiano. Madrid, 1922.

JASPERS, Karl. *Introdução ao Pensamento Filosófico*. 3. Ed. São Paulo: Cultrix, 1965.

JOLY, Maurice. *Diálogo en el Infierno Entre Maquiavelo y Montesquieu* (1864). In: LIBROdot.com

JONES, H. G. *Modernas Teorias do /Crescimento Econômico: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 1979.

KANT, Immanuel. *Resposta à Pergunta: O que é Esclarecimento?* [05 de dezembro de 1783]. São Paulo: Edusp, 2009.

KANT, Immanuel. *Pedagogía [1803]*. Barcelona (Espanha): Escuela de Filosofía Universidad ARCIS, 2001.

KENNEDY, John Fitzgerald. [s.l.], 1961.

KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. 10. Ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

KOTLER, Philip. *Marketing*. São Paulo: Ed. Compacta, 1980.

KOTLER, Philip. *Marketing para organizações que não visam o lucro*. São Paulo: Atlas, 1978.

KOTLER, Philip. *Marketing social: estratégias para alterar o comportamento público*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

KOTLER, Philip. *Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle*. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1998.

KOTLER, P.; AMSTRONG, G. *O Marketing e a sociedade: responsabilidade social e ética no marketing*. In: _____. *Princípios de Marketing*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1993.

KUNDERA, Milan. *A Insustentável Leveza do Ser*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

LAPLANTINE, François. *A Pré-História da Antropologia: a descoberta das diferenças pelos viajantes do século XVI e a dupla resposta ideológica dada daquela época até nossos dias*. In: *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 16. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

Leão, D. F.; Rossetti, L.; Fialho, M. do Céu (eds.) *Nomos. Direito e sociedade na Antiguidade Clássica / Derecho y sociedad en la Antigüedad Clásica* (Coimbra e Madrid, Imprensa da Universidade de Coimbra e Ediciones Clásicas, 2004).

LIBANIO, João Batista. *O Paradoxo do Fenômeno Religioso no Início do Milênio*. Rio de Janeiro: Persp. Teol. 34, 2002.

LISBOA, Lázaro Plácido. *Ética Geral e Profissional em Contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1998.

LOEWENSTEIN, Karl. *La teoría de la constitución*. Barcelona: Editorial Ariel, 1986.

LOPES, Maurício Antônio Ribeiro. *Ética e administração pública*. São Paulo: RT, 1993.

LORENZ, Konrad. *Civilização e Pecado*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

MACHADO, Luiz. *Ética e globalização*. Disponível in: <http://www.cofecon.org.br>. Acessado em 03/02/10.

MACKE, Janaina *et al.* Indicadores e metodologia para a avaliação de programas de responsabilidade social empresarial: foco no desenvolvimento local. *In: Encontro Da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (Anais)*. Salvador: AnPAD, 2006. CD-ROM

MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

MAGISTRETTI, F. *O Mundo Afetivo Da Criança*. Rio de Janeiro: Edições Flamboyant, s.d.

MAJOR, R. Estudos Em Teoria Política. Rio de Janeiro: *Ágora*, Vol.9, N.1, Jan./Jun., 2006.

MAÑAS, Antonio Vico. *Administrar negócios internacionais: fatores contextuais e impactos sobre as organizações*. *In: Revista de Administração da Fatea*, v. 2, n. 2, p. 61-67, jan./dez., 2009.

MARCONI, Marina de Andrade e PRESSUTTO, Zélia Maria Neus. *Antropologia da Ética*. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINS FILHO, L. A. *Quem Tem Medo Da Concorrência?* Sorocaba: Anthropos Consulting, 2003

MARINS FILHO, L. A. *Você Sabia?* Sorocaba: Anthropos Consulting, 2002.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARZAGÃO, Luís Roberto. *Labirintos da Alma*. Belo Horizonte: O Estado de Minas, 22 de maio de 2006, p.6.

MAXWELL, John C. *Ética é o melhor negócio*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

MELO NETO, Francisco, FROES, César. *Responsabilidade Social & Cidadania Empresarial*. São Paulo: Ed. Qualitymark, 1999.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *O Conceito de Homem na História*. São Paulo: Edusp, 1986.

MEYER, S.B. O conceito de Análise Funcional. In: Delitti, M. (Org). *Sobre o Comportamento e Cognição*, Vol. 2. Santo André: Arbytes, 1997.

MILANI, C. *Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil)*. UFBA, 2005. Disponível em <<http://www.adm.ufba.br/capitalsocial>>. Acesso em 12 de janeiro de 2011.

MILANI, C. *Capital social, participação política e desenvolvimento local: atores da sociedade civil e políticas de desenvolvimento local na Bahia*. UFBA, 2005. Disponível em http://www.adm.ufba.br/apesqnepol_capital.htm. Acesso em 12 de janeiro de 2011.

MILGRAM, Stanley. *Obediência à Autoridade*. Francisco Alves, 1983.

MILTON, J. *Paraíso Perdido*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

MIORANZA, Ciro. O deus tempo. In: SIGNIER, Jean-François; THOMAZO, Renaud. *Sociedades Secretas*, Vol. I: Sociedades Secretas Religiosas. São Paulo: Larousse, 2008.

MIRCEA, Eliade. *Mito y realidad*. Nova York: Ediciones Harper, 1962.

MIRCEA, Eliade. *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

MIRCEA, Eliade. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MIRCEA, Eliade. *Origens: História e Sentido na Religião*. São Paulo: Edições 70, 1996.

MOREIRA, J. M. *A ética empresarial no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1999.

MOREIRA, Ricardo Ramalhete. *Relativizando o dilema estabilidade versus instabilidade: Keynes, o mainstream e o conceito de bifurcação em Economia*. Revista Economia, jan-jun/2006.

MOREIRA FILHO, Alonso Augusto. *Curso Básico de Introdução à Teoria e Técnica Freudianas*. Juiz de Fora: Instituto Freud, 2008.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. *Los Desafíos Éticos del Desarrollo*. Facultad de Ciencias Económicas de la Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires, ARGENTINA, 5 y 6 de Septiembre de 2002.

MORO, Celito. *Fé e cultura: desafios de um diálogo em comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2010.

MOTTA, Nair de Souza. *Ética e vida profissional*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1984.

NASH, L. L. *Ética nas empresas: boas intenções à parte*. São Paulo, Makron Books, 1993

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Para Além do Bem E do Mal*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Editora Escala, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O Livro do Filósofo*. São Paulo: Escala, 2007. Cap. I: Considerações Sobre o Conflito Entre arte e conhecimento.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Vida e Pensamentos*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Ecce Homo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O Anticristo*. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Escala, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2006.

NUNES, Paulo. *Conceito de Ética nos Negócios*. Disponível em:

www.knoow.net/cienceconempr/gestao/eticanosnegocios.htm. Acessado em 24/12/2011.

O SAPO E O ESCORPIÃO. Disponível em: www.geocities.com/~esabio/. acessado em 24/12/2011

OLIVEIRA, Z. DE M. R. de. L. S. *Vygotsky: Algumas Ideias Sobre Desenvolvimento e Jogo Infantil*. S.n.t.

ORWEL, George. 1984. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

OS 100 DIAS que mudaram o mundo. *Aventuras Na História*. São Paulo: Editora Abril, 2005.

PAIVA, Luiz de. *A Importância do Ganha-Ganha na Negociação*. 2006. Disponível em ogereente.com/congestionado/.../7-principios-para-a-etica-nos-negoci... Acessado em 24/12/2011

Id.. 7 Princípios para a Ética nos Negócios. Disponível em ogereente.com/congestionado/.../7-principios-para-a-etica-nos-negoci... Acessado em 24/12/2011.

PATRUS, Roberto. *A ÉTICA nos negócios e nas organizações da sociedade civil*. Disponível em: www.responsabilidadesocial.com/article/article_view.php?id=415. acessado em 24/12/2011.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Porto alegre: Editora Globo/INL/MEC, 1973.

PHILBRICK, Nathaniel. *No Coração do Mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Enciclopédia de Psicologia e Psicanálise*. Vol. 5: Deus e a Angústia Humana. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1968. 6 vol.

PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Psicologia da Vida Moderna*. Vol.IV. São Paulo: Tese, 1983. 6 vol.

PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Psicanálise dos Sonhos*. In: Enciclopédia de Psicologia e Psicanálise, 6 vol. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1968.

PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret, 2004. Primeira Parte: Sócrates apresenta a sua defesa.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret, 2004. Segunda Parte: Sócrates é condenado e sugere a sua sentença.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo, Cultrix, 1992.

PUTNAM, Robert D. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

QUEIROZ, Eça de. *O crime do Padre Amaro*. São Paulo: Escala, 2007.

RAIMON, Eric. *O Mito do Homem Assassino*. São Paulo: Edusp, 2006.

RICOEUR, Paul. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

ROBBINS, Lionel. *An Essay on the Nature and Significance of Economic Science*. London: Macmillan and Co., Limited, [s.d.].

ROCHA, Alfonso Botero. *Ética e Economia*. In: eumat.vilabol.uol.com.br/eticaeconomia.htm

RODRÍGUEZ RAMOS, José Maria. *Globalização e comunicação*. Disponível in:

<http://www.cieep.org.br/index.php?page=artigossemana&codigo=292>. Publicado em 15 de março de 2006. Acessado em 03/02/10.

ROOSEVELT, Franklin Delano. [s.n.t.], 1938.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O Contrato Social*. São Paulo: Escala, 2005.

RUIZ, Erasmo Miessa. *Freud no Divã do Cárcere*. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.

RUIZ, Erasmo Miessa. *Freud no Divã do Cárcere*. Campinas: Editora Autores Associados, 1998. Cap. 3: O Instinto Como Categoria Histórica.

RUIZ, Erasmo Miessa. *Freud no Divã do Cárcere*. Campinas: Editora Autores Associados, 1998. Cap. 5: Marxismo e Psicanálise: A História Controlando o Instinto ou o Instinto Construindo a História?

RYCROFT, Charles. (org.) *A Psicanálise Hoje: rumos e problemas*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SÁ, Ana Paula de Oliveira; SOUZA, Sérgio Rodrigues de. *Reflexões Sobre o Conceito de Motivação Como Caminho da Ação Educativa* (Trabalho de Conclusão de Curso). FUPAC, 2006. Cap. 2.1: A Teoria Motivacional de Maslow.

SÁ, Antônio Lopes. *Ética profissional*. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SANTANA, Edilson. *Filosofar é Preciso: As grandes indagações filosóficas e os enigmas da Humanidade*. São Paulo: DPL Editora, 2007. Cap. 1: Princípios Fundamentais da Obra.

SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril cultural, 1973.

SAVEDRA, Miguel de Cervantes. *D. Quixote*. São Paulo: Nova Cultural, 2001.

SCHMIDT, Cassiane. *Capitalismo x consumismo: Preenchendo vazios*. Disponível em recantodasletras.com. acessado em 24/12/2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. Aforismos para a sabedoria de vida. In: *Parerga Und Pariloponema*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SCHWAB, Gustav. *As Mais Belas Histórias da Antigüidade Clássica: Os Mitos da Grécia e de Roma, Volume I: metamorfoses e mitos menores*, 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SÊNECA. *A Tranqüilidade da Alma*. São Paulo: Escala, 2006.

SÊNECA. *A Vida Feliz*. São Paulo: Escala, 2006.

SETTERFIELD, Mark. *History versus equilibrium: Nicholas Kaldor on historical time and economic theory*. Cambridge Journal of Economics, vol. 22, 1998.

SHAKESPEARE, William. *Henry VI*. London: The Folio Society, 1967.

SIGNIER, Jean-François; THOMAZO, Renaud. *Sociedades Secretas*, Vol. I: Sociedades Secretas Religiosas. São Paulo: Larousse, 2008.

SIGNIER, Jean-François; THOMAZO, Renaud. *Sociedades Secretas*, Vol. III: Sociedades Secretas Políticas. São Paulo: Larousse, 2008.

SILVA, José Cândido da; SUNG, Jung Mo. *Conversando sobre ética e sociedade*. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA; Edna Lúcia da. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SIQUEIRA, Deis. *Religião, religiosidade e contexto do trabalho*. Sociedade-Estado. vol. 20 nº 3. Brasília, Sept./Dec. 2005

SMITH, Adam. *Teoria dos sentimentos morais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SOLOMON, Robert C. *Ethics and Excellence: Cooperation and Integrity in Business*. New York: Oxford University Press, 1992.

SOLOMON, Robert C. *A melhor maneira de fazer negócios: como a integridade pessoal leva ao sucesso corporativo*. São Paulo: Negócio Editora, 2000.

SOLOMON, Robert C. *Victims of Circumstances? A defense of Virtue Ethics in Business*. Business Ethics Quarterly, v.13, Issue 1, p. 43-62, January 2003.

SOUZA, Junito Brandão de. *Mitologia Grega*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1986.

SOUZA, Sérgio Rodrigues. *O Que Farei da Minha Vida ao Sair Daqui?* Curitiba: Appris, 2018.

SOUZA, Sérgio Rodrigues. *A Ética e Suas Implicações na Formação da Condição Humana*. Mutum: Expresso Gráfica, 2012.

SOUZA, Sérgio Rodrigues. *A Liga da Justiça no Divã*. Mutum: Expresso Gráfica, 2012.

SOUZA, Sérgio Rodrigues. *A Arte pela Arte: Uma Abordagem Psicanalítica*. Vitória: JRPRINT, 2015.

SOUZA, Sérgio Rodrigues. *Um Brinde à Razão e à Loucura*. São Paulo: PERSE, 2018.

SOUZA, Sérgio Rodrigues. *A Ética e Seus Atributos em uma Perspectiva Psicanalítica*. Dissertação (Mestrado Acadêmico), 2012. São Paulo: Universidade da Cidade de São Paulo (UNICID).

SPALDING, Tarsilo Orfeu. *Deuses e Heróis da Antigüidade Clássica*. São Paulo: Cultrix/ MEC, 1974.

SROUR, Robert H. *Fundamentos de Ética Empresarial: Posturas responsáveis nos negócios, na política e nas relações pessoais*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SROUR, Robert H. Ética Empresarial sem Moralismo. *Revista de Administração*, São Paulo: USP, v. 29, n.3, p.3–22, jul./set. 1994.

STEVENSON, Robert Louis. *O Médico e o Monstro*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

STYCOS, J. M. *A Fertilidade Humana e a América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1969.

TARRASS, Dib Ahmad El. *Halal vai muito além do Abate*. In: <http://www.cibalhalal.com.br/br/halal-consumidor/materias.html>. Acessado em 23/12/2011.

THALER, Richard H. From Homo Economicus to Homo Sapiens. *Journal of Economic Perspectives* - Volume 14, número 1, 2000.

TEIXEIRA, Faustino (org). *Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TELLES, Antônio Xavier. *Introdução à Filosofia*. 30. Ed. Rio de Janeiro: Editora Arte Nova, 1985.

TERRIN, Aldo N. *Introdução ao Estudo Comparado das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2003.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto (1996). *Dois diálogos imperfeitos sobre a ética nas relações de trabalho*. Revista de Administração Pública, 30 (6) Novembro-Dezembro.

TORRES, I. C. *O Patrionalismo e as Mulheres da Amazônia de Ontem*. Manaus: UFAM, 2006.

VAN LOON, H. W. O Homem Sobreviverá? *In: Seleções do Rider's Digest*. Rio de Janeiro: Ypiranga, 1957.

VASCONCELOS, Júlio César. *CAPITALISMO SOCIAL*. *In: Caesarius Consultoria Organizacional*, janeiro de 2009.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 18. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. 7. Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

WEGER, Mariane; OLIVA, Fábio Lotti. *O Impacto da Religião na Gestão dos Negócios*. São Paulo: Edusp, 2006.

WEST, Morris. *O Advogado do Diabo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

WILDE, OSCAR. *O Retrato de Dorian Gray*. Lisboa (Portugal): Abril ControlJornal, 2000.

WWF. *Redes: uma introdução a dinâmicas da conectividade e da auto-organização*. São Paulo, 2005.

www.marxismo-online.com.br/.../capitalismo-e-mercado-o-que-e-cap. Acessado em 21.10.2011.

XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel (Dissertações Mediúnicas), pelo Espírito Emmanuel*. 9. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981.

YALOM, Irvin D. *Quando Nietzsche Chorou*. 23. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. A religião e a esfera pública. *Cadernos de Ética e Filosofia Política* 12, 1/2008. [S.l.]

ZIMBARDO, Phillip. *Por que bons soldados torturam prisioneiros*. In: Claudia Dreifus [New York Times], Nova York, USA, 2009. (Philip Zimbardo analisa como decisões políticas e escolhas individuais levaram a abusos).



ISBN 978-658510107-3



9

786585

101073